SUJIN WITHERSPOON

Bingsu para Dois



Rocco DIGITAL

SUJIN WITHERSPOON

Bingsu para Dois

Tradução de Laura Folgueira

Rocco Digital

Para quem está lutando para descobrir quem é.

Talvez a resposta não seja importante.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

1. Uma série de decisões ruins me trouxeram a este momento, mas, em minha defesa, elas foram tomadas bem rápido

2. Piora a partir daqui

3. A entrevista mais lamentável da história da humanidade

4. Só mais uma mentira — de brinde

5. Por que fazer um latte se posso fazer da sua vida um inferno?

6. O suplício humilhante de ser conhecido (e seus colegas de trabalho descobrirem sua conta de fandom secreta)

7. Não diga na internet que você come sucrilhos de escrota, fala sério

8. Comprando almofadas e uma viagem no tempo patrocinada pela Cinnabon

9. Puta merda, será que um dia eu vou falar a coisa certa?

10. Por que centenas de pessoas querem ficar literalmente assistindo à tinta secar?

11. Hackeando o celular da minha ex-namorada, mas não de um jeito tóxico de stalker, juro

12. É isso que eu ganho por não faltar no trabalho

13. Abusando do meu privilégio de irmão mais velho

14. Morte por leite condensado e piadas sobre sexo

15. O gosto de batom é agridoce

16. A primeira vez que alguém foi voluntariamente trabalhar no seu dia de folga

17. Só tem uma cama... brincadeirinha. Na verdade não tem cama nenhuma. Provavelmente vamos dormir no chão.

18. A intimidade inerente à sala de música da escola

19. Lição número 10.422: Não coloque Kai na TV ao vivo

20. Meu pedido formal de desculpas por mandar pessoas para o inferno que é a primeira Starbucks em Pike Place

21. Tive sonhos sobre essas duas se encontrando. Pesadelos, na verdade. Não tipo... esquece.

22. Sou tipo o rei Midas, só que tudo que eu toco se transforma em merda em vez de ouro

23. É um ataque do coração ou coração partido? Espero que o primeiro. O segundo é muito humilhante.

24. Na internet, você não precisa estar certo; só precisa ser o primeiro

25. Tenho uma ideia! Vamos piorar ainda mais esta situação terrível.

26. É tudo uma bosta: O título da minha autobiografia

27. Por que minhas únicas opções são a cruz e a

espada?

28. Ah, é. Foi por isso que menti.

29. O efeito bola de neve, só que não é só uma metáfora

30. A hipotermia traz à tona o pior de nós, mas pelo menos não recorremos ao canibalismo ou algo do tipo

31. Não acredito que não fiz isso um tempão atrás

32. Espero que isso não se vire contra mim

33. Você está me dizendo que minhas ações têm [checa a anotação na mão] consequências?

34. Um ano, seis meses e cinco dias depois. Sim, eu contei, mas não fala para ela.

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Índice

1. UMA SÉRIE DE DECISÕES RUINS ME TROUXERAM A ESTE MOMENTO, MAS, EM MINHA DEFESA, ELAS FORAM TOMADAS BEM RÁPIDO

Quando acordei hoje de manhã com a sensação de que ia ser o Pior Dia da Minha Vida Até Agora, eu a ignorei como se fosse a voz autodestrutiva na minha cabeça fazendo suas afirmações diárias.

Eu estava errado. Acabou que este está sendo o Pior Dia da Minha Vida *Inteira*.

Não costumo ser tão pessimista, mas acho que tenho direito de me lamentar na privacidade dos meus próprios pensamentos depois do que aconteceu ontem — ou talvez não, porque essa confusão toda é culpa minha. Simplesmente não vou mais pensar nisso, porque *essa sim* é uma forma saudável de lidar com seus problemas, River.

A sinfonia angustiante das páginas da prova sendo viradas e rabiscadas com lápis número 2 me tira da espiral de pensamentos. Me endireito um pouco nessa cadeira horrorosa, percorrendo com os olhos o refeitório transformado em sala de prova. Esse provavelmente não é o melhor momento para refletir sobre meus erros, já que era para eu estar fazendo a prova mais importante dos meus dezessete anos de vida.

Meu gabarito em branco e meu livreto do SAT — a prova de admissão para a universidade — ainda fechado me encaram da mesa. O relógio no canto do refeitório bate no ritmo do meu coração acelerado. Como pode já ter se passado uma hora? Estou ficando sem tempo. E sem ar — está abafado aqui. O pânico sobe pelo meu esôfago e se aloja na minha garganta, pronto para se derramar por toda a prova. Pelo menos assim eu teria algo para entregar.

Eu me inclino para a frente e seguro a cabeça com as mãos, balançando a perna embaixo da mesa. Devia ter me preparado para isto. Nenhum intensivão de última hora é capaz de compensar uma carreira acadêmica inteira sendo desleixado e passando de ano raspando com algumas notas 6 e umas poucas 8, mas eu pelo menos devia ter *tentado* estudar, ou pelo menos ter tido uma noite decente de sono — ou, sei lá, de repente não ter dado um pé na bunda da minha namorada de quase quatro anos do mais absoluto nada.

Meus olhos vagam, parando na parte de trás de uma cabeça cheia de fios compridos loiro-acinzentados, a algumas fileiras de distância. Cecelia Campbell coloca uma mecha deles atrás da orelha, expondo um lado de seu rosto. Está com olheiras profundas incomuns, mas continua linda como sempre, mesmo ontem à noite, quando aqueles olhos se encheram de lágrimas ao me ouvir dizer *simplesmente não consigo mais. Desculpa.*

Como se sentisse meu olhar — ou como se o universo me odiasse, o que também faria sentido —, Cecelia olha por cima do ombro e me encara.

Ver seu coração se partir pela segunda vez em vinte e quatro horas, através das fileiras de mesas e dos estudantes entre nós, faz a última corda mental que me aterrava à realidade arrebentar.

Nem percebo que estou ficando de pé até o rangido da minha cadeira no piso de linóleo ecoar no refeitório. Em segundos, tem centenas de olhos em mim. Toda essa atenção parece arrancar a pele de cima dos meus ossos.

— Langston-Lee? — A sra. Klug, diretora e fiscal, se endireita em seu assento elevado na frente do salão. — Se tiver alguma pergunta, é só levantar a mão que eu vou até você.

Minha boca se abre, mas minha voz não sai. O lugar gira. Meus dentes vibram nas gengivas, fazendo minha mandíbula bater.

— Preciso ir — consigo dizer.

— Ninguém tem permissão de sair da sala de exames. Por favor, sente-se.

Mas minhas pernas estão se movendo por conta própria. Preciso ir embora, sair daqui. A sra. Klug grita alguma coisa enquanto pego minha mochila e a garrafa térmica de café, e saio correndo pelas portas.

Escapo dos confins com cheiro de mofo do colégio Summit Sierra e acabo nas ruas movimentadas de Seattle. O ar frio e a neblina me ajudam a me acalmar e, depois de alguns quarteirões, me sinto quase normal.

Bom, não mais à beira de um ataque de pânico, o que é um progresso.

Uma risada desesperada sai borbulhando de mim feito um arroto. Desconhecidos com capa de chuva passam na calçada lotada e me olham rapidamente antes de ir embora apressados. Abaixo a cabeça e seguro a garrafa térmica de café mais perto do peito enquanto continuo caminhando. Ir para casa com certeza não é uma opção agora, a não ser que eu queira explicar para Umma e papai por que não estou na escola, então vou para o trabalho. Chegar algumas horas mais cedo não vai fazer mal.

Pela primeira vez em muito tempo, não estou apreensivo sobre meu turno no Café Gong, o antigo café pitoresco da minha família, que foi transformado em um inferno corporativo de cafeína. A forma como o negócio mudou desde que comecei a ajudar meus pais a colocar leite no café e limpar o que seus poucos clientes leais derramavam é decepcionante, sim, mas não é ao *café* que tenho aversão. É aos meus colegas de trabalho.

Mas vai ser uma boa distração, sobretudo porque é a semana da grande inauguração da nossa mais recente filial, da qual eu e minha namorada — agora ex-namorada, acho — somos cogerentes. Vou bater o ponto de entrada, suportar o tormento de Jorge e Rosalind, então bater o ponto de saída e voltar para casa.

A maior e mais nova unidade do Café Gong fica no cruzamento da Union Street com a 4th Avenue, aninhada no térreo de um dos muitos arranha-céus do centro. Como cogerentes, Cece e eu supervisionamos tudo o que foi preciso para abri-la. Com isso, quero dizer que *ela* supervisionou tudo de importante e me deixou escolher a localização. Escolhi esta principalmente porque estamos a um pulo da água e agora, parado na faixa de pedestres, vejo o estuário de Puget do topo do morro. É gostoso fingir que o guincho de gaivotas e as ondas batendo são audíveis por cima do barulho do trânsito.

Antes de entrar no Café Gong, pauso para me recompor um pouco. *Eu dou conta*, penso, mexendo os ombros para relaxar a tensão. *Só fica na sua e ninguém vai saber que você está a dois segundos de vomitar.*

Tento arrumar minha aparência, ajeitando os óculos redondos grandes que cobrem meus olhos castanhos estreitos e curvados. Não tem como melhorar o cabelo desgrenhado escuro que cai pela minha testa nem o que Cecelia chama de expressão de “cachorrinho perdido que caiu do

caminhão de mudança e está feliz só por ser incluído", que pelo visto é uma característica permanente do meu rosto.

Pensar na Cecelia causa dor física. Uma dor latejante que ricocheteia pelas minhas entranhas. Afasto os pensamentos sobre ela, me recomponho e abro a porta.

O lugar vibra de energia, com clientes aglomerados em móveis chamativos no estilo industrial-chique que combinam com a decoração elegante. Umma e papai são donos de uma dúzia desses cafés por toda Seattle e todos são iguais, do cheiro enjoativo de xarope doce e folhados tostados pairando no ar até a música genérica de cafeteria abafando os sons de conversas, teclas sendo pressionadas e a máquina de espresso moendo. O Café Gong não era assim, brega e estéril, mas seu apelo aconchegante foi sanitizado quando o negócio se expandiu e deixou de ser uma lojinha familiar.

Esta filial é de longe a mais movimentada, o que é bom, porque, segundo meu pai, se Cece e eu conseguirmos transformá-la num sucesso, eles podem começar a abrir franquias por todo o país. E: *Vai ficar muito bom no currículo na hora de vocês se inscreverem na faculdade*. Iupi!

Do outro lado do café, vejo uma cabeça de cachinhos bem fechados amarrados com uma fita roxa, e minha ansiedade melhora. Graças a *Deus*. Isabette Tucker é uma dos meus dois melhores amigos e o único ser humano decente que trabalha aqui. De fato, ela provavelmente é boa demais para este lugar, mas fico feliz por ter baixado seus padrões o suficiente para se candidatar quando nos conhecemos ano passado na Comic-Con. Desde então, apesar de estudar numa escola diferente, ela não conseguiu se livrar de mim.

Quando me aproximo do balcão, ela ergue a cabeça e arregala os olhos amendoados em surpresa.

— River! — diz. As luzes fluorescentes brilham na pele negra clara de seu rosto, enrugado de preocupação. — O que foi que aconteceu?

Puxo do bolso meu crachá de gerente e o prendo na blusa.

— Que bom que você perguntou. Lembra aquela *fanfic* que eu estava te contando? Que não era atualizada havia cinco anos porque quem fazia a leitura beta da autora foi para a cadeia? Bom, a pessoa saiu e postou um recado dizendo que o próximo capítulo vai ser lançado em breve.

— Ah, putz, jura? — Isabette puxa o celular e começa a digitar antes de se dar conta do que está fazendo. Sorrio. — Ei! Não muda de assunto. Eu

fiquei sabendo do que você fez.

— Como? Só faz, tipo, meia hora.

— Do que você está falando?

— Espera, do que *você* está falando?

Ela parece preocupada que eu tenha deixado a cabeça no travesseiro de manhã, o que *explicaria* melhor o que acabou de rolar lá na escola.

— Oi? Estou falando da Cece, né? — sussurra Isabette. — A Rosalind disse que você terminou com ela ontem à noite.

— *Ah*. Sim, isso — digo, no tom de voz mais tranquilo que consigo. Esfrego o peito, de repente apertado pelo meu moletom. — Achei que você estivesse falando de outra coisa.

— O que mais você fez? — questiona ela, como se soubesse que sou capaz de coisa pior. Bom, justo.

— É possível que eu tenha abandonado uma certa prova.

— Por favor, não me diga que foi o SAT.

— Talvez.

— *Quê?*

— Eu não... Deixa pra lá. Hum, é, sobre a Cece. A gente terminou.

Em vez de perguntar por que, como é bem a cara de Isabette, ela abaixa a voz para o tom mais sincero possível e diz:

— Você está bem?

O que é uma pergunta muito mais difícil de responder.

Dou um gole na garrafa térmica para molhar minha boca repentinamente seca, bem quando alguém dá um tapa nas minhas costas e me faz engasgar. Atrás de mim está Jorge Sanchez, Pé no Meu Saco Número Dois, que, apesar das minhas súplicas, Cece insistiu que fosse realocado com a gente para a nova filial. Nunca tivemos o mesmo gosto para amigos.

— Desculpa, chefe. Eu esqueço que você se assusta fácil — diz ele, apoiando-se no esfregão que estava usando. Ele é tão baixinho que o cabo bate em seu queixo, mas está na equipe de luta-livre da escola de Isabette e seria capaz de me dobrar em formato de pretzel sem despentear um fio sequer do cabelo. Sei disso porque ele já tentou várias vezes na sala dos fundos. — É meu jeito legal de dizer que você é um puta medro...

— Oi pra você também — interrompo, limpando o café que escorre pelo meu queixo. — É que você me pegou de surpresa, só isso. É difícil te ver aí embaixo. Mas acho que o cheiro do desodorante Axe devia ter te

denunciado na hora.

Jorge bate “sem querer” na minha canela com o cabo do esfregão. Meu grito é encoberto por uma risada nasal. Pé no Meu Saco Número Um, Rosalind Huynh: tão musculosa quanto Jorge, mas duas vezes mais assustadora. Ela vai até o balcão ao lado de uma Isabette desconfortável, jogando o cabelo tingido estilo *ombré* para trás.

— Que cara de pau a sua de aparecer aqui — diz ela.

Lá vamos nós.

— No meu próprio trabalho?

— Sim, aquele que a mamãe e o papai te entregaram de bandeja. Faz um favor para todos nós e deixa essa sua cara feia em casa. Cecelia não vai querer te ver.

— Podemos, por favor, não brigar na frente dos clientes? Pelo menos durante a inauguração — pede Isabette.

Fecho as mãos em punhos. Rosalind e eu nunca nos demos bem, mas, quando Cece e eu fomos escolhidos para gerir esta filial no lugar dela, nossa relação não ficou exatamente melhor.

— Nem vem fingir, eu sei que você está cagando para a Cecelia.

Jorge abre um sorriso de orelha a orelha.

— E pelo jeito você também.

Sorrio, com o olho tremendo de fúria, e pondero sobre como responder. As opções possíveis piscam calmamente na minha cabeça como uma compilação intitulada Top 10 Fotos Tiradas Segundos Antes do Desastre.

Foto 1: Eu enfiando na boca do Jorge uma pilha dos cartões de presentes que deixamos ao lado do caixa, para ele se calar pela primeira vez na vida.

Foto 2: Eu roubando o café de uma dona de casa sentada atrás de mim e dando uma hidratação de macchiato de caramelo gelado no cabelo perfeitamente arrumado de Rosalind.

Foto 3: Eu no fundo, enfiando a mão no moedor de café como punição por não ter pedido demissão no segundo que Cecelia transferiu os colegas de quem eu menos gosto para a nossa filial e...

Já chega disso.

Jorge e Rosalind me odiavam bem antes de eu partir o coração da Cecelia ou virar cogerente — algo que nunca pedi, por sinal. Ao contrário

do que Rosalind pensa, Umma e meu pai me darem a tarefa de administrar o Café Gong não é o mesmo que eles me entregarem uma bandeja de prata de sucesso; é mais uma boia salva-vidas. Se eles não achavam que eu podia ter sucesso fora do negócio familiar antes, sair no meio do SAT vai ser a gota d'água — o que significa que estou preso aqui com Jorge, Rosalind e minha ex por um bom tempo.

Pelo jeito, minha única escolha é apelar para a violência.

A campainha que soa em cima da porta me impede de deixar esse pensamento intrusivo vencer. Uma voz feminina solta um "*aff*" enfático.

Duas pessoas entram. A primeira é uma garota baixa de cabelo preto comprido, pele marrom-acobreada e olhos de pálpebras pesadas que escaneiam o salão. Escuto Isabette soltar um barulho engasgado de pânico e correr para os fundos, mas não me viro, distraído com a segunda pessoa.

Parada no meio do café está uma das garotas mais lindas que já vi. O tipo de beleza que é chocante de ver na vida real em vez de numa revista de moda ou qualquer que seja o lugar de onde vem as pessoas bonitas. Ela é baixa, gorda e está de meia-calça transparente, saia xadrez preta e azul petróleo, e *cropped* por cima de suéter preto de gola alta. A garota enruga o nariz com piercing, uma expressão de nojo surgindo no rosto em formato de coração, marcado com maquiagem escura e franja desfiada verde-neon.

Rosalind bufa.

— O Halloween chegou cedo.

Cabelo Verde nem se dá ao trabalho de abaixar a voz ao se aproximar do balcão.

— *Esta* é a filial nova? Como eles podem ser nossos concorrentes? Quem suporta essa música brega? Puta merda, olha os preços! Ninguém em sã consciência devia estar cobrando esse tanto por um espresso que provavelmente vai vir queimado.

Aperto os lábios. Foi Cecelia que determinou os preços.

— Não vamos demorar muito aqui — garante a amiga da Cabelo Verde. — E com certeza não vamos pedir nada.

Elas se aproximam de nós três e a amiga dá um sorriso preguiçoso.

— Oi. Que lugarzinho gostoso este de vocês. Por acaso alguém chamada Betty trabalha aqui?

Jorge e Rosalind trocam uma expressão não muito sutil de irritação.

— Não, não temos nenhuma Betty aqui — diz Jorge. — Vão querer

pedir alguma coisa?

Cabelo Verde dá uma risada rouca.

— Não.

Como gerente e idiota residente do lugar do qual a Cabelo Verde está menosprezando, sinto que é tecnicamente minha responsabilidade defendê-lo. Faço minha melhor voz de atendimento ao consumidor.

— Se estiver procurando algo bom no cardápio, posso ajudar.

Ela me olha duas vezes, como se acabasse de me notar, neutralizando a expressão, mas aí seus olhos batem na garrafa térmica que estou segurando e depois no meu crachá.

— Acho que não vou aceitar recomendações de um gerente que não bebe a porcaria que está tentando vender.

Rosalind e Jorge dão uma risadinha irônica, e sinto calor subindo pelo pescoço. É a pior manhã possível para lidar com uma cliente irritante, mas anos trabalhando num emprego idiota no setor alimentício me fazem ser capaz de manter o sorriso.

— Estou só tentando oferecer sugestões, já que, pelo jeito, você parece ter dificuldade de fazer escolhas racionais. — Olho para seu cabelo com cor de marcador de texto.

Sem hesitar, ela aponta com a cabeça para o moletom de capuz que estou usando: um produto de divulgação da minha série de livros favorita (e objetivamente ruim), *Filho do pecado*.

— Você não pode ser tão racional assim se acha que usar isso em plena luz do dia é boa ideia.

— O café gelado daqui é ótimo para a digestão, o que ajudaria muito com essa sua cara de constipada.

Numa mesa próxima, alguém arfa, e uma parte de mim percebe que metade dos clientes pararam de conversar e observam a briga mais passiva-agressiva da história das brigas. Não estou nem aí; nunca fiquei tão puto. Eu me considero bem de boa — apesar de as últimas vinte e quatro horas provarem o contrário —, mas, por algum motivo, essa garota gótica com cara de bebê está me estressando dos piores jeitos.

Cabelo Verde dá um sorriso fofo. Ela tem covinhas. Meu olhar se demora nelas.

— Seu café ainda está quente? — pergunta ela.

Pisco.

— Não...?

Ela delicadamente arranca a garrafa da minha mão, tira a tampa, fica na ponta dos pés e joga o café na minha cabeça.

O líquido morno cai como uma cascata pelo meu cabelo e meu rosto, me impedindo de vê-la, porque tem um rio de suco de grãos cobrindo meus óculos. O estabelecimento inteiro fica completamente em silêncio, fora a música de elevador horrenda que sai pelos alto-falantes.

Só um pensamento passa por minha mente: agora é oficial, este é o Pior Dia da Minha Vida Inteira.

— Que desperdício de café — digo, seco.

Ela dá de ombros, ainda mostrando as covinhas.

— Valeu a pena.

Em qualquer outro dia, eu deixaria essa passar. Mas, hoje, me viro para a amiga dela, que parece dividida entre diversão e exasperação, e gesticulo para os sacos de grãos de café atrás dela.

— Pode me passar um desses, por favor?

Cabelo Verde e a amiga ficam olhando enquanto abro o saco. O aroma encorpado de grãos torrados sobe ao meu nariz, embora talvez seja do café que pinga da minha franja. Dou um passo na direção de Cabelo Verde. Ela não se afasta. Prendo um dedo no colarinho do suéter dela, puxo o tecido e viro o saco todo dentro.

A amiga cai na gargalhada, enquanto Cabelo Verde e o restante do lugar me olham boquiabertos.

Jogo o saco no chão e sorrio.

— Valeu a pena.

— Meu *deus* do céu — diz Rosalind, alegre. — Seus pais vão te demitir com certeza depois disso.

Dou o dedo do meio para ela.

— Vou poupá-los do trabalho. Eu me demito.

Não olho para trás enquanto me afasto, nem para a bela gótica com grãos de café caindo pelo suéter. A música irritante e meu coração batendo rápido nos ouvidos me acompanham até a saída, e o som da campainha da porta é uma doce nota de encerramento.

Bom, digo a mim mesmo, tomado demais pela adrenalina para me arrepender de qualquer coisa que acabou de acontecer, *pelo menos, depois disso, é literalmente impossível que meu dia piore.*

2. PIORA A PARTIR DAQUI

Enquanto o café ensopando minhas roupas esfria, meu temperamento também, e tudo que sobra é a trepidação em minhas entranhas como se eu tivesse tomado cafeína demais. Não posso fugir do inevitável para sempre, então, vou para casa.

Nosso apartamento fica a algumas ruas do Café Gong, aninhado entre uma estrutura de concreto dos anos 1940 caindo aos pedaços e um supermercado Safeway cujos roubos e furtos diários anunciam qualquer coisa — *menos* uma forma segura de comprar coisas para fazer o jantar. Digito o código para entrar no prédio e então subo as escadas para encontrar o destino sombrio que me aguarda no apartamento 614.

No instante em que entro, sou bombardeado pelo aroma picante de kimchi jjigae e pelo meu pai berrando:

— River Langston-Lee!

Ele contorna o corredor. Matthew Langston-Lee é um homem alto e magro, com cabelo castanho curto e um cavanhaque comprido, que compõe o look pai hipster branco nos mínimos detalhes, o que é bem adequado, já que ele opera uma das cadeias de cafeterias que mais atraem hipsters da cidade. Mas as aparências, infelizmente, enganam, porque a quantidade de ira que meu pai guarda dentro de si é potente a ponto de derrubar de bunda três verdadeiros hipsters viciados em vapes com um único suspiro profundo de decepção.

— Oi — digo, sem ânimo. — De qual parte você ficou sabendo?

Ele aperta a ponte do nariz com a mão que não está segurando o celular.

— Você foi embora no meio do SAT? Por que você faria... Espera, como assim "qual parte"? O que mais você fez?

Não é como se eu pudesse esconder dele.

A constante irritação cansada do meu pai só aumenta enquanto eu continuo a falar — mas ele não explode. Seria melhor se fizesse isso, se simplesmente botasse tudo para fora e berrasse o que quisesse. Eu sei que ele está pensando: *Você é uma decepção. Está acabando com seu futuro. Está desperdiçando todas as oportunidades que nos matamos de trabalhar para te dar*. Mas, em vez disso, ele só fica com um olhar de quem não sabe por onde começar, nem onde errou e o que fazer agora com o filho que está pingando café por todo o capacho.

Dói bem mais do que se gritasse.

É que eu realmente não sou uma pessoa de entrar em confrontos. Foi por isso que aguentei dois anos das palhaçadas de Rosalind e Jorge, namorei Cece por tanto tempo e não falei nada quando meu pai transformou o Café Gong de negócio familiar numa cadeia corporativa sem alma. A interação de hoje com Cabelo Verde me surpreendeu; nunca agi desse jeito com ninguém. Não gosto de discutir e especialmente não gosto de decepcionar meus pais quando sei que o padrão deles no que diz respeito a mim já é baixo a ponto de estar sete palmos sob a terra. Então, aguento os suspiros pesados e carregados de insatisfação do meu pai de cabeça baixa e mãos nos bolsos.

— Eu só não te entendo — diz ele, aumentando o volume a cada palavra. — Você sabe como essa nova filial é importante para o negócio. Você *sabe* o risco que estamos correndo em abrir, tudo para dar a você e a Cecelia a oportunidade de, ao a gerir, se provarem. Como pôde fazer isso, River? Com você *e* com a sua família?

— Me desculpa, mesmo — consigo falar.

— Eu não quero um pedido de desculpas, quero uma explicação. Por quê? Você amava... — Meu pai se interrompe, fechando os olhos. As narinas se dilatam quando ele se esforça para falar calmamente: — Você amava o Café Gong. Era tão importante para você quanto para mim e sua mãe. Quando foi que você deixou de se importar?

Um nó parece se formar em minha garganta. Eu nunca deixei de me importar. Minhas primeiras memórias têm cheiro de café; passei mais tempo dentro das primeiras paredes do Café Gong do que em nosso apartamento. Eu me lembro de fazer minha lição de casa numa cabine no canto enquanto Umma fechava a conta dos poucos clientes que tínhamos e meu pai servia as bebidas. Como comemoramos o primeiro ano do Café Gong juntos depois de a loja fechar, como Umma me deixou cortar o bolo

que tinha feito. Como, quando estávamos quase sem dinheiro e tempo no início, meu pai sempre me deixava praticar o preparo do café, mesmo se isso significasse desperdiçar garrafas de leite em tentativas fracassadas de fazer arte nos lattes, e Umma me ensinava a usar a caixa registradora. Eu me lembro de tudo: a animação do nosso primeiro cliente, os anos de conversas tensas e sussurradas que eu ouvia meus pais tendo sobre os boletos, o orgulho que todos sentimos quando nosso esforço resultou na abertura de uma segunda loja em Capitol Hill, depois uma terceira em Fremont, uma quarta no International District, uma quinta em South Lake Union…

Eu cresci junto com o Café Gong. Claro que me importo. É meu lar. Mas, em algum momento no caminho, meu pai esqueceu que lar não é o mesmo que expansão empresarial e crescimento de receita às custas de apagar cada rastro de sua família das paredes.

Mas eu não soube como dizer isso a ele anos atrás, e continuo sem saber.

Umma decide que é hora de intervir e sai da sala de jantar.

— 여보, 그만해.[1] Podemos falar mais tarde sobre o River voltar ao trabalho.

A raiva do meu pai murcha.

— Yejun…

— Mais tarde.

Ele aperta os lábios, mas a decisão de Umma vence. Meu pai me olha de cima a baixo e balança a cabeça.

— Tá. Não sei mais o que dizer para ele — declara, e vai cabisbaixo para o quarto dos dois.

Meu estômago se revira.

— Obrigado — falo.

Umma me dá um sorriso. Dizem que me pareço mais com ela do que com meu pai, com seu rosto longo, as maçãs do rosto altas e os olhos gentis, planos. Seu cabelo tingido de castanho-avermelhado está bem preso. Hoje em dia sou mais próximo dela do que do meu pai, mas entre nós há um muro que é de um tipo diferente de blindagem. Acho que decepcionei Umma já faz muito tempo. Sei que não sou o filho ideal que ela deve ter imaginado quando deixou sua vida para trás e imigrou de Seul para Seattle. Ela jamais diria isso, mas escuto nas pausas que faz quando procura palavras em inglês para o que não consigo entender em coreano.

— A sra. Campbell me contou que você e a Cecelia terminaram — diz ela gentilmente, me surpreendendo com a mudança de assunto. — Não sei por que vocês dois brigaram, mas o que quer que seja com certeza você consegue consertar. Vocês estão juntos há tanto tempo. Ela vai te perdoar.

Veja bem se não é a cereja do meu bolo de Você é a Pior Pessoa do Universo.

— Não, Umma, *eu* que terminei com ela.

Suas rugas de preocupação se alisam.

— Ah.

— É.

— Por quê? Achei que você a amasse.

Eu amava. Eu *amo*. Cecelia sempre está com um sorriso no rosto, mesmo depois um dia longo no trabalho, se dá bem com todo mundo e é a pessoa mais motivada que já conheci. Os olhos dela são mais bonitos do que qualquer vista que Seattle tenha a oferecer, e suas sardas são como canela polvilhada em cima da espuma de um cappuccino. E, sim, não éramos perfeitos, mas tínhamos muito amor um pelo outro. Aliás, sequer brigávamos. Principalmente porque eu fazia o que ela mandava e dizia o que ela queria ouvir, e isso era… ok. Eu *achei* que fosse ok. Todo o resto com ela era tão perfeito.

Ontem à noite — ou, para ser sincero, quando fomos escolhidos como cogerentes do Café Gong — acabou sendo o limite.

— Não sei, Umma.

— Não sabe?

— Não sei.

— Como você não…

Ela se interrompe. Está fazendo a cara que mais odeio, a cara de Estou Tão Decepcionada com Você que Nem Consigo Expressar em Inglês, Então Não Vou Falar Nada.

— Vou para o meu quarto — murmuro, passando por ela.

Meu quarto é pequeno, mas a bagunça dos meus livros e HQs favoritos empilhados em todo lugar, além dos pôsteres cobrindo as paredes, é um refúgio. Num canto do quarto fica meu cenário de gravação: uma mesa, um laptop, um microfone e uma webcam no ângulo *exato* para que nada fique visível acima da linha do pescoço quando estou sentado na cadeira gravando vídeos. Nem *ferrando* que eu mostraria minha cara na internet.

Tiro minhas roupas grudentas e ensopadas de café, e me jogo na

cadeira, dobrando as pernas compridas até a altura do peito. No silêncio, um mix de pensamentos e sentimentos cobertos de culpa zunem como moscas na minha cabeça.

Abro o laptop e respondo sem vontade os comentários do meu último upload no YouTube: "Por que o vilão de *Filho do pecado* na verdade não está tão errado." Não posso me sentir um merda se meu único neurônio estiver focado em outra coisa. Em geral, é nos meus fandoms ou na Cecelia, mas, hoje, defender um antagonista fictício vai ter que servir. É uma distração suficiente até uma batida tímida soar na minha porta.

Puta merda, vai embora.

— Entra.

Meu irmão mais novo, Jace, entra, carregando um prato de fruta e uma tigela do kimchi jjigae cujo cheiro senti mais cedo.

— A Umma me mandou trazer para você.

Duvido muito, já que Umma só me traz fruta quando está pedindo desculpas. Os pedaços com formatos diferentes confirmam que não veio dela. Aceito a comida e coloco os pratos na minha mesa para poder bagunçar o cabelo castanho desgrenhado de Jace, sufocando um sorriso para não o envergonhar. Ele é mais parecido com nosso pai e já tem quase a minha altura, mesmo que só tenha catorze anos.

— Obrigado. Você até que é ok — digo, enquanto ele se acomoda na minha cama desfeita. — E aí, o quanto você ficou sabendo?

Jace pega uma das fatias de maçã e a enfia na boca.

— Tudo. Você realmente fodeu com tudo hoje, né?

— Olha a boca, senão vai acabar vacilando perto do papai.

— Nada que eu faça vai deixar ele mais puto do que você conseguiu deixar hoje. — Ele sorri, mostrando o aparelho nos dentes. — Estou imune fácil, fácil pelas próximas duas semanas. Valeu, River.

Sendo o filho prodígio dos nossos pais, Jace está imune de qualquer jeito. Ele é o melhor aluno da turma, está na equipe titular de futebol e fala coreano fluentemente. Pego uma colherada de ensopado e arroz, e enfio na boca. Está gostoso, e os temperos reconfortantes e o tofu macio na mesma hora acalmam a breve onda de irritação dentro de mim. Não tenho ressentimento nenhum de Jace por ser o favorito, ele também é meu.

— E aí, o que você vai fazer? — pergunta Jace.

— Como assim? Com Umma e o papai?

— Não, em geral. Na vida, sabe. Você deu um pé na bunda da sua

primeira namorada, provavelmente não vai entrar numa faculdade boa ano que vem e pediu demissão do trabalho.

— Só porque nós somos... éramos namorados, não quer dizer que vamos nos casar. E eu resolvo isso da faculdade depois. E o emprego... prefiro me afogar no mar do que voltar para o Café Gong. Para o *meu* Café Gong, pelo menos, e não imagino o papai me deixando ir para outro.

— Você é esquisito. Pelo jeito, vai ter que lidar com o papai todo dia depois da escola.

Caceta. Ele tem razão. Se estiver desempregado, não vou ter desculpa para não vir direto para casa, o que significa uma exposição prolongada aos resmungos do meu pai e à cara emburrada de Umma. Além do mais, estar recém-solteiro significa muito mais tempo livre, o que significa ter bastante tempo para pensar em como ferrei tudo bizarra, completa e ridiculamente. Não tenho nem a escola para me manter ocupado, porque não passar no SAT quer dizer que não posso me candidatar a nenhuma universidade este ano, então, não tem muito por que me importar com notas, nem com as aulas, nem... *Ai, meu deus.*

— Tenho certeza de que tudo parece estar uma merda — diz Jace, sem perceber minha angústia, ou a ignorando. — Mas é bem legal você ter tido coragem de se demitir. — Ele se vira para sorrir para mim, fazendo com que eu esqueça por um momento que é ele que é três anos mais novo. — Eu sei que você odiava trabalhar com aqueles caras e não parecia muito animado para ser gerente. Então, mandou bem. Acho que, no seu lugar, eu não conseguiria ter feito o mesmo.

Pisco uma vez, depois pisco de novo, desta vez para afastar o ardor atrás dos olhos.

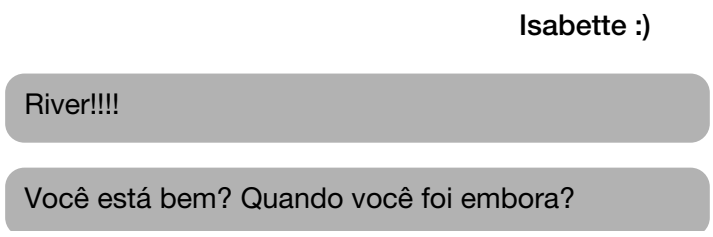
— Se eu te abraçar, você vai me morder?

Ao se levantar, Jace pega a última fatia de maçã e o prato.

— Sim. Vou te deixar aí espiralando em paz. Boa sorte.

Ele fecha a porta ao sair. Meu celular apita no meu bolso, me lembrando de que existe. Passei o dia o ignorando.

Relutante, tiro e checo minhas mensagens. A mais recente é de Isabette.



O Jorge e a Rosalind disseram que você brigou com uma cliente

Você realmente pediu demissão?

Para de me deixar preocupada, babaca :(me liga quando der

Meus polegares flutuam sobre o teclado, mas saio da nossa conversa sem responder. Hesito diante da última de minhas mensagens não lidas. *Não quero abrir*. Mas não posso adiar para sempre.

Cecelia <3

Oie.

A gente pode conversar?

Desculpa ter gritado ontem à noite.

Eu sei que você não tá apaixonado por outra. Não tem como. Não sei por que você diria algo assim.

Não entendo por que você está fazendo isso. Mas estou disposta a te escutar.

Te vejo amanhã?

As mensagens dela ficam cada vez mais difíceis de ler, e percebo que é por causa das lágrimas. Tiro os óculos para esfregar meu rosto quente. A imagem da expressão sofrida de Cecelia ontem à noite ainda está vívida quando fecho os olhos.

Eu odeio brigar.

Devo, no mínimo, uma resposta a ela, mas não tenho uma. Ainda não tenho cem por cento de certeza de por que quis terminar. Foi por isso que menti sobre estar apaixonado por outra, para ela me odiar e podermos terminar sem problemas. É mais fácil ela entender isso do que *Desculpa,*

eu também não sei. Só quero terminar.

É esse o problema. Foi esse o problema ontem à noite, o que piorou depois que fomos promovidos a cogerentes e, sendo sincero, foi o problema de todo o nosso relacionamento, a minúscula irritação no fundinho da minha mente. Eu nunca sei o que dizer, nunca sei o que *quero* dizer — então, digo o que acho que ela quer ouvir.

Cecelia tem razão. Eu sou um merda mesmo.

Meu telefone toca, interrompendo meu momento de autodepreciação bem quando estava ficando bom. O rosto do meu outro melhor amigo, Kai Zhang, aparece na tela. Fico olhando seu cabelo preto bagunçado e seu sorriso de Eu Sei Todos os Seus Segredos Vergonhosos e Vou Usar Contra Você Sempre que Puder antes de aceitar a ligação.

Pigarreio.

— E aí?

— River, meu chapa. — A voz alegre de Kai soa alta pelos alto-falantes do celular. — Queria só ver como você está depois de hoje de manhã. Saber o que está rolando.

Semicerro os olhos para o celular.

— Por que sua voz está assim? Toda... desconfiada.

Kai solta um guincho.

— *Quê?* É minha voz normal.

— Para com a palhaçada.

— Tá. Talvez um passarinho tenha me contado que você despejou um saco de grãos de café dentro da blusa de uma garota hoje no trabalho. E depois pediu demissão.

— Quem te falou isso? A Isabette?

— Não. A melhor amiga do *meu* melhor amigo é minha inimiga. Ou, tipo, uma cunhada que eu não conheço porque ela estuda numa escola diferente. Como eu disse, foi um passarinho.

Aperto a ponte do nariz.

— Seu passarinho está correto, isso realmente aconteceu.

— Putz. Você me diria se estivesse surtando ou algo do tipo, né? Ou vou te encontrar na aula um dia desses com um piercing na sobrancelha e cabelo raspado?

— Não estou surtando, Kai.

— Não sei, não. Olha, eu entendo por que você pediu demissão, e o SAT deixa todo mundo estressado, mas você também deu um pé na bunda da

Cecelia do nada. Não me leve a mal, acho ótimo você finalmente ter feito isso, ela era terrível para você. E para a população em geral.

Eu costumo ignorar quando ele fala sobre como acha a Cecelia tóxica.

— "Deu um pé na bunda" soa meio duro. A gente terminou.

— Pelo jeito você deu um pé na bunda dela e mentiu sobre o motivo. Eu sei como é isso.

— O Dario não te *deu um pé na bunda* e...

— Deu, sim. Ele me deu um pé na bunda porque está cansado de mim e ano que vem quer transar com caras diferentes na faculdade chique dele que tem os melhores programas de esportes.

É uma conversa que tivemos diversas vezes ao longo do último mês, mas ainda sinto a necessidade de reconfortá-lo, já que sua voz fica baixa e frágil sempre que Dario é mencionado.

— Você sabe que não é isso, ou, pelo menos, não nessas palavras. Ninguém namora alguém por anos e de repente decide que se cansou da pessoa.

— É? E você e a Cecelia, então?

— Isso foi...

— Diferente? — pergunta Kai, sarcástico. — Você está parecendo o Dario.

Sinto um embrulho no estômago e não digo mais nada. De repente ele tem razão.

Kai suspira.

— Desculpa, eu não queria fazer isso se tornar sobre mim. Sério, você está bem?

— Acho que me arrependi de ter me demitido.

Uma pausa.

— Mas você odeia o Café Gong.

— Não exatamente, eu só... odeio o que ele virou. Mas, sem emprego, não vou ter distração nenhuma — digo. — Eu arruinei meu relacionamento com a Cece, meus pais não conseguem nem olhar na minha cara, e não é como se eu fosse conseguir passar para a faculdade agora. Sou um cara de dezessete anos sem nada exceto uma conta de fandom famosinha e... *uau*, que deprimente falar isso em voz alta. Puta merda, não suporto nem me ouvir. Como que você ainda está na linha?

— Eu sou seu amigo há anos demais para uma coisinha qualquer conseguir me assustar. Além do mais, eu sigo sua conta do YouTube. Já vi

seus pontos mais baixos, cara, este não é o pior — diz Kai. — E vamos ser sinceros, quase cinquenta mil inscritos é mais do que "famosinha".

— Valeu — falo, sem ânimo. — Mas pedir demissão com certeza está no topo da lista de "Vezes em que Fui Estúpido".

Ele murmura.

— Tá bem no topo, sim. Se você está querendo algo para se ocupar, por que não arruma outro emprego?

— E quem vai me contratar? Eu só sei fazer café e falar sobre livros.

— Você faz o *melhor* café, e nós estamos em Seattle. Manda seu currículo pra um dos bilhões de cafés daqui.

Eu me endireito na cadeira, uma semente de esperança nascendo em meu peito. Esmago-a e sacudo a cabeça.

— Nenhum lugar vai me contratar sendo que a única coisa no meu currículo é o café da minha família de onde eu acabei de me mandar. Além do mais, duvido que meus pais vão me dar boas referências para ir trabalhar na concorrência.

— Eu conheço um lugar que não vai dar a mínima pro seu currículo. *E* está com vaga aberta.

— Onde?

— Você sabe onde.

Pisco e ideia me atinge como um caminhão.

— Eu não vou me candidatar pro seu trabalho, Kai.

— Por que não? — resmunga ele. — A Espelunca é um lugar legal! Não seria divertido trabalhar num café coreano com seu melhor amigo?

— Um lugar que você apelidou de Espelunca não me interessa muito. Já ouvi histórias de horror suficientes sobre seus colegas para ficar bem longe. Por que você acha que nunca te visitei lá?

Ele fica estranhamente quieto.

— Meus colegas não são *tão* ruins. Tirando o Dario, mas você já está familiarizado com o nível de escrotidão dele. Sério. Pensa bem. Você tem duas opções: ficar desempregado, solteiro e infeliz em casa ou trabalhar num café superlegal com seu melhor amigo incrivelmente lindo. Qual vai ser?

Caramba, penso, me recostando e encarando meu teto texturizado, *que irritante é conviver com o Kai às vezes*. Só que ele tem razão. Minhas opções agora são limitadas. Duvido que consiga achar outro café para trabalhar que também não seja um buraco corporativo, e pensar em não

fazer nada com meu tempo me dá nos nervos.

Suspirando, eu me permito sorrir e digo:

— Pode me arrumar uma entrevista com sua gerente?

— Amanhã depois da escola, considere feito.

— Valeu. Sério. E qual o nome do lugar? Acho que você nunca chegou a me dizer.

— Eu não penso no trabalho quando não estão me pagando para isso — diz Kai. — Se chama Bingsu para Dois e não é muito longe da sua nova filial.

Mas não sei. Tem alguma coisa me incomodando nessa história.

— Hum, parece familiar.

— Nem imagino por quê. Não é popular. Levanta a cabeça, River. Você não vai se arrepender.

Verdade — mas só porque no momento é fisicamente impossível para o meu corpo armazenar mais arrependimento.

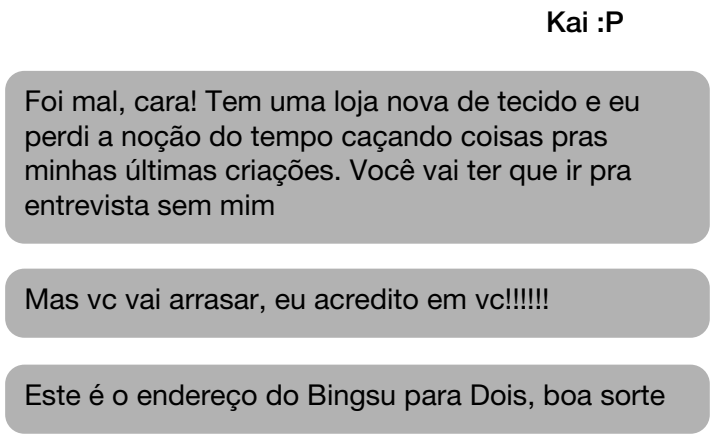
---

[1] Querido, pare.

3. A ENTREVISTA MAIS LAMENTÁVEL DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Eu vou matar o Kai.

Não de verdade. Talvez. Ainda estou pensando.



Balanço a cabeça, guardando o celular enquanto desço do ônibus para a rua que Kai indicou. Hum. Ele tinha razão, é num beco só a alguns quarteirões do Café Gong, segundo meu GPS. Aquele sentimento esquisito volta. Parece mesmo familiar, mas nunca estive aqui.

Viro a esquina da 6th Avenue e olho por uma fresta entre dois prédios. Cautelosamente, eu me aventuro pelo beco suspeito e mofado. Nem tem como existir um café aqui. O fedor quente e adocicado de chorume torna a rua inteira inabitável.

Mas bem ali, acomodadas ao lado do prédio à minha esquerda, tem uma vitrine e uma lousa anunciando uma promoção de duas bebidas pelo preço de uma. A placa com luz fraca acima da fachada diz BINGSU PARA DOIS.

E aí percebo por que este café parece tão familiar. Minhas pernas quase

cedem numa poça de líquido vazando de uma lixeira.

Cece e eu tentamos falir este lugar.

Quando meu pai nos tornou cogerentes, permitiu que cuidássemos da abertura da nova franquia. Isso envolvia fazer as contas, contratar equipe, encomendar estoque e tudo o mais. Ele chamava de "construção de currículo", que é melhor do que dizer "trabalho infantil". Cece assumiu a liderança em tudo isso, e fiquei feliz de deixar — ela é boa nesse tipo de coisa, bizarramente boa, o que faz sentido, já que está querendo entrar no programa de administração da UPenn. Ela só me deu uma tarefa: selecionar e avaliar a localização da nossa nova loja.

— Ai, meu deus — murmuro para mim mesmo e para os ratos.

Eu tentei falir este lugar. Escolhi colocar o Café Gong a dois quarteirões de distância porque uma busca rápida no Google me mostrou que a única concorrência próxima era o Bingsu para Dois: um pequeno café coreano familiar, com nota de menos de duas estrelas. Ele *não era* nenhum tipo de competição, para ser direto.

Sinto um nó na garganta ao me lembrar de uma conversa com Cece. Ela tinha ficado tão orgulhosa. E nem sempre eu a deixava orgulhosa.

"*Não tem nem como eles ficarem abertos por mais de um ano*", eu tinha dito. *"Seis meses, no máximo, se abrirmos do lado. É perfeito."*

— Não, não, não — murmuro, andando de um lado para o outro na frente da vitrine.

Não acredito que meu melhor amigo trabalha aqui, no lugar que eu *sabia* que ia passar por dificuldades se nós abríssemos um café por perto, o que fizemos.

Dou meia-volta e ando dois passos para a rua, então fico paralisado.

As palavras de Kai ressoam em minha mente: *Você tem duas opções: ficar desempregado, solteiro e infeliz em casa ou trabalhar num café superlegal com seu melhor amigo incrivelmente lindo.*

Merda. A primeira opção ainda não parece boa.

Aliso minha camisa social. *Você consegue, River. É só uma entrevista no lugar que você tentou falir. Mas de repente não mencione isso.*

A campainha acima da porta soa quando entro discretamente. Não tem mais ninguém ali — nem um funcionário.

— Oi? — chamo.

O cheiro de espresso queimado mal consegue mascarar o odor úmido de desinfetante e madeira deformada pela chuva. No canto perto de um

sofá gasto, tem uma placa luminosa de BORA LÁ COMER! meio queimada, cujas lâmpadas agora lamentavelmente proclamam só BLÁ! As paredes de tijolo e a iluminação ruim são mais grunge que aconchegantes, o que combina com Seattle, mas, junto com o piso de madeira riscada e os móveis descombinando, parece mais o porão de alguém do que um lugar capaz de passar numa inspeção sanitária com qualquer nota acima de razoável.

Eu me aproximo do balcão e olho para além dele em busca de qualquer sinal de vida. Uma mosca voa em torno dos doces intocados na estufa de vidro.

Algo farfalha nos fundos. Uma mulher sai pela porta da cozinha, puxando as cortinas florais para o lado.

— Oi — começo.

— Posso ajudar? — pergunta ela, com a voz baixa e arrastada.

— Eu sou o River. Estou aqui para a entrevista.

A mulher pisca para mim.

— Que entrevista?

... Hum.

— É, o Kai... Kai Zhang, que trabalha aqui, disse que vocês estavam contratando e que marcou uma entrevista para mim.

A expressão fechada da mulher não se altera, mas ela se aproxima do balcão. É mais garota que mulher, percebo. Deve ser só alguns anos mais velha que eu. Vinte e pouquinhos, talvez. Quase da minha altura, com maçãs do rosto bem marcadas, cabelo preto até o queixo e lápis de olho azul que se destaca no olhar desconfiado que está me lançando.

— O Kai não comentou nada de entrevista comigo. E não estamos contratando. Aquele merdinha deve estar querendo fazer o Dario ser demitido. — Ela murmura a última parte para si.

Beleza. Retiro o que disse. Eu vou matar o Kai.

Antes que eu conseguisse pensar em uma resposta um pouco mais coerente, a garota tamborila os dedos de unhas feitas no balcão.

— Desculpa pela confusão, garoto. Agora, quer pedir algo antes de ir?

Será que eu posso usar minha lábia para convencê-la a me dar o emprego? Putz, não, eu tenho o charme de uma concha de marisco vazia. Que sorte a minha. Eles não estão contratando e o idiota do meu amigo esqueceu de me apresentar.

— Bom, não — digo —, mas eu adoraria mesmo trabalhar aqui e tenho

experiência com...

— Nem tente — ela me interrompe, acenando com a mão. — Pode achar a saída sozinho.

Então dá as costas para meu queixo caído.

— Eu seria um bom funcionário — imploro, contornando a estufa de doces para ir atrás dela. — Por favor. Eu preciso deste emprego.

Ela para no balcão de entregas e está perto a ponto de eu conseguir ler o crachá: 조하늘. Haneul Cho. Graças a Deus sei pelo menos ler coreano, mesmo que minha habilidade de conversação seja pior que a de uma criança de cinco anos.

Haneul lança um olhar cansado por debaixo da franja perfeitamente reta.

— Olha para este lugar. Está vendo algum cliente? A gente mal tem movimento para manter a equipe que já trabalha aqui, ainda mais nos últimos tempos. Tem um monte de outros cafés em Seattle, com certeza você vai achar trabalho num deles — diz ela. — Tipo o Café Gong. É um novo que fica no fim do quarteirão. Com certeza devem estar contratando.

Faço uma careta. Sim, com certeza estão contratando, considerando que acabei de deixá-los com uma vaga de cogerente aberta.

— Por favor. Eu faço qualquer coisa — peço de forma patética.

Minha cara de cachorrinho perdido que caiu do caminhão de mudança deve finalmente ter dado certo, porque a expressão gelada de Haneul se suaviza um pouquinho.

— Aff. Tá. Você pode fazer uma entrevista.

Eu me animo.

— Sério?

— Aham. Me fala de você.

Solto um "uhhhhh" eloquente enquanto me sento numa banqueta alta.

— Tá. Meu nome é River Langston-Lee. Estou no último ano do ensino médio e vou estudar administração ano que vem na... bom.

Brinco com a borda danificada do balcão para evitar o olhar de Haneul.

— Eu ia estudar administração no ano que vem na Universidade de Washington, que nem meu pai, mas não vai mais rolar, já que ferrei com meu SAT. Eu fui embora no meio da prova, na verdade, então, provavelmente é o mesmo que me ferrar. Desculpa, eu devia estar falando mais sobre experiência profissional. Eu era gerente de outro café até ontem. Aham. Saí no meio da prova, apareci no meu turno, lidei com uma

cliente bem engraçadinha e aí decidi que estava de saco cheio. Queria ter planejado isso melhor. Todo mundo sonha em mandar os colegas de trabalho para o inferno e botar fogo no lugar, né? Eu não botei fogo em nada, eu não sou... não sou piromaníaco, nem maníaco de nenhum tipo. Não precisa se preocupar com isso. Pode confiar em me deixar perto do fogo. Quer dizer...

Enterro o rosto quente em minhas mãos trêmulas. Finalmente está caindo a ficha dos últimos dois dias. O que é que eu fiz?

Parabéns, River, você provou para mais uma pessoa o merdinha enorme que você é. E não levou nem cinco minutos.

Eu ajeito a postura, abro um sorriso para Haneul e torço para ela não estar prestando atenção a como meus olhos estão vermelhos atrás dos óculos.

— E aí, alguma pergunta? — digo.

Haneul pisca.

— Várias, mas nenhuma relacionada à entrevista.

O sino acima da porta tilinta.

— Desculpa o atraso! Eu não queria vir.

— Cala a boca, Kai, essa piada já ficou velha faz séculos.

Dou um pulo. É Kai, entrando no café, com um skate embaixo de um braço magrelo e vestindo uma camisa ultralarga desenhada por ele. Meu plano anterior de matá-lo assim que o visse é interrompido pela garota bonita vestida de preto ao seu lado. O cabelo verde-neon e a franja irregular são instantaneamente reconhecíveis e, quando ela levanta o rosto, não tem como questionar quem é.

— Puta merda, é você. O que você está fazendo aqui? — pergunta ela.

Me viro para Haneul:

— Ela trabalha aqui?

— Não me ignora! — retruca Cabelo Verde.

Eu a ignoro.

— Essa é a Sarang, minha irmã — responde Haneul. — Sim, ela trabalha aqui, infelizmente.

O nome dela me faz hesitar. 사랑, a palavra coreana para amor, o que é engraçado, porque ela tem cara de que nunca amou nada na vida.

— Bacana, bacana — digo, assentindo com a cabeça. — Valeu pela oportunidade, mas não estou mais interessado no trabalho.

Kai me intercepta a caminho da porta, usando o skate como escudo.

— Espera aí. Você conhece a Sarang?

— Para de se fazer de tonto. É a *Garota dos Grãos de Café* — sibilo.

O rosto dele faz contorções dignas das Olimpíadas, fingindo surpresa.

— *Quê*? Meu deus, a Sarang é… Não acredito. Quais as chances?

— *Kai*.

Ele murcha.

— Tá, beleza. Talvez tenha me esquecido de mencionar que a garota que derramou café em você é minha colega de trabalho. Do fundo do meu coração: foi mal. Vamos olhar pelo lado bom, agora você pode trabalhar com o seu melhor amigo.

Haneul levanta as sobrancelhas.

— Eu ainda não ofereci um trabalho para ele.

— E nem vai — interrompe Sarang, me olhando com raiva. — Ele trabalha no Café Gong, o que está roubando nossos clientes.

— Ele era gerente. Dá para usar toda a experiência — opina Kai.

Devolvo o olhar raivoso de Sarang. Qual o problema dela? Parece que tem alguma coisa contra mim antes mesmo de termos trocado uma palavra.

— É porque eu joguei grãos de café por dentro da sua blusa? Porque isso foi justificável, você tem que admitir.

— Não, é porque você e seu café de franquia estão fazendo cafés pequenos como o nosso falirem há anos. Eu pesquisei sobre isso. Seus pais são donos do Café Gong, né? Como é que a gente vai saber que você não é um espião corporativo infiltrado para roubar nossas receitas de família? — Ela bufa. — E, sim, eu também não gosto de você por causa da história dos grãos de café.

Jogo as mãos para o ar. Não adianta tentar fazer com que ela seja racional.

— Fica tranquila. Eu prefiro engolir uma meia suja do que trabalhar com você.

Kai entra no meio de nós dois.

— Certeza mesmo, River? — pergunta. — Ontem à noite você parecia bem desesperado por um emprego.

Caceta, Kai tem razão. Eu preciso…

Preciso do quê? De uma boia salva-vidas enquanto afundo no meu próprio vazio autoinfligido? Tá, meio dramático, eu sei que minha vida não está completamente ferrada para sempre, só a meio caminho disso.

Não sei bem o que estou procurando, nem sei se já soube. Se eu vim atrás de estabilidade depois de rasgar em pedacinhos tudo o que era seguro na minha vida, não vou achar aqui. Estabilidade era a Cecelia. Era meu emprego na empresa dos meus pais. E eu larguei tudo.

— Sério, Haneul — suplica Kai. Ele se aproxima dela no balcão. — É outubro. Sarang e aquele babaca do Dario vão para a faculdade daqui a uns meses. Vamos precisar de alguém para as vagas deles.

— Não vamos, não — diz Sarang.

Haneul hesita. Kai insiste.

— A não ser que você queira esperar até o último minuto — provoca ele. — Já estou até vendo. É junho, nosso ar-condicionado continua quebrado e chega o pico anual de gente atrás de bingsu. Você está sozinha, só comigo e a Vanna para ajudar. Eu em geral sou seu melhor funcionário, mas, quando fica calor lá fora, já era para mim. E você sabe que a Vanna está ocupada demais com os outros empregos dela para compensar. — Kai se inclina para a frente, continuando a falar mesmo quando Haneul põe a mão na cara dele e tenta empurrá-lo para trás. — Você não vai conseguir administrar este lugar só com nós três. Precisa do River.

— Você é tão... — resmunga Haneul e consegue empurrar Kai para longe dela. Joga a cabeça para trás e geme para os azulejos do teto. — Tá bom. Não vale a pena discutir sobre isso o dia todo. — Ela se vira para mim, com uma cara fechadíssima. — A vaga é sua, seu pirralho irritante.

— Sério? — pergunto

— Sério? — berra Sarang.

Haneul aperta a ponte do nariz.

— Você vai aceitar?

Mordo o lábio, avaliando minhas opções.

1. Ir para casa — sem emprego, sem futuro, solteiro — e enfrentar o combo das crises de ansiedade do meu pai + decepção da Umma e não fazer nada para me distrair de meu inevitável definhamento em direção à não existência.
    a. *Não, obrigado. Tem formas de morte mais gentis do que isso, tipo engolir pilhas ou brincar com uma tomada.*

2. Voltar ao Café Gong, embora eu basicamente tenha mandado todos os meus colegas irem para aquele lugar dentro de um saco de pão.

a. *As pilhas parecem bem apetitosas em comparação a isso.*

3. Engolir o choro e trabalhar no Bingsu para Dois, o lugar que minha ex e eu tramamos para falir estrategicamente, com a gótica de cabelo verde que é a maldição da minha existência.
    a. *Caraaaalho. Eu preciso aceitar, né?*

Boto um sorriso na cara.

— Aceito.

Sarang dá um gemido.

— Isso vai ser uma bela merda.

Nem me diga. Mas, enfim, nada vai me deixar de mau humor, porque agora eu tenho um emprego.

Espera, agora eu tenho um emprego. No café concorrente.

O que eu vou falar para os meus pais?

4. SÓ MAIS UMA MENTIRA – DE BRINDE

A porta do nosso apartamento bate, apesar dos meus esforços para entrar em silêncio. Faço uma careta, implorando para que a casa esteja vazia. Obviamente, não está.

— River — chama meu pai, da sala. — Pode vir aqui?

Com sorte ele se acalmou depois de ontem, mas não dá para prever o que vai rolar nesta intervenção horrorosa.

Na sala, ele e Umma estão em um sofá, mas o outro está vazio: Jace está no treino de futebol, o que significa que não tenho um amortecedor para me salvar. Exausto, eu me sento.

Como é que vou contar para eles? *Ei, gente, desculpa por decepcionar vocês de novo e jogar pela janela suas esperanças de que eu tenha uma vida mais ou menos bem-sucedida depois da escola. Eu sei que tinha muita coisa que dependia da nova filial de vocês ir bem e eu talvez tenha arruinado isso me demitindo, mas, boa notícia, adivinha quem acaba de ser contratado por nosso concorrente!*

A boca de Umma se contorce em uma expressão recriminadora.

— Seu pai e eu estamos preocupados com você, River.

— Preocupados com seu estado mental — dispara meu pai.

Umma olha para ele de uma forma que não entendo, e ele suspira, esfregando a testa.

— A gente não vai te castigar — diz meu pai.

— Não? — pergunto, chocado.

— O que está feito, está feito. Vamos tornar isso o mais indolor possível. Tenta de novo o SAT na primavera e foca seu tempo agora no Café Gong. Eu entendo que você tem estado sob muito estresse tentando administrar a filial, mas é por isso que você tem a Cecelia para ajudar. A loja é *sua*, River. É seu futuro. Isso não significa nada para você?

Por um tempo, só consigo piscar para ele. Uma sensação familiar, pesada, surge em meu peito. Queria que não me surpreendesse — o fato de eles pensarem que a única coisa de que sou capaz é continuar o negócio da família, que não *tenho* futuro fora do que eles projetarem para mim —, mas ainda surpreende. E ainda dói.

Quero contar tudo a eles. Quero confessar esse coquetel de insegurança e síndrome do impostor que estou engolindo desde a pré-adolescência. Eu sei que Umma me ama, mas ela nem sempre me entende. E meu pai... bom, é meu pai. A gente era próximo, o tipo de proximidade em que eu *podia* ser sincero com ele, mas o estresse dos negócios mudou nossa relação e o deixou nervoso a ponto de estar sempre prestes a perder a cabeça. Tem dias em que eu me sinto mais funcionário do que filho dele. Hoje é um desses dias.

— Eu não posso voltar para o Café Gong — falo subitamente.

No segundo que as palavras saem da minha boca, lá está, aquela *expressão* no olhar dos dois. Toda a confiança some do meu corpo. Nunca deixei de ser a criancinha com medo de decepcionar os pais.

— Como é? — pergunta meu pai.

— Porque... — *Seja corajoso. Por favor, só desta vez.* — Porque eu vou...

A veia da testa do meu pai incha. Os ombros de Umma caem.

— Eu vou estar ocupado demais. Fazendo aula particular. Para refazer o SAT.

Eu me odeio.

Mas pensar em como eles iam se sentir se descobrissem que eu traí o Café Gong — traí *eles* e tudo o que arriscaram — em troca de um negócio de outra família? Odeio isso mais ainda.

Meu pai e Umma me olham ao mesmo tempo.

— Aulas particulares? — pergunta Umma. — *Você?* Depois de anos na tentativa de fazer você se matricular?

— É — minto, improvisando. — Eu saí no meio da prova porque sabia que não ia tirar uma boa nota. Não tenho ido muito bem nas aulas, como vocês sabem. Seria humilhante dar meu melhor na prova e falhar mesmo assim, então, fui embora antes que isso acontecesse. Ontem foi um alerta. Então, hum, depois da escola, eu fui até um cursinho preparatório e me matriculei nas aulas para o SAT. Cursinho *intensivo* para o SAT, para eu poder fazer a prova na primavera. Mas, sabe, o problema é que o professor disse que agora vou ter zero tempo livre depois da escola. Ou seja, não vou

conseguir trabalhar no Café Gong, nem em nenhum lugar, aliás, porque, nos próximos cinco meses, vou estar fazendo álgebra e aprendendo o que é um advérbio.

Inspiro profundamente, me sentindo zonzo. Meus pais me analisam, e quase consigo ver as pequenas engrenagens na cabeça deles ficando enguiçadas, porque *River estudando voluntariamente?* É, não é minha mentira mais convincente.

— Ah, é? — pergunta meu pai, desconfiado.

— Aham.

— Onde fica o cursinho? — diz Umma.

— Em Fremont. A Isabette que me recomendou. E ela também conseguiu um desconto para mim, então posso pagar com o dinheiro que tenho guardado. Disse que a amiga da prima dela fez aulas lá e foi aceita em Stanford.

Meu pai passa a mão pela barba.

— Não sei, não. A gente precisa de você no Café Gong.

— Não precisa, não — digo, em um tom um pouco desesperado demais. — A Cece consegue dar conta e é uma gerente melhor que eu, na verdade. Por favor, *esse* é meu futuro. Como é que eu vou entrar na Faculdade de Administração Foster que nem você se não consigo nem passar da média no SAT? Posso voltar ao trabalho depois.

Argh, vou vomitar, mas acho que minha mentira está funcionando. Eles continuam a trocar olhares desconfiados, franzindo as sobrancelhas e os lábios, enquanto eu assisto à interação silenciosa, com o suor escorrendo pelo couro cabeludo. Finalmente, os dois se endireitam um pouco.

— Tá bom — diz meu pai, virando-se para mim. — Pode fazer suas aulas. Mas, depois de fazer a prova na primavera, vai voltar direto para o Café Gong. Certo?

— Sim, senhor — murmuro.

— Como é que é?

— Eu entendi.

Eu me permito um sorrisinho. Eles acreditaram em mim. Talvez não seja para sempre, mas é uma solução temporária até eu descobrir um jeito melhor de impedir que descubram sobre o Bingsu para Dois. Só tenho que manter essa mentira até a primavera. Eu dou conta.

Umma se inclina para a frente e descansa a mão no meu joelho.

— Certeza que não quer ficar no Café Gong? Eu sei que vocês

terminaram, mas você não vai sentir falta de trabalhar com a Cecelia?

É minha deixa. Fico de pé, saindo da sala andando de costas.

— Com certeza ela vai se virar sozinha. Beleza, valeu, amo vocês, tchau.

Um problema a menos, penso enquanto me afasto, *só mais um problema irritante, verde e gótico para resolver*.

5. POR QUE FAZER UM LATTE SE POSSO FAZER DA SUA VIDA UM INFERNO?

Para alguém que insistiu não ter horas para contratar outro funcionário, Haneul não perdeu tempo em me colocar na escala. Meu primeiro turno no Bingsu para Dois é no dia seguinte — o que não é nem de longe tempo suficiente para me preparar emocional e mentalmente para trabalhar com a maldição de cabelo verde da minha existência.

— Maldição de cabelo verde da sua existência? Jura? — diz Kai, enquanto caminhamos para o café depois da aula. — Desde quando você ficou tão dramático?

— Não sei bem. Foram uns dias estranhos — retruco.

Passamos pelo Café Gong, e desvio o olhar, tentando não pensar em Cecelia, que deve estar lá dentro agora, tentando se virar sem um cogerente.

— Talvez eu só esteja estressado, mas tem algo na Sarang e naquela cara arrogante dela que desperta esse lado meu que me faz querer... — Estrangulo o ar. Kai solta uma risada abafada.

— Acho que, em circunstâncias diferentes, vocês teriam se dado bem.

— Sua fé absoluta nos seus amigos é irritante.

Descemos pelo beco, e engulo em seco a culpa repentina que sobe em minha garganta. Olho para Kai. Não acredito que, mesmo sem saber disso, tentei falir o café do meu melhor amigo e agora *trabalho* nele. Como compensação, faço um juramento de limpar cada bebida derramada que vir, passar o melhor café e aparecer pontualmente nos meus turnos. Mesmo assim, não parece suficiente.

Quando entramos, Haneul está no caixa. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela joga um pedaço de tecido preto para mim. Um avental.

— Bem no horário. Bota isso e deixa suas coisas na sala dos fundos. Kai vai te mostrar.

Haneul se vira e berra o nome de Sarang na direção da cozinha, e então, falando no diabo, o rosto redondo dela aparece entre as cortinas um momento depois.

— O quê... Aff. — Seus olhos pousam em mim, as feições se contorcendo de desgosto. — É ele.

— Você vai treiná-lo — diz Haneul.

— Nem a pau.

— Não, valeu — falo.

Haneul diz algo em coreano, com orações e substantivos demais para que alguém com a compreensão de hangul que equivale à de uma criança de ensino fundamental — ou seja, eu — entenda, mas ouço meu nome. Eu me mexo, desconfortável, lembrando um pouco demais de quando minhas tias e meus tios vêm de nos visitar de Seul e eu sou o único da mesa que não entende direito o que está rolando. Não pela primeira vez, me pergunto o que estou fazendo num lugar chamado Bingsu para Dois, com minha passabilidade branca e minha boca americana que pronuncia vogais de um jeito redondo e grave demais.

Sarang resmunga, na linguagem universal da derrota. Haneul faz um muxoxo.

— Foi o que pensei. Agora, vocês dois, podem ir lá para trás e bater a droga do ponto.

Eu e Sarang nos olhamos com raiva por alguns segundos tensos, mas cedo primeiro e sigo Kai para a cozinha. Escolhi trabalhar aqui; não posso ser demitido agora.

Abrindo as cortinas, a primeira coisa que me surpreende é o quanto a parte dos fundos do café é pequena. É quase do mesmo tamanho do salão, mas dividido igualmente entre uma cozinha minúscula e uma sala de descanso que consiste num sofá gasto, uma mesa comprida de madeira e algumas cadeiras de plástico. Tem uma porta na qual está escrito "Banheiro", um armário de suprimentos e, atrás disso, uma abertura na parede, com uma escada ascendente.

— Onde essa escada dá? — pergunto.

— Nosso apartamento. Não suba lá — resmunga Sarang.

Estou prestes a dizer para ela que não planejo fazer isso, quando a porta do banheiro se abre com um rangido e, de lá, sai uma garota de aparência

familiar. Seus olhos de pálpebras pesadas sobem até os meus. Aí, um sorriso cheio de dentes separa seus lábios.

— Puta merda, é o Grãozinho de Café — diz ela.

Ela dá um passo à frente, oferecendo a mão, que aperto trêmulo. Seus dedos estão adornados com anéis de prata, que combinam com os brincos e os piercings de septo e sobrancelha.

— Vanna Kaev. Você é meu herói.

Reconheço-a nessa hora: a amiga da Cabelo Verde, a que estava procurando uma tal de Betty.

As cortinas farfalham atrás de nós.

— O que é Grãozinho de Café?

Sarang suspira, aliviada.

— Finalmente, a única outra pessoa sã que trabalha aqui.

Dario Lopez entra, um metro e oitenta e dois de músculos definidos e "um rosto que parece de mármore, se fizessem bustos de mármore de filipinos lindos", para quem perguntasse ao Kai. O que eu não fiz, mas ele me disse uma vez mesmo assim, e desde então isso alugou um triplex na minha cabeça como uma maldição.

Dario para ao me ver.

— River? O que você está fazendo aqui?

— Eu trabalho aqui agora.

— Sério? Ah, legal, vai ser bacana ter você por perto. — Ele me dá um sorriso desconfortável, mas sincero. — Eu vi que você foi embora no meio da prova ontem. Está tudo bem?

Estamos no mesmo ano, e ele e Kai namoraram por tanto tempo que nos tornamos amigos por tabela, mas não nos falamos desde o término dos dois. Fora Kai, não temos mais muita coisa em comum: ele curte mais esporte e fotografia do que conversa fiada, mas, mesmo assim, é um cara legal. Kai era a única pessoa capaz de suscitar um lado mais animado nele. Na hora, percebo que vou ter que trabalhar com os dois, no mesmo lugar. Não vai ser bonito.

— Estou bem. Brigado — digo.

— Você também conhece o Grãozinho de Café? — pergunta Vanna.

— Será que dá para me chamar de River?

— Eu vou me referir a você só como "idiota" — diz Sarang, com os braços cruzados.

Fecho os olhos e lembro a mim mesmo que sou uma boa pessoa, e que

pessoas boas não pensam em brigar com seus novos colegas de trabalho no primeiro dia. Depois de uma semana? Talvez. Mais importante ainda, não posso continuar deixando que ela me irrite assim, senão vou ter que encarar a realidade de que talvez eu seja mais parecido com meu pai do que gostaria de admitir.

— Olha, eu sei que você não está feliz por eu ter trabalhado no Café Gong, mas juro que não sou um espião corporativo ou algo do tipo, tá? Nós vamos ter que trabalhar juntos, então vamos tentar nos dar bem — falo gentilmente.

Ela transmite de maneira impressionante o quanto quer me matar apenas com o olhar. Em seguida, se vira e volta para o café. Puxa, é mais sensata do que eu me lembrava, considerando que na última vez ela jogou café em mim. Talvez ela também esteja dando uma chance àquela coisa de "uma semana de teste antes de brigar com você".

Kai me ajuda a bater o ponto e, quando termino, vou encontrar Sarang na estação de bebidas no salão. É uma instalação modesta, com um moedor, um batedor de borra, uma máquina de café espresso, uma balança e um compactador. Empilhados contra a parede de azulejos xadrez cor de menta, há uma variedade de caldas e xaropes.

— Então — diz Sarang, encostada no balcão e fazendo cara de quem tomou um shot de café espresso queimado. — Tenho que te ensinar a fazer latte.

— Eu sei fazer latte. Você *viu* onde eu trabalhava.

Ela bufa.

— Exato. Você trabalhava naquela rede corporativa. Do tipo que usa uma daquelas máquinas com moedor, compactador e que faz tudo de uma vez. — Ela balança a cabeça. — Você não entende nada de café.

Eu sei que é uma coisa boba com a qual ficar irritado, mas me irrita *muito*. Faço café coado e uso uma prensa francesa desde que tenho altura suficiente para ficar em pé na mesa da cozinha. Além de criar conteúdo e administrar contas de fandom, café é a única coisa sobre a qual posso dizer com confiança que sou bom em fazer. E, claro, o Café Gong não tem mais os equipamentos mais autênticos, e muitos de nossos xaropes são uma porcaria, em vez de caseiros como eram antes, mas, em certo momento, éramos do tamanho do Bingsu para Dois, e eu podia dedicar meu tempo a preparar cada xícara de café como merecia.

Eu me obrigo a sair do transe. Aquele lugar não existe mais.

— Tem razão, Sarang, eu não faço *a menor ideia*. — Aponto para a máquina de café. — Por favor. Me agracie com sua sabedoria.

Sarang coloca seu cabelo verde curto atrás das orelhas com piercing e puxa o porta-filtro do grupo da máquina de café espresso, esvaziando o disco de borra de café no batedor ao lado.

— Presta atenção, porque odeio fazer as coisas duas vezes.

Eu me recosto no balcão ao lado dela e coloco o queixo nas mãos, com uma expressão perfeitamente agradável.

— Ah, não se preocupa, você tem toda a minha atenção.

Ela olha para mim com raiva.

— Isto é um porta-filtro. É onde vai o café moído. — Sarang liga a máquina, que enche a colher de metal com café espresso finamente moído. Depois, pega o compactador de metal ao lado, que parece um daqueles carimbos usados para selos de cera. — Pressiona os grãos o suficiente para nivelar e gira.

Kai se aproxima de nós, com Vanna logo atrás.

— Sarang, o River sabe como compactar grãos, ele era gerente do…

Levanto o dedo.

— Aparentemente, eu não sei. Vamos torcer para que eu aprenda alguma coisa.

— Duvido muito, espertinho — reclama Sarang. — Depois de fazer isso, você coloca o porta-filtro de volta no grupo: esta parte aqui… Você está olhando? Ótimo.

Ela se inclina sobre o balcão, pega um pacote de leite no frigobar e despeja um pouco em uma leiteira de metal. Em seguida, mexe em alguns botões da máquina e o aroma de caramelo e nozes do café espresso perfuma o ar enquanto o líquido escorre para a xícara.

— Despeja o leite e bate ele enquanto o café está sendo servido. — Ela coloca o dedo de unhas pretas no meu peito, batendo duas vezes. Minha respiração para com o contato repentino. — *Presta atenção* nesta parte, porque é a mais difícil.

— Eu não conseguiria desviar o olhar nem se quisesse — digo lentamente.

Um movimento de alavanca envolve a varinha de metal na lateral da máquina em vapor. Sarang a limpa antes de inserir a varinha para espumar no jarro de leite. Virar o botão na lateral faz a varinha girar e o leite soa como papel sendo rasgado quando é aerado. Assim que termina,

ela limpa a varinha e bate o fundo do jarro na bancada, removendo quaisquer bolhas de ar. Ela gira o leite suavemente ao redor da xícara para arrumá-lo, exibindo a microespuma suave.

É claro que ela espuma leite perfeitamente.

Kai faz *uuuh* atrás de mim, e eu piso nos pés dele.

Sarang inclina a xícara com o espresso e derrama o leite num arco alto e largo de creme. À medida que se aproxima da xícara, ela agita a boca do jarro com movimentos suaves de um lado para o outro, criando um coração de espuma impecável.

Ela sorri para mim, com covinhas nas bochechas. Olho para elas com raiva.

— Vai lá, faz um, e tenta não estragar tudo, tá?

Passo por ela, esvaziando o disco de café espresso no batedor de borra. Pego outro jarro limpo e começo a colocar o leite, quando Sarang solta um suspiro alto. Eu paro.

— Que foi? — pergunto.

— Não é para colocar o leite antes de moer o espresso.

— *Eu* coloco o leite primeiro.

— Tá bom. Mas eu não pedi para você fazer um latte do jeito errado, pedi?

— Não, não pediu, mas me mostrou como fazer.

— O jeito mais eficiente é...

— Eficiente? E isto por acaso não é eficiente?

— Leva *mais tempo*. Mesmo um segundo perdido pode fazer com que o café oxide, a espuma caia, ou pode atrasar um cliente...

Coloco o leite na mesa e zombo, incrédulo, virando-me totalmente para ela.

— Clientes? Cadê?

— Talvez *tivéssemos* mais se você fizesse café mais rápido!

— É meu primeiro dia!

Kai brinca com os polegares.

— Não é para colocar o leite primeiro?

Dario escolhe esse momento para sair da cozinha e se juntar a nós.

— Não. Você não lembra quando eu te treinei? — diz.

— Não quero ouvir de você, senhor "a máquina de espresso não precisa ser higienizada duas vezes ao dia" — acusa Kai.

Do seu lugar sentada no balcão, Vanna diz:

— Vocês higienizam a máquina?

Termino de servir o leite, balançando a cabeça.

— Ninguém vai morrer se eu colocar o leite primeiro.

Sarang guincha, indignada, com um som entre um engasgo e um grito que me faz acreditar que *ela* talvez morra.

Os outros me observam, praticamente respirando no meu pescoço enquanto eu compacto o café e espumo o leite. Afastando as lembranças de fazer isso lado a lado com Isabette durante a hora do rush e de flertar com Cece depois de os clientes irem embora, crio um padrão modesto, mas perfeito, de roseta no latte.

— É a coisa mais sexy que já vi — afirma Vanna em seu tom impassível.

— Você é muito bom — diz Dario.

Sorrindo, cruzo o olhar com Sarang e tento muito não fazer cara de "eu te avisei". Eu *vou* ser mais maduro.

Sarang aperta os lábios.

— É uma boa primeira tentativa, tenho que admitir.

— Só boa? Qual é.

— Que que foi? Não vou mentir e dizer que está perfeita. Olha isso. — Ela segura a parte de baixo da xícara sobre a minha mão e aponta para a superfície brilhante da bebida. — A microespuma não está suave o suficiente. Você tira os shots cedo demais, e não ficam tão frescos como deveriam. E a arte do latte está boa, mas você não encheu totalmente a xícara. Sobrou um centímetro de espaço...

— Um *centímetro*? — eu digo. — Você está pegando no meu pé por causa de um centímetro?

— São os detalhes que importam.

— Então pega uma régua e mede.

— Você é tão... — Sarang geme e puxa o cabelo curto, olhando para o teto em busca de paciência. — Hoje estou me sentindo generosa, então vou te mostrar mais uma vez.

Vanna tira a xícara da minha mão e toma um longo gole. Dario murmura algo sobre se ocupar.

Franzo os lábios.

— Não preciso ser tratado com condescendência que nem...

— Só observa. Sou eu quem estou treinando você.

Fecho os olhos e conto até três mentalmente. Ninguém nunca me irritou tanto antes, nem mesmo Jorge e Rosalind.

— Tudo bem.

Ela começa a preparar sua estação.

— Grava um vídeo, assim você pode rever quando se perder e eu não preciso ficar te ensinando de novo.

— Sim, senhora — resmungo, tirando meu celular do bolso.

Vou apagar isso assim que sair do trabalho.

INT. "BINGSU PARA DOIS"/BAR — DIA

SARANG CHO está esvaziando o porta-filtro com violência, dando a impressão de que prefere quebrá-lo na cabeça de RIVER em vez de no batedor de borra. A câmera treme enquanto River filma descuidadamente.

SARANG
Você está gravando?

RIVER (OFF)
Sim, eu estou gravando.

Sarang faz uma careta e parece irritada enquanto se vira para o moedor de café.

SARANG
Mais uma vez, o primeiro passo para fazer um latte é encher o porta-filtro com grãos moídos...

RIVER (OFF)
Tecnicamente, a primeira coisa que você fez foi esvaziar o porta-filtro.

Sarang se vira para a câmera com uma expressão vazia, em silêncio.

RIVER (OFF)
Uhhhh.

SARANG
(voltando para o moedor e pegando o compactador)
Enfim, eu vou encher, compactar…

RIVER (OFF)
Se você está tentando me ensinar como fazer isso, não está sendo muito cuidadosa. O que é compactar? Explica melhor.

SARANG
(monocórdica)
Você está me dizendo que não sabe compactar?

RIVER (OFF)
Eu disse que sei fazer latte, mas aparentemente o que eu sei não importa.

SARANG

Porque você fez errado.

RIVER (OFF)
Só porque eu faço diferente de você, não significa que faço errado.

SARANG
Sim, significa.

RIVER (OFF)
Quem disse?

SARANG
Eu, a pessoa que está te ensinando! Agora cala a boca e aprende.
River faz barulhos de descontentamento atrás da câmera, mas cede.

SARANG
(mais alto e com raiva)
Depois de compactar, você coloca isso na cabeça de grupo e tira os shots…

RIVER (OFF)
Da última vez que me mostrou, você colocou o leite primeiro antes de tirar os shots.
Sarang balança o braço e acidentalmente derruba uma lata de colheres de metal da bancada, que faz barulho ao cair no chão. A câmera faz uma breve panorâmica da bagunça antes de voltar para enquadrar o rosto de Sarang, vermelho como um tomate.

SARANG
Então você estava prestando atenção da última vez e fez o contrário só para me irritar.

RIVER (OFF)
A ordem claramente não importa tanto quanto você disse que importava, se você nem segue.
Um barulho terrível de BUM e SPLASH vem do outro lado do café, interrompendo-os. A câmera se move bruscamente em direção ao salão. DARIO está sentado no chão em uma poça de água com sabão, com um balde de esfregão chutado ao lado.

DARIO
Kai, que cacete?

KAI
(ofendido, mas claramente culpado)
Eu? Eu não te empurrei.

DARIO
Você empurrou o balde.

KAI
Como eu ia saber que você ia cair com ele?

DARIO
Você é um merdinha.

KAI
Ah, para. Você sabe que eu adoro quando você fala desse jeito carinhoso comigo.
Dario solta um suspiro, visivelmente arrependido de todas as escolhas de vida que o levaram a ficar encharcado em uma poça de água com sabão. Ele levanta a mão.

DARIO
Só me ajuda a levantar.
KAI revira os olhos, mas agarra a mão de Dario, que o puxa, e Kai escorrega, caindo ao lado dele.

DARIO
(sorrindo)
Caiu tipo um cervo recém-nascido.
Kai se levanta, apoiado nas mãos e nos joelhos, e se lança em direção a Dario, mas Dario pega o esfregão que está por perto e usa o cabo para afastá-lo.

SARANG (OFF)
Meu Deus, parem com isso, vocês dois! Ei, River!
(a cabeça dela aparece e desaparece do quadro enquanto ela tenta pular na frente da câmera)
Presta atenção. Ah, caramba, os shots ficaram expostos por tempo demais e oxidaram. Muito obrigada, viu?
A câmera volta para Sarang, que olha triste para o espresso queimado.

RIVER (OFF)
(zombando)
Talvez se você tivesse colocado o leite no começo e deixado pronto…
CRACK!
A câmera volta para Dario e Kai, cada um com metade do cabo do esfregão quebrado nas mãos de forma incriminadora. Eles olham para Sarang com expressões idênticas de "Ah, merda". Sarang corre em direção a eles, gritando incoerentemente, enquanto Kai e Dario discutem sobre de quem foi a culpa.
River move a câmera lentamente, hesitante, em direção a VANNA, que estivera confortavelmente sentada no balcão o tempo todo. Ela dá um gole em seu latte de forma irritante.

VANNA
Bem-vindo ao Bingsu para Dois, River.
River suspira. A câmera desce para seus sapatos enquanto ele vira o celular para baixo.

RIVER (OFF)
(murmurando para si mesmo)
Eu odeio este trabalho.

Encerro o vídeo aí. As vozes de Sarang, Dario e Kai formam uma cacofonia que não parece que vai chegar a uma conclusão tão cedo, então me recosto no balcão e abro minha conta de fandom no Instagram. Faço upload do vídeo e digito uma legenda: #OdeioMeuTrabalho.

As opções de compartilhamento são *Post*, *Story* ou *Reel*. Deslizo para adicionar a minha lista de melhores amigos no story, para que só Isabette, Kai e alguns outros criadores de fandom de quem sou próximo online possam assistir. É tão horrível que chega a ser engraçado; Isabette, em particular, ia adorar. Clico em postar, coloco meu celular de volta no bolso e espero o caos diminuir.

6. O SUPLÍCIO HUMILHANTE DE SER CONHECIDO (E SEUS COLEGAS DE TRABALHO DESCOBRIREM SUA CONTA DE FANDOM SECRETA)

Um zumbido contínuo sob meu rosto me acorda na manhã seguinte. Por um segundo, entro em pânico, achando que estou atrasado para a escola, mas então me lembro de que é fim de semana. Resmungando, protejo os olhos do sol que entra pelas persianas semifechadas e procuro meu celular.

— Que foi? — murmuro.

— Cara! Finalmente você atendeu. — A voz de Kai ressoa em meus alto-falantes, me despertando na hora.

Checo o horário no meu despertador: nem oito da manhã.

— Por que você está me ligando tão cedo num sábado?

— Você ficou sabendo?

— Sabendo do quê?

— Que... Só... Tudo! Ah, meu deus. — Uma orquestra de conversa soa no fundo, como se ele estivesse em algum lugar lotado. — Merda, preciso ir. Olha o grupo, mano.

— Que grupo? — pergunto, mas Kai desliga.

Dormi com o telefone no Não Perturbe. Cauteloso, ligo as notificações para ver de quais mensagens ele está falando.

Minha tela implode.

Novas notificações sobem mais rápido que um raio, uma enxurrada de *Novo seguidor! Novo like! Novo comentário!* entram tão rápido que mal consigo ler. Que *cacete*?

Eu me sento todo atrapalhado, tentando desbloquear meu telefone com o influxo de notificações enchendo a tela. O primeiro app que abro é o

Instagram.

Ontem à noite, minha conta de fandom — um segredo que vou levar para o *túmulo* — tinha cerca de vinte e cinco mil seguidores.

Hoje, tem noventa e três mil.

Passo muito tempo olhando sem piscar para o 93 mil no meu perfil: ApologistaDeAtlasSaito.

Meu pai amado.

Noventa e três mil pessoas agora seguem minha conta. Noventa e três mil pessoas viram cada edição, *fan art* e pensamento absurdo que postei aqui. Noventa e três mil pessoas sabem que sou um apologista do vilão no que é conhecido, na comunidade literária, como uma das séries mais *cringe* de todos os tempos.

Puta merda. Quantas dessas pessoas eu conheço da escola?

A vergonha se acumula na minha garganta como uma chaleira prestes a entrar em ebulição.

— Não, não, não, está tudo bem, sem problema — digo a mim mesmo, segurando a cabeça nas mãos.

Ninguém sabe que sou dono desta conta, sempre a mantive anônima. Não tenho nenhuma foto minha e nunca mencionei meu nome. Nem mostro meu rosto quando faço lives. Só Kai e Isabette sabem que sou eu — nem a Cece sabe.

Estou prestes a sair do app para mandar para Isabette uma mensagem caótica de um monte de letras aleatórias quando meus olhos vagam pelo meu perfil, onde *não tem* um anel verde em torno da foto indicando que foi postado um story. Meus polegares se paralisam num horror tenso, pairando sobre a tela.

Olhando mais para baixo da página, tem um novo post. Um novo reel. O temor cai em cima de mim como um cobertor pesado.

Cheio de suspeita, clico nele.

"Você está gravando?" "Sim, eu estou gravando" ecoa dos alto-falantes.

Eu vou morrer.

O vídeo que fiz ontem no café passa na minha tela. Eu postei sem querer. *Inteiro*. E no feed, para todos os meus seguidores verem, não só a meia dúzia de pessoas da lista de Melhores Amigos.

Tem quase um milhão de visualizações. Como?!

Desligo meu celular e o jogo na pilha de roupa suja no chão, olhando distraído para a parede à minha frente. Meu cérebro gira como um

liquidificador velho, tentando compreender um número tão grande quanto 798.743 e subindo. Números grandes assim não são reais. Por que é que o algoritmo distribuiu isso?

Um segundo estalo, pior, me atinge. Sarang falou meu nome no vídeo. Eles *sabem* quem eu sou.

Fico de pé num salto e agarro o telefone, tremendo ao deletar o vídeo do meu feed, mas é tarde demais. Uma rápida rolagem pelas notificações me mostra que foi repostado centenas de vezes por contas diferentes e — isso aqui é um print do Twitter? *Por quê?* Abro o Twitter em pânico. Meu usuário lá é o mesmo e, apesar de ter menos seguidores que no Instagram, a contagem também inflou da noite para o dia.

Meus olhos param na barra *Assuntos do Momento* na página Explorar.

O assunto número 14 nos Estados Unidos é Bingsu para Dois.

Fico tão chocado que quase perco uma hashtag algumas posições acima: #odeiomeutrabalho. Clico nela e vejo centenas de tuítes e vídeos de gente no trabalho. Alguns são engraçados, alguns são sarcásticos e alguns são fofos, mostrando selfies de pessoas com seus colegas. Meu vídeo está espalhado em tudo. No topo do feed tem um resumo curto da hashtag.

> Um tutorial de latte que deu errado num café de Seattle gerou uma trend de funcionários contando suas próprias histórias de horror assalariado.

Dou um grunhido. Isso explica por que meu vídeo idiota está bombando em vez de ser só mais um reel viral. Minha infelicidade é interrompida por um toque diferente e mais forte do meu celular: uma mensagem. Abro o aplicativo de mensagens e vejo um novo grupo com mais de cinquenta notificações que não existiam na noite anterior.

PARA DE MUDAR O NOME DO GRUPO, KAI

Número desconhecido 1:

eita, a loja tá lotada hoje

Número desconhecido 2:

kkk

Número desconhecido 1:

não tô zoando. Eu vim abrir às seis e tinha gente

esperando lá fora

Kai:

que mentira

Número desconhecido 1:

não é mentira, babaca

Número desconhecido 4:

ainda tá cheio, Dario?

Número desconhecido 1:

sim. Dá pra alguém vir me ajudar?

Número desconhecido 1:

tem literalmente uma fila na porta

Número desconhecido 4:

juro, se vc estiver mentindo, seu fdp

Número desconhecido 1:

NÃO TÔ

Kai:

não confio. Vou aí ver

Número desconhecido 1:

não, você não

Número desconhecido 4:

Sarang vai lá olhar

Número desconhecido 3:

pq eu? Você tb tá aqui em cima

Número desconhecido 4:

pq eu sou a gerente e sua irmã mais velha. Vai

Número desconhecido 3:

aff, vou olhar pela janela

Número desconhecido 3:

POR QUE TEM UMA FILA NA PORTA?

Número desconhecido 1:

EU DISSE QUE TINHA

Kai

ninguém acredita em vc

Número desconhecido 1:

VC VAI VIR AJUDAR OU NÃO KAI

Kai:

pede por favorzinho

Número desconhecido 1:

não

Número desconhecido 1:

por favorzinho

Kai:

tô indo~

Número desconhecido 4:

caceta, tá, eu vou descer pra ajudar tb

Número desconhecido 4:

pq a gente tem clientes?

Número desconhecido 4:

é perturbador. Não gosto disso

Kai:

eu perguntei pra uma pessoa que disse que achou o lugar no TikTok???

Número desconhecido 2:

a música da Ke$ha?

Kai:

Vanna, mds, como que você tem dezoito anos

Número desconhecido 2:

meu corpo até tem dezoito, mas minha alma é de uma mãe gostosona de trinta e poucos anos

Número desconhecido 4:

sai do celular. ainda tá lotado. Vanna pode vir ou está num dos seus outros empregos?

Número desconhecido 2:

não tô, mas não

Número desconhecido 4:

vem senão eu nunca mais vou te dar um turno quando a Betty estiver aqui

Número desconhecido 2:

chego em quinze

Kai:

ninguém vai questionar por que do nada a gente bombou no TikTok?

Número desconhecido 1:

ninguém usa TikTok, só vc

Meu telefone toca de novo, *Número desconhecido* aparecendo na tela.

— Alô? — digo.

— Ei. — É a Haneul. — Eu sei que é seu dia de folga, mas você pode vir?

— Está *tão* lotado assim?

— Sim. É terrível. Vem logo, por favor.

Haneul desliga. Pisco. Meu quarto se entorta para o lado. Talvez eu esteja sonhando.

Mas me levanto, tomo banho, me visto e vou para o café. *Todo mundo* olha quando saio na rua. Bem, não olha, não. É só minha ansiedade falando. Em Seattle, ninguém nem faz contato visual. Está tudo bem. O vídeo não viralizou *tanto assim*. Bom... viralizou, sim. Ah, meu deus, viralizou, sim. O que eu vou fazer? *Para com isso. Está tudo bem. Fica de boa.*

Chego ao beco do Bingsu para Dois e paro de repente. A fila está chegando à calçada. Acima do barulho da multidão, escuto a voz de Haneul:

— Pode ir para casa, galera. Acabou o estoque.

— Acabou? — grita um cara. — São dez da manhã!

— Fizemos mais de trezentas vendas em três horas. Vocês esgotaram o estoque do restante da semana! — Haneul berra de volta.

Olho por cima do mar de cabeças e vejo Sarang saindo às pressas para o beco, empurrando Haneul de volta para dentro. Ela se vira para a multidão com um sorriso que é fofinho demais para a garota que eu conheço.

— Muito obrigada por terem vindo apoiar a gente. O Bingsu para Dois vai reabrir na segunda, então, por favor, voltem nesse dia.

Isso faz as pessoas da fila darem para trás, resmungando em decepção enquanto vão embora. Eu me encolho para passar no meio e bato na porta

bem quando Sarang a fecha. Ela abre os lábios, surpresa.

— O que você está fazendo aqui? Você não trabalha hoje — diz ela através do vidro.

Haneul estica a mão por cima dela e empurra a porta para abrir e, depois de eu entrar, tranca e vira a placa para "Fechado".

— Eu pedi para ele vir.

— É sério que acabou o estoque? — pergunto.

Dario está derrubado em uma das mesas.

— É.

— O que é que acabou?

— Tudo.

— Tudo?

— *Tudo* — murmura Dario, apoiado no balcão. — Tudo o que você pode imaginar. Espresso, café filtrado, leite, chá, caldas, xaropes... vendemos até todos os doces que a Sarang fez ontem à noite.

Vanna geme de um jeito patético atrás do balcão, ao lado de Kai.

— Eu não trabalho tanto desde... Na real, eu nunca trabalhei tanto.

— Você literalmente tem mais dois empregos — argumenta Kai.

— Não entendo como isso aconteceu, mas de cavalo dado não se olha os dentes — diz Sarang.

Ela está com um respingo de chantilly no avental, e sua franja verde está grudada na testa suada, mas nunca a vi tão feliz. A felicidade fica bem nela, admito a contragosto.

Kai se apoia nos cotovelos.

— Eu te disse, alguém falou que achou a gente no TikTok. E outra pessoa mencionou que viu num vídeo do Instagram.

— Não faz sentido nenhum, a gente não tem rede social do café — diz Vanna.

— Bom, *alguém* postou um vídeo.

— Quem?

Minhas orelhas queimam, mas fico bem quieto e imóvel. Assim, talvez eles se esqueçam de mim e eu consiga me camuflar à poça de leite derramado no chão.

Kai e Dario puxam os celulares. Estou a ponto de surtar. O que eu faço? Não quero que eles descubram sobre...

— Achei — declara Dario.

— Sabe — solto —, com certeza não é importante. Não precisamos...

"Você está gravando?" "Sim, eu estou gravando."

Dario toca o vídeo em seu celular, no volume máximo. Os outros se reúnem ao redor e assistem. Considero rastejar para dentro do frigobar e congelar lentamente até a morte, mas acho que eu não ia caber.

— Ah, meu deus, olha a cara da Sarang! Ela parece uma bebê irritada! — exclama Kai.

Vanna gargalha, deleitada, e Sarang berra como uma daquelas galinhas de borrachas que soltam guinchos quando são apertadas.

Abaixo a cabeça e protejo os olhos enquanto eles terminam o vídeo. Meu murmúrio de que odeio este trabalho é a última coisa que soa antes de o silêncio preencher o café. Arriscando espiar por entre os dedos, vejo que estão todos me encarando.

— Desculpa?

— Não precisa pedir desculpa, é engraçado — diz Haneul.

— Engraçado? O que tem de engraçado nisso? — Sarang agarra o celular de Dario e sacode como se ajudasse a comprovar seu argumento. — Isto é... é humilhante! É uma mancha na nossa imagem pública. Na da loja e na de todos nós.

Um fiapo gelado de culpa desliza em meu estômago. Eu estava tão preocupado em como o vídeo me fazia parecer que me esqueci de pensar em como os outros podiam se sentir sendo expostos online e vistos por um milhão de estranhos sem seu consentimento.

Tento controlar os danos.

— Publicidade ruim ainda é publicidade, né?

— Você só está dizendo isso para salvar sua pele.

— Ei — interrompe Kai, colocando a mão no braço de Sarang. — Não é publicidade ruim. Quer dizer, você e River discutindo é meio vergonhoso *e* hilário, mas olha aqui.

Ele mexe no celular. Curioso, eu me aproximo para ver. Ele está na sessão de comentários de um repost no Instagram que teve algumas centenas de milhares de visualizações.

Provavelmentesalame: esse lugar parece um caos. Eu iria

MarkÉRuimComNicks: kkkk eu amei a vibe deles

Centáurea.madura: os dois caras discutindo no fundo são tão fofos HAHA

ApoieAutoresIndiesLocais429: curti a camisa do mais baixo. Alguém tem o link?

Sophie_338: mds eu shippo a mina verde e o cara da câmera, a tensão sexual é mto real

Nuggetpreocupado: JURO, ela tá mto a fim

Camilla.R22: alguém falou em fanfic enemies to lovers num café?? <3

Olho de relance para Sarang, que está quieta. Suas bochechas estão começando a corar, e ela está mordendo o lábio inferior como se estivesse com vergonha. Não, "nervosa" é uma palavra melhor, acho. Essa visão me faz piscar algumas vezes. Aí, tentando soar reconfortante, mas ao mesmo tempo sem ser babaca, digo:

— Viu? O vídeo não deixa você nem um pouco mal.

— Isso não compensa o fato de que você postou um vídeo nosso sem permissão.

Abro a boca, com um milhão de explicações na ponta da língua, mas, antes de conseguir dizer qualquer uma delas, uma memória da voz sedosa de Cece me repreende como se ela estivesse cochichando no meu ouvido.

Tudo que você faz é dar desculpas.

A vergonha dentro de mim transborda. Não só porque estou evitando as mensagens dela já há três dias, mas porque ela tem razão.

— Desculpa. Mesmo. Eu não devia ter compartilhado com ninguém — é só o que eu digo, porque é verdade.

Acho que ela fica surpresa com meu pedido de desculpas, o que... bom, é justo, já que não fomos exatamente cordiais um com o outro. Ela abre a boca, mas a fecha de repente e cruza os braços, desviando o olhar.

— Tanto faz. Pelo menos trouxe clientes.

Dario bate na tela do celular. Ele junta as sobrancelhas grossas.

— O que é um Apologista de Atlas Saito?

Caraaaaaalho.

— Ahn... — começa Kai e olha para mim, o que chama a atenção de todos. Queria que as tábuas do piso finalmente cedessem e me jogassem no centro da Terra.

— Sou... eu?

Vanna ergue uma sobrancelha.

— Você está perguntando?

— Não. É minha, hum, conta.

— Conta do quê? — questiona Sarang.

Talvez hoje seja um concorrente para O Pior Dia da Minha Vida.

— Minha... — Abaixo a voz e murmuro o restante: — Conta de fandom.

Sarang bufa com tanta potência que voa cuspe na minha cara.

— Conta de fandom? Deixa eu ver.

Dou um grunhido enquanto eles olham. Por que eu não tirei do ar? Podia ter feito isso. Só que meu coração não teria suportado.

Vanna segura a risada.

— Isto é...

— Ridículo — termina Sarang.

— Ah, deixa ele. O River podia ter hobbies mais bizarros. Tipo fazer escultura em árvores. Ou luta de insetos — diz Kai em minha defesa, e me dá um joinha.

Tenho que virar este jogo antes que — *meu deus do céu, eles ainda estão olhando*.

Pensa. Qual é o melhor jeito de se livrar de uma situação humilhante?

A. Fingir que não foi você.
B. Fingir que você fez *de propósito*.
C. Se enrolar em posição fetal e torcer para ficar tão ridículo que vão ter pena e te deixar em paz.
D. Não tem nada capaz de te livrar disso. Aceite seu destino e a vergonha que causou a si mesmo e aos seus descendentes por mil anos.

Todas essas opções são uma bosta. Vou usar a única coisa que aprendi no SAT: na dúvida, chuta a B.

— Olha, gente — começo, torcendo para meu sorriso ser mais encantador do que sofrido. — Desculpa por postar o vídeo sem permissão. Eu devia ter percebido que ia deixar alguns de vocês desconfortáveis. *Eu* ficaria desconfortável se fizessem isso comigo. Mas achei que seria um jeito inofensivo de chamar alguma atenção para o café.

Haneul ergue as sobrancelhas, que desaparecem embaixo da franja.

— Você planejou isso?

Não.

— Sim.

O rosto de Kai se ilumina, divertindo-se, os olhos se estreitando em deleite, algo que reconheço como sua expressão de Nem Fodendo. Mas, como mencionei, Kai sempre entra na onda, especialmente se acha que a coisa vai acabar sendo um desastre.

— Viu? — diz ele a Haneul. — Eu te disse que era uma boa ideia contratar ele. — Kai se vira para mim. — Agora é como se a gente tivesse

um fandom para o café, né, River?

A palavra infla uma bolha de animação em mim.

— Tem razão, *é* como se estivéssemos criando um fandom. As pessoas estão reagindo a nós como fãs. — Um sorriso se abre em meu rosto. — Quer saber? Devíamos continuar, aproveitar o impulso enquanto as pessoas ainda estão falando do Bingsu para Dois. As agências de marketing *sonham* com um engajamento orgânico desses.

— O que quer dizer? Que devíamos fazer mais vídeos? — pergunta Vanna.

Faço que sim.

— YouTube, Twitter, TikTok, Instagram. Tudo. Tirar este café da Idade da Pedra. Pode ser ótimo para os negócios. Viu o que um vídeo fez por nós? E, se as pessoas estão interessadas em nós como criadores de conteúdo, elas vão adorar. Olha a base de fãs de alguns desses influencers enormes.

— Não — diz Sarang, ofendida. — Você quer filmar a gente como se o café fosse um zoológico?

— É, não sei o que eu acho disso. — Dario esfrega o pescoço, tímido. — É muita atenção. Além do mais, só porque esse vídeo começou a viralizar não quer dizer que vai acontecer com o restante. Não tem garantia de que as pessoas vão ligar para mais nada que a gente postar.

— A gente vai fazer elas ligarem — retruco. — Eu já tenho uma conta de fandom. Não é muito diferente.

Kai, sempre cúmplice de bobagens, diz:

— Estou dentro. É uma ótima ideia. Você tem o cérebro de RP e a plataforma social para fazer funcionar. Sarang, você mesma disse: a gente faturou mais hoje do que no último mês, e é tudo graças ao River.

— Não. De jeito nenhum. — Sarang fica de pé e balança a cabeça, o cabelo curto verde indo para a frente e para trás. — Isso é se vender barato. É... é *esquisito*. Não precisamos da internet nem dos posts idiotas do River para salvar o café. Nós mesmos podemos...

Haneul dá um peteleco na lateral da cabeça dela.

— É esse o seu problema — ralha Haneul. — Você acha que seu jeito é sempre o certo. Como a gente vai salvar o café, hein, Sarang? Que ideias você tem que ainda não deram errado? Mais panfletos grudados pela cidade. Outra liquidação? O negócio do Appa vai para o fundo do poço se a gente não tentar algo novo.

O olhar ardente de Haneul se dissolve, e ela cai numa cadeira.

— Se bem que, se o café fechar, não vai ser problema seu, já que você vai estar lá na Johns Hopkins ano que vem, com sua bolsa integral, se afastando do desastre flamejante que é este negócio familiar.

Meu peito se abre num buraco. Arrisco um olhar para Sarang e imediatamente me arrependo. Por um segundo, acho que ela vai chorar, e esse pensamento é muito desconcertante, porque o que fazer quando uma pessoa como Sarang chora?

Só que ela não faz isso.

Kai pigarreia dolorosamente alto em meio à melancolia do drama familiar que paira no salão.

— Ei, só porque eu não sou da família Cho não quer dizer que não ligo para este lugar como se fosse dos meus próprios pais.

— Eu também — concorda Dario, olhando para Kai e então desviando o olhar. — Estou aqui há tanto tempo que é como se fosse parte da família. — Ele se endireita e olha para mim. — Mudei de ideia. Eu estou nessa com o River, se for salvar o café.

— Idem. Faço o que for para ajudar. — Vanna sorri, e é mais autêntico do que qualquer um dos seus outros sorrisos afiados e dissimulados que vi antes. — Eu devo isso ao sr. Cho.

Um nó do tamanho de um espresso se aloja na minha garganta. Eu não tinha percebido como este lugar era importante para eles, assim como o Café Gong era para mim. É *disso* que eu sinto falta, da *família* no negócio familiar. Eles semearam seu coração nas rachaduras do teto e nos arranhões dos balcões, e agora estão contando comigo para salvar este lugar — que eu quase sacrifiquei em troca do meu próprio — porque acham que eu sou um marqueteiro esperto, não só alguém cronicamente online.

Eu bem que queria poder me unir a eles e dizer que também amo o café. Mas não amo — não como eles, não ainda. Mas, depois de ouvi-los, quero amar. Se ter um blog de fandom for ajudar a manter o Bingsu para Dois vivo, vou ter orgulho disso pela primeira vez na vida.

Virando-me para Sarang, digo:

— Se você não quer se preocupar com este lugar se desfazendo quando você for para a faculdade, vamos trabalhar para isso não acontecer. Eu prometo: pode confiar em mim nessa. Eu sei o que estou fazendo.

Ela passa muito tempo mordendo o lábio inferior, os dentes

desgastando o batom preto, antes de seus olhos subirem e encontrarem os meus.

— Tá. Tomara que você seja melhor social media do que barista.

7. NÃO DIGA NA INTERNET QUE VOCÊ COME SUCRILHOS DE ESCROTA, FALA SÉRIO

No domingo à noite, já criei contas de Instagram, Twitter, TikTok e YouTube para o Bingsu para Dois. No dia seguinte, depois da escola, Kai e eu vamos para o café, nos preparando para mais um turno movimentado, mas, para minha surpresa e alívio, só tem três clientes se demorando no saguão e um no caixa.

— Pelo jeito, acabaram nossos quinze minutos de fama — comento.

Faz sentido. Depois de eu superar a vergonha de ter tantos novos seguidores, voltei às minhas postagens de fã regulares e uma boa parte me deu unfollow quando percebeu que o conteúdo sobre o café era ocorrência única. Mas não por muito tempo.

— Que nada, isto ainda é... quantas pessoas tem aqui? Quatro clientes a mais do que costumamos ter. — Kai me dá um tapa no braço enquanto vamos para a cozinha. — Mas agora você está encarregado de levar a gente de volta para cem clientes.

Sarang e Dario estão na cozinha. Ela está alisando rugas inexistentes no avental enquanto ele assiste a um jogo de futebol americano da UW de ontem à noite no celular. Enquanto estou batendo o ponto, Vanna chega, e nós cinco nos espremememos em torno do meu notebook na mesa.

— Nossas contas estão no ar. Agora, só temos que descobrir o que postar — digo.

— Achei que isso fosse seu papel — diz Sarang.

Hoje, ela está com o cabelo meio-preso, de um jeito que emoldura seu rosto. Isso, combinado com a blusa preta que deixa seus ombros à mostra e a saia jeans longa e aberta, torna difícil prestar atenção na sua ironia.

E, mesmo assim, consigo.

— Bom, sim, mas eu também quero a opinião de todo mundo.

— Você não tem ideia do que está fazendo, né?

— Eu sei mais que *você*.

Dario nos separa, e percebo tardiamente que tínhamos nos debruçado em metade da mesa. Sarang bufa ao se jogar de volta em sua cadeira.

— Chega de discussão — diz ele. — Que tal a gente fazer um brainstorm? River e Kai, vocês são os que ficam mais tempo online. O que faz algo viralizar?

Kai faz mãos de jazz.

— Sex appeal.

— Não sei o que eu esperava de você. River?

— Nosso último vídeo provavelmente viralizou porque as pessoas gostaram — digo e gesticulo para todos — da gente. Sabe, se divertindo.

Sarang solta uma gargalhada rouca. Ela me olha de cima a baixo, e sei que é de desdém, mas seu olhar é tão intenso que, mesmo assim, eu me encolho.

— Tentar te ensinar a fazer um latte não foi *divertido*.

— Eu não precisava ser ensinado.

— Precisava, sim. E ainda precisa, a gente não chegou a terminar.

— Você é tão — *linda* — irritante. Continuando. Acho que o que engaja as pessoas são nossas interações — digo, desanuviando os pensamentos. — Devíamos abordar essa situação como se fôssemos criadores de conteúdo atendendo a uma base de fãs. Ou, sabe, algum programa pelo qual as pessoas sejam obcecadas.

Um olhar malicioso passa pelo rosto de Vanna.

— As pessoas pareceram *amar* toda a tensão entre você e Sarang.

— Uh, qual é a palavra para isso, River? — pergunta Kai. — Eles "shippam" vocês dois?

— O que é "shippar"? — questiona Sarang.

Interrompo os dois antes de caírem longe demais nesse buraco negro.

— Vetado. Que tal fazermos outro vídeo? Podemos nos apresentar e fazer divulgação da loja, e, com sorte, surfar na onda do sucesso do último vídeo. Posso descobrir quais hashtags usar, o melhor horário para postar, esse tipo de coisa.

— Você conhece muito disso. Vai ser útil — diz Dario, aprovando.

Esfrego a nuca. Ninguém precisa saber quanta pesquisa eu fiz quando era pré-adolescente e lancei minhas contas de fandom. Teve muita

tentativa e erro, e dezenas de contas fracassadas já deletadas.

Todo mundo concorda, menos Sarang, que franze as sobrancelhas meio raspadas para mim.

— Não gosto disso. É uma invasão de privacidade e, mais que isso, se vender. Nós não somos atores nem personagens como os dos seus amados fandoms.

— Não sabia que você tinha padrões tão elevados sobre honestidade — falo ironicamente.

— Eu *tenho*. Odeio quando as pessoas escondem suas intenções reais. É tão ruim quanto mentir — diz ela, decidida.

Minhas mãos ficam geladas sob seu olhar cortante. É como se o segredo que estou escondendo deles estivesse tatuado na minha testa. Mas é impossível. As únicas pessoas que sabem o papel que eu tive na escolha da localização da nova filial do Café Gong são Cecelia e meus pais — nem Kai ou Isabette sabem.

— Vamos considerar um teste — propõe Kai. — Se funcionar e resultar em algumas vendas, a gente continua. Se não, descobrimos outro jeito. Que tal?

Ele olha para nós dois.

— Tá — fala Sarang, entre dentes.

Solto o punho cerrado debaixo da mesa.

— Joia.

Depois de o café fechar, às sete, começamos a gravar.

EXT/INT. "BINGSU PARA DOIS/ENTRADA — NOITE — TRACKING

Uma vitrine comum. A placa em neon acima pisca dizendo Bingsu para Dois, um brilho rosa contra a escuridão que cai sobre o beco. A porta de vidro se abre e revela KAI ZHANG, que faz uma tentativa do que deveria ser um sorriso deslumbrante.

KAI

(com confiança)

Oi, oi, não estava te esperando. Entra, sai do frio.

RIVER (OFF)

Meu deus, Kai.

A câmera entra no café atrás de Kai. Ele se senta numa banqueta alta e gesticula para o cenário nada impressionante do café. A câmera segue seus movimentos, filmando SARANG, DARIO e VANNA se abaixando no canto ao lado do banheiro. Vanna faz um sinal de paz enquanto Dario faz um gesto com a mão para redirecionar a câmera a Kai.

KAI
Bem-vindos ao luxuoso e exclusivo café coreano Bingsu para Dois. Lar do espresso mais saboroso de Seattle e do bingsu mais geladinho, é uma alcova aconchegante para as maiores estrelas da cidade, como…

RIVER (OFF)
Por que você está falando assim?

KAI
Assim como?

RIVER (OFF)
Como se você fosse um porteiro pretensioso de meia-idade num hotel cinco estrelas. É bizarro. Age normalmente.

KAI
Como você é chato. Como é que vamos ter visualizações sem dar uma apimentada? Você e o Dario já vetaram o sex appeal. Com o que eu vou trabalhar, hein?

RIVER (OFF)
Só fala pra gente o seu nome, um pouco sobre você e, sei lá, sua coisa favorita do cardápio. E um fato legal sobre o lugar.
Kai resmunga algo sobre falta de visão.

KAI
Tá. Oi, pessoal, meu nome é Kai. Eu sou o colírio da casa e trabalho aqui desde os quinze anos. Gosto de andar de skate, de dramas taiwaneses e de desenhar roupas. Minha coisa favorita para pedir aqui? Sei lá. O cardápio é meio blé.

SARANG (OFF)
Não culpa o cardápio pelo seu gosto horrível.

KAI
Ignorem, são só os canos rangendo. Enfim, eu diria que minha coisa favorita é nossa torrada de mel.

RIVER (OFF)
Me fala um fato legal sobre o café.

KAI
No último mês, andei tentando tornar o ambiente de trabalho o mais *hostil* possível para o meu ex pedir demissão. A última coisa que eu fiz foi lixar a sola dos sapatos antiaderentes dele.

DARIO (OFF)
Não, a última coisa que você fez foi virar o balde do esfregão e me fazer escorregar.

KAI

(rindo)
Ah, é. Foi divertido.

RIVER (OFF)
Começamos mal.

INT. "BINGSU PARA DOIS"/SALÃO — NOITE

VANNA KAEV está jogada no sofá gasto sob a placa de LED que diz BLÁ! O brilho ilumina suas feições chamativas e múltiplos piercings faciais.

RIVER (OFF)
Tá, se apresenta.

KAI (OFF)
(sussurrando)
Sex appeal.
Vanna se endireita e sacode os ombros. Seu rosto permanece impassível.

RIVER (OFF)
Por favor, para.

VANNA
O que era mesmo para eu dizer? Ah, ah, certo. E aí, internet. Eu sou a Vanna. Tenho dezoito anos. Não tenho muito tempo para hobbies hoje em dia, mas curto astrologia e esse tipo de coisa — minha irmã mais nova que me apresentou a isso. A melhor coisa que temos no cardápio é o pudim khmer de feijão-moyashi. A gente adicionou por sugestão minha.

SARANG (OFF)
Foi sua única contribuição ao cardápio.

VANNA
(repetindo com jeito de sábia)
Foi minha única contribuição ao cardápio.

RIVER (OFF)
Tá, legal. E um fato divertido?
KAI invade o quadro, tomando quase três quartos do cenário. Seu rosto sorridente está borrado, enquanto a câmera tenta focar com dificuldade.

KAI
Eu tenho um para ela. Ela marca a maioria dos turnos de trabalho pensando no horário em que uma das nossas clientes regulares vem, para poder flertar com ela e se fazer de descolada.

VANNA
(corando)
Cala essa boca, Kai. Eu tenho uma reputação a zelar.

INT. "BINGSU PARA DOIS"/SALÃO — NOITE

DARIO LOPEZ se apoia na parede amarelo-clara ao lado das janelas, braços cruzados, a camiseta Henley escura com as mangas arregaçadas.

SARANG (OFF)
(murmurando)
Poser.

RIVER (OFF)
Tá, Dario. Por favor, não desvia do assunto que nem os outros dois.

DARIO
Oi. Eu sou o Dario Lopez. Estou no último ano do ensino médio e curto fotografia e esportes, especialmente basquete. Vou jogar na primeira divisão na Florida State ano que…

KAI (OFF)
(berrando)
Ninguém gosta de atletas.

DARIO
Você gostava.

KAI (OFF)
Foi uma fase. Estou cansado de músculos nota dez sem cérebro.
O rosto sério de Dario se contorce de formas interessantes, mudando entre furioso e algo mais tranquilo — antes de se acomodar em irritado.

RIVER (OFF)
(sussurrando)
Kai, você não foi reprovado em química ano passado?

SARANG (OFF)
O Kai não tem músculos nem cérebro.

VANNA (OFF)
Olha esses bracinhos de espaguete. Ele é bom para vegetarianos.

KAI (OFF)
Para! Não preciso saber química para desenhar roupas de qualquer forma.

DARIO
(pigarreando)
Quais eram as outras perguntas?

RIVER (OFF)
Item favorito do cardápio e um fato divertido.

DARIO
Gosto do chá yuja e da panqueca de kimchi. Fato divertido: estou ciente

dos esforços do Kai para que eu me demita, mas vou fazer ele desistir antes.

RIVER (OFF)
(murmurando)
Lá vamos nós de novo.

KAI (OFF)
Há! Eu nunca vou pedir demissão.

DARIO
Nem eu.

KAI (OFF)
Eu sou persistente.

DARIO
Eu vou fazer você jogar o avental antes de janeiro.

KAI (OFF)
Nem a pau. Eu vou *morrer* neste café.

SARANG (OFF)
Nada de morrer no café. Vai abaixar nossa pontuação na vigilância sanitária.

RIVER (OFF)
Eu vou morrer neste café primeiro, porque nenhum de vocês sabe responder perguntas simples sem mudar o assunto.

SARANG (OFF)
Vai lá. Eu abro uma exceção para você.

RIVER (OFF)
(baixinho)
Ainda não faz nem uma semana. Nada de brigar com ela. Você prometeu.

DARIO
Quê?

RIVER (OFF)
Quê?

INT. "BINGSU PARA DOIS"/BAR — NOITE

SARANG CHO se apoia no balcão de entregas, de braços cruzados. Seu rosto com biquinho está virado, olhando com raiva para algo fora da tela.

SARANG
Eu me recuso.

RIVER (OFF)
Meu deus. Você acorda todo dia e escolhe ser um problema?

SARANG
Sim. Eu coloco o alarme para as sete, para dar tempo de me vestir e comer meu Sucrilhos de Escrota. Assim, fico pronta para tornar sua vida um inferno às oito em ponto.
RIVER faz um som engasgado baixo, como de algo preso no triturador de lixo.

RIVER (OFF)
Isto vai ajudar o *seu* estabelecimento, então, não entendo por que você está pegando tanto no meu pé.

SARANG
(incrédula)
Você agora trabalha aqui também. Não devia estar na frente da câmera falando da sua vida para milhares de desconhecidos? Aliás…
Sarang voa para pegar a câmera. River grita, surpreso. A câmera treme. Relances de mãos e azulejos do teto passam pelo quadro enquanto eles brigam. Um som de golpe!
A câmera para e captura River, segurando a mão junto ao peito. Ele arregala os olhos ao ver a câmera apontada para si, e mergulha da banqueta, se agachando embaixo do balcão.

RIVER (OFF)
Não gosto do meu rosto na câmera.

SARANG (OFF)
(zombando)
Você não gosta de ser gravado e transmitido na internet? Uau, nem imagino como deve ser isso. Levanta.
A contragosto, e provavelmente percebendo que é um hipócrita, River sobe de volta ao quadro da câmera e se acomoda na banqueta, que range quando ele se mexe, inquieto, puxando as mangas do casaco.

SARANG (OFF)
Anda logo.

RIVER
Tá… Oi. Eu sou o River. Sou novo aqui. Comecei há alguns dias, então não provei muita coisa do cardápio. Assim, já comi algumas coisas, tipo tteokbokki e bingsu, porque minha mãe é coreana, mas não… não comi *aqui*, então, não sei se são boas.

VANNA (OFF)
Puta merda. Ele é um desastre total.

DARIO (OFF)
Talvez tenha medo de palco.

SARANG (OFF)
Não, a Vanna tem razão. Ele é um desastre.

KAI (OFF)
Para de ficar divagando, cara. Vai direto pro que importa, você consegue.
River esconde o rosto nas mãos, caindo encurvado no balcão.

RIVER
Isto é uma merda. Por que eu sugeri?

SARANG (OFF)
Engole o choro, bonitinho.

RIVER
Você me acha bonitinho?

SARANG (OFF)
Quê?! Eu… não… cala a boca. Coisa favorita do cardápio. Anda.

RIVER
O latte de batata-doce.

SARANG (OFF)
E um fato divertido sobre o café?

RIVER
Como eu disse, só estou aqui há alguns dias. Não sei muita coisa… mas este lugar tem a pior treinadora do mundo. Tem que ganhar prêmio de mais horrível.

SARANG (OFF)
Vai se lascar.

RIVER
Me dá a câmera agora. É sua vez.
SARANG vira a câmera para si própria, com uma expressão de nada impressionada em seu rosto em close.

SARANG
Se você quiser saber minha coisa favorita do cardápio ou um fato divertido, vem visitar o Bingsu para Dois e pede alguma coisa. Eu te conto pessoalmente.

Ela põe a mão na frente da câmera do meu celular e termina o vídeo aí. Balanço a cabeça.

— Não vamos conseguir fãs se você for tão fria — digo.

— Não estamos atrás de *fãs*. Estamos atrás de clientes. É uma relação

comercial.

Ela não entende que um fandom é bem mais que uma transação comercial; é construir e encontrar comunidade, é um lugar em que você não tem que diluir sua paixão ou seus interesses para evitar deixar os outros desconfortáveis. Imagino a cara que faria se eu tentasse explicar isso, então nem tento.

Fico de pé e enfio o telefone no bolso.

— Acho que foi um começo bom o suficiente. Vou para casa subir no nosso YouTube e TikTok, e usar meu blog de fandom para promover o vídeo. Algum voluntário para cuidar das outras redes?

Som de grilos.

Suspiro.

— Kai, posta na nossa conta do Twitter que temos um vídeo novo, e não esquece de fazer isso retuitando o nosso outro vídeo que viralizou. Dario e Vanna, vocês podem cuidar juntos do nosso Insta? Como você gosta de fotografia, Dario, pode tirar as fotos, e a Vanna pode postar. Eu mando umas instruções de hashtags, de melhores horários para postar, essas coisas. E Sarang...

Ela semicerra os olhos e me olha de um jeito ameaçador, o que causa um arrepio na minha espinha. Por que gente baixinha é tão assustadora?

— Hum, deixa pra lá. Boa noite, pessoal.

Eles falam seus boas-noites em coro enquanto eu saio do café.

O ar noturno está gelado com um toque de maresia, e mais escuro que a bacia de Seattle — que consigo ver do topo do morro quando começo a caminhar.

Na hora que chego a minha casa, tanto Umma quanto meu pai já estão na cama — Jace disse a eles que eu estava no cursinho. Entro no meu quarto sem fazer barulho e começo a editar as imagens. Não demora muito.

Antes de subir no YouTube, hesito, reassistindo à minha parte. Meu estômago dá um nó. Dá muita vergonha. Mas, mais que humilhação social, se alguém que eu conheço vir e me reconhecer — especialmente alguém do meu antigo trabalho —, estou ferrado. Contariam aos meus pais, e aí meu disfarce de estudar para o SAT vai pelo ralo, e pior: eles vão saber que estou trabalhando no concorrente direto da nossa empresa. Nem imagino como meu pai reagiria se descobrisse, principalmente agora com tanta coisa dependendo da nossa nova filial do Café Gong. Será que

eu deveria cortar minha cena?

Estranhamente, as palavras que Sarang disse mais cedo entram na minha cabeça em primeiro plano enquanto pairo com o cursor no botão de upload.

Odeio quando as pessoas escondem suas intenções reais. É tão ruim quanto mentir.

A irritação apaga a brasa de ansiedade que brilha em meu estômago. Eu *sou* sincero. Na maior parte do tempo. Sobre o que importa, pelo menos. Quem ela pensa que é? Ela não me conhece.

Nem você, opina a voz de Cecelia.

Sarang *e* aquela outra voz na minha cabeça não ajudam.

Clico em postar.

Meu estômago se contorce e então desaba em um decréscimo de alívio e então preocupação. Mas vai ficar tudo bem. Qual a chance de alguém do Café Gong cair nesse vídeo? Eu nunca contei do meu blog de fandom para a Cece. Mais ainda, qual a chance de assistirem até o fim e me verem? Ninguém espera que eu esteja trabalhando lá. Ainda assim, sei que já, já vou ter que tomar melhores precauções.

Mando mensagem para Kai, Vanna e Dario, dizendo que o vídeo subiu e eles podem compartilhar no Twitter e no Instagram, junto com algumas dicas sobre postar. E então faço um post rápido nas minhas próprias contas de fandom sobre o assunto. Agora, só precisamos esperar e ver se funciona.

Se não funcionar, não sei bem...

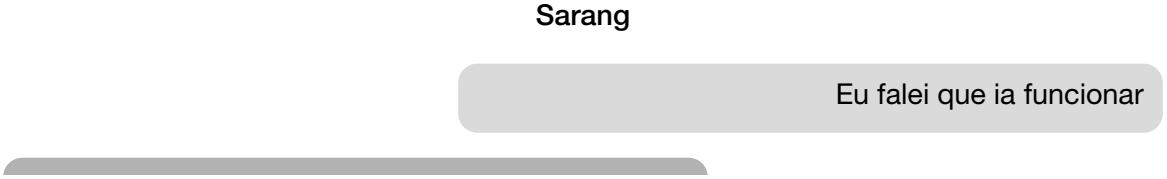
Ping!

Ping! Pingpingping!

Pego meu celular. O vídeo já tem cem visualizações nos últimos três minutos, e nossa contagem de inscritos agora chegou a 40... 43... 50.

Um olhar rápido nas novas contas do Instagram e Twitter do café confirma uma coisa: os quinze minutos de fama do Bingsu para Dois ainda não acabaram.

Vou para minhas mensagens — e fazendo de tudo para ignorar a de Cece, ainda não respondida —, digito rápido.



Cala a boca

8. COMPRANDO ALMOFADAS E UMA VIAGEM NO TEMPO PATROCINADA PELA CINNABON

Meu próximo turno é dois dias depois do post do último vídeo. Fico grato pela distração, sobretudo depois de um longo dia na escola escutando as pessoas se lamentarem sobre como o SAT foi difícil, lidando com as poucas almas corajosas que perguntam se Cecelia e eu realmente terminamos ("e isso quer dizer que agora ela está disponível?") e uma conversa muito desconfortável com o diretor e conselheiro que consistiu basicamente em: "E então, o que tem de errado com você?"

Entro no café e vejo Dario e Vanna atendendo uma longa fila no caixa. Quase todas as mesas estão tomadas por estudantes conversando e hipsters em seus notebooks. Sarang está trabalhando ao lado deles, olhando ferozmente para uns copos de shot que está polindo.

Amarro meu avental ao passar por ela.

— Oi, Dario e Vanna. Oi, Sa...

— Vai pro inferno — responde Sarang distraidamente.

— Eu já estou aqui. Que bicho te mordeu, hein?

Vanna fala enquanto trabalha na máquina de espresso.

— Ela está puta porque tem gente falando merda do café na internet. Não muita gente, mas mesmo assim.

Meu estômago dá um nó.

— O que estão falando?

Sarang bate um copo de shot na mesa com mais força que o necessário.

— Alguém disse que o lugar é feio.

Pisco para ela, que me olha sério de volta.

— E?

— E o quê?

— Quer dizer, foi só isso? Porque aqui *é* feio.

Dou um gritinho e desvio do pano de microfibra com que ela tenta me bater.

— Não é feio! — diz Sarang. — Só porque não somos que nem os outros restaurantes e não temos móveis combinando e paredes sem manchas, não quer dizer que seja nojento.

— O padrão está assim tão baixo?

Um segundo depois, Kai sai da cozinha.

— Por que a Sarang está vermelha de raiva de novo? Você fez alguma coisa, River?

— Ele disse que o café é feio — responde Sarang.

Kai dá de ombros.

— É, e isso para dizer o mínimo.

— Ei!

— Aparentemente, recebemos uns comentários sobre a aparência do lugar — digo.

Por mais popular que nosso vídeo tenha sido, porém, fico surpreso por essa ter sido a pior coisa que foi dita.

— O café está precisando de uma reforma. Ou pelo menos de uma boa faxina — diz Kai, olhando ao redor e inspecionando o salão encardido. — Talvez uma demão de tinta nas paredes.

Me animo.

— Isso daria um segundo vídeo perfeito.

— A gente pintando as paredes?

— Não, redecorando o café. Modernizando. As pessoas amam transformações.

Sarang não parece nada impressionada.

— Desde quando você é especialista em decoração de interiores?

— Não sou. Mas conheço alguém que é. Ela ia amar ajudar.

Kai aperta o braço dela.

— Pode ser bom para os negócios.

Sarang bate os nós dos dedos nos lábios, considerando.

— Tá bom.

— Vou falar com a minha amiga — digo. — Com certeza ela vai ter umas boas ideias.

— Não sei se confio que alguém que é sua amiga por livre e espontânea vontade tenha bom gosto — murmura Sarang.

— Como é?

— Vai bater o ponto.

— Qual é sua opinião sobre BTS?

Bufo com a pergunta de Isabette.

— São legais.

— Ah, ótimo. Vou levar uns pôsteres do BTS para pendurar pelo café — diz ela, animada, enlaçando nossos braços enquanto caminhamos pelo frio na direção do shopping Westlake.

Já faz alguns dias que decidimos renovar o café, e hoje vamos nos encontrar com o restante dos meus colegas no shopping para começar as compras. Obviamente, Isabette, que pretende estudar design de interiores na faculdade, ficou mais do que feliz em ajudar quando eu pedi. Estou grato por ter mais do que só os conselhos dela; sinto saudade de trabalharmos juntos.

Ela cantarola, pensativa, seus cachos caem para um lado enquanto inclina a cabeça.

— Já fiz uma lista de coisas que precisamos comprar. Luzinhas, plantas falsas, espelhos vintage.

Sorrio para ela, toda agasalhada em seu casaco de inverno.

— Eu sabia que você seria a pessoa certa para isso. O Bingsu para Dois vai ficar incrível.

— Sim, sempre achei que uma decoração daria um jeito no lugar.

— Hã? Você já foi lá?

Isabette fica tensa. Rindo sem jeito, ela olha para as ruas escuras para evitar meus olhos.

— Só algumas vezes.

— Por que eu não sabia disso? O Kai não mencionou que já te viu antes.

— Nunca encontrei ele. É sempre a mesma barista que está trabalhando quando eu vou.

— Sério? Quem?

Viramos em outra rua e o shopping Westlake aparece ao final do quarteirão. Pedi aos outros para nos esperarem na frente, mas está lotado e escuro demais para saber se eles já estão lá.

A voz de Isabette sobe alguns tons.

— Não consigo lembrar o nome dela.

Eu balanço a cabeça.

— Bom, tanto faz, você pode perguntar quando encontrarmos eles.

Isabette para bruscamente, fazendo a gente parar em frente ao shopping.

— Do que você está falando? Vamos encontrar seus colegas de trabalho?

— Eu não mencionei isso?

— Não, não mencionou!

— Qual é o problema?

Alguém chama meu nome a alguns metros de distância. Isabette e eu nos viramos e vemos os outros perto da entrada, e Vanna caminhando em nossa direção.

— Ei, River. Estávamos esperando você... — Vanna para de falar e seus olhos se arregalam. — Betty?

— *Betty?* — repito, confuso, me virando para Isabette em busca de uma resposta.

Ela tenta se esconder em seu cachecol rosa, parecendo prestes a correr na direção oposta se nossos braços não estivessem entrelaçados.

— Oi, Vanna. — Ela faz uma careta, terminando com uma risada nervosa. — Eu não sabia que você estaria aqui.

Vanna *se dobra*. Nunca vi alguém ficar derretida tão claramente antes, e não esperava que ela fizesse isso. Sua postura, geralmente relaxada, se torna rígida e ela fica inquieta, cruzando os braços nervosamente.

— Oi, Betty. Você está... é bom te ver, não me entenda mal. Porque você está tão... rosa combina muito com você. Realça seus olhos, ou algo do tipo.

Os outros se aproximam de nós. Sarang para ao lado de Vanna. Ela está usando uma saia de couro com meia-calça, mas o casaco gigante não combina com seu visual gótico escuro e sombrio, fazendo-a parecer um marshmallow emo irritado. Ela dá um tapinha nas costas de Vanna, interrompendo sua tagarelice nervosa.

— Você não disse que tem uma reputação a zelar?

Dario nos cumprimenta com um aceno.

— Ei, Betty, faz tempo que você não aparece no café. Você não sabe que é nossa única cliente regular?

Levanto as mãos.

— Espera aí, ainda estou confuso, como vocês conhecem a Isabette?

Sarang inclina a cabeça para o lado.

— O nome completo da Betty é Isabette?

Exatamente o que eu estava pensando. Fico boquiaberto, olhando entre Isabette e Vanna, que está perplexa, enquanto meu cérebro se esforça para juntar as informações. A barista linda que Isabette às vezes mencionava timidamente quando eu a provocava o suficiente; sua reação estranha depois que eu contei a ela sobre o Bingsu para Dois "Você trabalha *lá* agora?"; Vanna entrando no Café Gong procurando pela "Betty" aquela vez... Isabette sabia o tempo todo.

Ela ri, constrangida, e dá de ombros.

— Eu gosto muito do bingsu deles, sabe?

Kai junta as mãos.

— Nossa, que mundo pequeno. Bom, já que estamos todos aqui, como vamos fazer isso?

Faço um gesto para Isabette assumir a liderança. Ela pigarreia e tira uma longa lista do bolso.

— Precisamos comprar tinta, itens de decoração e móveis. Como somos seis, por que não dividimos as tarefas? Isso pode facilitar para vocês filmarem o conteúdo do próximo vídeo também. River me contou tudo. Eu vi o que as pessoas estão dizendo online, e elas parecem gostar de certos... pares. Acham que talvez vocês tenham mais visualizações se nos dividirmos assim?

— Eu devia saber que você também era do tipo que faz parte de fandoms — murmura Sarang.

Dario aperta os lábios.

— Como você quer dividir a gente, então?

— Que tal você e o Kai comprarem tinta, o River e a Sarang pegarem os móveis... — Isabette contorce seus traços suaves em uma contemplação exagerada. — Hum, a Vanna não tem um ship com ninguém. Acho que ela e eu podemos trabalhar juntas, se estiver tudo bem.

O rosto normalmente passivo de Vanna se contorce de forma impressionante.

— Claro, sim, com certeza, tudo bem pra mim. Tanto faz.

Meu olho treme. *Isabette, sua filha da puta sorrateira.* Acho que nem consigo ficar bravo — a habilidade de improvisação dela é impressionante

demais.

Kai e Dario balançam a cabeça ao mesmo tempo.

— De jeito nenhum.

— Não vou trabalhar com ele.

— Eu também não — dispara Sarang.

Ela e eu trocamos olhares, depois nos encaramos e desviamos o olhar. Isabette deixa os ombros caírem enquanto olha cabisbaixa para o chão.

— Ah... desculpa — diz ela, com uma voz que só a ouvi usar para deixar as Karens no trabalho culpadas e fazer com que parassem de gritar com a gente. — Foi uma ideia idiota. Eu não devia ter falado nada.

Olhando para os outros, vejo que eles caíram direitinho na armadilha melosa de Isabette.

— Não, suas ideias não são idiotas — diz Sarang. Percebendo no que se meteu, ela olha para mim e resmunga. — Tá bom. Eu vou com o Grãozinho.

Kai e Dario ainda parecem chateados, mas não o suficiente para discutir com Isabette.

— Vamos acabar logo com isso — resmunga Sarang.

Ela se adianta, indo direto para o shopping. Sigo atrás dela, resmungando baixinho:

— Oba, trabalho em equipe.

INT. "TARGET"/ENTRADA — CONTÍNUO

Uma câmera não estabilizada segue RIVER entrando na loja surreal e excessivamente iluminada que é a Target. Ele empurra um carrinho de compras, passando pela seção de novidades baratas.

RIVER

Qual é o orçamento do café para a redecoração?

SARANG (OFF)

Pensei que você fosse pagar a conta.

River olha cansado por cima do ombro para ela e para a câmera. Sarang bufa.

SARANG (OFF)

Meu pai disse duzentos.

RIVER

Aliás, por que nunca vi seu pai? Vocês não moram bem em cima da loja?

Silêncio. A câmera desacelera, sem seguir River pelo corredor, e faz uma panorâmica do chão antes de desligar.

Eu me viro, confuso.

— Por que você…

— Meu pai está doente — diz ela, com a voz dura, sem deixar transparecer qualquer emoção. Seu rosto também está impassível. — Ele fica lá em cima quando não está no hospital.

— Ah — respondo, porque sou um idiota. — Sinto muito por isso.

Não conheço Sarang bem o suficiente para saber se é a coisa certa a dizer ou se ela é como eu e prefere não falar sobre o assunto. Talvez ouvir "sinto muito" do cara que ela quer apunhalar com um mexedor de bebidas seja como um tapa na cara. Mas estou falando sério. Ninguém merece passar por algo assim.

Mas ela não fica irritada nem manda eu me catar.

— Você vai conhecer ele em algum momento, se ficar no trabalho tempo suficiente.

— Você não vai se livrar de mim tão fácil. Eu preciso deste emprego.

— Como isso é possível? Parece que você tinha uma vida bem confortável no café da sua família.

Entramos no corredor das almofadas e eu me encosto no carrinho de compras, pensando em como ser franco.

— Era, mas hoje em dia não é mais. Eu não podia ficar, mesmo que isso magoasse meus pais. Estava ficando desesperado.

Ela ri tão abruptamente que me causa um sobressalto.

— Sim, eu soube. A Haneul me contou que na sua entrevista você fez um discurso embaraçoso sobre como não é um piromaníaco e…

Pego uma das almofadas com lantejoulas na prateleira e bato na cabeça dela. Não com força suficiente para machucar, mas com força suficiente para que ela tropece e faça um grande som de "*Ique!*".

Uma risada brota de mim, e seguro a barriga quando ela levanta a cabeça e seu cabelo está uma auréola rebelde ao redor do rosto carrancudo. Ela fica bonita desgrenhada assim.

Então ela joga a almofada na minha cabeça.

— Tá bom, tá bom! Trégua! — digo, levantando as mãos.

Sarang abaixa sua arma de penas, com um sorriso de vitória. Idiota. Pego outra almofada e jogo nela.

Ouvimos passos rápidos se aproximando, então um funcionário espia pelo corredor com desconfiança — que belo timing. Um olhar para Sarang confirma que, se o funcionário não estivesse olhando, meu rosto teria um

encontro com a almofada *Lar Doce Lar* que ela tem nas mãos.

Voltamos ao trabalho. Ela é rápida em assumir o comando, obviamente, então me entrega a câmera enquanto escolhe almofadas em tons de verde floresta e sálvia. Giro a câmera nas mãos antes de guardá-la no bolso.

— O que ele tem? — pergunto.

Sua mão, que estava alcançando a prateleira mais alta, congela. Ela não se vira para mim.

— Insuficiência cardíaca congestiva.

Fico surpreso que ela tenha respondido.

Sarang não diz mais nada, ainda tentando alcançar a almofada. Eu me aproximo e pego para ela, jogando-a no carrinho.

— Meu tio teve um ataque cardíaco — digo. — Eu sei que não é a mesma coisa, mas… eu entendo. É assustador.

A boca de Sarang se estreita em uma linha reta.

— Quem disse que estou assustada?

— Ninguém. Mas eu fiquei. — Balanço a cabeça. O que estou fazendo? Não sei como fazer as pessoas se sentirem melhor. Não sei nem por quê estou tentando. — Já temos almofadas suficientes. Vamos dar uma olhada nas mesas de centro.

Ela me alcança.

— Ele está bem? — pergunta, olhando para a frente. — Seu tio.

— Ele morreu há dois anos.

— Ah.

Consigo ver a batalha em seu rosto. Ela também não é boa com palavras.

— Eu… sinto muito.

Dou-lhe um sorriso, tirando a gente do constrangimento.

— Obrigado.

Sarang parece querer dizer mais alguma coisa, mas, seja o que for, engole. Ela esbarra o ombro no meu braço ao passar para puxar o carrinho — tão gentilmente que deve ter sido um acidente.

— Você não devia estar gravando? — pergunta.

— Não vou expor a internet à visão que você está me dando agora — digo atrás dela.

A esponja de banho que ela joga em mim vale a pena.

Enquanto Sarang está no caixa, mando uma mensagem para o grupo.

Vocês já terminaram? Eu e a Sarang sim

Kai:

uau, e vocês não se mataram?

Ainda não

Kai:

sim, o Dario e eu acabamos

Kai:

tecnicamente

Como assim tecnicamente

Kai:

não se preocupa

Dario:

fomos expulsos da loja

Dario:

banidos, na real

O caixa entrega a Sarang a nota fiscal quilométrica, e mostro meu celular para ela.

— Kai e Dario foram expulsos.

— Quê? Como caralhos alguém é expulso da Lowe's?

Ela pega o próprio celular e começa a digitar.

Sarang:

como CARALHOS vocês foram expulsos da Lowe's???

Kai:

do fundo do meu coração — eu não sei

Dario:

ele derramou quatro latas de tinta no chão todo

Kai:

EI VOCÊ DERRAMOU DUAS

Dario:

não é tão ruim quanto quatro

Vocês derramaram SEIS latas de tinta?

Qual é o problema de vocês?

Kai:

o que começou como uma tentativa inocente de fazer Dario pedir demissão e fugir do continente resultou numa série de acontecimentos lamentáveis

Dario:

Haneul, essa tem que ser a gota d'água. Ele fez a gente ser banido da Lowe's. Demite ele imediatamente

Sarang:

a Haneul silenciou este grupo

Kai:

hahaha

Dario:

silêncio

Por favor, diz que vocês pelo menos filmaram o que aconteceu

Dario:

infelizmente sim

Sarang:

um milagre vcs terem conseguido fazer uma coisa direito

Vanna? Como você e a Isabette se saíram com as decorações?

Hum, oi?

Vanna:

ah, oi

Vanna:

ah, a isabette escolheu umas coisas fofas. Só levou vinte minutos

Sarang:

vinte minutos? Passaram esse tempo todo fazendo o que, então?

Vanna:

conversando

Sarang:

bom q vocês estão levando isso a sério

Vanna:

extremamente

Saio da conversa do grupo, e meus olhos param nas mensagens de Cecelia que ainda não respondi. Um frio envolve meu coração. Esfrego meu peito, distraído.

— Idiotas. Eu trabalho com um bando de idiotas — murmura Sarang, baixinho. — Vamos encontrar todo mundo lá fora. Acho que a Haneul vai chegar já, já para pegar a gente.

— É, é...

Ela me olha de um jeito curioso.

— No que você está viajando aí?

— Nada. — Guardo meu celular, tentando não pensar no assunto. — Vamos.

Empurro o carrinho para fora da loja, e caminhamos pelo shopping. Sarang está falando sem parar sobre como devíamos ter comprado toalhas de mesa pretas, mas basicamente não estou ouvindo. Passamos pela praça de alimentação. O aroma fragrante de açúcar caramelizado dos pãezinhos de canela paira no ar, desenterrando uma memória do ano passado.

— Aqui.

Uma caixa azul da Cinnabon cai sobre meu artigo pela metade. Eu ergo os olhos.

Cecelia está em pé na frente da minha mesa, o sorriso em seus lábios contrastando com a preocupação entre suas sobrancelhas franzidas.

Abro a tampa e o cheiro de baunilha e açúcar mascavo me dá água na boca.

— O que é isso? — pergunto.

Ela se senta à mesa ao meu lado. Não há mais ninguém na biblioteca, mas ela mantém a voz baixa mesmo assim.

— Um pãozinho de canela.

— Estou vendo.

— E um pedido de desculpas.

Franzo a testa.

— Por que você está se desculpando? Nós não brigamos.

— Não? — Ela coloca uma mecha de seu longo cabelo loiro-acinzentado atrás da orelha, olhando para a fileira de livros. — Bom, é, acho que não

brigamos. Mas, mesmo assim, eu te devo um pedido de desculpas pelo que disse outro dia sobre seus hobbies. Seus fandoms e tal.

Estou surpreso que ela saiba que isso me incomodou. Achei que tinha feito um bom trabalho em não deixar transparecer. Fecho a caixa e empurro de volta para ela. Uma pontada de irritação começa a surgir e se espalhar pela minha nuca.

— Não precisava fazer isso nem pedir desculpas. É *um hobby constrangedor.*

— Não é essa a questão — diz Cecelia, finalmente perfurando-me com o olhar. — Eu te magoei. Devo ter magoado, porque você tem estado distante. Eu queria trazer algo para compensar.

Baixo os olhos para a caixa azul para não precisar continuar olhando para ela. Tem alguma coisa me incomodando, alguma coisa que me deixou insatisfeito, uma coceira que não consigo cessar. Esfrego a nuca para tentar me livrar da sensação, mas ela continua lá.

Cecelia se inclina e pega minha mão, segurando-a na sua.

— Eu sei que você disse que não preciso me desculpar, então espero que isso seja suficiente. Tudo bem que a gente tenha interesses diferentes. Os opostos se atraem. Já passamos por coisas piores, né?

Sim, ela não precisa se desculpar. Foi uma conversa idiota e uma coisa idiota com a qual me sentir ofendido. Às vezes sou muito sensível.

Cecelia aperta minha mão.

— Namorados até o fim, certo?

Eu aperto a mão dela de volta, e seu rosto se ilumina. Assim é melhor, familiar.

— Por que um pãozinho de canela?

— Você não gosta? — pergunta ela, com a voz inocente. Ela pisca duas vezes, e seus cílios curtos e retos batem elegantemente. — Você vive dizendo que minhas sardas te lembram de canela.

Ela se inclina para a frente e consigo ver melhor suas sardas. Elas realmente parecem um salpicado perfeito de canela. Não tenho coragem de dizer que não gosto muito do sabor, porque ela está bem na minha frente e estou diminuindo a distância entre nós e pressionando meus lábios nos dela. Macios e quentes, um sabor que prefiro à canela. Afasto-me primeiro, com o sorriso dela moldando outro nos meus.

Sim. Namorados até o fim. Seria idiota deixar algo tão pequeno quanto isso ficar entre nós.

— Fica com metade — digo. — Não consigo comer tudo sozinho.

Sarang estala os dedos na minha frente.

— Terra chamando River.

A voz dela é como um balde de água fria jogado na minha cabeça. Meu coração dispara, batendo forte e irregular.

— O que aconteceu com você? Está com fome ou algo assim? Por que está olhando para o funcionário da Cinnabon com essa cara de sedução?

— *Cara de sedução*? Eu não estava... — Balanço a cabeça. — Hum, pode pegar isso e encontrar os outros?

Empurro o carrinho em direção a ela. Sarang balbucia, mas agarra a barra.

— Aonde *você* vai?

Já estou me afastando.

— Preciso falar com alguém. Desculpa. Vejo você no trabalho.

— O quê? River! — Ouço ela gritar atrás de mim. — Idiota!

Pego meu celular enquanto saio do shopping. Antes que eu possa pensar muito e mudar de ideia, faço uma ligação. O telefone toca quatro vezes antes que ela atenda.

Uma pausa. Então:

— River?

Meu estômago se revira ao ouvir a voz de Cecelia. Não consigo dizer se é bom ou ruim. Sua voz é exatamente a mesma que ouço na minha cabeça.

— Oi — digo. O ar noturno é como um cobertor de gelo que me envolve, penetrando nos meus ossos. — Ainda podemos conversar?

9. PUTA MERDA, SERÁ QUE UM DIA EU VOU FALAR A COISA CERTA?

Cecelia mora a vinte e cinco minutos do shopping Westlake. Não é tempo suficiente para me recompor antes de chegar à frente do prédio familiar. Olho para ele, envolto pela noite, e penso em dar meia-volta.

A porta do lobby se abre antes que eu possa fazer isso.

Lá está ela, deslumbrante como sempre, usando uma calça de pijama folgada e um casaco de inverno. Cecelia olha para os dois lados da rua antes de atravessar para se juntar a mim. O vento gelado e a visão dela me tiram o fôlego. Não acredito que só se passou pouco mais de uma semana desde a última vez que a vi — provavelmente é o maior tempo que ficamos separados desde que começamos a namorar no nono ano. Puta merda. Meu corpo inteiro se enrijece, não sei se de ansiedade ou de medo.

— Oi — digo.

— Oi, River.

E agora?

Acho que, como fui eu quem pediu para a gente se encontrar, cabe a mim puxar conversa, mas isso nunca aconteceu antes e, além do mais, não sei o que dizer. Então, ganho tempo.

— Está com frio? Quer minha jaqueta? A gente pode entrar.

— Não, estou bem. Você está com frio?

— Não.

— Tá bom.

Bem, isso não me fez ganhar muito tempo.

Cecelia bufa, aquele meio riso, meio suspiro que dá quando quer quebrar a tensão.

— Você nunca foi de conversa fiada, né?

— Não, acho que não.

— Aliás, você não é de conversa *nenhuma*.

— Acho que não.

— O que te fez mudar de ideia?

Ela gesticula ao nosso redor, para as ruas escuras, iluminadas apenas pelos halos alaranjados dos postes de luz.

Somos os únicos aqui, exceto por alguns transeuntes ocasionais que nem olham em nossa direção.

— Por que você quer conversar de repente, depois de tanto tempo sem falar nada?

— Cinnabon — respondo.

Ela balança a cabeça.

— Não estou entendendo.

— Passei por uma Cinnabon e me lembrei daquela vez que você me trouxe um pãozinho de canela depois de... Sei lá. Pensei em você. Tenho pensado em você. Não é justo te deixar sem respostas por mais tempo, então... pode perguntar.

Cecelia cruza os braços, e sua expressão contrasta com a temperatura quase congelante.

— Só tenho uma pergunta, e você sabe qual é.

Merda. Eu esperava que ela perguntasse outra coisa.

— Achei que já tivesse respondido essa.

Uma risada sarcástica.

— Tudo o que você disse foi uma mentirada, River. Você? Apaixonado por outra pessoa? Quando isso teria acontecido? Você não é assim. Nada disso faz sentido. É como se você também não soubesse por que terminou comigo. — Ela se aproxima, e eu reprimo o impulso de me afastar. Seus olhos, estreitados em um olhar severo, brilham com lágrimas. — Então, por favor, *por favor*, só me responde agora. Por que você terminou comigo?

Minha mente se dispersa em uma dúzia de direções ao mesmo tempo, como um vaso de porcelana que acabou de cair no chão. Tenho dificuldade de capturar um único pensamento, para segui-lo até algum tipo de conclusão coerente. *Porque achei que um relacionamento era trabalhoso demais? Porque "não é você, sou eu"?*

Só que não posso dizer nada disso, porque não é verdade. Eu estaria mentindo. Já não menti o suficiente para ela? Não, eu não a traí. Não, não

estou apaixonado por outra pessoa — mas pequenas mentiras também podem se acumular e se tornar algo prejudicial. Na verdade, nem sei se posso chamar de mentiras. Elas estão presas em algum lugar no meio, no *talvez*.

Quer ir ao cinema comigo nesta sexta-feira? Claro, eu disse. Em vez de talvez.

Quer ser meu namorado? Sim, eu disse. Em vez de vou pensar.

Eu te amo, River. Eu também te amo, eu disse. Em vez de ainda não tenho certeza, pode me dar um tempo?

Por quê? Por que eu não me permiti ficar na zona desconhecida entre o sim e o não? O preto e o branco? O que tinha de tão assustador no cinza?

Não sei. E é *isso* que me assusta.

Minha boca se abre. Fecha. Os pedaços do vaso quebrado são pequenos demais para serem recolhidos.

Umedeço meus lábios secos.

— Eu te amava, você sabe. Ainda amo. É só que...

— Você terminou comigo porque me ama?

— Não foi isso que eu...

— Nós éramos perfeitos juntos — Cecelia interrompe, com os dedos apertados em torno de seus bíceps.

— Sim.

— Nós tínhamos um *futuro* inteiro juntos.

— Bom...

— E você jogou tudo fora sem motivo. Abandonou o Café Gong e eu quando mais precisávamos de você, e o pior é que nem se importa. Você *algum dia* se importou? Sabia o quanto aquela promoção para a gerência significava para mim. Era tudo o que eu precisava para me inscrever na UPenn. O Café Gong ia ser *nossa* história de sucesso, ia levar *nós dois* a lugares melhores e maiores. Se você não queria isso, por que não disse nada para mim ou para os seus pais? Você não confia em mim?

— Cece, por favor, me deixa...

— Deixar *o quê*? — grita ela.

O som ecoa como tiros na rua, ricocheteando nos prédios ao nosso redor e perfurando minhas costas. Meus olhos se arregalam. Cecelia desaba. Ela solta um soluço, escondendo o rosto nas mãos. Seus ombros tremem para cima e para baixo como se ela estivesse rindo, mas o som que sai de sua garganta é tudo menos feliz.

Meus dedos se contraem ao lado do corpo. Hesitante, com um toque tão leve que ela poderia me afastar com um tapa e eu desapareceria, seguro seus ombros. Ela cai em meus braços. Eu a abraço, traçando as saliências em sua coluna enquanto ela chora em meu ombro. Apesar de tudo, da maneira como nosso relacionamento se tornou complicado desde que começamos a trabalhar juntos, abraçá-la ainda me traz conforto.

— Desculpa. Isso é humilhante — diz ela, soluçando, mais para si mesma do que para mim. Seus soluços vibram através de mim, sacudindo meu peito. — Eu te amo. Eu amava *a gente*. Agora sinto que não te conheço mais.

Minha pele se arrepia. Eu também não sei quem sou, então como pude acreditar em um "nós"? Nunca sei o que fazer, o que dizer. Nunca sei. Mas sei que não dizer nada, quando a trouxe aqui para lhe dar respostas, também não é certo.

Ela me empurra, arrancando-se do meu abraço. A sensação fantasmagórica das palmas das mãos dela no meu peito queima minha pele como se seu toque fosse feito de brasas.

— Só estou cansada — explica ela, parecendo tão arrasada quanto eu me sinto. — Chega de desculpas. Fala alguma coisa. Se explica.

Uma nova turbulência se forma dentro de mim, empurrando as palavras que estavam fervilhando para a superfície.

— Não sei o que você quer que eu diga.

— A verdade.

Mas essa é a verdade! Eu não grito. *A verdade é que eu não sei! Por que isso não é suficiente?*

Uma sensação familiar e inquietante brota bem no fundo da minha mente. Algo que implora para ser examinado, como se a resposta estivesse bem *ali*, e eu só precisasse olhar para ela por um maldito segundo.

Meu celular toca no bolso.

Ela olha para ele, depois para cima.

— Melhor você atender.

Balanço a cabeça.

— Não é importante. Cecelia…

— Podem ser seus pais.

Suspirando, pego meu celular e verifico. Sarang. Que timing.

Recuso a chamada.

— É trabalho.

— Trabalho? — Ela inclina a cabeça para o lado. — Mas você pediu demissão.

Minha garganta se fecha, me fazendo engasgar.

— Ah. Não, não trabalho, eu quis dizer…

— Sua mãe disse que você está ocupado demais estudando para o SAT para voltar ao Café Gong. Você encontrou um novo emprego?

O celular treme na minha mão.

Por um momento, nenhuma emoção transparece em seu rosto. Nem desdém, nem curiosidade, nem mágoa. Então ela abaixa a cabeça e a balança, e eu não tenho certeza do que ela está pensando.

— Você mente para todo mundo, né? Para mim, para os seus pais. Você está mentindo para você mesmo também, River.

— Eu…

Acho que ela está certa.

Cecelia se vira e atravessa a rua em direção ao seu apartamento. Na calçada, ela olha para mim.

— Não conta para eles — imploro, com a voz embargada.

Ela balança a cabeça.

Estou enjoado.

10. POR QUE CENTENAS DE PESSOAS QUEREM FICAR LITERALMENTE ASSISTINDO À TINTA SECAR?

O Bingsu para Dois está fechado hoje, mas, mesmo assim, tenho que sair da cama me arrastando às dez da manhã e ir até lá, em vez de ler as fanfics que salvei no Archive of Our Own, como eu gostaria.

Checo minhas mensagens enquanto caminho até o café. Nada além do grupo do trabalho me repreendendo por ter ido embora, mas estou focado apenas no contato da Cecelia. Penso em mandar uma mensagem, mas percebo que é uma péssima ideia. Merda, eu piorei tudo. Não sabia que isso era possível. Algo se agita no meu peito, doendo, ansiando pelo tempo em que eu a fazia feliz. Sou um idiota por achar que só porque fui eu quem terminou, isso significaria que eu não teria que sofrer ou questionar todos os dias se fiz a escolha certa. Terminar é uma *merda*. Não quero passar por isso de novo.

Todos já estão trabalhando quando chego. Meus olhos se voltam para a parede principal do restaurante. Ontem, ela era de um verde-limão manchado. Agora parece uma instalação do Museu de Arte de Seattle. O fundo foi pintado de preto fosco, com traços curvos e abstratos de vermelho cádmio e azul ultramarino saltando do mural.

Luzes e sombras foram delicadamente pintadas nas fendas para dar a impressão de que uma onda de cor pode invadir a sala a qualquer momento.

— Puta merda, quem fez isso? — pergunto, aproximando-me.

Meus olhos estão grudados no mural, então não vejo a figura agachada no chão ao lado dele até quase tropeçar nela.

— Ei, não encosta, a tinta ainda não secou. Tira seus dedos sujos daí.

A figura agachada se levanta, revelando Haneul, vestindo um avental

manchado de tinta e com os cabelos presos para trás.

Aponto para a pintura.

— Você fez isso?

— Não, só decidi me jogar na tinta e me sentar do lado.

Meu Deus, elas realmente *são* irmãs.

— Está incrível. Eu não sabia que você era pintora.

— Não é nada. Eu gosto mais de animação e arte digital. Sarang também ajudou.

— Ajudou?

Ouço passos vindos da cozinha, depois:

— Ei, babaca!

Falando no diabo...

Sarang vem furiosa na minha direção, mas é difícil levar a sério seu olhar de raiva quando ela está vestida como uma criança que pintou com os dedos. Seu macacão está salpicado de tinta amarela, cor-de-rosa, verde e azul. Ela limpa a testa com o dorso da mão, espalhando tinta branca por toda parte. Não comento nada.

— O que foi aquilo ontem à noite? Deixar a gente com todas essas coisas sozinhos? — pergunta ela.

Eu a contorno.

— Eu já disse que precisava conversar com alguém.

— E não podia esperar?

Eu me aproximo do Kai, que está passando verniz nas mesas. Sarang está logo atrás de mim, pisando nas poças de tinta derramadas no chão coberto por uma lona plástica.

— Não, não podia — respondo. — Desculpa. Mas estou aqui agora, não estou?

Kai se recosta. A franja está presa e ele está suado. Está vestindo outro moletom com capuz que ele mesmo desenhou, este com uma colagem de ilustrações de skates.

— Quem você foi encontrar? — pergunta ele.

Merda, ele vai ficar puto. Mordo o lábio e desvio o olhar para onde Vanna e Isabette estão pendurando quadros na parede, mais próximas uma da outra do que o necessário. Mesmo de longe, consigo ver que as duas estão tagarelando sem jeito, acenando com a cabeça com entusiasmo demais e sorrindo de um jeito um pouco exagerado.

Kai pula na minha frente, parecendo... é, puto.

— Não acredito.

— Eu não disse nada.

— É sério isso?

Sarang olha para nós dois.

— O que está rolando?

Eu dou um grunhido e aperto a ponte do nariz sob os óculos.

— Tudo bem. Sim, foi ela — admito.

— *Por quê*? Meu deus, cara!

— Quem? — questiona Sarang.

— A ex-namorada manipuladora dele — responde Kai, revirando os olhos.

— Ela não é *manipuladora*.

— Ela literalmente fazia *gaslighting* com você.

— Você não sabe o que significa "gaslighting".

— Não, *você* não sabe. Qual de nós saiu no meio do SAT, River?

Sarang solta uma risada pelo nariz.

— Trouxa.

— Não foi assim — explico, me aproximando deles. — Eu não estava tentando reconquistar ela. A gente só precisava conversar.

— E como foi isso? — pergunta Kai com condescendência.

Meu rosto se contorce como um pano sujo sendo torcido. Kai estala a língua.

— Não posso dizer que estou surpreso.

Balanço a cabeça.

— Que seja. Não sei o que eu…

Apoiado na mesa está um laptop, refletindo a gente e o restante do café na tela. A câmera pisca em vermelho.

— Essa coisa está ligada?

— Hmm? Ah, sim. Gravando ao vivo.

— Ao vivo?

Pulo por cima de uma cadeira virada para chegar ao computador. Como era de se esperar, estamos transmitindo ao vivo no YouTube, com dezesseis mil espectadores no momento. Encostado em uma caneca de café ao lado do laptop está o celular de alguém, onde vejo que *também* estamos fazendo uma live no TikTok. Tem até comentários ao vivo.

ColocaTheOfficeDeVoltaNaNetflix: uuuh fofoca de trabalho
NellieParkson2: ei, quero saber mais sobre a ex!!!

Rei_pinodeboliche: dá pra esse cara tirar a cara da câmera? Não consigo ver a Vanna

Eu saio da área da câmera. Sarang e Kai olham para mim se divertindo.

— Como você é constrangedor. — Ela suspira.

— É — concorda Kai.

Solto um gemido e jogo a cabeça para trás, batendo acidentalmente na mesa e fazendo o laptop pular.

— Obrigado por me avisar sobre a live.

— Não é nossa culpa você ter decidido passar a noite com a sua ex e chegar atrasado no trabalho — diz Sarang, irritada.

— Eu não passei a noite com... Aff, deixa.

Não consigo mais falar sobre Cece. Eu me levanto para me juntar a Vanna e Isabette do outro lado do café.

Elas fizeram um bom trabalho até agora. Ou Isabette fez, presumo, se todos os pôsteres de fã servirem de referência. A parede ao lado do balcão está decorada com fotos com molduras douradas de arte local, poesia e fotos de estrelas do K-pop.

Aponto para uma do Felix, do Stray Kids, sem camisa.

— Sério?

Vanna balança os ombros com um sorriso.

— Sex appeal, lembra?

— Não precisamos de sex appeal para vender café.

— Mal não faz.

Isabette ri e ajusta um vaso de planta pendurado.

— Vai ter mais fotos de bom gosto, fica tranquilo. Imprimi algumas do G-Dragon, Blackpink e Monsta X. Vai ficar bonito.

Ela me manda desenhar o novo cardápio, jogando uma dúzia de canetas hidrográficas no meu colo e me dizendo para começar a trabalhar. Alguém conecta o celular aos alto-falantes e começa a tocar K-pop, então me acomodo em um canto enquanto Loona toca no café e os outros continuam suas tarefas.

BEM-VINDOS AO BINGSU PARA DOIS!

ESPRESSOS 에스프레소

AFFOGATO 아포가토 3,25

AMERICANO 아메리카노 3,00

CAPPUCCINO 카푸치노 4,25

LATTE 라떼 3,75

MACCHIATO 마끼아또 4,25

MOCHA 모카 4,25

OUTRAS BEBIDAS/CHÁS 논 커피 / 차

CHOCOLATE QUENTE 코코아 2,95

SUCO DE TORANJA 자몽 에이드 3,75

CHÁ DE ERVAS 쌍화 차 2,75

CHÁ YUJA 유자차 2,75

LATTE DE BATATA-DOCE 고구마 라떼 3,50

BINGSU 빙수

BINGSU DE FRUTAS 과일 8,00

BINGSU INJEOLMI DE FEIJÃO-VERMELHO 팥 인절미 8,00

BINGSU DE MANGA 망고 8,00

BINGSU DE OREO 오레오 10,00

BINGSU DE TARO 타로 10,00

BINGSU DE CAFÉ 커피 10,00

BUNGEOPPANG 붕어빵

FEIJÃO-VERMELHO 팥 1,25

CREME 커스터드 1,25

NUTELLA 누텔라 1,25

BATATA-DOCE 고구마 1,25

BRUNCH/SOBREMESAS 브런치 / 디저트

TORRADA COM MEL 허니 토스트 7,95

TORRADA COM INJEOLMI 인절미 토스트 7,95

WAFFLE COM FRUTAS 과일 와플 6,95

PUDIM KHMER DE FEIJÃO-MOVASHI 캄보디아 녹두 푸딩 5,75

PRATOS PRINCIPAIS 메인 요리

PANQUECA DE KIMCHI 김치 전 9,95

TTEOKBOKKI 떡볶이 7,50

SANDUÍCHE DE BULGOGI 불고기 샌드위치 6,50

— Sorria.

Dario está em pé ao meu lado, segurando uma câmera, com a regata molhada de suor. Faço um sinal de paz enquanto ele tira a foto.

— Para os registros — explica ele. — O cardápio está ótimo.

— Valeu. No que você está trabalhando?

— A Sarang me encarregou de fazer a faxina e reorganizar a estação de bebidas.

Eu me levanto e espio por cima do balcão.

— Uau, agora sim parece até capaz de passar na inspeção sanitária.

Mas a atenção de Dario se desviou. Ele está observando Kai e Sarang, que estão terminando de arrumar as cadeiras. Sarang parece irritada, como de costume, mas Kai está morrendo de rir, segurando o ombro dela enquanto joga a cabeça para trás. Percebo que os olhos de Dario se suavizam e seu lábio treme. Não era algo que eu deveria notar, então desvio o olhar e finjo que não vi nada. A risada de Kai ecoa pelo café e ressoa em meus ouvidos.

— Ei — digo, mudando de assunto para algo que está me incomodando. — Você conhece o sr. Cho, certo?

Dario pisca, desviando o olhar de Kai.

— Sim, já vi ele algumas vezes. Mais quando comecei a trabalhar aqui. Ele até foi a alguns dos meus jogos de basquete quando estava mais saudável.

— Sério?

— Sim. Ele é legal, você vai gostar dele. — Ele sorri um pouco. — Ele fazia questão de que Haneul marcasse os meus turnos e do Kai juntos na maioria dos dias quando ainda estávamos namorando, e que eu pudesse

tirar folga para visitar meus irmãos sempre que quisesse.

A menção aos irmãos dele me lembra de como Kai elogiava os pais e irmãos de Dario. Kai e sua mãe se mudaram de Taiwan para cá quando ele era pequeno, só os dois, então acho que a ideia de uma família grande sempre o atraiu — especialmente ter irmãos mais velhos em quem se apoiar. É engraçado imaginar Dario como o caçula e Kai como filho único; era de se pensar que seria o contrário, dada a personalidade de cada um. Mas eles sempre tiveram uma relação do tipo opostos que se atraem. Complementares.

Como se tivesse pensado a mesma coisa, Dario pergunta baixinho:

— Você sabe como estão a mãe e a avó do Kai? Não falo com a tia desde que terminamos.

Eu dou um sorriso fraco.

— Infelizmente, o estado de demência da avó dele está piorando. Ele disse que a mãe arrumou um segundo emprego para poder viajar logo e cuidar dela.

— O Kai já dá a maior parte do que ganha aqui para ela. Mal tem tempo para seus projetos de design e moda porque está sempre fazendo turnos extras... — Dario deixa a frase no ar e morde o lábio, olhando para Kai.

Um assobio agudo corta o ar. Haneul bate palmas.

— Parece que terminamos aqui. Comecem a faxinar.

Dario parece perdido em pensamentos. Dou um tapinha desajeitado em seu ombro e, com a intenção de lhe dar um pouco de espaço, vou me juntar aos outros.

O lugar está bonito. Lindo, como se tivesse saído do Pinterest. Todas as mesas e cadeiras foram pintadas, o mural está pronto e Isabette e Vanna já colocaram a maior parte da decoração.

Kai acena para todos se aproximarem do laptop.

— Temos que nos despedir antes de encerrar a live.

— Você age como se estivéssemos fazendo uma videochamada com parentes ou algo assim, e não com um bando de estranhos sem rosto e sem nome na internet — murmura Sarang enquanto nos aproximamos. Ela olha para a tela, lendo os comentários. — Eles não gostaram disso, né? Bom, azar o seu, amoleitedesnatado425.

Dou um empurrãozinho nada sutil com o pé na parte de trás do joelho dela, e ela se dobra como um baralho de cartas. Acenando para a tela,

digo:

— Obrigado a todos por assistirem e apoiarem o... *argh*!

Sarang chuta *meu* joelho, e eu caio, levando uma cadeira recém-pintada comigo e desabando em cima dela.

Os outros encerram a live antes que Sarang ou eu possamos nos levantar, mas, quando finalmente consigo me desemaranhar de seus membros agitados, eles ainda estão olhando para a tela. Kai está rolando a seção de comentários.

Amoaliens42_069: esse café é Caótico Bom
Pampamkazam: a Sarang e o River discutindo no começo, meu deus! Eles são megafofos juntos
MisaMoxley: eu shippo LoveLee!!!
> **Solomon.salamandra:** O que é LoveLee?
> **X_yoonie_X:** é o nome do ship da Sarang e do River
> **MisaMoxley:** é, Sarang significa amor em coreano, mais o sobrenome do River = LoveLee!

Fico espantado.

— Como eles descobriram meu sobrenome?

— Todo mundo na internet é idiota se é isso que pensam da gente — diz Sarang, me ignorando.

Ela franze o nariz com desgosto quando diz "da gente", o que me magoa. Claro, nós nem gostamos um do outro, mas o puro desgosto dela ao pensar em ser associada a mim não é *ótimo*.

Isabette sorri para mim.

— Sua ideia de fazer o café ficar famoso com um fandom está funcionando.

Sarang resmunga.

— Tivemos alguns dias *razoáveis* de trabalho.

— Você vai morrer se admitir que eu estava certo? — pergunto, ao me virar para ela.

Sarang está mais perto do que eu esperava. Ela mal bate no meu esterno; eu abaixo a cabeça enquanto ela estica o pescoço para trás. A diferença de altura me deixa confuso por um segundo, mas ignoro isso. Como uma pessoa tão baixinha pode ter tanta maldade dentro de si? Talvez porque assim a coisa fique mais concentrada.

Haneul aparece novamente por trás das cortinas da cozinha.

— Será que vocês podem fazer menos barulho, ô seus merdinhas? Appa está tentando dormir.

Sarang balança a cabeça e se vira para seguir a irmã para os fundos. Antes de sair, ela me lança um olhar por cima do ombro. Acho que ia dizer alguma coisa, mas acaba só fazendo uma careta e indo embora. Surpreendentemente, isso me lembra a expressão de Cecelia ontem à noite.

Desgosto.

Minhas entranhas se contraem de um jeito estranho, se revirando.

Pelo visto, o sentimento é mútuo.

11. HACKEANDO O CELULAR DA MINHA EX-NAMORADA, MAS NÃO DE UM JEITO TÓXICO DE STALKER, JURO

Não consigo tirar da cabeça aquele comentário que recebemos na nossa live outro dia: *LoveLee*.

Por um lado, a parte de mim que é lógica e racional (sim, essa parte ainda existe) estremece com a ideia de pessoas shippando Sarang e eu. Eu me arrepio. Mas o fã dentro de mim tem que admitir que LoveLee é um nome incrível para um casal.

Mas o que realmente tem me incomodado é: como é que desconhecidos online descobriram meu nome completo? Tomei cuidado para não revelar muitas informações pessoais em nossos vídeos e, *definitivamente*, não mencionei nada nas minhas contas de fandom, então como?

Foi um alerta. Se uma pessoa aleatória na internet consegue descobrir meu nome verdadeiro, não vai demorar muito para que Cece ou meus pais descubram sobre mim e o Bingsu para Dois. É um milagre que ainda não tenham descoberto, mesmo que minha mãe e meu pai não usem muito as redes sociais e eu saiba que Cece está ocupada demais cuidando de sua inscrição para a faculdade para monitorar suas contas vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, mas é apenas uma questão de tempo, a menos que eu faça algo.

E quando digo que *eu* preciso fazer algo, quero dizer pedir ajuda ao meu irmão mais novo.

Uma boa maneira de bajular Jace é levá-lo para comer sua comida favorita: hambúrguer do Dick's Drive-In, uma rede de fast food gordurosa típica de Seattle. Então, depois do treino de futebol, pegamos o VLT para Capitol Hill, onde ele se aproveita da gentileza do irmão e pede três hambúrgueres, batatas fritas e um milk-shake de chocolate.

— Ok, tudo isso tem um motivo? — pergunta Jace, enfiando um punhado de batatas fritas moles e oleosas na boca. Nós nos sentamos ombro a ombro na calçada na frente do restaurante, ignorando as pessoas que passam atrás de nós. É a maneira ideal de saborear um hambúrguer do Dick's. — Você finalmente percebeu que sou o melhor irmão do mundo e que deveria me mimar mais?

— Hum. Isso, e tenho uma coisa para te contar. — Tomo um gole do meu milkshake de morango enquanto reúno coragem. — Lembra que eu disse que estou tendo aula particular e que é por isso que não posso voltar a trabalhar para a Umma e o papai? Bom, não estou. Eu menti e consegui outro emprego. Em outro café… aquele que fica na mesma rua do Café Gong.

Jace fica boquiaberto e deixa cair algumas batatinhas mastigadas.

— Ah, você está *muito* ferrado — diz ele.

— Escuta, eu sei que estou lascado se a Umma e o papai descobrirem…

— *Se*? Você está trabalhando a duas ruas deles, é lógico que eles vão descobrir! Há quanto tempo você está mantendo isso em segredo?

Tento não me sentir envergonhado por ser repreendido pelo meu irmão mais novo, porque, infelizmente, ele tem razão.

— Algumas semanas. Tudo aconteceu tão rápido que eu não parei para pensar nos detalhes.

Apoio os cotovelos nos joelhos e encosto a testa nos braços. Eu me viro para ele.

— Mas agora eu trabalho com o Kai, então é divertido.

Isso deixa Jace animado.

— Sério? Posso ir visitar?

— Não sei por que você acha ele tão legal, mas tudo bem, se você me ajudar com uma coisa primeiro.

Ele olha para o hambúrguer, depois para mim com desconfiança, percebendo que o preço da refeição é um grande favor.

— Vou me arrepender disso?

Vai, provavelmente.

— Claro que não — respondo.

A primeira quarta-feira do mês é dia de inventário no Café Gong. Como é a primeira vez na filial nova, Umma e meu pai vão estar aqui para ajudar a Cece. O inventário demora normalmente cerca de uma hora, o que significa que não tenho muito tempo para o meu plano. Preciso fazer isto *agora*.

Jace e eu nos aconchegamos num canto do Café Gong, fora da vista das janelas.

Ainda com o uniforme de futebol, ele torce a barra da camisa suada.

— Tem certeza disso? — pergunta. — Se você for pego, vai se meter numa puta encrenca.

— É por isso que você está aqui. E eu sei, mas não tenho escolha. Se descobrirem sobre o Bingsu para Dois, não vai ser um problema só para mim, mas também para os meus colegas de trabalho.

Diante do silêncio dele, desvio o olhar do café e volto a encará-lo. Jace está me olhando com uma expressão incomum e tranquila, como se estivesse reconsiderando algumas de suas visões de mundo pela primeira vez. Ergo as sobrancelhas.

— O que foi?

Ele dá de ombros e abaixa o olhar.

— Parece que você gosta muito daquele lugar, ao contrário do Café Gong. Faz tempo que não vejo você tão envolvido com algo que não seja seus livros.

Gaguejo, tentando encontrar uma razão que justifique minha decisão de basicamente trair o negócio da família, quando Jace bate com o ombro em mim, exibindo seu aparelho ortodôntico em um sorriso que me desarma.

— Não precisa se preocupar que eu vá contar nada para o papai e a mamãe. Se o Bingsu para Dois é importante para você, então acho legal você tentar proteger o café. Fico feliz em poder ajudar. Ei, *ei*, você está chorando? Para com isso! — Jace resmunga, com o rosto ficando corado. — Vamos logo com isso. Eu vou primeiro.

Ele corre para a entrada do Café Gong, fazendo um sinal de paz para mim. Esfrego os olhos e faço uma anotação mental de convidá-lo para almoçar comigo com mais frequência, depois sigo na direção oposta, em direção à entrada dos fundos.

Mais cedo, pedi para Isabette me enviar a programação, confirmando minha suspeita: só a Cece está no turno da noite hoje, já que meus pais

também estão trabalhando. Isso significa que, se Jace conseguir distrair os três como eu pedi, os fundos do café devem estar livres.

Pego as chaves de gerente que nunca devolvi, rezo para tudo dar certo e destranco a porta dos fundos. Não ouço nada além do zumbido da geladeira e dos clientes no salão. Então, a voz de Jace vem de lá.

— Que foi? Não posso visitar meus pais no nosso próprio café? Não sabia que era crime se importar. Se é, então pode colocar algemas nestes pulsos e me prender, porque adivinha quem tem dois polegares e um coração grande. *Euzinho*.

Ouço alguma resposta abafada que parece a voz do meu pai.

— Não vou incomodar os clientes! — grita Jace, alto o suficiente para me incomodar lá atrás. — Né, Cece? Ei, você cortou o cabelo? Ficou ótimo. Ah, não cortou? Deixa eu ver, vem cá, deixa eu dar uma olhada nas pontas. Uau, bem lisinho. Ei, não vai embora, ainda não terminei. Umma, vem ver.

Ele é muito bom. Se não der certo no futebol, Jace tem um futuro brilhante no teatro amador.

Enquanto ele distrai os três na frente, corro para a sala de descanso.

Se tem uma coisa em que meu pai é rigoroso, é guardar os celulares durante o trabalho. Há uma cesta especial para eles nos fundos, perto da geladeira e dos armários. Para meu alívio, tem três iPhones dentro.

Pego-os da cesta e coloco em cima de uma mesa. O barulho na frente me faz olhar constantemente por cima do ombro. Não tenho muito tempo. Todos os celulares estão bloqueados, mas as senhas da Umma e do meu pai são fáceis: a data em que abrimos o Café Gong. Eles usam essa senha para tudo. Fico olhando um pouco mais para o celular da Cece, com o estômago se revirando de culpa. É melhor ou pior bisbilhotar o celular de alguém quando vocês estão juntos ou quando estão separados? Não há tempo para dilemas éticos sobre limites nos relacionamentos agora. Qual seria a senha dela? Ela sabia a minha, mas eu não me dei o trabalho de perguntar a dela.

Tento a data de aniversário dela: 051006: 5 de outubro de 2006.

O celular vibra numa resposta irritada. *BZZRT!* Senha errada.

Franzo as sobrancelhas e tento o nome da gata dela: Olivia, 654842. *BZZRT!* Também errado.

Merda. Eu devia ter sido um namorado mais inseguro e pedido todas as senhas dela. Passo os dedos pelo cabelo, virando o celular na mão meio

nervoso. Na parte de trás da capa, tem uma foto nossa tirada com uma Polaroid. Minha respiração falha.

Lembro exatamente onde foi tirada. No segundo ano, visitamos uma plantação de abóboras pela primeira vez. O outono é a estação favorita da Cecelia: as folhas que mudam de cor, os filmes de terror, a cidra quente de maçã, ela adora tudo isso. Na foto, estamos agachados ao lado de uma abóbora enorme no meio da plantação. Cecelia está abraçando-a orgulhosamente, sorrindo para a câmera e envolta em um cachecol vermelho e um gorro que fazem seus olhos azuis se destacarem como cristais. Estou atrás dela, vestindo minha camisa de flanela, a sua favorita, com um braço em volta de seus ombros, mas não estou olhando para a câmera. Estou olhando para ela. Aquela expressão suave e desprevenida em meu rosto, brilhando de amor e adoração, parece pertencer a um estranho.

Hesitante, viro o celular de volta. Tento 030221 — 3 de fevereiro de 2021. Nosso aniversário de namoro.

O celular dela desbloqueia.

Tenho que fazer uma longa pausa antes de conseguir continuar.

Com os três celulares desbloqueados, abro o Twitter primeiro. Começo pela conta do meu pai, indo para a seção de privacidade e segurança das configurações dele. Em "Palavras silenciadas", digito *Bingsu para Dois*, *River Langston-Lee*, *LoveLee* e #*odeiomeutrabalho*. Em seguida, procuro a conta do Bingsu para Dois e a bloqueio, me certificando de limpar meu histórico de pesquisa depois. Aí, é a vez do celular da Umma, depois o da Cece; então, recomeço o processo com o Instagram e o YouTube.

Estou suando quando termino. O saguão está começando a ficar mais silencioso, então coloco os celulares de volta na cesta e saio correndo da sala de descanso. Ao sair e trancar a porta dos fundos, envio uma mensagem para Jace:

Jace

Tudo pronto. Estou aqui atrás. Você é o melhor

Eu me encosto no prédio, com o estômago revirando por algo mais do que apenas a adrenalina correndo nas minhas veias.

Pelo menos o problema está resolvido.

12. É ISSO QUE EU GANHO POR NÃO FALTAR NO TRABALHO

Por mais que a Sarang tente dizer o contrário, é inegável: as redes sociais estão trazendo mais clientes para o café. Eu estava *certo*. Acabo meus turnos exaustos, com os dedos com cãibra de servir leite, mas vale a pena para ver o Bingsu para Dois prosperando. É legal ver a prova física de que meu fandom e meu conhecimento de redes sociais trazem benefícios reais para as pessoas ao meu redor. *Toma essa, pai e mãe — ficar rolando o Instagram o dia todo* é sim *uma habilidade*.

Depois de uma longa semana de aulas e de hackear o celular da minha ex (cruzes), decido pegar o turno de Haneul no sábado seguinte, já que ela conseguiu um trabalho pintando um mural no centro da cidade. Depois que aquele que ela fez para o café viralizou, ela tem recebido um monte de pedidos de empresas locais e está esperançosa de que a exposição leve a um trabalho com animação.

Kai e eu estamos tentando abrir a tampa de uma lata de chantilly quando ouvimos alguém descendo as escadas correndo nos fundos. Atravessando as cortinas da cozinha, surge uma Sarang suspeitamente fofa: cabelo cheio de frizz, ainda de pijama e com uma expressão de choque. Socorro, ela infelizmente é atraente. Odeio ela. Eu consigo aceitar essas duas coisas; sou uma pessoa multifacetada.

— Bom dia, Bela Adormecida — resmungo enquanto tento girar a tampa novamente. Sem sorte.

Ela abre e fecha os lábios. Nenhuma palavra sai. Ela nos mostra a tela do celular. Tem um e-mail.

Olá, família Cho,
Meu nome é Lani Kapule. Sou repórter local do KING 5 News aqui em Seattle. Minha equipe e eu ficamos sabendo do vídeo viral sobre seu café e eu adoraria fazer uma matéria com vocês e seus funcionários. Se estiverem interessados, é só ligar para o

número abaixo e podemos marcar um horário para minha equipe de filmagem e eu encontrarmos vocês no seu estabelecimento.

Atenciosamente,
Lani Kapule
Repórter do KING 5 News

Kai ergue os olhos do celular.

— Puta merda.

— *Puta* merda — repito.

— Puta merda! — exclama Sarang. — O jornal quer entrevistar a gente. *A gente*, nosso pequeno café coreano que ninguém conhecia até duas semanas atrás. Um jornal de verdade.

Tem algo nisso que é mais imediato, mais real do que a atenção que recebemos online. Aquelas pessoas são, para usar as palavras cruas de Sarang, desconhecidos sem nome e sem rosto em uma tela. Reais, mas não como uma equipe de âncoras e jornalistas. A situação me atordoa, primeiro emocionante, depois assustadora. Meu pai assiste ao KING 5 na televisão todas as manhãs — *isso* é real.

Espera.

Meu pai assiste ao KING 5 na televisão todas as manhãs.

— Que maravilhoso. Depressa, responde antes que ela mude de ideia — incentiva Kai, tentando colocar os dedos de Sarang no teclado do celular. Ele me dá uma cotovelada nas costelas. — Não é ótimo?

Claro, minha mãe e meu pai descobrirem que eu menti sobre as aulas particulares para o SAT e abandonei nosso negócio familiar para trabalhar para a concorrência é fantástico.

— É isso — diz Sarang sem fôlego, antes que eu consiga pensar em algo para sabotar todo o plano.

Ela levanta os olhos do celular e fico sem respirar ao vê-la. Não a vejo tão feliz desde...

Ah. Eu *nunca* a vi tão feliz. Seus olhos pretos brilham, os cantos enrugados de alegria. Ela está sorrindo tanto que deve doer. Suas covinhas talvez nunca desapareçam.

— É *isso* — repete Sarang. — É o seguro do café. Mesmo que um milhão de estranhos saibam da gente online, isso não significa nada se eles não conseguirem nos apoiar pessoalmente, mas isso vai colocar a gente no radar de Seattle para sempre. Vai garantir que o café não entre em falência quando nossa fama na internet acabar. Mesmo quando eu for para a

faculdade. — Ela sussurra a última parte, seus olhos se voltam para a tela do celular e ficam vidrados.

Sinto um aperto no peito como se tivesse levado um soco. Não. Não, não posso tirar isso dela, de todos eles. E se minha mãe e meu pai tivessem uma oportunidade como essa? E algum novo funcionário arruinasse tudo para eles? Não consigo esquecer como tentei sabotar o Bingsu para Dois no início e tudo o que ainda preciso fazer para compensar isso.

— Você devia dizer para ela trazer a equipe amanhã — sugiro. — O café fecha aos domingos. Vai ser perfeito.

Sarang pisca. Seus olhos, sem maquiagem hoje, percorrem meu rosto. Então ela acena com a cabeça. Incerta no início, mas depois com entusiasmo.

— Isso, amanhã. Vou dizer que ela pode entrevistar a gente.

Kai comemora e, apesar de estar feliz pelo café, não consigo evitar a sensação de medo que paira no meu estômago.

Mas tudo bem. Eu simplesmente não vou aparecer amanhã. Problema resolvido.

Problema *não* resolvido.

Por volta do meio-dia, a porta se abre e tilinta com a entrada de um cliente. Eu me viro.

— Bem-vindo. O que posso...

Três caras se espremem pela porta, empurrando duas câmeras de vídeo pesadas. Uma mulher os segue carregando microfones, e outros três membros da equipe invadem o café atrás deles. Finalmente, uma mulher alta, com cabelo preto ondulado emoldurando um rosto impressionante, entra. Pelo visual de blazer azul-marinho e saia lápis, ela é a repórter. Seus saltos fazem barulho ao se aproximar de mim no caixa.

— Oi, sou Lani Kapule, do KING 5 News. Muito obrigada por nos receber. Que lugar fofo. Localização infeliz, com certeza, mas o interior compensa.

Ela estende a mão e eu a aperto, ainda atordoado, focado na quantidade absurda de pessoas da equipe que lotam nosso saguão. Os clientes ficam boquiabertos olhando para eles.

— Oi — lembro de dizer, atrasado. Uma pausa. — É... o que você está fazendo aqui? Eu... quer dizer, como posso ajudar?

A sra. Kapule ri com vontade.

— Você é um amor. Você é o cara que filmou o vídeo que viralizou, certo? Quero você na frente quando fizermos uma entrevista completa com todos que trabalham aqui. Por falar nisso, cadê seus colegas de trabalho?

— Minha única colega que está aqui hoje está no intervalo do almoço. Desculpa, ainda não entendi. É sobre a matéria que você vai fazer sobre o café, certo? Achei que fosse amanhã.

A cortina se move atrás de mim. Sarang sai da cozinha com o cabelo cacheado, maquiada e com um vestido preto com mangas bufantes que caem dos ombros. Engulo em seco.

A sra. Kapule olha ao meu redor e sorri.

— Ah, você deve ser a Sarang.

— Oi, sou eu. Muito obrigada por ter vindo até aqui.

Quase distendo um músculo da testa com a rapidez com que minhas sobrancelhas se levantam. Sua voz está melosa, com uma doçura artificial nas palavras que não é normal nela.

O sorriso que ela dá para a sra. Kapule é mais amigável do que o normal — caramba, ela até está usando um batom vermelho discreto hoje, em vez do seu gloss preto habitual.

Seguro uma risada. E ela fica *me* dizendo que a sinceridade é a coisa mais importante.

— Ei — sussurro para ela. — O que é isso? Eu pensei que eles viriam amanhã.

Sarang acena com a mão em um gesto displicente.

— Eu sugeri domingo, mas a Lani disse que eles podiam vir hoje, então, por que não?

Eu consigo pensar em centenas de razões por que não, Sarang.

— E os outros? — pergunto, sufocando meu pânico.

— Estão a caminho. Menos a Haneul, ela ainda está trabalhando na encomenda dela.

— Você não quer que ela esteja aqui? Ela pode ficar no meu lugar.

— Já liguei e ela se recusa a sair do mural. Não a culpo, ela passou anos tentando conseguir um trabalho desses.

Volto a olhar para a frente. Será que consigo sair sorrateiramente

enquanto todos estão distraídos? Fingir que houve uma emergência?

Mas, claro, é nesse momento que Kai, Vanna e Dario entram.

— Vida de celebridade, aqui vamos nós — anuncia Kai, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. — Vamos ser mais famosos do que aquela garota do TikTok que faz uma resenha de cada copo de leite que ela toma.

Dario dá um tapinha na cabeça de Kai.

— Não tem como sermos mais famosos do que ela. Isto é só o jornal local.

Vanna passa por eles, ajeitando o cabelo.

— Não estou nem aí se vamos ficar famosos ou não. Estou aqui pelas horas extras sem ter que fazer nada além de me sentar e parecer bonita, que é o que faço de graça a maior parte do tempo mesmo.

— Dá para vocês levarem isto a sério, por favor? — pede Sarang, irritada. Ela se transforma completamente e lança um sorriso encantador para a sra. Kapule. — Desculpa por eles.

— Não, imagina, está perfeito. O público vai adorar vocês. — A sra. Kapule aponta o salão. — Podemos começar a tirar os clientes? Estou pensando em colocar vocês cinco naquele sofá, sim, ao lado da janela, e...

Alguém sai da cozinha, com passos lentos e vacilantes.

Um senhor asiático, com o rosto cheio de rugas pela idade e de expressão, e cabelos bem penteados, mais grisalhos do que pretos. Ele está vestido com uma camisa azul impecável e calça social justa. Sarang se levanta rapidamente e corre para seu lado. Ela se agarra ao cotovelo dele, perguntando em coreano se está se sentindo bem, ao que ele a tranquiliza com um tapinha na mão. Ele me nota parado, sem jeito, no meio da sala.

Ele pisca e, então, me reconhece.

— Você deve ser o River. Minha filha disse que você é coreano, certo? 와, 키가 정 말 크구나.[2] — Ele pega minha mão e a aperta, batendo no meu ombro com a outra mão. — Desculpa por demorar tanto para me apresentar. Ouvi coisas ótimas sobre você — diz ele, de forma brincalhona.

Faço uma meia reverência estranha, que fica ainda mais constrangedora porque sou um pouco mais alto que ele.

— Não, tudo bem. Pra mim é um prazer conhecer o senhor. Obrigado mais uma vez por me contratar, fico muito grato.

A sra. Kapule se junta a nós.

— Este deve ser o seu pai, certo? Você tem um café lindo aqui, muito aconchegante. Se importaria de sentar na frente da câmera? Queria fazer

uma entrevista com você e sua filha primeiro.

O sr. Cho aperta meu ombro.

— E depois você vai entrevistar todos os funcionários, certo?

— Isso mesmo, todo mundo aqui.

Ele sorri para mim.

— Ótimo. Estou ansioso para ouvir o que você tem a dizer, River, já que tudo isso só foi possível graças a você.

Eu me encolho.

— Não sei, não. Não gosto muito de ficar na frente das câmeras.

— Não foi sua ideia começar a fazer vídeos para as redes sociais?

Merda. Desculpa ruim.

O sr. Cho percebe minha relutância.

— Tem algum motivo para você não querer aparecer na televisão?

Sim, vai ser difícil explicar aos meus pais quando eles reconhecerem o filho deles no noticiário da manhã. Mas mais difícil ainda seria olhar diretamente nos olhos gentis e calorosos do sr. Cho e contar a ele como ajudei a empresa da minha família a tentar acabar com a dele.

— Não — respondo, forçando um sorriso. — É só nervosismo. Mas eu vou fazer.

Foda-se, depois eu dou um jeito de impedir que a Umma e o papai descubram.

Parte de mim quase deseja que eles saibam, para poderem ver que sou capaz de fazer algo sem eles. Afasto esse pensamento. Um pequeno momento de "viu só?" não vale a pena.

Kai, Vanna e Dario já estão no sofá, e me junto a eles enquanto esperamos Sarang e seu pai terminarem de filmar do outro lado do café. Quando terminam, as câmeras e a sra. Kapule se posicionam em frente ao sofá, e o sr. Cho senta perto de uma das mesas, sorrindo todo orgulhoso para nós. Sarang é orientada pela sra. Kapule a se sentar ao meu lado. Meu coração dispara quando a luz vermelha de cada uma das câmeras começa a piscar.

INT. "BINGSU PARA DOIS"/SALÃO — CONTÍNUO

A placa BLÁ! meio apagada pisca acima de RIVER, SARANG, VANNA, KAI e DARIO amontoados no sofá. A SRA. KAPULE se inclina para a frente na cadeira, com um sorriso ansioso.

SRA. KAPULE

É maravilhoso ter a chance de sentar com os baristas do Bingsu para

Dois. Não é segredo que vocês conquistaram a internet. Me contem o que inspirou o vídeo que levou seu café aconchegante e despretensioso à fama na internet.

DARIO
Foi tudo graças ao River, você deveria perguntar a ele.

RIVER
Bom, tudo começou com um vídeo que gravei da Sarang me treinando quando fui contratado. Ele foi… postado na internet, e as coisas começaram a decolar a partir daí.

SRA. KAPULE
Vocês fizeram muito para conquistar essa fama. Vários vídeos viralizam, mas nem todos conseguem aproveitar esses quinze minutos de atenção e transformá-los em sucesso real. Como um grupo de baristas virou especialista em marketing da noite pro dia?

KAI
River é o cérebro por trás disso. Ele tem muitos seguidores nas redes sociais por causa das coisas de fandom dele. Vídeos, edições, tudo. Ele é profissional em entender como agradar as pessoas online.

SRA. KAPULE
Eu diria que é mesmo. Vocês fizeram sucesso instantâneo — como se sentem com isso?

VANNA
Ficamos chocados no começo, sim, mas é muito legal ver quantas pessoas estão nos apoiando.

SARANG
No começo, eu não gostava muito de ficar tão exposta online, mas tem sido bom para os negócios.

RIVER
(murmurando)
Ah, agora você admite.
Sarang se mexe na cadeira pra disfarçar e dá uma cotovelada discreta nas costelas de River.

SRA. KAPULE
Voltando aos seus fãs online, vocês conquistaram uma base de fãs bem grande em pouco tempo. Parece que as pessoas adoram a dinâmica entre vocês cinco.

VANNA
Dá pra culpar elas? Olha pra gente. Somos tão adoráveis.

RIVER
É! Base de fãs é uma boa maneira de dizer. As pessoas estão reagindo a

nós da mesma forma que um fandom reage aos seus criadores favoritos. A gente acha isso bem legal.

SRA. KAPULE
Exatamente. E, assim como em um fandom, tem havido muito interesse em vocês e nas relações individuais entre vocês. Quero me concentrar em um boato que parece estar especialmente fixado na internet. River?

RIVER
Sim?

SRA. KAPULE
Você e a Sarang começaram a namorar quando você veio trabalhar aqui ou antes?
River olha fixamente para a sra. Kapule, com um sorriso tonto ainda no rosto, enquanto os outros viram a cabeça ao mesmo tempo para observá-lo. Ele pisca e faz um som engasgado e gorgolejante que talvez seja uma risada. Um rubor instantaneamente colore suas bochechas.

RIVER
Acho que tem algum…

KAI
Eles começaram a namorar na primeira semana do River aqui.
River lança um olhar que diz "vou matar o Kai" com um único movimento dos olhos. Ele abre a boca, mas é interrompido novamente.

VANNA
Não é uma graça? É como uma comédia romântica na vida real.

KAI
Eu chamaria de amor à primeira vista.

VANNA
Eu concordo.
Sarang solta um guinchinho, com uma expressão de vergonha que reflete a de River.

SRA. KAPULE
Meu deus, que coisa linda. Sarang, você claramente é apaixonada pelo seu trabalho aqui. Como se sentiu quando seu namorado ajudou a transformar o café em uma sensação viral?
Os dois se olham. Emoções confusas se misturam nos olhos de Sarang. Ela pisca algumas vezes, com a boca entreaberta, sem dizer nada. River dá de ombros quase de modo imperceptível, como se dissesse: "É isso que dá você nos surpreender com uma entrevista — agora conserta isso aí." Mas então a compreensão passa por seu rosto, e ela aperta os dentes com determinação.

SARANG

(hesitante)

Eu… sou muito grata. Pelo que o River fez pelo café. Ele é um… um ótimo namorado nesse sentido.

River parece que vai engasgar com a própria língua e desmaiar. Sarang se vira para ele e não quebra o contato visual quando fala novamente.

SARANG

Levei um tempo para aceitar, mas sou grata aos apoiadores online e ao que eles fizeram pela nossa loja. Se eles estão interessados no meu relacionamento com o River, fico feliz.

(incisivamente)

Porque isso significa que o café do meu pai não vai fechar desde que a gente mantenha todo mundo entretido, né?

Primeiro, River demora a entender, mas depois é tomado pela compreensão, e seu rosto fica pálido. Ele morde o lábio, pensando nas palavras de Sarang. Então, relutante, alcança a mão dela. A câmera dá um zoom nos dedos deles entrelaçados.

RIVER

… Certo.

---

[2] Uau, como você é alto.

13. ABUSANDO DO MEU PRIVILÉGIO DE IRMÃO MAIS VELHO

Ignorar as reclamações do meu pai durante o café da manhã nunca foi tão fácil, já que estou superconcentrado nas notícias chatas que passam na televisão sobre rachaduras nas calçadas da cidade. Não faço ideia de quando a entrevista de ontem vai ao ar, o que significa que, de repente, estou mais interessado do que nunca em reformar as ruas de Seattle, esperando pelo que pode ou não acontecer a seguir.

— Cece está passando maus bocados sem um cogerente — diz meu pai de forma incisiva, enfiando uma colherada de cheonggukjang na boca.

Pego um pouco de banchan sem pensar, encarando a TV.

— Por que você não contrata alguém?

— Não, um estranho não vai se importar com o negócio da família como você. Além disso, as vendas da nova filial andaram caindo, então não temos como pagar. Se isso continuar, não sei como vamos começar a franquear nacionalmente. Precisamos de você, River. Por que você não faz o cursinho nos fins de semana?

— Hum, o curso não abre nos fins de semana.

Umma se inclina para a frente na cadeira.

— Jace, pode aumentar o volume da TV? Não estou conseguindo ouvir as notícias.

— Muh-huh — murmura ele com a boca cheia de comida. Jace se estica para pegar o controle remoto ao meu lado e aponta para a televisão antes que eu consiga tirar da mão dele.

Uma voz familiar enche a sala de jantar.

— Bom dia, Seattle, aqui é Lani Kapule, do KING 5 News. A seguir, uma matéria fascinante sobre um café coreano familiar local, o Bingsu para Dois, que conquistou o coração dos apreciadores de café e dos fãs online.

— Ah, não é perto do Café Gong? — pergunta minha mãe, virando-se na cadeira para ficar de frente para a TV.

Meu coração afunda.

— Na verdade, está um pouco alto, podemos desligar? Estou com dor de cabeça — digo, com a voz tensa.

— Quer ibuprofeno? — pergunta meu pai.

— Não, acho que é só o barulho. *Jace*, pode me dar o controle remoto?

Ele se vira para mim, confuso com minha expressão tensa. Consigo ver quando a luz acende acima da cabeça dele.

— Ah, merda, sim, toma.

Mas, quando ele o estende, Umma o pega. Ela abaixa o volume, mas mantém a TV ligada.

— Assim está melhor? Quero ver isso; estou surpresa de eles saírem no jornal. É um lugar pequeno, né, **여보**?[3]

— É, não acredito que ainda não os fizemos falir.

Papai se inclina para a frente, completamente absorto na televisão. Meu deus do céu. Não tem como eu desligar agora.

A voz da sra. Kapule entra no ar.

— Fiquem ligados até o final para um anúncio especial de dois baristas sobre o status do relacionamento deles. Mas, primeiro, uma entrevista com o dono e sua filha.

Suspiro.

— Vou ao banheiro.

Saio praticamente correndo de lá. O som de Sarang e seu pai conversando na televisão me segue mesmo quando eu me tranco no banheiro. Pego meu celular e ligo para Jace. *Atende, atende, eu sei que você está com o celular, babaca.*

Ele atende logo antes de eu ser encaminhado para a caixa postal.

— O que foi? — pergunta Jace.

— Finge que sou seu amigo Solomon.

— Do que você tá falando?

— Só fala: “Oi, Solomon.”

— Oi, Solomon?

— Preciso que você me faça um favor agora.

— Outro? O que eu ganho com isso?

Fechei os olhos.

— Cinquenta dólares.

— Manda.

Ouço a entrevista na sala de jantar pelo telefone do Jace. O sr. Cho está falando sobre como ele e sua falecida esposa imigraram da Coreia para Seattle e abriram seu café. Não falta muito para a próxima parte.

— Jace, preciso que você ouça com muita atenção. Você tem que impedir a Umma e o papai de verem o jornal — digo. — Vou aparecer na próxima entrevista.

Ouço barulho do outro lado da linha e, pela porta, percebo que ele está saindo da cozinha e indo para o corredor ao lado da sala.

— Como vou fazer isso? Eles estão assistindo e a mamãe está com o controle remoto — sussurra ele. — Por que você deu uma entrevista?

— Porque sou um *idiota*. Faz o que precisar, só não levanta suspeitas.

— Cara, é difícil. Cinquenta dólares não são o suficiente. Você também tem que fazer minhas tarefas nas próximas duas semanas.

— Tanto faz, tá bom...

— Muito bem — diz a Sra. Kapule. — Agora, vamos para o próximo segmento, apresentando todos os funcionários do Bingsu para Dois.

Aperto meu celular e colo a boca no alto-falante.

— Puta merda, Jace, *faz alguma coisa agora*!

Uma curiosidade sobre o Jace é que ele não se sai bem sob pressão.

Ele se vira, claro. Mas não se sai exatamente bem.

Jace diz:

— UHH. — Então, o som de ar correndo, interrompido por um *PAF!* que me faz recuar do alto-falante. Ouço outra coisa quebrar, talvez vidro, e um momento depois a voz do meu pai ecoando pelo apartamento:

— Que merda foi essa?! Jace? Jace! Por que você jogou seu celular na televisão? Volta aqui!

Bato a testa na porta, soltando um suspiro de alívio. Estou devendo muito ao Jace.

---

[3] Querido.

14. MORTE POR LEITE CONDENSADO E PIADAS SOBRE SEXO

Pego folga dos meus próximos três turnos.

Acho que tenho direito a isso, certo? Ignorando o fato de que só trabalho no café há algumas semanas, quer dizer. E que estamos lotados desde o jornal.

Ok, talvez eu me sinta *um pouco* mal por faltar.

Kai me chama de covarde na escola; Haneul me liga cinco vezes por dia para mandar eu levantar minha bunda do sofá e ir para o café. Para minha surpresa, Sarang não diz nada. Ela me mandou uma mensagem uma vez porque eu estava dois minutos atrasado para o meu turno, mas agora? Nada. Não que eu esteja reclamando. Talvez eu esteja faltando para evitá-la, e aparentemente tudo bem para ela.

Mas faltar quatro dias seguidos pode ser exagero, então, apesar da vozinha dentro de mim me dizendo para pedir demissão, vou para o café na quinta-feira, depois da escola.

Sarang está trabalhando no caixa quando entro e congela no meio do pedido de um cliente. Seu rosto se contrai de raiva em um intervalo impressionantemente curto — bons reflexos. Já até consigo ouvir o que ela vai gritar: *Que gentil da sua parte aparecer no trabalho, seu idiota magricelo. Está vendo essa fila? O que você ainda está fazendo parado na porta?*

Mas aí ela fecha a boca e a contorce.

Espera. Isso é um sorriso.

— Oi, River.

Por que ela está falando assim?

É quando percebo os outros clientes. Os que estão na fila e no salão, todos olhando. Toco minha boca, me perguntando se há algo no meu rosto, mas aí me lembro. Estamos namorando, e todo mundo sabe.

Ainda bem que estou cobrindo a boca, porque meu estômago dá uma volta que me faz temer que meu almoço faça uma aparição surpresa pela direção contrária ao normal.

Mas todo mundo está olhando, então engulo qualquer bile e, em vez disso, mando um beijo desajeitado para Sarang.

Ela fecha os olhos e murmura algo baixinho.

Ignorando um pequeno "own!" no canto do salão, corro para a cozinha, onde Haneul está fazendo bingsu enquanto Dario tira fotos para as redes sociais.

— Olha só quem decidiu aparecer — diz Haneul enquanto se esforça para colocar cubos de leite congelado na máquina de raspar gelo.

Sua sequência de reclamações é abafada pelo barulho alto da máquina, então digo sem som:

— Desculpa, não me demite.

E fujo para os armários. Dario se junta a mim.

— Você não estava realmente doente, estava? — pergunta ele.

— Estava sim — respondo. Abaixando a voz: — Doente de vontade de não precisar acordar todo dia.

As cortinas da cozinha se movem. Sarang entra, com o rosto rígido como pedra. Ela caminha até nós e encara Dario.

— Vou tirar meus trinta minutos. Me cobre.

— Já que você pediu com tanta educação — resmunga Dario.

Haneul sai atrás dele carregando os bingsu. Agora somos só nós.

Sarang suspira, todo o corpo murchando com a expiração. Ela parece exausta, a julgar pelas sombras cor de ameixa sob os olhos e pelos fios de cabelo soltos que caem do rabo de cavalo curto. Meus dedos coçam para colocá-los atrás da orelha dela; é um hábito que adquiri quando namorava Cece. Estou esperando que ela me repreenda por ter faltado ao trabalho, mas, em vez disso, ela diz:

— Temos um problema.

— Acho que temos mais do que um, Sarang — digo.

— Eu tenho *vários*, e você é responsável por metade deles.

— Fico lisonjeado por ocupar tanto dos seus pensamentos.

Ela olha para cima, balançando a cabeça.

— Você é horrível. Você só é assim comigo? Porque todos os outros parecem achar que você é um amor, um nerd querido que precisa de proteção, de acordo com os nossos seguidores.

Abro a boca, depois a fecho. Acho que só sou assim com ela, mesmo. Certamente nunca tive coragem de falar assim com a Cece — para o bem ou para o mal.

— Talvez você traga à tona o pior de mim.

— Não, acho que trago à tona a sua *verdadeira* personalidade.

— E eu trago à tona a sua? Ninguém consegue *fingir* ser tão insuportável.

— Você não sabe nada sobre mim — responde Sarang bruscamente.

Pisco, surpreso com a dureza das palavras dela. Ela tem razão. Eu não sei nada sobre ela. Ainda somos praticamente desconhecidos.

Passando a mão pelo cabelo, engulo minha resposta. Não quero criar o hábito de ser maldoso com Sarang ou com qualquer outra pessoa. Odeio como é fácil falar sem filtro perto dela.

— Qual é o problema? — pergunto.

Sarang abaixa a cabeça e, quando a levanta, as linhas de raiva em seu rosto se suavizam.

— As pessoas não acreditam que estamos juntos.

— Graças a Deus.

— Graças a *Deus*? Se descobrirem que mentimos, vão odiar a gente. Podem boicotar o café.

— O termo é "cancelar". Eles podem cancelar o café.

— Obrigada, nerd, vou me lembrar disso.

— Eu sei que estaremos encrencados se descobrirem que estamos mentindo. Mas o que a gente pode fazer a respeito disso?

Sarang faz uma careta que lembra uma camiseta sendo torcida pra fazer pintura tie-dye.

— Convencer todo mundo.

Meu estômago se revira.

— Hum. Como?

As bochechas dela ficam vermelhas.

As minhas também.

— Não vou ficar de pegação com você na frente da câmera nem nada.

— *Quê*? Do que você tá falando?

— Não foi isso que você... — Claro que não foi isso que ela quis dizer. Esqueci que sou a única pessoa culta nesta sala. — Nas fanfics, quando um casal está fingindo namorar, é comum eles praticarem se beijar para a química entre eles parecer mais crível. Achei que você...

— *Não*, pelo amor, River! Eu não quero te beijar! *Jesus*.

— Então o que você sugere?

Ela se remexe de novo.

— Eu estava pensando em gravar um vídeo de nós, sei lá, fazendo bingsu ou algo assim.

— Ah. — Eu me endireito. — Claro. Tudo bem. Pode ser divertido. Por que você estava fazendo parecer algo tão importante?

— *É* importante! — Ela balança a cabeça, esfregando as têmporas.

— Beleza. Tá bom. Vamos filmar um tutorial de como fazer bingsu e convencer todo mundo de que somos almas gêmeas.

Nós nos encaramos.

— Espera, agora? — digo.

— Não, não — responde ela, sem expressão. — Vamos esperar até eles *já* terem descoberto que estamos fingindo.

Reunimos os ingredientes e preparamos o cenário. A cozinha parece mais a de uma casa do que a industrial que você esperaria ver em um restaurante. Ocupa um canto da sala dos fundos e se resume a um fogão modesto, um forno, uma geladeira e uma grande bancada central. Apoio meu celular em um saco de farinha, mas antes de ligá-lo, viro-me para Sarang.

— O que a gente faz? — pergunto. — Tipo, até onde a gente precisa ir para ser convincente?

Ela dá de ombros.

— Como eu vou saber?

Eu pisco.

— Você nunca esteve em um relacionamento?

Seus olhos se estreitam em um olhar severo.

— O que te importa?

— Nada. Quer dizer, não é nada de ruim. Hum. Muita gente curte isso. *Merda*, espera, eu não. Quer dizer, não é que eu *não* goste. Espera, estou piorando tudo. Não faz diferença para mim, é o que estou tentando dizer. Não ligo para essas coisas. Não sou uma daquelas pessoas que gostam mais quando... Puta merda. Ok. Enfim.

Os olhos de Sarang tremem violentamente.

— Esquece tudo isso — digo, acenando com as mãos. — Não importa você nunca ter estado em um relacionamento. Só me surpreende.

— Por quê? — pergunta ela, desconfiada, como se eu fosse dizer algo

assustador de novo.

— Porque você é bonita — deixo escapar.

Só percebo como soa depois que sai da minha boca. As sobrancelhas de Sarang se levantam, desaparecendo atrás da franja. Todo o sangue do meu corpo corre para o meu rosto, e tenho certeza de que vou explodir de vergonha.

— Objetivamente, quero dizer. Talvez o estilo gótico pastel não seja para todo mundo, mas você tem um rosto bonito e... meu pai amado.

— Você me acha bonita?

— Eu disse objetivamente.

— Uau. Que constrangedor para você.

Eu dou um grunhido, e me viro para o celular.

— Sua personalidade anula qualquer beleza. Está pronta?

Ela não responde imediatamente, então olho para ela. Sarang está mordendo o lábio inferior. De repente, ela estende o dedo mindinho na minha frente.

— Antes de começarmos, me promete uma coisa: vamos mentir para todo mundo, mas não um para o outro.

Meus olhos oscilam entre o dedo estendido dela e a expressão séria em seu rosto.

— Tipo um pacto da verdade?

Ela assente com a cabeça.

— Eu *odeio* mentir, mas sei que não temos escolha aqui. Sermos sinceros um com o outro é o único jeito de conseguirmos levar esse plano adiante. A sinceridade é sempre a melhor política. Promete que não vai mentir para mim, e eu prometo também.

Não tenho certeza se entendi. Sobre o que teríamos que mentir? Mas Sarang balança a mão no ar, me incentivando, então estendo a mão e envolvo meu dedo mindinho em torno do dela, que é muito menor.

— Tá bom, eu prometo.

— Ótimo. Agora vamos acabar com isso. Não sei por quanto tempo vou conseguir fingir que estou apaixonada por você na frente das câmeras.

— Eu nem sei se consigo fingir que te acho atraente.

Ela sorri para mim.

— Você não precisa fingir já que *acabou de* admitir que me acha bonita — diz ela, e aperta o botão de gravar no meu celular enquanto minhas bochechas ficam vermelhas.

INT. "BINGSU PARA DOIS"/COZINHA — CONTÍNUO

SARANG e RIVER estão em frente à bancada da cozinha, com uma variedade de tigelas e coberturas espalhadas. A bancada ocupa cerca de 60% da tela, com o restante da cozinha atrás deles. O rosto de River está com um tom de vermelho particularmente alarmante.

SARANG

Olá. O River e eu vamos mostrar para vocês como fazemos nosso item mais vendido do cardápio: patbingsu. River, quer dizer para eles o que é bingsu?

RIVER

Hum. Sim. Patbingsu é tipo uma sobremesa de gelo raspado. Da Coreia. Tipo uma raspadinha, sabe? Mas com uma base mais cremosa. Nele vai… vai o que… feijão-vermelho, frutas, bolinhos de arroz, leite condensado… por que você está me olhando assim? Para com isso.

SARANG

(com ar presunçoso)

Você parece nervoso. Tem alguma coisa te distraindo?

River fecha os olhos e se recompõe. Depois de um segundo, sua postura muda: ele endireita as costas, ergue os ombros e um brilho malicioso aparece em seus olhos. Ele dá um passo em direção a Sarang, o corpo deles quase se tocando, e sorri para ela enquanto segura seu rosto e passa o polegar pela bochecha dela.

RIVER

Desculpa, é difícil me concentrar com você bem do meu lado.

SARANG

Eu… é… o quê…

River sorri, e Sarang, nervosa, coloca o cabelo atrás das orelhas algumas vezes.

SARANG

Vamos começar logo.

River disfarça a risada com uma tosse, mas ela lança um olhar fulminante para ele mesmo assim. Sarang se vira e abre um armário cheio de pratos. As grandes tigelas de vidro para bingsu estão no alto, fora do seu alcance, e ela procura pelo banquinho que convenientemente sumiu desde que River foi contratado.

RIVER

Precisa de ajuda com isso?

SARANG

Sim, por favor…

(pausa)

Amor.

Algo fica preso na garganta de River, como se ele não estivesse

acostumado a ser chamado por nomes carinhosos e não soubesse como se sentir agora. Ele se aproxima dela, pega uma tigela na prateleira de cima e entrega para ela.

SARANG
Uau, *como* você é alto.

RIVER
Valeu.

SARANG
Que foi? Não vai fazer nenhuma piada sobre a minha altura?

RIVER
Não, seria um golpe baixo. E aí talvez te atingisse.
Sem mover um músculo do rosto, Sarang chuta a canela dele e se volta para a câmera.

SARANG
Para começar a fazer o bingsu, primeiro você coloca uma camada de pasta doce de feijão-vermelho no fundo do copo.
Ela mergulha uma colher em uma das tigelas de coberturas ao lado, adicionando uma camada uniforme. River se aproxima por trás dela e segura sua mão sobre a colher. Ela se vira, olhando para ele com raiva. Ele a ajuda a adicionar mais um pouco.

RIVER
Um pouco mais não faria mal.

SARANG
Quando se trata de doce, você parece uma formiga.

RIVER
Talvez seja por isso que não enjoo de você.
River ri sozinho, parecendo orgulhoso de ter ficado muito mais engraçado desde que o orgulho de Sarang se tornou alvo de piadas. Ela não parece achar tanta graça.

SARANG
Ah, que fofo. Quase vomitei.

RIVER
(sugestivamente)
Precisa de algo para tirar o gosto da boca?

SARANG
(animando-se para a câmera)
Sim, tipo algumas das nossas frutas de produção local, que são o próximo ingrediente.

RIVER
Que brega.
Enquanto Sarang coloca morangos e kiwis sobre o feijão-vermelho e, em seguida, o gelo, River observa com os braços cruzados sobre o peito, olhando para as mãos dela. Claramente distraído, ele se assusta quando ela de repente se vira para ele.

SARANG
Você me ouviu, amor?

RIVER
Hã?

SARANG
Eu perguntei se você queria adicionar o último ingrediente, o leite condensado.
Ela se afasta, deixando River se aproximar da tigela. Ele pega a lata e despeja cuidadosamente sobre o gelo.

RIVER
Então, agora é só derramar o leite condensado, assim.

SARANG
Adoro quando você derrama esse leite espesso e pegajoso.
Ele deixa a lata cair no bingsu.
Pedaços de gelo e feijão-vermelho voam. A camisa de River fica coberta de kiwi, enquanto um morango acerta o rosto de Sarang. A força do impacto faz a mesa tremer e o telefone cai, a câmera agora focando o teto.

SARANG (OFF)
River! Qual é o seu problema?! Ai, tem leite condensado no meu olho!

RIVER (OFF)
Eu?! Qual é o *seu* problema? Por que você disse aquilo?

SARANG
Disse o quê?

RIVER (OFF)
Ai, meu deus. Esquece. Merda. Esquece. Hum…
Mãos se movem rapidamente pela tela e a câmera treme quando River pega o celular e filma seu rosto vermelho e frenético.

RIVER
Vídeo encerrado. Isso foi patbingsu. Mais ou menos. Obrigado, tchau.

Assim que eu encerro o vídeo, Sarang começa a rir. Ela se dobra, segurando a barriga e se agarrando ao balcão, enquanto gargalhadas

ecoam pela cozinha.

— Sua *cara*! Puta merda! Foi impagável! — ela consegue dizer entre as risadas.

Só consigo ficar olhando pra ela. Um pedaço de gelo desliza da minha franja para o chão.

— Espera. Então você…

— Que foi, você acha que só porque eu nunca namorei eu não sei o que é sexo?

Como se fosse possível, fico ainda mais vermelho do que antes.

Sarang só ri de novo.

— Você é uma idiota — murmuro, aliviado por já ter bloqueado nossa conta dos celulares da minha mãe, do meu pai e da Cece.

Seria um vídeo particularmente embaraçoso para eles encontrarem. Pego um punhado de papel-toalha para limpar a poça de bingsu na bancada. Sarang pega um pano de prato e me ajuda, rindo.

— Foi merecido. Você que começou, tentando me enganar com essas tentativas idiotas de flerte.

Sentindo outra vontade mesquinha de constranger Sarang em vez de mim mesmo, coloco a mão em cima da dela. Com apenas o canto da mesa entre nós, eu me inclino até meus lábios roçarem a curva de sua orelha e abaixo a voz para um sussurro áspero.

— Funcionou?

Ela joga a toalha molhada no meu rosto.

— Então funcionou, sim! — grito por baixo do pano sujo.

Quando eu o levanto, ela está saindo da cozinha batendo os pés.

— Limpa isso! — grita ela ao sair.

Rio tanto que quase esqueço que odiava essa situação para começo de conversa. Ainda não estou feliz por ter que mentir para todo mundo, mas estou começando a ver que pode ter um lado bom nessa história de namoro falso. Tipo deixar Sarang irritada.

A lembrança de como ela sussurrou “amor” faz meu riso morrer. Cecelia e eu nunca usamos apelidos — ela achava brega —, e ouvir Sarang me chamar assim… Não sei como me sentir a respeito disso.

Talvez este seja um jogo para dois, mas vou ter que melhorar.

15. O GOSTO DE BATOM É AGRIDOCE

— Até eu estou começando a shippar vocês dois.

Empurro Kai para longe do meu rosto, e ele volta para o seu lugar do outro lado da mesa do refeitório. Ao nosso redor, o ambiente está agitado com conversas, risadas e barulho de talheres. Dou uma mordida irritada na minha maçã.

— Que nojo. Não fala isso, estou tentando comer — retruco.

Kai bufa.

— Mas é sério. Todos os nossos seguidores *amaram* aquele vídeo de bingsu que você e a Sarang fizeram. Para ser sincero, não achei que vocês fossem conseguir. Achei que iam acabar se matando e a Vanna e eu íamos ter que destruir as evidências.

Dizer que as pessoas amaram nosso vídeo talvez seja um eufemismo. É seguro concluir que ninguém duvida mais que Sarang e eu estamos namorando — o ship LoveLee engatou oficialmente. Um toque de vergonha tenta se infiltrar entre minhas costelas, mas o afasto. Fico feliz que ela não estude na mesma escola que eu, assim não precisamos manter as aparências fora do café.

— Foi só um showzinho — digo.

— Um ótimo show. — Kai cruza os braços e se inclina em minha direção. — Quase bom *demais*.

— Sério? Vai mesmo entrar nessa?

— Só estou dizendo, cara. Vocês têm química.

— Química nem sempre é uma coisa boa. Química mata. Você não viu *Breaking Bad*?

Kai começa a dizer algo, mas aí se cala, com os olhos fixos em algo atrás de mim. Seu sorriso desaparece.

— Então — diz uma voz familiar e melosa. Meu estômago afunda. —

Você não só conseguiu um novo emprego, mas também uma nova namorada?

Eu me viro rapidamente. Lá está Cecelia, com os braços cruzados. Ela está sorrindo. Não... está com os lábios tremendo. É uma careta distorcida. Ao ver isso, meu coração se torna um pedaço de carvão frio e escuro em meu peito. Antes que eu possa falar, ela se antecipa.

— Seus pais sabem dela? Ou você mentiu para eles sobre *isso* também?

Minha boca fica seca.

— Como você...

— Alguém me enviou.

Ela tira o celular do bolso e me mostra. É a conta do YouTube do Bingsu para Dois: 312 mil inscritos e nosso upload mais recente. "Namorados Baristas Flertam por 17 Minutos (e Te Ensinam a Fazer Bingsu)".

Acho que é um momento apropriado para declarar que estou oficialmente fodido.

Cecelia já está do outro lado do refeitório antes que eu consiga piscar.

— Espera, Cecelia! Espera um segundo!

Ignorando os olhares de todos, pulo da cadeira e corro atrás dela, passando entre as mesas e saltando por mochilas espalhadas pelo chão. Ela sai da sala e entra no corredor.

Está deserto, já que todos estão no refeitório ou nas aulas. No silêncio do corredor vazio, ela finalmente se vira.

Morro de medo de que ela comece a chorar. Mas é pior. Ela está com raiva. O choque de ver essa expressão em seu rosto me tira o fôlego.

— Você estava dizendo a verdade — murmura ela. — Disse que terminou comigo porque estava apaixonado por outra pessoa. Não acredito nisso. Você me traiu mesmo, no fim das contas.

Minha garganta se fecha quando a situação fica clara para mim.

— Eu nunca te traí, Cecelia. Eu juro.

— Você acha que eu vou acreditar em qualquer coisa que sair da sua boca agora?

— Cece, me escuta — começo, hesitante. Nunca a vi assim. Já a vi chateada, claro, mas não desse jeito. Isso perturba uma parte de mim, a que achava que a entendia. — Não foi por causa da Sarang. Eu nem a conhecia antes de começar a trabalhar lá.

— *Mentiroso!* — grita ela. Uma lágrima cai de seus olhos, depois outra,

e logo tem um rio fluindo por suas bochechas. — Você a conhecia antes, sim. Ela foi no Café Gong um dia depois que você terminou comigo. Os outros me contaram o que aconteceu. Disseram que você e uma garota de cabelo verde brigaram.

Fico boquiaberto. Tinha esquecido. Claro que eu devia saber que Jorge e Rosalind ficariam felizes em contar tudo para ela. Agora parece que eu *sou* um mentiroso.

— Estou te falando a verdade! Quer dizer, sim, isso aconteceu. A gente se conhecia, eu esqueci. Mas eu não terminei por causa dela. Puta merda, espera, deixa eu tentar de novo. Eu menti. Tá bom? Você estava certa. Eu menti sobre estar apaixonado por outra pessoa quando terminei com você. Achei que ia ser mais fácil para nós dois se você me odiasse. Assim, a gente podia seguir em frente.

Então percebo algo, ainda sob o choque da nossa briga. Estranhamente, o prenúncio disso é o que Sarang me disse outro dia.

A sinceridade é sempre a melhor política.

Dou um passo à frente e seguro os ombros de Cecelia, olhando nos olhos dela.

— Cece, eu não estou *namorando* a Sarang de verdade. Nada do que você viu nas redes sociais é verdade; estamos atuando. É para ganhar visualizações.

Ela balança a cabeça, com a boca tremendo de uma raiva contida.

— Você acha que eu sou idiota, mesmo.

Percebo com amarga certeza: nada do que eu disser vai fazer Cecelia acreditar em mim. Eu menti, pura e simplesmente. Eu me coloquei nesta situação.

Desesperado, agarro as mãos dela.

— Por favor, não conta para os meus pais que estou trabalhando lá. Eles ficariam arrasados se descobrissem que saí da loja para trabalhar no café de outra família. Iam morrer. Já decepcionei os dois o suficiente, eu... Pode até ser egoísmo, mas não consigo lidar com a ideia de magoá-los ainda mais. Por favor, Cece. Pensa em como eles se sentiriam.

— E como *eu* me sinto? — retruca ela. — Você também partiu *o meu* coração. Eu também investi naquela loja, isso não importa? E todo o trabalho que fiz de preparar o Café Gong para o sucesso? As noites em claro, os turnos extras, as dezenas de horas de treinamento em gestão que fiz. Ou como *você* escolheu o local, marcou o Bingsu para Dois como um

desconhecido no mapa e tomou a decisão final de eliminá-los? Nós dois esperávamos que eles estivessem falidos à essa altura, mas, por sua causa, eles ficaram com todos os nossos clientes. Você já pensou sobre isso?

Meus lábios se abrem em uma defesa silenciosa. Não sei o que dizer, porque ela está certa.

Seus olhos vermelhos piscam para nossas mãos entrelaçadas. Vários segundos pesados se passam enquanto ela respira fundo, tentando se recompor. Eu aperto seus dedos, e ela olha para mim.

— Não vou contar para eles — diz ela, por fim. — Com uma condição. — Seu rosto, normalmente tão suave, brilhando com calor e afeto, agora está duro como um busto de mármore. — Volta para o Café Gong.

Suas palavras esbarram em algum tipo de barreira dentro da minha mente. Mastigo cada sílaba, repito-as mentalmente para ver se consigo entendê-las, absorver seu significado. Mas não consigo.

Cecelia continua:

— Quero que você faça pelo nosso café o que fez pelo Bingsu para Dois. Use as redes sociais para impulsionar nossa loja. Seria uma história e tanto: com suas habilidades de marketing e meu conhecimento de negócios, salvamos o café independente da sua família de um começo difícil e o transformamos num lugar de maior sucesso, tudo por conta própria. Vai ser perfeito para minhas inscrições na faculdade, e você pode provar seu valor para seus pais.

Torço as mãos, fazendo uma careta.

— Não é assim que funciona, Cece. Você não pode simplesmente replicar algo que viralizou. Não tem garantia de que o algoritmo escolheria o Café Gong da mesma forma que escolheu...

— Vale a pena tentar. Eu preciso disso, River, e você também. Você acha que seus pais vão te dar outra oportunidade que nem essa se você não mostrar que é capaz de lidar com as responsabilidades que ela traz? O que você vai fazer no futuro sem o Café Gong?

Ela chega perto — muito perto — e levanta a cabeça. Sua respiração roça meus lábios.

— Tudo pode voltar a ser como era — promete Cecelia. — Tudo.

Voltar a ser como era.

Eu era feliz, não era? Bom, era contente. Será que fui egoísta por não me sentir satisfeito? E se deixar tudo para trás realmente tiver sido um erro? Ela tem razão; daqui a dez anos, o Café Gong pode ser meu único

futuro.

Por que eu não sei o que realmente quero?

Você sabe, não é?, manifesta-se uma vozinha em minha mente. Quase soa como a voz de Sarang. *Você não quer isso. Você foi embora por um motivo, confie em si mesmo.*

Eu nunca tive um bom motivo para confiar em mim mesmo antes.

Cecelia inspira, roubando meu fôlego, e então sela seus lábios cobertos de batom nos meus. Ela se pressiona contra mim. Minhas costas batem nos armários com um *clang* abafado. Ou talvez seja o som do meu coração batendo na minha cabeça. Como sinos. Alarmes. Uma onda de ar frio cai sobre mim, me envolvendo em tristeza. Estou de luto. Pelo que estou de luto? Não estou largando nada, estou recuperando o que é meu, certo? Estou recuperando minha vida. Meu futuro. Meu coração.

Cecelia se afasta. Meus lábios formigam. É minha chance de dizer algo. De ser firme e dizer que não vou voltar.

Mas não consigo. Porque ela está certa.

— Tudo bem — sussurro. — Eu volto amanhã.

O sinal toca.

De repente, o mundo entra em movimento. As portas das salas se abrem e uma enxurrada de alunos enche o corredor, nos separando do nosso momento íntimo.

Olho para Cecelia. Ela sorri como se estivesse me pedindo para sorrir de volta. Em vez disso, me deixo levar pela corrente de pessoas que se espremem no espaço entre nós.

16. A PRIMEIRA VEZ QUE ALGUÉM FOI VOLUNTARIAMENTE TRABALHAR NO SEU DIA DE FOLGA

Não me passa pela cabeça voltar ao refeitório e pegar minha mochila, nem aparecer na minha próxima aula. O único pensamento que tenho é sair deste lugar, com suas multidões sufocantes, paredes apertadas e Cecelia. Saio da escola, desço a rua em direção ao centro. Não sei para onde estou indo até chegar lá. A luz fraca da placa do Bingsu para Dois brilha sobre mim como um farol. Haneul está desenhando em um tablet atrás do caixa quando entro.

— Já vou te atender — diz ela sem levantar os olhos.

Eu me aproximo dela no balcão.

— Esqueci meu uniforme.

Haneul se vira para mim. Ela se endireita, arregalando os olhos.

— River? O que você está fazendo aqui? — Ela olha para o relógio na parede. — Não deveria estar na escola?

— Posso pegar um avental emprestado? — digo, com a voz seca e baixa.

Haneul me lança um olhar preocupado.

— O que aconteceu? — pergunta ela.

— Esqueci meu uniforme — repito.

— Eu entendi. Não é disso que estou falando. Você está bem?

Concordo em silêncio com a cabeça.

Ela me examina rapidamente, com o olhar fixo em minha boca antes de se levantar. A preocupação não desaparece.

— Eu normalmente não tolero matar aula.

— Normalmente não?

— Não. — Haneul morde o lábio, depois aponta para a sala dos fundos. E em um tom gentil: — Tem aventais extras no armário de suprimentos.

A tensão nos meus músculos diminui. Faço que sim com a cabeça, grato, e me viro para ir para os fundos, mas Haneul me impede. Ela me entrega um guardanapo.

— Talvez você queira se limpar primeiro — diz ela, olhando para o meu queixo.

Confuso, limpo a boca. Manchas vermelhas ficam no tecido branco. Batom. Meu coração para.

Demoro um pouco no banheiro. Jogar água fria no rosto ajuda a me acalmar, mas não alivia o peso nos olhos nem a agitação no estômago. Quando saio do banheiro, me sinto mais como uma pessoa de verdade. Mais estável. A parte dos fundos do café é tão sombria que me faz questionar se tudo o que aconteceu fora dessa sala foi real.

Em cima da mesa, tem um avental dobrado ao lado de um bungeoppang fumegante e um latte de batata-doce.

Meus olhos ardem.

Saio e hesito ao ver o sr. Cho sentado no balcão. Haneul está do outro lado, mostrando algo em seu tablet. Ambos erguem os olhos. O sr. Cho sorri e gesticula para que eu me aproxime.

Fico com medo de que ele tente dar uma de pai e me fazer falar sobre meus sentimentos ou pergunte o que aconteceu, mas ele não faz isso; apenas inclina o tablet de Haneul na minha direção para que eu possa ver. Fico boquiaberto.

— Você desenhou isso?

Ela só dá um resmungo em resposta. Na tela, há uma animação em loop do café em um estilo de desenho animado onírico, como se tivesse saído diretamente de um filme do Studio Ghibli. Raios de sol brilham pela cena, suavizando a madeira das mesas e do chão. Vapor sobe como nuvens cremosas de várias xícaras de café. As luzinhas que revestem as paredes cintilam como estrelas cadentes. Então noto o rosto das pessoas dentro do café: somos nós. O sorriso animado de Kai enquanto varre o chão, Dario olhando para ele enquanto limpa uma mesa, Vanna piscando do seu lugar no sofá, e Sarang e eu atrás do balcão. Ela mostra a língua enquanto serve leite em uma xícara, e meus olhos passam dela para o café espresso que estou preparando. O calor que emana do desenho penetra em mim, dissipando o frio que permanece no meu peito.

— É incrível, Haneul. Eu sabia que você era boa, mas isso é a *melhor* coisa que já vi.

Suas bochechas ficam rosadas. Ela cora igual a Sarang.

— Obrigada. Estou tentando construir meu portfólio. Vou enviar para alguns estúdios de animação, só para ver o que acontece.

O sr. Cho dá um tapinha no meu ombro.

— O vídeo que você fez da decoração do café foi um grande impulso para Haneul. As empresas se interessaram muito depois que viram ela pintar aquele mural.

— Não fui só eu que fiz aquele vídeo, fomos todos nós. E todo o interesse que a Haneul está recebendo é por causa do próprio talento dela. Parece que já estava mais do que na hora.

Haneul brinca com a caneta do tablet em vez de olhar nos meus olhos quando diz:

— Mesmo assim, eu não teria essas oportunidades se você não tivesse criado nossas contas nas redes sociais.

O sorriso do sr. Cho se amplia.

— E isso também vale para o KING 5 ter vindo entrevistar a gente. Há algumas semanas, ninguém conhecia nosso café, muito menos o maior canal de notícias de Seattle. É graças a você e à sua ideia de nos promover online que eles conhecem agora. Nem todo mundo tem a paixão *e* as habilidades para fazer o que você fez em tão pouco tempo, River. Obrigado.

Engulo em seco, piscando com força. Haneul e o sr. Cho trocam um sorriso rápido concordando entre si. Nenhum adulto jamais considerou o que eu faço como uma habilidade.

Mas aí Cece vem à minha mente e a onda de calor dentro de mim se extingue rapidamente. Em breve, não vou mais poder fazer isso para o Bingsu para Dois. Não se eu não quiser que meus pais descubram que estou trabalhando aqui.

Depois, o sr. Cho sobe as escadas, e Haneul e eu trabalhamos num silêncio cordial durante as próximas duas horas. Não é desconfortável, o que é bom. Ela me lança olhares ocasionais por cima da máquina de espresso, mas deve ter percebido que não quero conversar, então, não insiste.

Quando olho para o relógio novamente, são duas e meia. A aula acabou. Amanhã, a esta hora, vou estar de volta ao Café Gong. O copo que seguro nas mãos parece muito mais pesado do que há alguns instantes.

A porta tilinta.

Kai e Sarang são os únicos que deveriam vir — verifiquei a programação mais cedo. Mas Dario e Vanna estão logo atrás deles, os quatro se amontoando na porta. Eu me viro para Haneul, confuso.

— Você marcou todo mundo pro mesmo horário sem querer?

Ela olha para mim de esguelha, depois desvia o olhar.

— Achei que um pouco de companhia faria bem pra você.

Ela dá um tapinha nas minhas costas ao passar.

— Obrigada por terem vindo — Haneul se dirige a Vanna e Dario.

— Não vou reclamar de fazer mais horas. — Vanna esfrega o polegar nos dedos, com cifrões praticamente brilhando nos olhos.

— Não está tão cheio assim. Por que você chamou a gente? — pergunta Dario.

— Está, sim — responde Haneul sem expressão, apontando para o salão, que de fato não está lotado.

Kai passa por eles e joga minha mochila para mim, com o skate debaixo do braço.

— Obrigado — digo.

Ele olha em volta para se certificar de que ninguém está prestando atenção.

— O que aconteceu com a Cecelia? — sussurra ele.

Inexplicavelmente, um único som chega aos meus ouvidos. O barulho metálico dos armários ecoando pelo corredor vazio quando ela me pressionou contra eles. Em seguida, uma imagem: lágrimas escorrendo dos olhos dela. Seu punho tremendo ao lado do corpo enquanto ela me dava seu ultimato. Finalmente, um sabor: seus lábios nos meus, sua língua na minha boca.

— River. — A angústia na voz de Kai me tira da lembrança. — O que foi?

Não posso contar.

Não posso contar nada disso a ele. Não que a gente se beijou. Nem que eu tenho que voltar ao Café Gong — que eu talvez até acabe reatando com a ex-namorada que está me chantageando. Porque é isso que voltar significa, certo? Não sei bem por que não consigo contar a ele, mas algo me impede, como um nó na garganta. Há uma sensação quente e pesada na minha língua, e tenho medo de vomitar se falar. Todos vão me olhar de forma diferente. Vão achar que sou um babaca. Fraco. Um idiota que não consegue se defender.

Vão se dar conta do que eu sempre soube.

Sinto um calor na nuca, subindo pelo couro cabeludo. Abaixo a cabeça e prendo a respiração para não fazer nada idiota. Merda. Eu *sou* idiota. Sou fraco. Cecelia tinha razão sobre isso. Sempre teve.

Uma mão aperta meu ombro com força suficiente para me tirar do transe.

— Você vai ficar bem — diz Kai com a confiança inabalável que nunca vi em ninguém além dele.

— Vou acreditar em você — respondo, conseguindo sorrir.

Ele retribui o sorriso, apesar da ruga de preocupação na testa.

— Ei, eu e o River vamos embora. Tudo bem? — diz Kai para os outros.

— Como assim? — diz Sarang. — Você acabou de chegar, seu preguiçoso de merda.

Kai dá um tapinha na barriga.

— Ui, ai, dor no estômago. Tenho que ir para casa. Para a casa do River, na real. — Ele se vira para mim. — A única coisa que pode me curar é uma noite cheia de pizza, energético, maratona de *Filho do pecado* e depois desmaiar lá pelas três da manhã. Certo?

Não sei o que fiz para merecer um amigo como Kai. Talvez nada, e então vou ter que pagar por isso com um monte de carma ruim para equilibrar as coisas. Enfim. Vai valer a pena.

Mesmo assim...

— Parece legal — digo —, mas não quero sair mais cedo do meu turno.

— Por que não?

Dando de ombros, digo da forma mais indiferente possível:

— Nada.

Nada, exceto que, depois que eu sair, provavelmente nunca mais vou poder aparecer aqui. Este é meu último dia no Bingsu para Dois.

Kai estreita os olhos, me examinando de cima a baixo como se pudesse quebrar a parede que ergui ao meu redor. Depois de um momento, um sorriso surge em seu rosto.

— Acabei de ter a melhor ideia de todas — declara, se virando. — Festa do pijama. Hoje à noite. Todos nós, aqui no café.

Dario levanta uma sobrancelha.

— Mas hoje não é o dia da sua ligação semanal com sua avó?

— Por que você ainda se lembra disso? É sim, mas posso ligar para ela daqui.

— Na verdade, talvez seja divertido.

Todos os cinco voltam os olhares incrédulos para mim, mas eu não recuo.

— Podemos fazer um vídeo — continuo, esperançoso. — Seria um sucesso. A gente responde algumas perguntas dos seguidores, joga alguns jogos e mostra o lugar. — Algo quente brota hesitante no meu coração. — Um último vídeo para o café.

Sarang cruza os braços, olhando para mim, desconfiada.

— Como assim, um último vídeo?

— Eu... eu quis dizer um vídeo para superar o último.

Dario aperta os lábios.

— Não sei, estava pensando em ir à academia mais tarde.

— É. Não é muito minha praia e, além disso, vou fazer um segundo turno no meu outro trabalho hoje à noite — diz Vanna.

Kai se apoia no balcão enquanto se inclina para mais perto dos dois.

— Vai, gente. Por favor? Dario?

Para minha surpresa, Dario cede imediatamente.

— Merda, tá bom. Tira esses olhos de inseto da minha cara.

— São olhos de *cachorrinho*.

Vanna continua resistente até que Haneul, encostada na porta da cozinha, intervém:

— Vocês vão ser pagos.

— Não diga mais nada.

Sarang vira a cabeça para a esquerda e para a direita, olhando para mim, para os outros e para Haneul.

— Quê? Unnie, é sério isso?

— Daria um bom vídeo para o YouTube.

— Desde quando você se importa com o nosso YouTube?

Ela olha para mim, encontrando meu olhar por um instante. Então se esconde atrás das cortinas. Fora de vista, grita:

— Você também vai participar da festa do pijama, Sarang, quer você goste ou não. Deixa de ser antissocial.

— Mas *por quê*? — reclama.

Eu sorrio, mas, quando Sarang se vira para me olhar, ela balança a cabeça, murmurando algo para si mesma.

Ela não vai ter que se estressar comigo por muito tempo. Em breve estarei bem longe dela.

Mas, hoje à noite, vou garantir que criemos um vídeo que viralize. Minha última contribuição para o café e para ela. Seja lá o que aconteça com nossa presença nas redes sociais quando eu for embora está nas mãos deles.

Também vou me certificar de *infernizar* a Sarang hoje à noite. Pelos velhos tempos.

Vai ser divertido.

17. SÓ TEM UMA CAMA... BRINCADEIRINHA. NA VERDADE NÃO TEM CAMA NENHUMA. PROVAVELMENTE VAMOS DORMIR NO CHÃO.

Kai, Dario e Vanna saem para buscar comida e Sarang tranca a porta quando eles saem, virando a placa de "Fechado" para fora. Envio uma mensagem rápida para a minha mãe e o meu pai, informando que vou passar a noite na casa do Kai, e guardo o celular, percebendo que Sarang está me observando atentamente.

— Por que está me olhando assim? — pergunto.

Sarang sai do seu transe.

— Não estou olhando para você — ela se apressa em dizer, depois passa por mim. — Vou fechar o bar, você cuida do salão.

Fechamos o café em silêncio. Quando Sarang e eu trabalhamos juntos, geralmente é acompanhado de implicâncias. Nunca de silêncio. A calmaria paira sobre meus ombros enquanto limpo as mesas. Acho que não fiz nada para irritá-la a ponto de merecer esse gelo. É tão desconcertante que me incomoda, até que finalmente, quando coloco a última cadeira sobre a mesa e ergo os olhos para encontrá-la me observando, eu explodo.

— O que foi? — digo, mais sério do que pretendia. — Por que você está tão quieta? O que aconteceu?

Atravesso o salão e fico na frente dela no balcão. Sarang se ocupa em reorganizar os pacotes de açúcar para não ter que olhar nos meus olhos.

— Achei que você *queria* que eu calasse a boca — diz ela.

— Viu? É disso que eu estou falando. Por que você não está sendo mal-educada e dizendo algo tipo: "Por que eu iria querer falar com um idiota

que nem você?”

— É verdade. Por que eu ia querer?

Empurro os pacotes de açúcar para o lado.

— Me fala qual é o seu problema.

É o suficiente.

— Não, me fala qual é o *seu* problema.

Sarang me cutuca no peito. Olho para o pequeno dedo e depois para ela, perplexo.

— Eu não tenho nenhum problema. Se você tem algo a dizer, fala logo.

— Eu vi você mais cedo — diz ela com um olhar severo, mas sua voz é suave. Quase gentil. — Você e o Kai. Parecia que você estava prestes a chorar.

Minha garganta se contrai em torno do ar que escapa. Preciso de um esforço considerável para rir disso.

— Você ficou preocupada comigo, amor?

Sarang aperta os lábios, sem se impressionar.

— Você flerta para sair de situações desconfortáveis.

Eu não faço isso, não. Faço? Não estamos flertando de verdade, de qualquer forma.

— Me diz como eu *realmente* me sinto, doutora.

— E mais cedo você disse “um último vídeo”.

— Eu quis dizer um vídeo melhor que o último.

Ela suspira.

— Nós fizemos uma promessa, lembra? Nosso pacto da verdade. Que íamos mentir para todo mundo, menos um para o outro. Eu odeio pessoas que não são sinceras.

Então ela deve odiar ainda mais pessoas que não conseguem se defender de suas ex-namoradas. Não tenho condições de lidar com as provocações de Sarang esta noite. Já sei que não tenho estrutura para isso.

— Você não precisa gostar de mim — digo bruscamente. — Só estamos fingindo tolerar um ao outro, lembra?

— Inacreditável.

Sarang me dá as costas para limpar a geladeira, mesmo que eu tenha visto que ela já limpou. Pego a vassoura e varro o chão com mais força do que o necessário. Por um tempo desconfortavelmente longo, o único som na sala é o barulho irritante das cerdas de palha contra o chão.

Uma batida na porta de vidro quebra o silêncio. Deixo os outros

entrarem. Eles estão carregando mochilas e sacolas de comida. Dario e Kai vão imediatamente para a sala dos fundos para se preparar, enquanto Vanna se aproxima de mim.

— Tem mais tensão aqui do que em um baile de formatura mórmon — diz ela baixinho, olhando para Sarang, que está de cara amarrada carregando uma pilha de pratos para a cozinha. — Vocês dois se beijaram?

— Sim, a gente ficou se pegando no balcão de entrega. — Reviro os olhos. — Ela estava sendo intrometida. Isso me irritou.

— Não me surpreende ela ter percebido que você estava estranho mais cedo — murmura Vanna.

Eu me enrijeço, chocado que Vanna tenha percebido. Ela sorri e dá um tapinha no meu ombro.

— Fica tranquilo. Não sou nem de longe tão legal quanto a Sarang e sou duas vezes pior com palavras do que ela, então não vou tentar arrancar nada de você.

— Obrigado — digo com a voz rouca, depois pigarreio.

— Mas se quiser uma companhia para ficar sentada em silêncio com você, é comigo mesmo.

— Qualquer coisa eu te chamo, então.

Vanna se dirige para a sala de descanso e eu sigo atrás dela, ainda tentando processar a possibilidade de que Sarang pudesse estar tentando ser legal mais cedo. Mas isso não faz sentido. Ela sempre foi tão grossa...

Ou fui eu quem foi grosso primeiro? Eu respondi mal para ela, e ela nem tinha dito nada ainda. Ah, não. Eu é que sou o vilão aqui?

Merda. Acho que sim.

Dario e Kai estão reorganizando os móveis, empurrando as mesas e cadeiras para fora do caminho e colocando vários cobertores grossos no chão ao lado do sofá, onde Vanna se acomodou enquanto grava os dois se preparando. Na cozinha, Sarang se inclina contra a bancada, observando-os com os lábios cerrados, como se estivesse tendo que se controlar para não dizer nada. Provavelmente sobre a maneira como estão colocando os cobertores; aposto que ela também tem seu jeito particular e desnecessário de fazer isso. *Não, caramba, River, para de ter esses pensamentos babacas.* Ela desperta minha combatividade, mas eu não sou assim. Ou talvez seja, e nesse caso isso realmente precisa mudar. Afinal, é meu último dia aqui. Eu deveria passar o dia consertando meus relacionamentos, não piorando.

Eu me apoio na ilha ao lado dela e cruzo os braços. Sarang evita olhar

para mim. Com o pé, dou um empurrãozinho no sapato dela. Ela vira a cabeça bruscamente para me lançar um olhar fulminante, mas eu sorrio.

— Desculpa — digo. As sobrancelhas dela se erguem. — Eu não deveria ter sido tão grosso antes. Estava nervoso e descarreguei em você.

Sarang dá um passo para trás e balança o dedo para mim.

— Viu? *Isso*. O que foi isso? O que está acontecendo com você?

Reprimo a onda de agitação e, agora que estou prestando atenção, percebo um traço de curiosidade genuína em sua voz. Preocupação. E não tem raiva por trás do olhar dela; parece mais que está me estudando.

Caralho. Nosso pacto da verdade. Eu *fiz* uma promessa a ela.

Abaixo a cabeça, tentando me recompor. Sarang espera em silêncio.

— Eu... encontrei minha ex hoje — confesso.

Sarang parece surpresa por eu ter contado a ela.

— O que aconteceu?

No começo, não respondo, e ela continua:

— Não estou pedindo detalhes. Não me importo com o que você faz com a sua ex. Só achei estranho você estar tão emotivo hoje.

— Obrigado pela preocupação — digo, baixo o suficiente para que só ela consiga ouvir. — Mas está tudo bem. Ou vai ficar.

— Quem disse que estou preocupada? — pergunta ela. — Por mim, pode enfiar a cabeça no forno.

— Se é assim que você trata seus namorados de mentira, não consigo imaginar como você seria em um relacionamento de verdade.

Ela se afasta do balcão com um sorriso sem expressão, os olhos franzidos.

— Você não é um namorado de mentira que valha a pena impressionar.

Sarang se aproxima para arrumar o cobertor que os outros três colocaram.

Eu reviro os olhos. Ela é tão emocionalmente constipada. Alguém precisa dar um laxante para ela. Embora a menção ao nosso relacionamento de mentira me faça pensar sobre onde estamos agora em comparação com algumas semanas atrás, quando ela derramou café na minha cabeça e eu joguei grãos de café na blusa dela. Trabalhar juntos foi horrível no começo, mas o lado cômico de tudo isso me deixou entorpecido — ou talvez tenha sido o horror. Toda essa história parece uma fanfic ruim do Archive of Our Own.

Frapês e amor de mentirinha

Pessoas reais

No Archive Warnings Apply, River Langston-Lee/Sarang Cho, River Langston-Lee, Sarang Cho, Universo alternativo — Cafeterias e cafés, AU youtuber, Relacionamento falso/de mentira, Fofura e sofrimento, Dor/Conforto, Enemies to lovers, Slow burn, Sarang Cho é Ruim com Sentimentos, River Langston-Lee Merece uma Folga, no beta we die like men

Quando se espalha um rumor de que as estrelas das redes sociais Sarang e River, do canal superpopular Bingsu para Dois, estão namorando, os baristas inimigos precisam superar suas diferenças e fingir estar apaixonados para as câmeras, ou arriscar sua fama na internet e o café. Mas será que é tudo apenas uma encenação?

—AKA, aquele em que River e Sarang se beijam para as câmeras, se beijam um pouco fora das câmeras e fazem muito café.

Language: English Words: 39.767 Chapters: 17/34

Só que isto não é de verdade uma fanfic *enemies to lovers* de oitenta mil palavras. Somos só eu — um babaca —, ela — também uma babaca — e nossa esquete idiota que termina depois desta noite.

Os outros se acomodaram nos cobertores ao redor de uma mesa dobrável de madeira, então me junto a eles. Sarang abre as sacolas, tirando embalagens de tteokbokki e frango frito coreano. Vanna filma a comida para o nosso vídeo e depois desliga o celular.

— Vamos comer — diz ela, esfregando as mãos.

— Quero tirar uma foto primeiro — fala Dario.

— Você e suas fotos, pelo amor de Deus. Me deixa comer.

— Para com isso, Kai, tira a colher da foto.

Sentado no chão entre meus amigos, com uma tigela fumegante de comida na minha frente, algo perdido se encaixa de volta no lugar, substituindo a sensação desconfortável que estava presa entre minhas costelas por um sentimento suave e acolhedor. Sorrio que nem bobo para meus hashis, esperando que ninguém perceba.

O cotovelo de Sarang bate no meu enquanto comemos. O aroma pungente e picante do tteokbokki perfuma o ar, pontuado por sons de sucção e pela risada barulhenta de Kai. Com o celular debaixo da mesa, Dario está assistindo a algum jogo em volume baixo no celular. Conversamos sobre tudo: desde nosso último vídeo até uma piada interna

deles de antes de eu chegar, que leva *muito* tempo para explicar, e a maneira muito peculiar de Sarang usar os hashis. Por fim, meu prato fica vazio e minhas bochechas estão doendo de tanto rir.

Kai dá um bocejo enorme e se deita no chão, esparramado como um anjo da neve. Sarang chuta sua perna.

— Não dorme, ainda não é meia-noite.

— Não consigo lutar contra o sono pós-rango.

Dario se levanta.

— Posso fazer café para todo mundo. Levanta, Kai. Vem me ajudar.

— Então me levanta — retruca Kai, sem se mover um centímetro.

— Não. Você é pesado.

— Pelo jeito, você é fraco.

— Quer ver fraqueza?

Dario pega Kai do chão e o joga sobre o ombro com um movimento suave, sem esforço. Chego a pensar se não deveríamos intervir, mas então Kai começa a rir, batendo sem força com os punhos nas costas musculosas de Dario enquanto ele o carrega. Percebo o sorriso de Dario antes que eles desapareçam atrás das cortinas. Sarang revira os olhos carinhosamente para os dois.

— Que fofinhos. Eles me dão nojo.

— A mim também — diz Vanna. — Tomara que caiam mortinhos.

Um zumbido perturba o ar. Vanna tira o celular do bolso com a velocidade de um raio. Algo gentil dança em seus olhos e, sem dizer nada para nós, ela atende o telefone e se levanta, indo em direção ao salão.

— Oi. O que você está fazendo acordada tão tarde?

Quando Vanna se afasta, sussurro para Sarang:

— Quem é?

— Aposto que é a irmã mais nova dela.

— Ah, é verdade. Esqueci que ela tem uma. Ela quase nunca fala dela.

— A Vanna é muito reservada sobre a própria vida. A única razão pela qual sei algo sobre a família dela é porque...

Ela se interrompe, mordendo o lábio.

— Por quê...? — eu a encorajo.

Sarang se mexe, desconfortável.

— Não é coisa minha para contar. Meu pai descobriu a situação dela através de... circunstâncias não muito boas. Então, contratou ela imediatamente.

— Não pode ser pior do que quando a Haneul me contratou — brinco.

Ela baixa os olhos para os pratos sujos.

— A Vanna estava vasculhando nossas lixeiras procurando por restos para que ela e a irmã pudessem comer.

Eu sou o Babaca Mais Insensível do Mundo, não sou?

— Ah.

Aparentemente, também o Babaca Mais Ineloquente do Mundo. Olho para as cortinas da cozinha, mas a conversa de Kai e Dario e o som do leite fervendo abafam a conversa de Vanna. Sem desviar o olhar, murmuro:

— Então, a irmã dela...

— A Vanna cuida dela — conclui Sarang. — Pelo menos é o que quer. Ouvi dizer que as duas estão morando temporariamente com uma prima ou algo assim. Vanna está economizando para comprar um lugar para poder ficar com a guarda dela.

— Eu... uau. Não esperava isso dela.

— Você achava que ela era só preguiçosa?

Minhas bochechas esquentam com a acusação.

— Claro que não. Mas o jeito como ela se comporta me fez pensar que ela não se importava de verdade com este lugar, ou com *nada*.

Espero que Sarang me chame de idiota julgador, mas ela dá de ombros em concordância.

— Tenho certeza de que trabalhar em três empregos esgotaria a energia de qualquer um. Mas eu também pensava isso até descobrir com o que ela se importa *de verdade*. A irmã dela sempre vai ser a prioridade número um.

Não consigo imaginar estar no lugar dela, como seria assumir toda a responsabilidade por Jace. Apenas murmuro em resposta, em parte porque não sei mais o que posso dizer, mas principalmente porque hesito em prejudicar o clima frágil entre nós. Ele paira suspenso por um fio que pode se romper a qualquer momento e nos catapultar de volta à nossa tensão habitual.

A própria Sarang corta o fio. Ela suspira e tira alguns pratos.

— Pega o resto, por favor?

Eu não discuto.

Estamos lavando a louça, lado a lado, em silêncio, eu lavando e ela secando, quando Dario e Kai voltam. Eles colocam seis xícaras de café quente na mesa antes de se debruçarem sobre um laptop, navegando na

Netflix. Kai está mais animado do que antes. Ou é efeito da cafeína, ou de Dario.

— Encontrei algo para assistir — ele nos chama.

— Não diz que é *Meninos antes de flores* — geme Sarang.

— É *Meninos antes de flores*.

Meus lábios se curvam para cima. Amo essa série.

Depois de terminar, apagamos as luzes e nos acomodamos ao redor do pequeno laptop de Kai. Dario, Kai e Vanna ocupam lugares no sofá, deixando Sarang e eu no chão, lado a lado. Eu me sento perto da perna de alguém e tento mergulhar no programa. Já vi tantas vezes que meus pensamentos vagam naturalmente, apesar dos comentários animados dos outros ao longo dos episódios.

Este é meu último dia, penso, olhando para a luz ofuscante da tela na sala escura. *Nunca mais vou trabalhar com o meu melhor amigo nem com qualquer uma dessas pessoas*.

Um episódio acaba virando dois. Depois três. Depois quatro. Enfim, a conversa e as risadas cessam, o que não me ajuda a me distrair dos meus pensamentos que começam a espiralar.

Não vou poder aparecer por aqui. Kai vai entender, espero, mas os outros vão me odiar. Sarang talvez vá atrás de mim para me matar.

Eu a espio pelo canto do olho. O brilho do computador suaviza sua imagem. Ela está deslumbrante. E parece quase terna. O cobertor escorregou em algum momento e está amontoado em sua cintura.

Será que preciso fingir que terminei com ela para encerrar nosso relacionamento de mentira? Ou será que vai ficar implícito quando eu pedir demissão? Caramba, odeio rompimentos. Não quero fazer isso. Mas não é como se ela fosse ligar — é com o café que está preocupada. Mesmo que a gente perca algum engajamento online com o término, vai ficar tudo bem, certo? Espera, quem vai supervisionar as contas das redes quando eu for embora? Kai? Ele poderia fazer isso, acho. Ele...

Algo cutuca minha lateral, me assustando tanto que meu coração quase sai pela boca. Viro a cabeça e vejo Sarang já de frente para mim, perto o suficiente para que nosso nariz se toque. Afasto-me, inquieto com a proximidade.

Ela recolhe a mão.

— Nervosinho, hein?

— Você quase me deu um ataque cardíaco — sussurro, segurando o

peito.

— Você é jovem demais para isso. E fala baixo.

Ela aponta para cima. Os outros estão apagados. Dario está caído sobre o braço do sofá, com uma das pernas no colo de Kai e Vanna, que dormiram encostados um no outro. Olho a hora no computador: 5h24 da manhã. Puxa vida, eu estava viajando completamente.

— Não acredito que só nós dois ficamos acordados — digo.

— E faltando meia hora para o café abrir.

Meu coração afunda, batendo contra a minha caixa torácica em sua descida até o chão. Meia hora. Trinta minutos até eu ter que abrir mão de tudo isso e voltar para o que deixei para trás.

— Você vai me dizer o que está acontecendo agora?

Viro a cabeça para o lado. A luz deve estar me enganando, porque, no halo escuro da tela do laptop, Sarang parece quase preocupada. Não parece, *está*. Sua voz está suave. É um convite, não uma exigência.

Mesmo assim, dou uma risada forçada.

— Não tem nada acontecendo.

Em vez de dizer qualquer coisa, ela estende o dedo mindinho. O nosso pacto da verdade. Ela está tentando, está mesmo. Nunca esperei que fosse fazer isso, especialmente por mim.

Com essa constatação, entrelaço o meu dedo mindinho no dela.

Levanto e ofereço a mão para ajudá-la a ficar de pé, depois vamos para a área principal.

Os raios quentes do amanhecer entram filtrados pelas janelas, banhando o salão num tom surreal de nectarina. É quase uma réplica da cena que Haneul desenhou. Eu pisco, parando no meio do café. A luz do sol é solene. Sinto como se tivesse sido jogado de volta ao mundo real depois de me esconder em uma bolha longe da realidade a noite toda.

Sarang está na minha frente, com as sobrancelhas levantadas em sinal de pergunta. Eu olho para ela, observando suas feições. Ela é tão bonita. Normalmente isso me frustra, mas agora é uma boa distração.

— Desculpa — digo. Minha voz está rouca. — Hoje é meu último dia.

Ela fica em silêncio por um tempo. Então:

— Você vai voltar para o café dos seus pais?

Meus lábios se abrem.

— Como você sabia?

— Tenho certeza de que sua família não está feliz por você estar

trabalhando em um café que não é o deles. Se fosse eu, meu pai também não estaria. Além disso, você pedir demissão não faz sentido, a menos que seja necessário.

— Sim. É necessário.

— Por que você saiu de lá, para começar?

Minha língua fica pesada na boca, difícil de falar. Mas provavelmente é a última vez que vou falar com ela. Posso contar a verdade desta vez, já que é o que ela sempre quis de mim. Eu fiz uma promessa.

— Era difícil ver o lugar onde cresci se transformar em algo que não era mais meu lar — admito em voz alta pela primeira vez. — Nosso café era muito parecido com o de vocês. Pequeno, confortável... parecia pessoal. Mas aí o negócio começou a crescer, e crescer, até que deixou de ser um sucesso para nossa *família* e virou um sucesso para os negócios. Eu me sentia mais como um funcionário do que como um filho. Sabia que, se ficasse lá, ficaria preso. Quando minha ex-namorada e eu fomos promovidos a cogerentes, percebi que aquele seria o meu futuro. Eu chegava ao trabalho e sufocava. Ia para casa, mas continuava sem conseguir respirar. Sei que meus pais achavam que estavam me fazendo um favor de me colocar no negócio, porque Deus sabe que não tem mais nada que eu saiba fazer, mas isso só piorou as coisas, finalmente eu *tive* a prova de que eles não acreditam que eu seja capaz de fazer outra coisa. Eu não conseguia...

Eu me interrompo e inspiro fundo.

— Eu não via saída para nada disso. O Café Gong, meu relacionamento, meu futuro herdado. Então, foi por isso que eu fui embora.

Sarang pisca como se estivesse tentando entender algo que está bem na frente dela.

— Você gosta de trabalhar aqui?

Faço que sim com a cabeça devagar. Depois, mais vigorosamente.

— Sim. Sim, eu adoro trabalhar aqui.

Ela olha para a luz do sol que entra pela janela. As paredes de tijolos vermelhos do lado de fora da loja estão iluminadas pelos raios do amanhecer. Nada mais é dito, e acho que acabou. Tem que acabar. Não posso adiar o inevitável para sempre.

Mas ela fala novamente.

— Você é um cara muito indeciso, né?

— Quê?

— Estou errada?

"Indeciso" é o único termo que eu poderia usar com confiança para me descrever. Nunca soube o que quero, quem sou, o que dizer ou o que vem a seguir. É como se a autocrítica tivesse feito um sexo broxante com a insegurança. Isso não significa que estou feliz por Sarang estar me analisando com tanta precisão, ainda por cima às seis da manhã.

— É, dá para dizer que sim.

— Então — continua ela —, por que, na única vez que sabe o que quer fazer, você não faz?

Meu cérebro zumbe como uma cigarra.

— Porque não é tão simples assim.

— Não? Talvez algumas coisas não sejam tão complexas quanto você pensa.

Incapaz de suportar seu olhar penetrante, abaixo a cabeça e tiro os óculos, limpando-os distraidamente com a manga do moletom. O gesto me lembra de Cecelia, que sempre me dava um guardanapo para limpá-los.

— Foi uma decisão egoísta — digo. — Ir embora afetou muita gente lá.

— Não vai ser a mesma coisa aqui?

Abro a boca, mas fecho. Ela tem razão. Por que estou fazendo isso de novo? *Porque, se não fizer, Cecelia vai contar aos meus pais que estou trabalhando para o Bingsu para Dois*. É verdade. Eles nunca me perdoariam. Mas o que pode ser pior do que voltar para o Café Gong? Voltar para um relacionamento que não dá certo? Esquecer como tenho sido feliz aqui no Bingsu?

— Qualquer que seja a minha escolha, vou magoar muita gente — falo com uma risada seca.

Sarang dá de ombros.

— Bem, se você vai decepcionar as pessoas de qualquer jeito, por que não faz o que você quer? Afinal, é você quem vai ter que viver com o resultado da sua escolha.

Quando ela diz isso, tudo parece mais simples. Por alguma razão, o tom de voz calmo e tranquilo de Sarang toca um ponto específico dentro de mim, vibrando na frequência certa para anular todas as outras preocupações e ansiedades que zunem dentro da minha cabeça. Sinto que agora consigo *pensar*. Pense. O que eu quero? Eu poderia...

A. Pedir demissão e voltar. Eu ficaria infeliz no trabalho e com as pessoas com quem convivo, mas pelo menos não decepcionaria minha mãe e meu pai mais do que já o fiz. Ou…

B. Ficar. Ficar e ser feliz, em vez de fingir que sou. Ficar e ter algo pelo que ansiar todos os dias depois da escola. Ficar no lugar que agora sinto que é meu lar, o único lugar onde sei quem sou e o que sou capaz de fazer.

Meu coração bate forte como um gongo nos ouvidos. A adrenalina corre nas minhas veias. Nunca senti tanto medo. Nem me senti tão vivo. Eu sei o que sinto. Eu sei.

Sarang está sorrindo para mim. Acho que sorrio de volta. Sinto minhas bochechas afundarem, mas estou concentrado demais no rosto dela para controlar o que está acontecendo no meu.

— Talvez você seja mais inteligente do que eu imaginava — digo baixinho, embora ela seja a única acordada para ouvir.

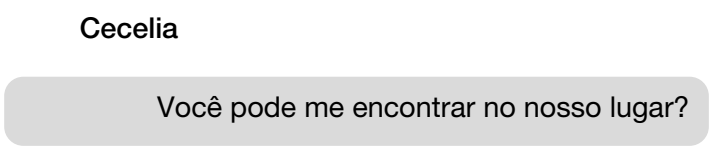
— Você não deveria me subestimar, a menos que goste de estar errado o tempo todo. — Sarang dá meia-volta e se dirige para o salão dos fundos. Ela acena por cima do ombro. — Vejo você mais tarde. Ou não.

Meu coração dói quando ela desaparece atrás da cortina.

— Até.

18. A INTIMIDADE INERENTE À SALA DE MÚSICA DA ESCOLA

Assim que saio, pego meu celular no bolso e o ligo, com o sangue rugindo em meus ouvidos. Abro o contato da Cecelia e envio uma mensagem.



Nosso lugar é — *era* — nos degraus de concreto na frente da sala de música. Não vou mentir: a gente só ia lá para se pegar. Não é o lugar mais romântico, mas fica do outro lado do campus e quase nunca tem ninguém lá.

O sol se arrasta pelo céu azul enquanto eu caminho em direção à escola. Quando chego ao nosso lugar, Cecelia já está sentada nos degraus, banhada por uma luz fraca. O orvalho da manhã paira no ar. Quando solto um suspiro trêmulo, ele se transforma em névoa diante do meu rosto.

Cecelia se vira ao ouvir o barulho dos meus sapatos no pavimento úmido. Ela parece mais impecável e arrumada do que qualquer pessoa normal deveria estar às seis da manhã, mas sempre foi assim. Seu rosto inteiro se ilumina.

— Oi, River — ela me cumprimenta.

— Bom dia.

Minha voz soa alta e áspera demais no silêncio que nos envolve. Se ela percebe, não diz nada. Dá um tapinha no espaço ao seu lado para eu me sentar. Eu me sento. Cecelia entrelaça sua mão na minha.

— Fico feliz que você quis se encontrar comigo tão cedo — diz, inclinando-se com um sorriso gentil. — Podemos pensar em uma estratégia para você voltar hoje à tarde.

Estremeço. Nunca soube como começar esse tipo de conversa com ela: aquelas de que ela não vai gostar.

Cecelia continua, acenando com a mão livre no ar:

— Mas, primeiro, tenho certeza de que você deve ter algumas ideias sobre a nova campanha do Café Gong nas redes sociais. Como você começou para o Bingsu para Dois? Será que a gente copia o vídeo de introdução que vocês fizeram? Vai ser difícil convencer a Rosalind a participar, mas, se falarmos que é um passo para uma promoção, ela talvez...

— Cece — digo, apertando a mão dela —, preciso te falar uma coisa.

Ela para e se vira para mim.

— Claro. O quê?

Minha boca fica seca. *Anda, Pé de feijão*, quase consigo ouvir Sarang me incentivando. *Você disse para mim. Pode dizer para ela.*

Eu me preparo, encorajado pelas palavras dela de alguns minutos atrás.

— Desculpa. Não vou voltar. Vou ficar no Bingsu para Dois.

O sorriso dela desaparece aos poucos, como se seu cérebro estivesse demorando para processar a nova informação.

— Você o quê?

— Não quero trabalhar no Café Gong. Não quero ser cogerente. Saí por um motivo e gosto muito do Bingsu para Dois. Tenho orgulho do trabalho que faço lá. — Não consigo olhar para ela enquanto falo, mas, pelo canto do olho, vejo que sua expressão continua dura como pedra. Tenho que dizer tudo enquanto posso. — Você tem razão, eu devia ter conversado com você sobre tudo o que estava sentindo antes de sair. Não foi justo deixar você sozinha, especialmente considerando a importância que o bom desempenho da loja tem para suas inscrições na faculdade e seu currículo. Desculpa por isso, Cece, quero ajudar no que puder. Talvez eu possa mostrar como criar redes sociais para o Café Gong e vocês possam administrar sozinhos? Vai ser melhor assim, você pode...

Ela arranca a mão da minha e se levanta. Elevando-se acima de mim, de costas para o sol, seu rosto está quase envolto em sombras.

— Você está de brincadeira?

— Não. É sério, não vou voltar.

— Você... — Ela se interrompe com uma risada curta e seca. — Você está falando sério? *Você* está com pena de *mim*? Não preciso da sua piedade. Eu vou ficar bem, mas e você? É você que precisa disso. Não

acredito que ainda não percebeu.

Meus olhos se arregalam.

— Cece...

— Não adianta ficar bravo comigo por ser a única pessoa que vai te dizer o que você precisa ouvir. River, se você não tiver o Café Gong, você não tem nada, entendeu?

Eu também me levanto, mas meus joelhos tremem.

— Eu tenho o Bingsu para Dois.

— Que pode fechar as portas a qualquer momento. Só porque a única loja deles está ganhando popularidade por causa dos seus vídeos idiotas, não significa que você tem um emprego garantido para sempre. O Café Gong está a poucos anos de se tornar uma franquia *nacional*! Seus pais provavelmente te dariam uma parte da empresa mais tarde. Sabe quantas pessoas sonham em ter esse tipo de vida privilegiada? E você está jogando isso fora a troco de quê? — Ela se endireita, com um sorriso de escárnio. — É por causa da sua namorada, né?

— Não é por causa da Sarang, ela quer que eu faça o que é melhor para... Ei, ela nem é minha namorada! A gente conversou sobre isso ontem.

Cece cruza os braços e se vira.

— Inacreditável. Algumas semanas com uma garota gótica e você se transforma *nisso aí*. Você é patético. Ela vai te largar assim que você deixar de ser útil para ela, você sabe disso, né? A única coisa que ela quer de você é o que você pode fazer pelo café dela.

Eu me viro para Cece, sinto que algo afiado está prestes a sair da minha boca, mas congelo quando percebo que ela está piscando sem parar para conter as lágrimas.

— Não... não olha pra mim — diz ela.

Minhas mãos tremem, metade por causa do choque e metade pela frustração. As brasas da raiva, do constrangimento e de todos os sentimentos ruins que ela extraiu de mim fervilham em meu estômago, mas fecho os olhos e respiro fundo para afastá-las.

— Por que estamos fazendo isso? — pergunto, passando as mãos pelo cabelo. — Não é bom para nós. Ex-namorados precisam de um tempo separados antes mesmo de pensar em ser amigos, quanto mais administrar um negócio juntos. Você é inteligente, Cece, não precisa de mim no café. Como você mesma disse, a única coisa que eu tenho a

oferecer são vídeos idiotas.

— Não quero ser sua amiga — responde Cecelia um pouco rápido demais, com os olhos vermelhos. — A questão aqui é...

— O Café Gong. Sim. O nosso futuro, eu sei. — Balanço a cabeça. Sinto meus olhos arderem e finalmente olho para ela. — Desculpa. Eu te magoei mais do que provavelmente posso imaginar e odeio ter feito isso. Ainda sinto amor por você, Cece, mas... isto não é bom para nós. Você também está me magoando. Eu não vou voltar. Pode ser que você esteja certa, e eu esteja estragando qualquer chance de futuro que tenho, e o Bingsu para Dois realmente vá à falência em poucos meses, como a gente imaginava. Mas, se isso acontecer, quero estar lá para enfrentar a situação.

Ela fica em silêncio, exceto pela respiração ofegante. Estamos frente a frente, a menos de trinta centímetros de distância. Eu poderia estender a mão e puxá-la para os meus braços, e a memória muscular nos guiaria através desse ciclo de dor, conforto, fingir que nada aconteceu, repetir — mas não faço isso.

Observo um inseto correr pelo degrau de cimento entre nós. Um momento depois, levanto os olhos, esperando ver sua expressão dilacerada por lágrimas com o cenho franzido de desânimo.

Mas, em vez disso, Cecelia está me olhando como se *eu* fosse o inseto se contorcendo no chão ao lado do sapato dela.

— Eu te conheço, River — diz, limpando o nariz com uma fungadela. Cece se recompõe rapidamente. — É por isso que sei que você vai voltar, de uma forma ou de outra. Você não quer que seus pais descubram, quer?

Os músculos do meu rosto ficam rígidos. Antes que eu consiga responder à sua ameaça, ela continua.

— Não sei de onde você tirou essa coragem, mas espero que ela dure o suficiente. Porque, quando ela acabar e você finalmente voltar rastejando para o seu emprego no Café Gong, acho bom conseguir olhar nos meus olhos *e* nos olhos dos seus pais e implorar para eu te contratar na minha loja. — Ela desce os degraus e, no fim da escada, se vira para mim com um olhar de desprezo. — Nunca precisei da sua ajuda, mas você não vai mais ter a minha.

Cece me deixa ali, a observando, com uma vozinha que parece a dela ecoando nos meus ouvidos, perguntando: *E se ela estiver certa?*

O restante do dia se arrasta de forma excruciante, enquanto flutuo de aula em aula em um torpor. Meu sistema nervoso está em alta velocidade. Fico grudado no celular, esperando ansiosamente pela inevitável mensagem da Umma e do papai depois que Cece contar tudo a eles. Ela tinha uma condição: ou eu voltava, ou eles descobririam.

Mas as aulas acabam e não recebo nenhuma mensagem.

É como se fosse um Band-Aid em uma facada, em termos de alívio. Meus pais não sabem — ainda. Não sei por quanto tempo Cecelia planeja manter essa ameaça pairando sobre minha cabeça nem quanto tempo eu consigo aguentar antes de ceder às exigências dela.

Depois de um dia longo e péssimo, arrasto meu corpo privado de sono, irritado e mal-humorado até o Bingsu para Dois para meu turno de fechamento. Quando eu achava que ontem seria meu último dia e que este turno ficaria para alguma alma infeliz (com sorte para Sarang), não considerei as repercussões de trabalhar depois de passar a noite em claro. Agora estou sentindo. Mas, ei, qualquer coisa que vier depois dos acontecimentos desta manhã é lucro.

Abro a porta do café.

— Você está seis minutos atrasado, seu inútil.

Ok. Talvez "melhora" tenha sido exagero.

Sarang contorna o balcão em um salto. Antes que eu dê três passos para dentro, ela joga um saco de nove quilos de grãos de cold brew nos meus braços.

— Cacete, me avisa antes, né?

— Se você tivesse chegado no horário, teria sido avisado com bastante antecedência — responde ela, ajeitando o avental enquanto fala. — Haneul teve que sair mais cedo porque conseguiu um trabalho de última hora na Uwajimaya, no International District; eles precisavam de alguma animação para um evento que vão fazer no fim desta semana ou sei lá o quê. Ela não podia perder. O que é *incrível*, mas agora estamos atrasados na produção do cold brew, o pedido da próxima semana ainda não foi feito, eu ainda preciso fazer cookies *e* tenho um trabalho de inglês para ser entregue até meia-noite.

Ajusto o saco nos braços.

— Somos só nós dois hoje à noite?

— Sim.

— Tá. Que tal você trabalhar nos cookies e eu preparo o cold brew e faço o pedido? Pode ser?

Sarang para de amarrar o avental empoeirado de farinha para me encarar e nossos olhos se encontram. O momento é fugaz — menos de um segundo —, mas é real.

— Tá bom. — Ela se afasta. Por cima do ombro, diz: — Já que parece que você vai ficar por aqui, pode começar a ajudar.

Eu bufo.

— Você não vai se livrar de mim tão fácil assim.

Antes de entrar na cozinha, ela para e olha para trás.

— Que pena — diz ela, e pela primeira vez parece que não está falando sério.

Aperto os lábios para não se abrirem em um sorriso ou algo igualmente idiota.

19. LIÇÃO NÚMERO 10.422: NÃO COLOQUE KAI NA TV AO VIVO

Na minha opinião, decorar para as festas de fim de ano logo antes do Dia de Ação de Graças é cafona.

Mas "ninguém te perguntou, River, cala a boca", então, estou pendurando flocos de neve feitos de papel no teto do café no meu dia de folga. Não tenho nem certeza se vou ser pago por isso, nem pela sessão de *brainstorming* que vamos fazer mais tarde para planejar mais conteúdo para o nosso canal.

— Ei, idiota — chamo, tentando não me desequilibrar de cima do banquinho instável. Sarang está sentada em uma das mesas abaixo, recortando diligentemente as decorações. — Quantos mais desses precisamos pendurar?

— Não te pago para ficar falando — murmura ela distraída.

— Você não me paga nada, é seu pai que paga. Espera, então eu *vou* ser pago por isso?

Desço e desabo na cadeira à sua frente. Ela está tão concentrada quanto quando faz macarons: sobrancelhas franzidas, a língua despontando entre os lábios, mechas de cabelo verde caindo sobre o rosto.

— Você gosta mesmo de fazer isso? — pergunto. — Eu não achava que você fosse do tipo que curte artes, considerando... — Eu aponto para ela, com toda a sua aparência gótica. Sarang pisca, como se não fizesse ideia de seu delineado intrincado em forma de teia de aranha, batom preto e cinco piercings com tachas em cada orelha. — Isso e o fato de que você vai para a Johns Hopkins para ser radiologista ou sei lá o quê.

— Tem tanta coisa errada no que você disse. Você tem sorte que minhas mãos estão ocupadas, senão te daria um tapa para você cair na real. Só

porque vou estudar um curso da área da saúde não significa que não tenho outros interesses.

— Mas vocês não são todos robôs frios e sem sentimentos?

Ela não morde a isca.

— Aliás, vou ser cardiologista, não radiologista.

— Médica do coração? Por quê?

No instante em que as palavras saem da minha boca, me lembro da nossa conversa quando estávamos comprando almofadas. O pai dela tem insuficiência cardíaca congestiva. Eu não sabia o que era na época, mas pesquisei alguns dias depois. É uma condição em que o coração não bombeia sangue tão bem quanto deveria, com uma expectativa de vida que fez meu estômago se revirar quando li.

A voz e o rosto de Sarang estão completamente neutros.

— Porque sim.

Mudo de assunto, na esperança de evitar que ela pense no fato de que, quando terminar a faculdade de medicina, seu pai talvez não esteja mais aqui. Meu Deus.

— Você não respondeu à minha pergunta. Você gosta dessas coisas?

— Acho que sim. — Ela dá um último corte no centro do pedaço de papel dobrado e, em seguida, o desdobra. — Aprendi com a Haneul, mas não sou nem de longe tão boa quanto ela. Além disso, ela se interessa mais por desenho e animação, e eu gosto de fazer artesanato e pintar.

Realmente não dá para julgar um livro pela capa. Artista-confeiteira-estudante-de-medicina-gótica e a maldição da minha existência. Puxa. Pego o floco de neve dela para pendurá-lo.

— É, a Haneul é diferente — concordo. — Mas você também é bem talentosa.

Ela não responde, e estou ocupado demais colando o floco de neve para ver sua reação. O silêncio entre nós é estranho, embora as coisas estejam esquisitas desde a festa do pijama há duas semanas.

Depois daquela noite, depois que nós tivemos — vou vomitar — aquela conversa sincera, as coisas mudaram. Não somos amigos nem nada, mas houve uma mudança na nossa dinâmica que ambos percebemos, mas nos recusamos a admitir. Não diria que é boa nem ruim. Só é… diferente.

Essa não é a única coisa que mudou por aqui. Kai e Vanna editaram as imagens da festa do pijama e publicaram em nossa conta: “Passando a noite no nosso café coreano.” Não é o vídeo mais chamativo, mas achei que

ainda assim iria bem. Sempre vai.

Mas não esperava que fosse ficar em *terceiro lugar* no YouTube.

Desde então, os negócios estão bombando. É emocionante ouvir as pessoas falarem sobre o quanto gostam do nosso conteúdo e como ele as deixa felizes. Lembra os meus fandoms. Mas é difícil me sentir completamente animado sabendo que Cece está atenta observando todos os nossos movimentos online e que pode correr para os meus pais com provas a qualquer momento. A nossa última conversa paira sobre os meus ombros como um casaco pesado que me pinica inteiro. Ela parecia *tão* certa de que eu voltaria ao Café Gong. Que voltaria para ela. Eu nunca vi Cece se enganar.

A curiosidade falou mais alto e, há cerca de uma semana, dei uma olhada para confirmar minhas suspeitas: eles *realmente* criaram uma conta para o Café Gong. É... bom, horrível. A presença deles no Instagram transmite a mesma vibe de uma tia-avó desconectada da realidade: várias fotos tortas e sem edição, com legendas tão bizarras que me fazem questionar se eles estão usando sugestões automáticas ou uma IA generativa.

Parte de mim (ok, a maior parte) se diverte em ver Cece ser tão ruim em algo em que eu sou bom, pelo menos uma vez na vida. Depois de como as coisas ficaram, não consigo superar a vontade mesquinha de esfregar isso na cara dela. Quero fazer algo *grande*. Algo que prove que eu realmente não preciso dela ou do Café Gong para ser bem-sucedido.

Infelizmente, a menor e mais racional parte de mim sabe que uma exibição espalhafatosa só aumentaria o risco de os meus pais descobrirem por conta própria, então controlo o impulso.

Estamos indo superbem nas vendas, então está tudo bem. A única desvantagem dessa recente onda de clientes é que Sarang e eu temos que manter a farsa do namoro o tempo todo. Com essa nova tensão estranha entre nós, isso tornou toda a brincadeira particularmente constrangedora.

Meus olhos se voltam para ela. Talvez *eu* devesse ser o primeiro a abordar a mudança, já que ela claramente não vai fazer isso. E se ela fingir que não percebeu? E se não tiver nada e for tudo coisa da minha cabeça? Estou pensando demais, não é? *Só fala alguma coisa, qualquer coisa...*

De repente, da cozinha:

— Que *merda*, Kai?

O grito de Dario me assusta tanto que quase caio do banquinho.

Um segundo depois, Kai sai furioso para o salão, com o rosto vermelho como uma cereja. Dario sai correndo atrás dele, parecendo igualmente agitado. Não parecem estar brincando.

— Espera, para, me desculpa. — Dario alcança Kai e agarra seu cotovelo. — Você me assustou. Mas por que é que você tentou…

Kai se solta.

— Não vira a história contra mim, como se eu fosse o estranho. É *você* que tem agido de um jeito todo… todo *normal* nas últimas semanas!

— Normal?

— Sim. Normal tipo *antes*. Que nem quando a gente ainda namorava. Você anda brincando, me mandando mensagens, encostando em mim. O que eu deveria pensar?

Dario hesita.

— Eu não estou agindo de nenhuma forma diferente. Nós terminamos, Kai, é isso. Você não pode tentar me beijar…

— Que se dane isso aqui — diz Kai.

Ele pega seu skate atrás do balcão e caminha pisando forte em direção à saída. Sem olhar para nenhum de nós, ele abre a porta com força e sai, com a campainha tocando furiosamente atrás dele.

O silêncio suga o ar da sala. Sinto como se não pudesse respirar; Dario parece que não consegue.

Sarang é a única corajosa o suficiente para quebrar o silêncio.

— Dario? Vocês dois estão bem?

— Sim — responde ele com um sorriso forçado. — Tudo bem. Meu ex-namorado acha que estou dando mole para ele e, quando tento estabelecer alguns limites, *eu* sou o vilão.

A vontade de defender Kai surge como um reflexo, mas Vanna, que estava silenciosamente pendurando luzes no canto o tempo todo, se antecipa.

— Não se faz de inocente, ô tigrão — diz ela. — Você não pode culpar o Kai por ter entendido errado, sendo que ele está interpretando corretamente todos os seus sinais. Ninguém fica *encarando* o rosto de alguém por tanto tempo, a menos que queira esfregar o próprio rosto no da pessoa.

Arregalo os olhos. Não pode ser verdade. Mas um olhar para a expressão corada e franzida de Dario confirma: ele também não superou o término.

Só balançando a cabeça, Dario também se dirige para a porta da frente.

— Vou para a academia.

Sarang tenta interceptá-lo, mas ele desvia e foge do café. Ela bufa, com os ombros caídos.

Solto um assobio baixo e longo.

— Não acredito que você e eu temos o melhor relacionamento aqui e nós nem estamos juntos.

— Eca, não fala isso.

— Será que eles vão ficar bem?

— Conhecendo o Dario, ele vai fingir que nada aconteceu e ignorar toda a tensão.

Vanna murmura em concordância, levantando-se para se juntar a nós.

— É, e o Kai não vai gostar nada disso.

— Não. Ele não vai gostar.

Eu suspiro.

Sarang esfrega o rosto.

— O que vamos fazer agora? Tínhamos uma reunião para discutir o que postar nas redes sociais. Devemos remarcar?

Faço um muxoxo, pensando.

— Não, não dá tempo. Minha sugestão é urgente.

Elas se reúnem ao meu redor enquanto eu explico.

— Três palavras: "caça ao tesouro."

— Pois eu tenho uma palavra para você — Sarang interrompe. Ela me dá um sinal de negativo com o polegar. — Bu.

Mostro um dedo diferente para ela e explico.

Depois da nossa entrevista no KING 5, fiquei pensando em como poderíamos construir um público de clientes na região como um todo, não só as pessoas que nos seguem. A solução? Coisas grátis, um desafio e quinze minutos de fama. Ou seja, organizamos uma caça ao tesouro pela cidade para que as pessoas conheçam o Bingsu para Dois pessoalmente, encontrem prêmios como cartões-presente espalhados por Seattle e nos encontrem no final para ganhar o prêmio máximo de aparecer no nosso canal. Também faríamos uma promoção: gastando vinte dólares, as pessoas receberiam produtos exclusivos da caça ao tesouro, e os lucros seriam doados para uma boa causa.

— Muito bom, né? — digo quando termino. — Podemos fazer no próximo sábado, já que é o Dia Nacional do Espresso. Cala a boca, Sarang,

sim, é um feriado de verdade. Podemos propor a pauta para a sra. Kapule, do KING 5; ela talvez se interesse em cobrir. Ia nos dar muita visibilidade local.

Estou muito orgulhoso dessa ideia. É um pouco fora da minha zona de conforto de RP exclusivo para fandoms e mais parecido com uma campanha de marketing *de verdade*, mas isso não me assusta desta vez. Talvez eu esteja ficando mais confiante nas minhas habilidades — afinal, Cece queria que eu fizesse o mesmo no Café Gong por um motivo.

Sarang parece pensativa e surpresa.

— Uau. É realmente... nada mal.

— Sério? — Eu me animo.

— É uma boa continuação da nossa entrevista com o KING 5 e vai atrair as pessoas para o café. Logisticamente, também não vai ser difícil de organizar. Já temos cartões-presente, os locais da caça ao tesouro podem ser locais públicos e você só precisa fazer sua parte promovendo na internet. — Sarang percebe que está sendo um pouco sincera demais e rapidamente suaviza a expressão, encolhendo os ombros com indiferença enquanto acrescenta: — Imagino que seja por isso que a gente ainda te mantém por aqui.

Sinto uma pontada de frustração. As palavras de Cecelia durante nossa briga vêm à minha mente.

Ela vai te largar assim que você deixar de ser útil para ela, você sabe disso, né? A única coisa que ela quer de você é o que você pode fazer pelo café dela.

Vanna dá um tapinha nas costas de Sarang e nas minhas, tirando-me do transe. Ela passa um braço ao redor dos nossos ombros e nos puxa para mais perto.

— Bom trabalho, Grãozinho de Café. Isso pode ser bem legal. Mas, sobre a oferta promocional que você mencionou... para onde os lucros seriam doados?

Vou conversar com Haneul para descobrir os detalhes logísticos, porque quero doar os lucros para o caso de guarda da Vanna. Mas meu instinto me diz que Vanna nunca concordaria se soubesse do plano.

— Para alguma causa local. Podemos decidir isso depois.

Ela dá um passo para trás com um aceno de cabeça impressionado, cruzando os braços sobre o suéter desgastado. Sarang olha para mim, seus olhos se movendo rapidamente para cima e para baixo em uma avaliação

rápida, e ela também acena com a cabeça. Eu sorrio. Isso vai garantir que o Bingsu para Dois continue aqui por muito tempo, e eu também.

O que aumenta a probabilidade de meu pai e minha mãe descobrirem — um problema que sei que não posso ignorar por muito mais tempo.

Depois de receber a aprovação de Haneul e do sr. Cho, anuncio em nossa conta no Twitter naquela noite.

Bingsu para Dois
@bingsupara2

Comemore o Dia Nacional do Espresso com a gente, Seattle! No sábado, 23/11, participe da nossa caça ao tesouro pela cidade para ganhar prêmios incríveis e a chance de aparecer no nosso canal! Passe por aqui na sexta-feira para saber mais e ganhar produtos exclusivos em compras a partir de US$ 20. Todo o lucro será doado. Até lá!

19 de novembro de 2024, 19h06

2,3 mil retuítes 1,9 mil citações 6,6 mil curtidas

Na tarde de sexta-feira, uma muralha de clientes se forma do lado de fora da loja. Talvez esteja até mais movimentado do que quando nosso primeiro vídeo viralizou. É preciso empurrar gentilmente as pessoas para conseguir passar pela fila e entrar, onde está igualmente lotado.

Todo mundo já está aqui: Sarang e Dario estão preparando bebidas no bar, Kai está trabalhando nas sobremesas e Vanna está no caixa, anotando pedidos e distribuindo produtos promocionais. Isabette, que gentilmente se ofereceu para ajudar (e está apaixonada o suficiente para fazer qualquer coisa que signifique passar um tempo com Vanna), está ocupada servindo comida no salão. Nossos convidados de honra também já chegaram. A sra. Kapule e toda a sua equipe estão perto do balcão de entrega, montando câmeras e se preparando para ir ao ar. Felizmente, ela ficou mais do que feliz em cobrir o segmento quando entrei em contato, e avisei Jace com antecedência para esconder o controle remoto da (nova) TV por alguns dias.

Vou até o balcão da frente e pego uma das dezenas de camisetas cor de

creme dobradas ao lado de Vanna. Solto uma exclamação de surpresa.

— Este é o *merch* pronto?

— Sim, Haneul e Kai se empenharam muito no design. Temos mais de um milhão dessas na cozinha e já vendemos quase duzentas com a promoção que estamos fazendo.

Desdobro a camiseta. É melhor do que eu poderia imaginar. Desenhada no estilo vibrante e quase brilhante característico de Haneul está uma das nossas especialidades: o bingsu de café. A tigela está cheia até a borda com uma mistura cremosa de café, polvilhada com cacau em pó e decorada com biscoitos wafer e grãos de café espresso cobertos com chocolate. Acima da tigela, tem uma pequena xícara de cerâmica servindo uma dose de espresso que cai em cascata sobre o bingsu. Em uma fonte retrô escrita à mão, a camiseta diz *Bingsu para Dois* curvado na parte superior e *Caça ao Tesouro do Dia do Espresso 2024* abaixo, com café pingando sobre as letras. Também consigo ver o estilo de design de Kai nos detalhes. A fonte foi definitivamente obra dele, assim como as rachaduras propositais na impressão para dar um aspecto vintage e alguns detalhes desgastados nas bainhas.

Assumo meu lugar atrás do balcão. Dario geme de alívio quando coloco o avental.

— Graças a Deus. Aqui, assume, preciso ir mijar.

— Não fala "mijar" na frente dos clientes! — repreende Sarang mais alto do que o barulho do café. Ela me nota e seus olhos parecem incendiar. — Você!

— O quê? O que eu fiz? — pergunto, passando por ela para preparar um macchiato de caramelo gelado com leite de amêndoas na bancada cheia de pedidos.

Sarang arranca a caixa de leite de amêndoas da minha mão e me empurra contra a bancada.

— Haneul disse que você quer doar os lucros para o caso de guarda da Vanna. Por que não me contou? Mais importante, por que não contou para a *Vanna*?

Ela está perto demais. Sinto que estou corando quando ela pressiona todo o seu corpo contra o meu e não consigo me inclinar mais para trás com a máquina de café cutucando minhas costas. Seria uma hora ruim para uma piada de pau? Ah, ótimo, agora estou pensando no meu pau. Ah, não.

— Qual é o problema? — sussurro, tomando cuidado para que Vanna não nos ouça, embora ela esteja ocupada demais com o fluxo de clientes. — É por uma boa causa, e parece que ela e a irmã precisam.

— *É*, e elas *precisam*, mas você não precisa... — Ela suspira. — Isso *não* é o tipo de coisa com que se surpreende alguém, e muito menos o tipo de coisa que se divulga na internet! A Vanna *odeia* sentir que é um caso de caridade, e você está fazendo com que ela pareça um para toda a cidade e nossos milhares de seguidores.

— A Haneul falou que vai encontrar uma maneira de colocar isso no salário dela aos poucos, para que ela nunca descubra.

— Ei! — grita Kai do outro lado, colocando uma bola de sorvete em uma torrada com mel. — Vocês podem deixar a discussão cheia de tensão sexual para outra hora? Tem umas quinze pessoas esperando as bebidas.

— Cala a boca! Eu estou fazendo! — retruca Sarang.

Ela empurra o leite de amêndoas na minha mão enquanto vai preparar dois sucos de toranja.

Enquanto tiro as doses na máquina de café espresso, digo a ela:

— Nunca dissemos na internet para onde vamos doar os lucros, e não pretendo deixar que saibam que é para Vanna. Qual é, você realmente acha que eu usaria a situação dela com a irmã como uma estratégia de marketing?

— Acho que você é idiota o suficiente para fazer isso sem querer, sim.

— Meu deus, eu inventei a caça ao tesouro para atrair clientes para o café. — *E provar para minha ex-namorada que posso ser bem-sucedido sem ela ou meus pais*. — E poder ajudar a Vanna é um efeito colateral positivo. Nada tá bom pra você?

— Lixar seu rosto me deixaria satisfeita.

— Você é tão...

— As *bebidas*! — repete Kai.

— Estamos cuidando disso! — gritamos ao mesmo tempo.

Isso chama a atenção de várias pessoas, que nos olham com desconfiança. Solto um palavrão.

— Estamos namorando, lembra? — sussurro. — Finge que você me suporta, senão vai estragar nosso disfarce.

— Eu não conseguiria fazer isso nem se fosse uma atriz vencedora do Oscar — responde ela baixinho.

Um grupo de amigos que estava observando nossa interação começa a

cochichar entre si.

— Ah, pelo amor de... — murmuro, antes de me preparar. Passo um braço pela cintura de Sarang e a puxo para perto de mim. Ela grita, agarrando meus ombros para se apoiar. — Finge que estou flertando com você — sussurro em seu ouvido, ainda a segurando pela cintura. Ela está quente sob o avental. Penso em algo que a faça corar. Só para parecer realista, mais nada. — Sabe, você é muito linda quando grita, mesmo que seja comigo. *Especialmente* comigo.

— O quê? — Sarang me empurra para trás, parecendo completamente confusa, com uma coroa de cabelos soltos adornando seu rosto rosado e suado.

Sorrio.

— Isso, assim.

A sra. Kapule se inclina sobre o balcão e acena com a mão para chamar nossa atenção.

— As câmeras estão preparadas. Vocês estão prontos para a entrevista? Vai ser rápida, só precisamos de um de vocês.

Levanto as sobrancelhas para Sarang, em sinal de dúvida. Ela balança a cabeça.

— De jeito nenhum eu vou fazer isso. Você faz, a ideia foi sua.

Não vou cometer o mesmo erro duas vezes e correr o risco de Umma e meu pai verem meu rosto no jornal.

— Eu não posso... Sou tímido demais.

Eu me viro. Vanna está ocupada com o caixa e, sinceramente, não é nossa oradora mais carismática. Kai, fazendo uma bagunça enquanto serve o leite de aveia, se vira quando sente meu olhar.

— Por que você está me olhando assim? — pergunta ele.

INT. "BINGSU PARA DOIS"/BAR — DIA

Em pé na frente do balcão, contra um cenário caótico de corpos se movendo e bebidas sendo servidas para todos os lados, está KAI, com uma expressão confusa, olhando para alguém fora do quadro. A SRA. KAPULE está em frente a ele, com um quarto do corpo virado para a câmera, segurando o microfone entre eles.

SRA. KAPULE

Kai, obrigada por deixar a gente se juntar a você e seus colegas de trabalho no Bingsu para Dois de novo. Estamos animados por estar aqui e ver que a popularidade de vocês só cresceu desde a última vez que conversamos. Você pode nos contar mais sobre o que planejou para a

cidade e seus seguidores amanhã?

KAI

(para si mesmo)
Eu adoraria, aparentemente.
(mais animado)
Amanhã é o Dia Nacional do Espresso, então vamos comemorar com uma caça ao tesouro por Seattle. Os participantes vão começar aqui, e sair em busca de pistas temáticas escondidas pela cidade e ganhar cartões-presente, produtos e guloseimas ao longo do caminho. O grande prêmio é uma participação no nosso canal. Tcharã!

SRA. KAPULE

É tão legal ver você e seus amigos usarem sua paixão e plataforma para organizar um evento como esse para a comunidade. Você pode nos dar alguma dica?

KAI

O River disse que as pistas envolvem pontos turísticos famosos da cidade relacionados a café. Vai ter um barista em cada local, então, fiquem de olho para achar cada um de nós.

SRA. KAPULE

Um encontro para todos aqueles que acompanharam a jornada online do café de vocês, isso é tão divertido. Lembra ao pessoal em casa, que talvez não saiba, quem são seus colegas de trabalho.

KAI

Bom, quem vocês podem esperar encontrar na caça ao tesouro amanhã somos eu, Dario, Vanna, Sarang e River, nessa ordem.

SRA. KAPULE

Sarang e River?

KAI

Sarang e River, isso.
A sra. Kapule vira-se totalmente para a câmera.

SRA. KAPULE

Que fofo! O casal de baristas favorito da internet vai estar esperando juntos para cumprimentar os vencedores da caça ao tesouro de amanhã.
Uma voz masculina fora do quadro sussurra algo incoerente para Kai, que estremece ao perceber.

KAI

Espera, o River e a Sarang não estão juntos.

SRA. KAPULE

Não estão?

KAI

Merda, eu quis dizer que eles não vão estar juntos no evento de amanhã. Claro que eles estão juntos…

Um braço sem corpo o puxa para fora do quadro no meio da frase. A sra. Kapule lança um olhar de advertência para eles por terem estragado sua notícia, antes de se recompor para continuar o encerramento.

SRA. KAPULE

Fanáticos por café, fãs do Bingsu para Dois e todos em Seattle podem esperar um passeio divertido amanhã, organizado pelos baristas mais famosos da internet. Lembrem, a caça ao tesouro começa às nove aqui no Bingsu para Dois, na 6th Avenue, e termina com a chance de conhecer River e Sarang, os namoradinhos do café.

Com Kai fora do quadro, a câmera se ajusta automaticamente para focar SARANG atrás do balcão, ao fundo. Em seu punho cerrado, há um copo plástico amassado com os restos gelados de um frapê derramando sobre seus dedos. Seu olho se contrai em um olhar severo voltado para alguém ao lado.

20. MEU PEDIDO FORMAL DE DESCULPAS POR MANDAR PESSOAS PARA O INFERNO QUE É A PRIMEIRA STARBUCKS EM PIKE PLACE

Eu não deveria mais me surpreender quando acabo nessas situações ruins.

E, no entanto, aqui estou. Surpreso por realmente ser ruim.

— Para de reclamar — diz Sarang ao meu lado. — A culpa é *sua* por não ter corrigido a sra. Kapule ontem.

— Eu? Foi o Kai que meteu a gente nessa confusão.

— Bom, agora estamos presos juntos por só Deus sabe quantas horas até os vencedores encontrarem a gente. Espero que esteja feliz.

Estamos na calçada, encostados na parede de tijolos do The 5 Point Café nos escondendo de vista, enquanto dezenas de pessoas atravessam. Já passa um pouco de uma da tarde, o que significa que estamos parados aqui há quatro horas — o que é quatro horas a mais do que o aceitável para ficar sozinho na companhia de Sarang, mas não é tempo *suficiente* para entrar e esperar pelos vencedores lá dentro. Esse é o destino final da caça ao tesouro.

Pego meu celular no bolso, ignoro Sarang espiando por cima do meu ombro e bufando para a tela de bloqueio de *Filho do pecado*, e verifico nosso Instagram para ver se há novidades dos outros.

— Eles já postaram alguma coisa? — pergunta ela.

— Vamos ver — digo.

Estamos usando o Instagram para acompanhar o andamento da gincana e repostar os stories das pessoas que nos marcam enquanto procuram pistas. Haneul foi a primeira a acordar hoje de manhã, tendo ficado no café para a primeira parada da caça ao tesouro. Passo por alguns

vídeos e clico no dela.

INT. "BINGSU PARA DOIS"/ CAIXA — MANHÃ

Uma HANEUL com uma expressão séria e meio desarrumada franze a testa para a câmera, que treme quando ela a coloca no balcão ao lado da máquina de café espresso. Seu cabelo está preso e seu avental preto está salpicado de xarope e chantilly. Atrás dela, um amontoado de gente espera no salão, conversando e rindo enquanto ela derrama caramelo em uma bebida.

HANEUL

Esqueci que era para filmar depois que a primeira pessoa aparecesse. Erro meu. Enfim, bem-vindos à Caça ao Tesouro do Dia Nacional do Espresso do Bingsu para Dois. Nosso café é a primeira parada. Já passou cerca de meia hora desde que a caça ao tesouro começou e muita gente já passou por aqui. A pista para o próximo destino está escondida em algum lugar do salão, mas também tem pistas falsas para despistar e te levar na direção errada.

A garrafa de caramelo entope e, quando ela aperta, explode em suas mãos. Haneul se agarra ao balcão e suspira.

HANEUL

De qualquer forma, pode ficar tranquilo: se você acabar no lugar errado, ainda tem cartões-presente e cupons escondidos esperando para serem encontrados. Boa sorte.

(murmurando)

E me desejem sorte também.

Perfeito. Bem, mais ou menos. É bom ver que as pessoas estão participando. Passo para o próximo vídeo, que é o do Dario.

EXT. "PRIMEIRA STARBUCKS EM PIKE PLACE"/ FACHADA DA LOJA — MANHÃ

DARIO segura a câmera longe o suficiente para que possamos ver que ele está parado no meio da rua de paralelepípedos do Pike Place Market. À sua esquerda, há uma fila interminável que leva à armadilha para turistas, também conhecida como a primeira Starbucks.

DARIO

Bom dia, aqui é o Dario. O primeiro grupo me encontrou na nossa segunda parada da Caça ao Tesouro do Dia Nacional do Espresso: a primeira Starbucks. Para quem não é daqui, é a primeira loja da Starbucks, bem em frente ao Pike Place Market. Muito conveniente.

(olhando para a loja com um desgosto mal disfarçado)

Tem alguns grupos na liderança. Não se preocupem, a pista para o próximo local ainda está aqui e, mesmo que não consigam descobrir, passem por aqui para ganhar cartões-presente. Ok, vamos para o Kai.

Sarang bufa e percebo que ela está tão perto que sua cabeça está praticamente apoiada no meu ombro.

— É hilário você ter feito ele esperar na primeira Starbucks.

— Infelizmente, é um local icônico.

O próximo vídeo, postado cerca de uma hora depois do de Dario, é o de Kai.

INT. "VICTROLA ROASTERY"/ INTERIOR — FINAL DA MANHÃ

KAI está sentado em uma mesa dentro de uma cafeteria pequena, mas movimentada, com uma decoração aconchegante em madeira e o zumbido das máquinas pontuando o ar. Na mesa à sua frente, há uma dúzia de sacos de grãos de café.

KAI

Oi, pessoal! Obrigado por participarem da nossa Caça ao Tesouro do Dia Nacional do Espresso.

(inclinando-se)

E obrigado *especialmente* a você, River, por colocar o Dario na primeira Starbucks. Foi maldade, cara. Gostei.

KAI

Mas, enfim, os primeiros grupos já me encontraram na Victrola, em Cap Hill, uma torrefadora local onde os moradores de Seattle vão para tomar um bom café. Por falar nisso, como hoje é o Dia Nacional do Espresso e vocês devem sempre apoiar os pequenos negócios, compramos uma cacetada de grãos da Victrola e estamos distribuindo para os participantes da caça por ordem de chegada. *E* estou meio com fome, então, se alguém me trouxer um burrito de café da manhã, eu ensino a andar de skate e dou uma das minhas camisetas feitas à mão.

Por último, mas não menos importante, Vanna postou um vídeo com novidades há uma meia hora. Eles estão chegando perto.

Minhas sobrancelhas se levantam quando reproduzo o vídeo. Sarang ri e diz:

— Eu devia ter imaginado.

EXT. "COFFEEHOLIC"/SALÃO — TARDE

A câmera treme enquanto a pessoa que está gravando tenta encontrar um bom lugar para apoiá-la. Risadas são ouvidas ao fundo, e uma mais baixa quando a câmera finalmente se estabiliza e mostra VANNA e ISABETTE em quadro. Elas estão sentadas uma em frente à outra em uma mesinha, ambas inclinadas para a frente para ficarem visíveis. Talvez estejam mais próximas do que o necessário.

ISABETTE

(ainda rindo)
Diz logo o que você tem que dizer.

VANNA
(sorridente)
Oi, Seattle. Aqui é a Vanna, do Bingsu para Dois, e hoje tenho uma grande amiga comigo.

ISABETTE
Ah, uma grande amiga?

VANNA
Uma amiga *muito* próxima.

ISABETTE
Os historiadores dirão que elas eram amigas…
Vanna bufa e empurra o cotovelo de Isabette, com os dedos se demorando. Ela está sorrindo mais do que em qualquer outro vídeo do canal.

VANNA
Estamos na quarta parada da caça ao tesouro, no Coffeeholic, em Greenwood. É uma pequena cafeteria vietnamita com o *melhor* latte que já tomei. Posso dizer isso? Vou ser demitida? Vou dizer mesmo assim.
Isabette pega a xícara de café ao lado do cotovelo de Vanna e dá um gole lento e deliberado, olhando para a câmera. O olhar suave de Vanna está focado apenas nela.

ISABETTE
Posso confirmar — é o melhor latte que já tomei também.
Vanna pega a câmera e a aproxima do rosto.

VANNA
River e Sarang, os grupos estão indo na direção de vocês. Temos mais cartões-presente para quem aparecer, ou não. De qualquer forma, estaremos aqui. Tchau.
Ela se filma dando a língua e o vídeo termina com a risada cristalina de Isabette ao fundo.

— É claro que a Vanna encontraria uma maneira de transformar isso em uma desculpa para sair com a Isabette — digo, mas meus lábios também estão curvados em um sorriso.

Estou feliz que tudo esteja indo bem e que todos estejam se divertindo.

Bom, menos eu e Sarang.

— Acho que é hora de a gente entrar — diz ela. — Aposto que falta menos de uma hora para o primeiro grupo nos encontrar.

— Vai na frente, meu bem.

Estendo a mão e, quando ela levanta o nariz, ergo as sobrancelhas e

aponto para a multidão ao nosso redor. Ela suspira, mas desliza sua mão pequena e macia na minha.

— Ah, é — diz ela, revirando os olhos. — Como eu poderia esquecer, *meu bem*?

Entrar no The 5 Point Café é como entrar em uma cápsula do tempo ou em um boteco transformado em festa disco. É como se um bando de hipsters grunges tivesse comprado uma lanchonete antiga no estilo dos anos 1950 e decorado o lugar colando adesivos em todas as superfícies planas. As luzes são baixas, mal iluminando os azulejos pretos xadrez e as dezenas de pessoas relaxando em cabines cor de vinho. Jogos de arcade e máquinas de pinball se alinham de um lado do restaurante, máquinas caça-níqueis ocupam o outro e um jukebox fica ao lado do caixa. Não consigo saber se está tocando música, porque tem tanta gente aqui que o barulho é alto a ponto de abafar minha própria respiração.

Um garçom com dois piercings nos lábios e uma barba trançada se aproxima de nós. Seu sorriso branco perolado é a fonte de luz mais brilhante do lugar.

— Bom dia, pessoal. Cabine ou mesa?

— Na verdade — digo —, estamos só esperando algumas pessoas. De repente podemos tomar um café no bar...

O som do estômago de Sarang roncando me faz parar. Seu rosto fica vermelho como um tomate. Que fofura.

Eu me viro para o garçom.

— Uma cabine seria ótimo, por favor.

O sr. Colgate Luminous White nos leva a um lugar no canto do restaurante, praticamente fora da vista, o que é bom; não queremos facilitar as coisas para os vencedores. Mas aí ele vai embora, e ficamos só eu e Sarang. Comendo brunch.

Sozinhos.

Ela está tirando fiapos da saia de veludo preto que vestiu hoje. Meus olhos percorrem sua roupa como um todo: blusa de gola alta de veludo turquesa, um colar de ouro delicado por cima e meias pretas até os joelhos que notei assim que nos encontramos hoje de manhã. Engulo em seco, me sentindo estranho de repente, e não acho que seja porque, em comparação, não estou nada arrumado, com minha camiseta branca simples e jaqueta jeans.

Ela levanta o olhar e me pega a encarando.

— O que foi? — pergunta.

Meu rosto fica vermelho, o que piora ainda mais a situação. Entro em pânico.

— Você, hum... — Tiro o gorro que estou usando, me inclino sobre a mesa e coloco na cabeça dela. Ela dá um gritinho quando eu o ajusto e coloco o cabelo dela atrás da orelha para não ficar na frente do rosto. — Você está chamando atenção — digo rapidamente. — Se os vencedores chegarem e virem sua cabeça de marca-texto que nem uma lâmpada no meio do salão, vão achar a gente na hora.

Boa, penso, que no mesmo instante é substituído por um segundo pensamento: *Droga, ela está mais bonita agora.*

— Eu não tenho cabeça de marca-texto. E não olha para mim. Olha para o seu cardápio — diz ela.

— Olha *você* para o seu cardápio.

O sr. Colgate aparece na frente da nossa mesa.

— Vocês dois já deram uma olhada no cardápio?

Aff.

Peço a primeira coisa que meus olhos encontram, panqueca de batata com bacon. Sarang pede uma omelete vegana. Peço um café para nós dois, e ela torce o nariz.

Quando o sr. Colgate vai embora, pergunto:

— Você não quer café? *Você*? A garota que bebe mais café do que água?

— Não confio em café de outros lugares.

É a cara dela, mesmo.

— O daqui é bom. Não precisa se preocupar, princesa.

— Você já provou?

— Sim. — Faço uma careta ao voltar às memórias amargas que inundam meus pensamentos. — Minha ex gostava muito de vir aqui.

— E você, gostava?

Eu me endireito novamente na cadeira e olho para ela. O gorro está torto e o cabelo emoldura as bochechas. Tem uma curiosidade inocente em seus traços que a faz parecer mais gentil do que eu sei que ela é, mas a ilusão é agradável por um momento.

— A comida é boa, se é isso que você quer dizer.

— Não é, mas fico feliz em saber.

Nosso garçom volta com um bule de café, creme e açúcar. Sirvo uma xícara para Sarang e empurro em sua direção. Ela dá um gole. Seus olhos

se fecham e a tensão desaparece de seus ombros. Fofa.

— Está bom? — pergunto com um sorriso.

— Vai catar coquinho — responde ela, o que é resposta suficiente.

Desvio o olhar e examino a área do restaurante. É difícil adivinhar quando os participantes da caça ao tesouro vão nos encontrar. Um arrepio desce pela minha espinha e me sinto estranhamente exposto com a ideia de ser pego com Sarang a qualquer momento. E se os vencedores nos encontrarem discutindo ou algo assim e descobrirem a verdade sobre nosso relacionamento?

Sarang se inclina, tentando ver o que estou olhando.

— O que foi? O que rolou? Eles estão aqui?

Estamos tão próximos que nossas mãos quase se tocam. Me afastar seria estranho, certo? Certo. Não sou nada além de hormônios em um saco de carne.

— Acho que não.

Ela se recosta no banco, encolhendo-se.

— Acho que só nos resta... esperar.

— É.

Ai, céus.

Pegando um pacote de açúcar para brincar, digo:

— Então... Com certeza não é assim que você costuma passar suas manhãs de sábado. Você sabe, participando de caças ao tesouro de quatro horas.

— Você está... — começa Sarang. — Puxando assunto?

— Talvez.

Ela bufa.

— Foi uma tentativa horrível.

— Pelo menos não perguntei sobre o tempo.

— Seria preferível.

— O clima anda bem agradável, né?

Os lábios de Sarang se curvam para cima.

— Está gostoso, sim.

Sinto que estou sorrindo e não consigo esconder, enquanto meu olhar oscila entre ela e o pacote de açúcar na minha mão.

A expressão dela se suaviza. Há um momento de silêncio.

— Sua ex...

— Quem pediu as panquecas?

O Sr. Colgate se aproxima da nossa mesa, com pratos de comida nas duas mãos. Depois de colocá-los na mesa e perguntar meia dúzia de vezes se queremos ketchup, ele vai embora, e o silêncio toma conta de nós. Sarang fica olhando para a omelete, sem dizer nada, mas parecendo que quer falar. Acho que ela está me dando a chance de evitar essa conversa. Eu poderia. Poderia mudar de assunto e isso nunca mais seria mencionado. É... estranhamente atencioso.

— O que você ia perguntar? — digo.

— Sua ex — começa Sarang com cautela. — Como era o relacionamento de vocês?

— Por que você quer saber?

— Estou curiosa para saber o que aconteceu. Você geralmente evita falar sobre ela quando o assunto surge.

Definitivamente esse *não* é um assunto que eu pensei que discutiria durante um brunch, especialmente um brunch com Sarang. Mordo o interior da bochecha enquanto cutuco as panquecas.

— Nosso relacionamento era bom — digo. — Namoramos por mais ou menos quatro anos e depois terminamos. Nada escandaloso.

— Por que vocês terminaram?

— É difícil explicar.

— Você não a amava?

As panquecas estão boas, mas secas. Ou talvez seja minha boca.

— Claro que eu amava. Mas não o suficiente, acho. Ou não da maneira certa.

O barulho ambiente do restaurante se mistura com o tilintar suave do meu garfo raspando o prato. Ergo os olhos. Sarang não tocou na omelete.

— Eu não sabia que tinha uma maneira certa de amar alguém — diz ela, pensativa.

Engulo.

— Sua comida vai esfriar.

Ela finalmente dá uma mordida, em silêncio.

— Como é que você nunca namorou ninguém? — pergunto.

Ela mastiga, com os olhos fixos nos talheres. Sua voz fica mais incerta do que eu já ouvi antes.

— Não sei. Sentir isso por alguém é difícil para mim. Já tive uns crushes em alguns meninos e algumas meninas, mas não foi nada além de atração.

— Isso também é normal. Não tem pressa em encontrar a pessoa certa,

ou *uma* pessoa certa. Acho que é verdade o que dizem sobre as coisas boas virem com o tempo. — Olhando para cima, vejo que Sarang está me observando. Dou um pequeno sorriso. — Você é legal, apesar do seu temperamento. Você se importa muito com as coisas, e esse tipo de paixão atrai as pessoas. Em alguma hora, você vai atrair alguém que te faça sentir algo.

Enquanto minhas palavras pairam entre nós, eu me dou conta do que acabei de dizer. Sinto um calor nas orelhas, mas não desvio o olhar. Estou falando sério; apesar de seus defeitos — que são muitos, e eu adoraria escrever uma dissertação sobre isso —, ela é uma boa pessoa. Extremamente inteligente. Preocupada com a família e os amigos mais do que com qualquer outra coisa. Tem um milhão de hobbies e é injustamente boa em todos eles. Confiante em suas habilidades. Irritantemente bonita.

Mas eu nunca diria nada disso a ela.

Sarang parece ter dado pane.

— É. Hum — gagueja ela. Suas bochechas ficam coradas e com manchas vermelhas. Ela olha para qualquer lugar, menos para mim. — Isso... você... — Seus olhos se arregalam, depois se fixam em algo atrás de mim. Suas sobrancelhas se franzem. — Ah. Oi.

Foi rápido, mas não estou reclamando. Salvo do que certamente seria um momento insuportavelmente constrangedor de vulnerabilidade, eu me viro na cadeira, pronto para parabenizar os vencedores da caça ao tesouro.

E então minhas palavras morrem na língua.

Cecelia está parada ali, no meio do restaurante, com um sorriso frio e duro esculpido no rosto. Para piorar a situação, Jorge e Rosalind estão ao lado dela.

— Isso só pode ser zoeira — murmuro.

21. TIVE SONHOS SOBRE ESSAS DUAS SE ENCONTRANDO. PESADELOS, NA VERDADE. NÃO TIPO... ESQUECE.

— Quer dizer, *e aí*, Cecelia. O que vocês estão fazendo aqui?

— Como assim, o que estamos fazendo aqui? Acabamos de ganhar sua caça ao tesouro — diz ela.

É impressionante como ela consegue fingir sinceridade no tom de voz, mas transmitir seus verdadeiros sentimentos apenas com esses olhos azuis frios dela. Talvez eu os conheça bem demais.

— Só estou surpreso que nenhum dos outros tenha me dito que viu você. Especialmente Kai.

— Vocês atraíram uma multidão para essa coisa — diz Rosalind. — Estava lotado em todas as paradas. Infelizmente, não tivemos a chance de falar com nenhum dos seus colegas de trabalho simpáticos.

Cecelia volta todo o seu sorriso meloso para Sarang.

— Foi muito divertido e muito bem organizado. Ótimo trabalho.

— Ideia do River — diz Sarang, distraída. Ela examina Jorge e Rosalind, que parecem cheios de arrogância. — Vocês parecem familiares... — Ela lembra. — Vocês estavam no Café Gong naquele dia. São ex-colegas de trabalho do River. Isso significa que você é...

Sarang se vira para Cecelia, e, desta vez, parece compreender tudo.

Cecelia torce o nariz.

— A ex dele. Mas River e eu também éramos cogerentes. Ele te contou isso, certo?

Eu me levanto, pego minha carteira e coloco algumas notas na mesa.

— Vamos embora — digo para Sarang.

Para minha surpresa, ela obedece sem retrucar nada.

Jorge coloca a mão no meu peito.

— Ei, e o nosso prêmio? Nós ganhamos de forma justa.

Pego os cartões-presente do bolso e os coloco na mão dele, mas ele ri.

— O grande prêmio era uma participação no seu canal, não era? Vocês passaram o dia todo postando vídeos.

Fazendo uma careta, olho para Sarang, mas ela parece tão perdida quanto eu. Cecelia e Rosalind me observam ansiosas. Seus olhares carregam o peso de duas mãos em meus ombros, me empurrando de volta para o assento.

— Uma participação rápida — digo em voz alta, mas me dirigindo a Sarang, que parece preocupada.

INT. "THE 5 POINT CAFÉ"/CABINE — TARDE

RIVER está rígido como uma tábua, com ROSALIND e JORGE inclinados na cabine atrás dele, elevando-se acima de seus ombros. CECELIA desliza para o lugar ao lado de River, bem perto. Seus braços se encostam e ele fica ainda mais tenso.

RIVER

(desconfortável)

Oi, pessoal. Obrigado a todos por participarem da nossa Caça ao Tesouro do Dia Nacional do Espresso. Parabéns a todos que encontraram prêmios e, hum… participaram. É… a Sarang e eu estamos no The 5 Point Café com os vencedores. Aqui estão eles.

Jorge se debruça e pega a câmera, inclinando-a para cima para focar seu rosto.

JORGE

E aí, fãs dedicados do River? É louco o quanto vocês amam ele e os colegas de trabalho dele, mas vocês sabiam que ele trabalhava com a gente? Em um café bem na mesma rua. Que coincidência, né?

A câmera balança quando outra pessoa a pega. Cecelia a segura, apontando-a apenas para ela e River. Ela se inclina para o lado dele, sorrindo com doçura, enquanto River fica cada vez mais pálido.

CECELIA

Só queremos agradecer ao Bingsu para Dois por organizar este evento incrível e reunir a comunidade. É incrível ver o River fazendo coisas tão legais em seu novo trabalho, ele sempre foi muito determinado. Eu sei disso porque nós éramos cogerentes do Café Gong.

(virando-se para River)

Estou muito orgulhosa do que você está fazendo aqui. Mas é difícil não sentir sua falta. Você fez *muito* pelo Café Gong como cogerente. Lembra?

A mão de River se move rapidamente e ele desliga a câmera.

Eu *não vou* postar esse vídeo.

— Desculpa, acabou o tempo — digo, forçando um sorriso. Tenho certeza de que pareço que estou prestes a cagar nas calças. — Vídeos com mais de um minuto são péssimos para o algoritmo.

— Você já vai embora? — pergunta Cecelia. — Eu queria conversar um pouco. Faz tempo que a gente não se vê. Tenho certeza de que sua namorada não se importaria.

Todos viram a cabeça para Sarang, que ficou em silêncio do outro lado da mesa esse tempo todo.

Suas sobrancelhas estão franzidas e ela olha de mim para Cecelia, depois volta a olhar para mim.

Está esperando para ver o que eu vou fazer.

Cada fibra do meu corpo quer se levantar, empurrar Cecelia e os outros e sair. Quero ir ao Bingsu para Dois. Isso deve estar estampado no meu rosto, pela maneira como Sarang está esperando. Ela nunca foi do tipo que mede as palavras, mas está fazendo isso por mim. Mas não posso simplesmente fugir da situação.

Dou o que espero ser um sorriso convincente.

— Pode ir sem mim, Sarang.

— Certeza?

— Sim. Diga pros outros que a caça ao tesouro acabou. Vejo vocês amanhã.

Leva mais um longo momento antes que Sarang finalmente se mova. Ela sai lentamente da cabine, olha para todos nós mais uma vez e tenta chamar minha atenção. Eu aceno com a cabeça e, enfim, ela vai embora.

Jorge dá um tapinha no meu ombro, os dedos cravando-se no músculo.

— Obrigado pelos cartões-presente — diz ele.

Jorge e Rosalind vão em seguida, e eu o observo jogar os cartões na lixeira ao sair.

Somos só Cecelia e eu.

Eu me preparo. Aperto meu joelho com tanta força debaixo da mesa que minhas unhas penetram no jeans. A expressão que Cecelia me deu da última vez que conversamos passa rapidamente pela minha mente: o desprezo, o nojo, como se eu não fosse nada além de um inseto sob o sapato dela. Abro os olhos e digo a mim mesmo que ver aquilo pela segunda vez não vai ser tão ruim. Mas hoje ela não está me olhando como se quisesse pisar em mim. Seu rosto é uma tela cuidadosamente lavada, em branco. Ela deve estar saboreando o momento, eu sei disso, sabendo

que vai poder esfregar na minha cara antes de finalmente ir até meus pais e contar tudo...

— Desculpa — diz ela.

A conversa do restaurante substitui o som de um disco riscado na minha cabeça.

Cecelia continua, passando a mão pelos cabelos loiros com um suspiro exausto.

— Bombardear você aqui foi errado, eu sei disso, mas parecia o único lugar onde poderíamos conversar. Trazer Jorge e Rosalind junto era para fazer parecer *menos* um confronto do que se fosse só eu aparecendo, mas claramente foi um erro. Desculpa.

Pisco, sem entender nada.

— Quê?

Ela se vira na cabine para ficar de frente para mim.

— Me sinto péssima pelo que disse da última vez. Não sei de onde veio aquilo. Não quis dizer nenhuma daquelas coisas.

— Qual parte? — pergunto sem pensar. Penso em Sarang. O que ela faria? — A parte em que você disse que eu não tenho nada sem o Café Gong? Ou a parte em que você disse que minha namorada só está me usando e vai me largar assim que eu deixar de ser útil para ela?

Cecelia baixa os olhos.

— Tudo. E pelo que eu disse sobre você voltar para o Café Gong. — Sua voz abaixa. — Que eu não ia te ajudar se você voltasse.

— Você disse voltar *rastejando*. Que quando eu voltasse rastejando, você não ia me ajudar.

Ela mantém a cabeça baixa. Será que está chorando? Ou talvez ela não esteja me mostrando o rosto porque não tem lágrimas nele.

As minhas com certeza já acabaram.

— Eu sei que talvez você não consiga me perdoar, mas só queria uma chance de dizer que me arrependo de ter dito aquelas coisas e que tenho muito orgulho do que você está fazendo no Bingsu para Dois. — Mal dá para ouvir sua voz, mas as palavras ecoam na minha cabeça mesmo assim. — Vi tanta gente na rua hoje por causa do que você está fazendo. *Não são* vídeos idiotas. Eu sei disso, sei do que você é capaz. Só queria esclarecer as coisas e dizer que sempre vou estar do seu lado, não importa onde você decida trabalhar.

Eu me levanto. Cecelia sai da cabine e eu a sigo. Eu tinha razão, não

havia lágrimas em seus olhos.

Há um zumbido em meus ouvidos e uma emoção tão forte dentro de mim que aperto os dentes para contê-la. Ela faz meus dentes baterem, mas minha voz não treme.

— Eu vi que vocês criaram redes sociais para o Café Gong. O Instagram não parecia estar indo muito bem. Nem as outras plataformas, nem a postagem que você fez copiando nosso vídeo de apresentação. Boa tentativa. Você nunca desiste, isso com certeza.

As orelhas dela começam a ficar vermelhas, contrastando com o cabelo loiro.

— Nós...

— Você me chantageou, Cecelia, e agora está falando que não quis dizer nada daquilo? Se eu não voltar para o Café Gong, você vai direto falar com os meus pais. De uma forma ou de outra, foi isso que você me disse.

Ela estremece.

— Sei o que eu disse.

— Você *disse* que me *conhecia* e que era por isso que *sabia* que, de uma forma ou de outra, eu voltaria *rastejando* para o Café Gong. Disse que não precisava da minha ajuda, que *nunca* precisou da minha ajuda. — Respiro fundo e o nó dentro de mim se desfaz. — Para de tentar me convencer e prova isso para você mesma, então.

Deixo-a ali, com os punhos cerrados e o rosto em chamas com o mesmo calor e vergonha que ela me causou da última vez. O Sr. Colgate acena para mim quando saio do restaurante. O ar está fresco do lado de fora, com um toque de outono que alivia a mão sufocante em torno do meu pescoço.

— Ei.

À esquerda, encostada na parede do prédio, está Sarang. Meus lábios se abrem.

— Você esperou?

— Claro.

Ela se aproxima. Quando está bem na minha frente, tira o gorro da cabeça e agarra a lapela da minha jaqueta jeans para me puxar até sua altura. Ela empurra meu cabelo para trás e coloca o gorro na minha cabeça. Nossos olhos se encontram. O olhar dela me perfura completamente. Não consigo desviar o olhar da profundidade quente e infinita de suas íris.

Por um segundo, eu me pergunto se o brunch está me causando azia. Uma onda de calor se espalha pelo meu peito, quebrando os anéis de ferro da ansiedade que o estavam comprimindo. Sarang me observa ansiosa.

— Está tudo bem? — pergunta.

Eu aceno com a cabeça.

— Acho que vai ficar. Acho que ela entendeu.

Então ela levanta o dedo mindinho.

— *Você* está bem?

Ergo o dedo para enlaçar no dela sem sequer pensar.

— Agora estou.

Ela sorri, e é irresistível da mesma forma que o Sol é para um planeta em órbita, envolvente demais. Eu não conseguiria desviar o olhar dela nem se quisesse. Ela me esperou.

Seguimos para pegar o ônibus que nos levará ao Bingsu para Dois. Não percebo que minha mão está inquieta ao lado do corpo até que Sarang a agarra. Meu pulso acelera. Os dedos dela têm praticamente metade do tamanho dos meus, mas se entrelaçam perfeitamente. Ela olha para a frente quando fala.

— Só para garantir, caso alguém da caça ao tesouro nos veja. Ainda não podemos sair do personagem, entende.

Esfrego meu polegar nos nós dos dedos dela. São tão macios. Sem pensar muito, eu me abaixo para beijar seus dedos. Afinal, não posso deixar que ela seja a mais romântica do casal falso.

— Acho que você só quer segurar minha mão, Sarang.

— Cala... *Cala* a porra da boca. Se eu não fizesse isso, você provavelmente tropeçaria nas suas pernas de aranha e racharia seu crânio enorme e oco, e *eu* ia ter que limpar os seus miolos espalhados pela calçada.

— Seria horrível — murmuro, sem mencionar que, se meu crânio fosse oco, não haveria miolos para limpar, porque ela ainda está segurando minha mão.

— Pois é. De nada.

Eu me aproximo um pouco mais dela depois disso e, se ela percebe, não se afasta.

22. SOU TIPO O REI MIDAS, SÓ QUE TUDO QUE EU TOCO SE TRANSFORMA EM MERDA EM VEZ DE OURO

O sr. Cho mandou todos nós descansarmos depois da caça ao tesouro e nos deu alguns dias de folga, inclusive o Dia de Ação de Graças.

Foi um jantar tenso e desconfortável, e não apenas porque meu pai e minha mãe estavam tão preocupados com a queda nas vendas do Café Gong que acabaram se esquecendo do feriado. Não ajudou o fato de meu pai ter queimado o pernil de porco que comprou de última hora, e seu mau humor resultante provocou outra longa e barulhenta discussão entre ele e Umma.

Isso certamente estragou o feriado, mas a ansiedade que atormentava minha mente enquanto eu passava cada momento acordado monitorando a publicidade do nosso evento, esperando que ele ou Cece me alcançassem, também. Ainda não aconteceu, inacreditavelmente. O que é um milagre ou o universo pregando uma peça cruel em mim, balançando a esperança como uma cenoura que eu continuo perseguindo. Acho que também devo agradecer ao isolamento social geral de Umma e do meu pai — eles perderam boa parte dos amigos da comunidade do café quando o Café Gong começou a tirar as lojas menores do mercado.

Só no sábado seguinte é que eu tenho meu primeiro turno depois de tudo. Vanna e eu passamos a tarde colocando a conversa em dia enquanto trabalhamos no balcão.

— Então — começa ela, colocando grãos de café no moedor enquanto eu ensaco pó. — Como foi seu *date*?

Minha mão escorrega e parte do café moído cai fora do saco, espalhando-se pelo balcão.

— Como foi o *seu*? — respondo.

— Eu perguntei primeiro.

— A Sarang foi a Sarang — digo, reposicionando o saco. Mas isso não é verdade. A maneira como ela agiu no nosso... *date* foi bem diferente do normal. Ou talvez eu ainda esteja descobrindo tudo o que existe nela. — Foi legal. Tudo bem. Não foi um *date*... não nesse sentido.

Vanna faz um gesto grosseiro com a língua e os dedos, eu gemo e me viro, e é assim que vejo a figura passando rapidamente pela nossa vitrine e entrando na loja. A campainha toca quando ela atravessa.

— Haneul? — digo.

— A Sarang está aqui? — pergunta ela abruptamente.

— Ela está nos fundos — responde Vanna, atordoada. — Você está...

Ela corre para os fundos. Fora de vista, Sarang faz um barulho de surpresa na cozinha.

— Unnie? O que você está fazendo aqui? Você não tem um trabalho... Você está chorando?

Meu estômago afunda com o pânico na voz de Sarang, depois dispara de volta para o lugar. Vanna e eu congelamos, trocando um olhar rápido e confuso. Antes que eu consiga pensar em me mover, Vanna começa a se aproximar da cozinha.

— Melhor não — sussurro.

— Só quero ter certeza de que está tudo bem — rebate ela.

Hesitante, eu me junto a ela na entrada da cozinha, espiando pela brecha da cortina da porta para ouvir o restante da conversa.

— Por que você está chateada? — pergunta Sarang, perplexa, o sorriso em seu rosto contradizendo a confusão em seus olhos. — Illumination Entertainment! Eles são *enormes*. Eu sabia que todas essas encomendas iam valer a pena.

— Sarang, eu não posso aceitar — diz Haneul. Sua voz falha ao pronunciar o nome da irmã.

— Quê? Por que não?

Ela ri. Ou algo parecido; soa como um soluço molhado. Ela enxuga os olhos.

— Você está falando sério? O *café*. Não posso me mudar para a Califórnia. Não posso deixar o negócio da família, não depois de tudo que a mamãe e o papai investiram nele.

Sarang bufa, com um sorriso incrédulo.

— O papai sabe o quanto sua arte significa para você. Só vai para a

Califórnia viver seu sonho. Por que estamos tendo essa conversa?

— Quem seria gerente? — pergunta Haneul com um sorriso amargo.

Sem hesitar:

— Eu.

— Você vai para a Johns Hopkins no ano que vem, lembra?

— Sim, mas só daqui a alguns meses. O Dario pode assumir depois.

— Dario também tem uma bolsa integral. Basquete na Flórida, lembra?

Por alguns segundos, Sarang fica imóvel e em silêncio.

— Tudo bem. Então o Kai ou a Vanna.

Olho para Vanna, cujos olhos se arregalam de esperança. *Ela poderia ser a gerente*, penso.

— O Kai é novo demais, os gerentes têm que ter dezoito anos por lei, e você conhece a situação da Vanna; não acho que ela consiga lidar com o cargo de gerente, especialmente tendo que se dividir entre dois outros empregos e a briga na justiça.

A expressão de Vanna se desfaz, então ela fecha a cara. A raiva silenciosa e latente me surpreende, mas eu a deixo de lado por enquanto e volto a me concentrar nas irmãs.

Os ombros de Sarang tremem. Sua voz está abafada, como se ela estivesse tentando não chorar, e Haneul não parece muito melhor. Seguro a borda da moldura da porta, sem ousar desviar o olhar.

— Então, o River — diz Sarang.

Haneul balança a cabeça.

— Esta conversa é inútil. Você sabe que Appa não vai deixar que alguém que não seja da família administre o lugar. Ele ainda não chegou a esse ponto.

As duas ficam em silêncio. Haneul ergue o rosto para o teto e pisca rapidamente, com o rosto vermelho. As veias do pescoço saltam quando ela engole em seco.

— Está tudo bem, Sarang — diz Haneul, tão baixinho que eu tenho que me esforçar para ouvir. — É só um emprego. Vou recusar e ficar aqui.

— Não é só um emprego, é a sua *vida*! — exclama Sarang. — Você já abriu mão da faculdade de artes depois que a Umma morreu. Isso já é demais. Você não pode abrir mão disso também. E se for sua última chance de fazer o que você ama?

Isso faz Haneul enterrar o rosto nas mãos e soluços silenciosos sacodem seu corpo.

Não consigo mais olhar. Com as orelhas queimando, abaixo os olhos para o chão.

Silêncio.

Então Sarang fala:

— Eu vou assumir.

— Você não pode. — Haneul solta um soluço. — Você vai embora daqui a...

— Não. Estou dizendo que vou ficar.

Meu pescoço estala quando levanto a cabeça bruscamente.

Haneul abaixa as mãos. Fica boquiaberta para Sarang, cuja expressão rígida ameaça vacilar.

— Cala a boca.

— Eu vou ficar.

— Você tem uma bolsa integral na *Universidade Johns Hopkins*. Não vai abrir mão disso.

— Mas *você* pode desistir dos seus sonhos?

— Sim! — grita Haneul. — Porque eu sou a mais velha! Essa responsabilidade é *minha*, não sua.

— Mas você fez o sacrifício da última vez. Agora é a minha vez.

— Não é assim que as coisas funcionam. — Haneul soluça novamente.

Sarang respira fundo, endireitando-se. Lágrimas brilham em seus olhos, mas ela se recusa a deixar qualquer uma delas cair. Ela consegue esboçar um sorriso trêmulo.

— Está tudo bem. Ainda posso ir para a faculdade. A U-Dub também é boa para quem quer fazer medicina.

— Não vou deixar você arruinar seu futuro, Sarang. Não posso. É meu dever cuidar de você.

— Também não posso deixar você arruinar o *seu* — diz Sarang, irritada. — Não importa quem é mais velha ou mais nova, ou qualquer uma dessas responsabilidades familiares idiotas. O que importa é que eu te amo e me mataria ver você desistir do seu sonho de novo.

Eu avancei bem pouquinho sem perceber. Estou parado bem na beira da porta, segurando a cortina com as mãos trêmulas. Meu rosto está gelado. O batimento lento do meu coração é como um tambor na minha cabeça.

Ela não pode estar falando sério. Não pode.

Os lábios de Haneul tremem. Todo o seu rosto se contrai. Ela solta

outro soluço, depois joga os braços em volta de Sarang, apertando-a em um abraço e enterrando o rosto na curva do pescoço dela. Do ângulo em que estou, tenho uma visão perfeita do rosto de Sarang enquanto ela envolve Haneul pela cintura e encosta o queixo no ombro da irmã. Ela também está chorando. As lágrimas que lutou tanto para segurar agora escorrem livremente, descendo pelas bochechas e cruzando os lábios firmemente cerrados.

Sinto meus olhos arderem e fecho a cortina.

O sofrimento não combina com ela.

Olho para Vanna e fico surpreso. Ela está *furiosa*.

— Isso é alguma piada? — dispara. Sua expressão normalmente relaxada e sonolenta está tomada pela raiva. — Não tenho *tempo* para ser gerente por causa dos meus outros trabalhos? Se ela me promovesse a gerente, eu poderia ganhar dinheiro suficiente para finalmente *pedir demissão* deles. Eu preciso disso, a Haneul sabe.

Sem saber o que dizer, observo Vanna se dirigir com passos pesados até a máquina de espresso. Ela ri baixinho, com frieza, balançando a cabeça enquanto olha fixamente para o chão.

— Vanna — começo, com a mão pairando incerta no ar. — Você está...

Ela me ignora.

— Isso é uma palhaçada.

Puxando o avental sobre a cabeça com um movimento violento, ela o joga no chão e passa por mim com raiva.

— Diz que fui para casa mais cedo, se é que elas ligam.

Fico boquiaberto olhando para as costas tensas dela enquanto foge, deixando para trás apenas o barulho irritante da campainha.

O relógio digital acima do fogão marca 20h15, quinze minutos depois do meu turno, mas permaneço na sala de descanso, brincando com meu avental até Sarang entrar. Ela para ao me ver.

— Você ainda está aqui? — questiona ela com mais dureza do que eu sei que pretendia.

Seus olhos estão inchados, mas finjo não notar.

— Seu pai está lá em cima? Posso falar com ele um segundo?

— Por quê? — pergunta ela, desconfiada.

— Tenho uma pergunta sobre meu contracheque.

— Eu posso te ajudar com isso.

Pressiono a mão contra o peito, fingindo indignação.

— Isso é informação privada e *altamente* confidencial, Sarang. Como posso saber que você não vai roubar o meu número de previdência e divulgar na *deep web*?

— Credo, meio paranoico demais, hein? — Ela revira os olhos. Está de mau humor, o que é compreensível, e acho que não vai me ajudar, até ela dizer: — Tá bom, faz o que você quiser. Só não toca em nada lá em cima. Não confio que você lava as mãos direito.

Sarang se dirige para a escada na abertura da parede. Meu coração dispara enquanto subo atrás dela. Ela me lança um último olhar cético, depois destranca a porta do apartamento e entra.

É pitoresco. A entrada é pequena e apertada, e a parede do corredor bloqueia a visão da cozinha e da sala de estar. Eu me encosto na porta para não esbarrar em Sarang.

— Appa? — chama ela.

— **여기에**[4] — seu pai responde de algum lugar.

O corredor estreito da entrada leva até a sala de estar, que tem piso de madeira e um tapete grosso em cima. O sr. Cho está sentado no chão em frente a uma mesa redonda baixa, digitando em um computador. Ele ergue as sobrancelhas, mas então sorri, e isso ilumina todo o seu rosto.

— River! Que bom te ver.

Sarang diz algo em coreano. Eu entendo **질문**: pergunta. O sr. Cho assente com a cabeça e dá um tapinha no chão ao lado dele.

— Fico feliz em ajudar. Sente-se aqui, River.

Olho incisivamente para Sarang. Ela bufa, mas vai embora. Eu me ajoelho desajeitadamente ao lado da mesa.

— Você está confuso sobre o seu salário? — pergunta o sr. Cho, colocando os óculos e digitando no computador. — Fica tranquilo, eu posso ajudar. O que você...

— Desculpa — interrompo-o. — Na verdade, eu queria falar sobre outra coisa.

Ele olha para mim por cima do computador.

— Claro.

Fico inquieto, mudando o peso do corpo de um lado para o outro.

Minhas palmas estão suadas, apertadas sob a mesa. *Fala logo, fala antes de perder a coragem*.

— Eu gostaria de uma promoção.

O sr. Cho ri. *Ai*. Ele se recompõe rapidamente.

— Desculpa, você me pegou de surpresa. Em que cargo você está interessado? Treinador?

— Gerente — digo.

Desta vez, ele não ri.

Sinto minha coragem escorregando como areia seca entre os dedos. Não estou confiante dessa decisão — só a tomei há algumas horas. Foi tempo suficiente para me angustiar sobre todas as razões *por que* é uma má ideia, mas a imagem das lágrimas rolando pelo rosto de Sarang passa pela minha mente, e eu fortaleço minha determinação. Não tem mais ninguém. Mas meu coração dói quando penso em Vanna. Concordo que ela *precisa* mais desse cargo do que qualquer outra pessoa, com certeza mais do que eu, mas, depois de ouvir Haneul hoje, sei que sou a opção mais realista; tenho experiência em gestão e ajudei a desenvolver o café. *Eu* preciso fazer isso.

Não. Eu quero.

— Por favor, sr. Cho — imploro. — Eu sei que a Haneul recebeu uma oferta de emprego em um estúdio de animação e que o senhor vai precisar de alguém para substituí-la. Sou qualificado, já fui gerente e, o mais importante, não tenho planos para o futuro, então não vou a lugar nenhum.

O sr. Cho pisca. Ele fecha lentamente o laptop.

— Você quer assumir a loja?

Meu peito dói como se estivesse vazio. Faço que sim com a cabeça, a franja caindo nos meus olhos.

Ele tira os óculos e esfrega os olhos com o indicador e o polegar. Minhas pernas cruzadas formigam enquanto espero por sua resposta.

— Você é um garoto inteligente — diz o sr. Cho. — Fico feliz em ter você aqui, e sei que minhas filhas e os outros também. Nunca vou conseguir agradecer por tudo o que você fez por nós. — Ele levanta os olhos. — Mas você não pode ser gerente.

— Por que não? — pergunto.

— Este café não é um negócio, é um lar. É tudo o que me resta da minha esposa. Nenhuma ética de trabalho pode compensar o amor

necessário para cuidar deste lugar, e não tenho certeza se você tem isso ainda. Prefiro fechar o café a deixar alguém que só está aqui por um emprego administrá-lo. — O sr. Cho se inclina e coloca a mão sobre a minha. Ele sorri em sinal de desculpas. — Sinto muito, River.

Uma semente de remorso bloqueia minha garganta. Engulo-a, e ela floresce em meu peito como tristeza. Eu me levanto. Incapaz de olhar nos olhos do sr. Cho, abaixo a cabeça e murmuro um meio agradecimento, meio desculpa. Saio em disparada pelo corredor estreito decorado com fotos de família.

Sarang está bloqueando a entrada. Seu rosto está vermelho, mas não de vergonha.

Ela me chama para segui-la e, surpreso por vê-la ainda ali, obedeço sem dizer nada. Quando já estamos do lado de fora, Sarang me encosta na parede do patamar superior da escada, que está escuro. Ela imediatamente se vira para mim, com o rosto endurecido.

— O que foi isso lá atrás? — pergunta ela.

— Você estava ouvindo?

— Você quer ser *gerente*?

— Alguém tem que ser. A Haneul vai embora...

— Eu sei disso! — responde ela bruscamente, e vejo o último fiapo de calma ao qual ela se agarrou durante o dia todo se desfazer. Seus olhos escuros se arregalam e as lágrimas em seu rosto se destacam contra o rubor da pele. Tudo o que ela estava reprimindo por causa da irmã agora vem à tona, e não sei como lidar com esse caos. — Você acha que eu não sei disso? Esse é o problema, *gênio*. É por isso que tenho que abrir mão de *tudo* para a Haneul não precisar fazer isso desta vez.

— Devia ser eu — digo.

— Isso é um assunto de família, River, não é da sua conta. Quem você pensa que é para passar por cima de mim assim? Como se eu fosse frágil demais até para discutir a questão? É isso que você considera ajudar, interferir para resolver meus problemas como se eu não soubesse o que é melhor para mim? Que coisa mais condescendente.

Eu a encaro sem dizer nada, com uma expressão vazia.

— Não pensei por esse lado. Mas não fiz isso porque acho que você não consegue resolver seus próprios problemas. É que... é uma maneira de fazer com que tanto você quanto a Haneul possam seguir seus sonhos. Juro que só quero ajudar.

Pela primeira vez, não estou tentando provocá-la, mas ela interpreta meu tom como paternalista.

— Ah, é, claro — zomba. — Não sei o que você está tramando, mas sei que não pode ser *tão* altruísta assim. Você não quis ser gerente nem do negócio dos seus próprios pais, por que raios seria do dos meus? Não confio nisso.

Sei que ela só está com raiva, frustrada com o quanto toda essa situação é implacável, mas é difícil não deixar isso me abalar. Desesperadamente, estendo o dedo mindinho para ela.

— Nosso pacto. Vamos mentir para todos, mas não um para o outro, certo?

Ela dá um tapa no meu dedo mindinho para longe do rosto dela.

A dor crava suas garras no meu peito me arrastando com ela, enquanto um fogo me consome por dentro.

— Você está falando sério? — digo. — Você está brava comigo por tentar te ajudar?

Seus lábios se curvam em um sorriso sarcástico.

— Sim, muito obrigada, meu príncipe encantado num cavalo branco. Obrigada por *aparecer* para nos salvar por motivos *totalmente* altruístas. Isso é só mais um golpe publicitário para os seus vídeos, né? Como você vai convencer os seus fãs desta vez? Mal posso esperar para ver.

Como uma fornalha sendo acesa, a raiva explode pelo meu corpo e evapora todos os traços de choque. Solto uma risada.

— Só você mesmo para distorcer isso. Você é uma maluca controladora, Sarang. Não consegue aceitar a ideia de que talvez *precise* de ajuda, especialmente da minha. Você prefere sabotar seu futuro a admitir que não dá conta de fazer tudo sozinha?

O rosto dela fica ainda mais sombrio.

— Não se faz de nobre. O que você está fazendo é procurar um propósito na vida, já que não tem nenhum. Você nunca teve e nunca terá. Você não vai *a lugar nenhum*.

Uma névoa vermelha embaça minha visão. A voz dela ecoa a de Cecelia em meus ouvidos, repetindo as mesmas palavras que sei que minha mãe e meu pai dizem um ao outro pelas minhas costas. Mordo o lábio com tanta força que sinto gosto de ferro na língua.

— Pelo jeito, nenhum de nós vai a lugar nenhum, na verdade — digo com raiva.

Desço as escadas batendo os pés, pego minhas coisas e vou embora.

---

[4] Aqui.

23. É UM ATAQUE DO CORAÇÃO OU CORAÇÃO PARTIDO? ESPERO QUE O PRIMEIRO. O SEGUNDO É MUITO HUMILHANTE.

Claro que está chovendo.

Eu não trouxe guarda-chuva, mas minha casa é o último lugar para onde quero ir, então coloco o capuz e aguento firme.

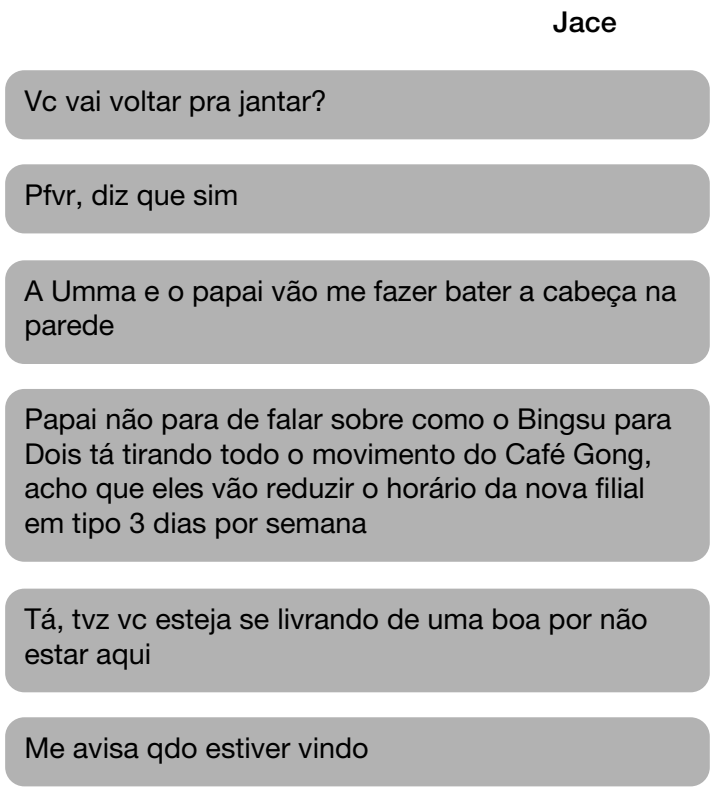
O calçadão do píer à beira-mar fica ao lado do Pike Place Market, a uns vinte minutos a pé do café. Acho que tomar um ar vai me fazer bem, ajudar a aliviar essa raiva que está me consumindo por dentro como um parasita nojento.

Passo pelo mercado ao ar livre/ponto turístico infernal e o calçadão aparece à minha frente. O Píer 62 fica longe o suficiente da roda-gigante para que poucas pessoas se deem ao trabalho de ir até ele, e é por isso que é meu lugar favorito. Escondida da vista, há uma rampa de metal que leva até o deque flutuante, uma pequena plataforma de madeira sob o píer flutuando no oceano Pacífico. A rampa range sob meus pés enquanto desço. Não tem barreiras nem salva-vidas de qualquer tipo no cais, e como fica fora do campo de visão das ruas, tomo cuidado.

Quase imediatamente, a tensão no meu peito diminui. Tento não deixar isso se dissipar muito rápido, senão vou perder completamente o controle, como uma âncora escapando do guincho de um barco. Eu me sento no cais, olhando para o mar escuro e o céu azul-cobalto acima dele. As ondas batem suavemente, balançando a plataforma de um lado para o outro. Fecho os olhos e me concentro na maresia, nos respingos de chuva molhando minha pele, no frio da noite batendo em minhas bochechas, e não penso em Sarang. Merda, agora estou pensando nela. Minha raiva

volta com força total, assim como aquela dor no meu peito.

Meu celular apita. Meu estômago se contorce de um jeito estranho, mas se acalma quando vejo que é Jace.



Não tenho energia para responder, então, em vez disso, repasso sem entusiasmo as fanfics de *Filho do pecado* que salvei, mas nunca li, para passar o tempo até… sei lá, começar a me sentir como uma pessoa novamente. O frio se instalou em meu corpo no momento em que o barulho de passos na rampa de metal atrás de mim quase me faz deixar o celular cair no mar.

Não consigo distinguir quem é no escuro. Os passos da figura são lentos, vacilantes. Talvez a pessoa também não consiga me ver. Quando pisa no calçadão a poucos metros de distância, o reflexo das luzes da cidade na água projeta um brilho azulado nas suas feições.

Sarang.

Ela parece hesitante. Ou talvez seja a luz me pregando peças.

— Hum — digo eloquentemente. Tento novamente. — Hum.

— Seu sistema operacional tá reiniciando? — pergunta ela.

— Como você me encontrou?

— Mandei uma mensagem para o Kai.

— O Kai não sabe onde estou.

— Eu contei para ele que você saiu furioso, e ele disse que você estaria aqui. Disse que é o seu lugar ou algo assim.

Não sei se é assustador ou fofo o quanto Kai me conhece.

A chuva continua caindo sobre nossa cabeça enquanto nos olhamos.

Sarang senta-se ao meu lado. Ela empurra algo para mim: um copo de café para viagem.

Fico olhando para a bebida.

— Isso é um pedido de desculpas?

— É um latte de batata-doce.

— Meu favorito.

— Eu sei.

Pego o copo e dou um gole. O leite quente aquece meu interior, em contraste com o frio entre nós que irrita minha pele.

— Está bom. Mas ainda não é um pedido de desculpas. Ou você é do tipo que se recusa a pedir desculpas?

— Me desculpa — diz Sarang. — Pelo que eu disse e por não honrar nosso pacto da verdade naquele momento. Eu acredito em você.

— *Ah*.

Ela flexiona os joelhos contra o peito e os envolve com os braços. Nenhum de nós diz mais nada.

Ofereço o latte para ela, que pondera sobre a oferta por um momento antes de decidir tomar um gole.

— Nossa, eu sou ótima em fazer isso — diz ela.

— E também é super-humilde.

— Isso também.

Eu rio.

A chuva não dá trégua. Quando olho para Sarang, encolhida e olhando fixamente para as ondas à nossa frente, uma gota de chuva cai no meu olho. Pisco para conseguir vê-la.

— Eu também quero me desculpar — digo. — Não só porque você se desculpou e agora é minha vez, mas porque eu disse algumas coisas ruins que não queria. Você tem razão, não era da minha conta tentar resolver seus problemas pessoais sem falar com você. Desculpa, mesmo.

— Então você não acha que eu sou uma maluca controladora?

— Foi um jeito muito duro de me expressar. Acho que você *gosta* de

estar no controle porque assim você sabe que as coisas vão ser feitas. Mas não acho que você seja tão obcecada em fazer tudo sozinha a ponto de sabotar seu sonho de propósito. Eu não deveria ter dito isso. Você não é idiota.

Ela ri sem humor.

— Acho que às vezes eu realmente assumo o controle.

— Ninguém está dizendo que você não é *mandona*.

— Claro que sou mandona; vou ser a próxima chefe.

É uma tentativa fracassada de parecer descontraída. O tom de voz de Sarang a trai no final.

— Só para constar — digo —, eu sei que você vai ser uma ótima gerente.

— Valeu.

Nossa discussão se repete na minha cabeça. Algo me incomoda por dentro, arranhando meu esôfago para tentar se libertar. Seja o que for, sei que não pode ser bom, então tento segurar. Até não conseguir mais.

— Não foi por isso que fiz — deixo escapar.

Sarang me olha.

— O quê?

— Pedir para o seu pai me deixar ser gerente? — Fixo meu olhar nela. É mais fácil na escuridão. — Você disse que eu fiz pelo canal ou para ter um propósito na vida. Alguma coisa para fazer.

— River, eu não quis dizer...

— Não, tudo bem. É uma suposição justa. Mas... — Meus olhos vagam pelo rosto dela. A chuva que molha seu cabelo escorre em gotas por suas bochechas, seguindo os traços deixados pelas lágrimas. Engulo em seco. — Não foi por isso.

Sua respiração falha. Eu desvio o olhar para conseguir respirar.

— River — diz ela suavemente. — Se você vai fazer algo, faça por você. Não por mais ninguém.

Não sei como dizer a ela que só tem uma pessoa por quem eu me ofereceria para ser gerente, e não sou eu mesmo. Sarang está olhando para algum lugar na linha do horizonte, que está começando a se mesclar com as sombras das ondas quebrando. Os arranha-céus atrás de nós iluminam seu perfil. Uma lágrima ou uma gota de chuva se acumula em seus cílios, manchando a maquiagem. Antes que eu possa pensar muito, estendo a mão e a limpo com o polegar, deixando minha palma repousar em sua bochecha. Ela pisca rapidamente.

— Você vai pegar um resfriado se ficarmos aqui fora por mais tempo — digo.

Ela funga e esfrega o rosto.

— *Você* é que vai pegar um resfriado.

— Não. Tenho o seu amor para me aquecer.

— Cala a boca.

Sarang ri. Em seguida, solta um soluço e começa a chorar baixinho, quase abafado pela chuva. Eu me aproximo e passo o braço ao redor dos ombros dela. Para minha surpresa, ela se inclina para mim. Seu cabelo faz cócegas no meu queixo.

— Quer conversar? Sabe, sobre a Haneul ir embora? — pergunto.

Seus dedos se fecham na frente do meu suéter.

— Não. Não sei. Agora não.

— Tudo bem. A gente pode só ficar aqui.

As ondas balançando a plataforma escondem o movimento da minha mão acariciando seu braço. Ou talvez ela perceba, mas não se afaste.

Não está mais tão frio.

24. NA INTERNET, VOCÊ NÃO PRECISA ESTAR CERTO; SÓ PRECISA SER O PRIMEIRO

— Você viu? Dizem que vai ter uma tempestade de neve enorme amanhã à noite — conto a Kai enquanto estou sentado no balcão rabiscando algumas respostas sem entusiasmo na minha lição de química.

Eu a negligenciei ontem porque um dos meus youtubers favoritos lançou uma análise de duas horas sobre a involução dos personagens em *Filho do pecado*.

— Cara? — diz Kai enquanto limpa a máquina de café espresso. — Larga mão de ficar falando sobre o tempo.

— É tão estranho, quase nunca neva aqui em dezembro.

— Vou enfiar esse pano sujo na sua boca se você disser mais uma palavra sobre neve.

Abaixo o lápis e levanto os olhos.

— Quem mijou no seu cereal hoje de manhã?

— Que nojo.

— O que foi? Sério.

Kai olha ao redor do café. Sarang e Dario desapareceram nos fundos há um tempo, e Vanna está fazendo sua pausa para o lanche no canto do salão. Ela mal falou com a gente a noite toda e está fria e distante desde aquela coisa da gerência. Tentei perguntar se ela estava bem uma vez, mas ela só murmurou algo sobre a família e saiu andando.

Apesar de ela e os poucos clientes no salão estarem fora de alcance, Kai ainda assim abaixa o tom de voz.

— É o Dario — diz ele.

— Vocês estão brigando de novo?

— *De novo*? De novo implicaria que tivesse um momento em que não

estávamos brigando. Sim, *ainda* estamos brigando. Mais ou menos. Ele anda me irritando.

— Não notei ele fazendo nada com você hoje.

— Exatamente. Ele está me ignorando há uma semana.

Eu faço uma careta.

— Kai…

— Não, não me vem com essa conversa fiada de que, como a gente terminou, ele não está mais nem aí para mim. Quer saber? Mesmo que seja verdade, *eu* ainda gosto *dele*. Então…

Kai para de falar, esfregando um lugar que já está limpo. Mordo o lábio, pensando. O dia em que Kai tentou beijar Dario vem à minha mente. A reação de Dario quando Vanna o acusou de ainda ter sentimentos ficou gravada na minha memória. Ele ficou parado que nem uma estátua — ou alguém pego em uma mentira.

— Você acha que ele ainda gosta de você? — pergunto com cautela.

— Eu sei que ele gosta. Nós conversamos depois da nossa briga na semana passada. Depois que eu… enfim. Eu perguntei se ele não sentia mais nada por mim, porque, sim, ia doer, mas pelo menos eu poderia seguir em frente.

Kai abaixa a cabeça, olhando para o balcão. Sua boca se contorce para baixo.

Quando ele não continua, eu insisto, me preparando para consolá-lo.

— O que ele disse?

— Ele disse que ainda me ama.

Levanto as sobrancelhas.

— Puta merda. Kai, isso é… — Eu me interrompo, e meu sorriso murcha. Kai parece tudo *menos* feliz. — Espera, qual é o problema então?

— O problema é que amor não é suficiente. — Ele olha para cima, com os braços cruzados na frente do peito. — Ele falou que terminou comigo porque seria mais fácil tentar esquecer os sentimentos do que manter um relacionamento à distância pelos próximos anos. Ele… — Kai solta um riso agudo e amargo. — Ele disse que *racionalmente* é a melhor opção para nós dois. Vai poder se concentrar na carreira e eu vou poder me concentrar em economizar o suficiente para minha mãe ir cuidar da A-má em Taiwan.

Meu queixo cai. As pessoas geralmente só dizem isso sobre relacionamentos à distância quando estão tentando encontrar uma saída sem parecerem idiotas, mas Dario não é assim. Eu me lembro de

comparar o relacionamento deles com o meu e da Cece, mesmo que inconscientemente. Nunca imaginei que fosse possível amar alguém tanto quanto parecia que Dario amava Kai.

Então, por que ele acha que escolher o caminho mais fácil é melhor?

Kai muda de assunto antes que eu possa pensar em uma resposta.

— Mas não é por isso que estou nervoso. Quer dizer, não é só por isso. — Ele se inclina para mais perto, mas mantém o olhar firme nos poucos clientes da loja. — Todo mundo está me *olhando* estranho. Os últimos cinco clientes que eu atendi fizeram a mesma coisa. Como... como se eu fosse nojento ou sei lá o quê.

— Com certeza eles...

Ver Isabette na frente da nossa vitrine me faz parar de falar.

Ela entra correndo na loja, com o rosto e os pulmões visivelmente tomados por pânico.

— River. *Kai*. Sinto muito, muito mesmo — ela diz nos intervalos de sua respiração ofegante. — Eu não sabia que eles... algum de vocês viu suas redes sociais hoje?

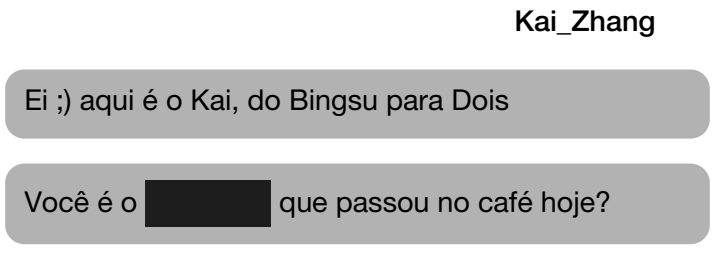
— Não, por quê? — respondo.

Kai pega seu celular e começa a digitar freneticamente.

— O que foi? — ele pergunta, correndo o dedo pela tela. — Alguém disse alguma coisa sobre...

Seus olhos se arregalam e suas mãos congelam. Espio por cima do ombro dele. Uma dúzia de pessoas no Instagram nos marcou em novas postagens, mas tem uma em particular com quase duzentos mil likes. É de uma daquelas contas de escândalos de influenciadores — basicamente, os incentivadores de fofocas da internet que ficam falando dos dramas atuais que estão rolando por aí. No começo, não sei bem o que estou vendo nem por quê. É um print das DMs do Instagram de alguém, mas a conta foi borrada. Olho com atenção para o nome de usuário no topo. A pessoa está mandando mensagens para o *Kai*.

Enquanto leio, o sangue some do meu rosto.



Sim, sou eu…

Como você conseguiu meu Instagram?

Eu vi seu nome no cartão de crédito que vc usou

Vc é mto lindo

Tá solteiro?

Por favor, para de me mandar mensagens

Não precisa ficar tímido

Eu te acho lindo

Manda fotos?

Quê????

Eu tb posso mandar umas

QUAL É SEU PROBLEMA?

NÃO me manda nada

Deixa de ser histérico

Vou te bloquear

Que kct?

Fico olhando para a tela, sem piscar. Enfim, forço meu corpo a se mover, a dar um passo para trás e olhar para Kai.

Ele parece prestes a vomitar.

— Kai — digo lentamente. — O que é…

— Puta merda — murmura ele. Suas mãos tremem tanto que ele deixa o celular cair. — Puta merda. — Kai balança a cabeça devagar para a frente e para trás. — Não sou eu. Quer dizer, é meu usuário, mas eu nunca... — Com urgência, ele pega o celular do chão e amplia o print. — Essa é minha conta. Mas eu nunca mandei essa mensagem! Eu nunca procurei ninguém no Instagram, que coisa bizarra, caralho! Ai, meu deus. Toda essa gente acha que... Eles me marcaram. Marcaram minha conta. Toda essa gente acha que que estou assediando desconhecidos online e...

— Ei, ei, *ei*. — Seguro seus ombros quando ele parece que vai desmaiar. — Não é você?

— Não! Eu nunca faria uma coisa dessas, *jamais*!

Eu sou um idiota, é claro que ele não faria isso. Não parei para pensar que poderia ser falso — e eu conheço Kai como a palma da minha mão. As duzentas mil pessoas que curtiram e comentaram na postagem não o conhecem. Elas não sabem nada sobre ele, exceto que assediou um coitado na internet atrás de nudes.

Isabette torce as mãos, lançando olhares perturbados entre Kai e Vanna, que atravessa o café para se juntar a nós e para ao lado dela com uma expressão preocupada. Ela pega a mão de Isabette.

— O que está acontecendo? O que aconteceu, Betty?

Os lábios de Isabette tremem. Respondendo a nós dois, ela diz:

— Foi a Cece.

O chão parece se abrir debaixo dos meus pés.

Pego o celular e rolo freneticamente a enxurrada de notificações para encontrar a primeira pessoa que repostou; ironicamente, uma conta de fandom. Meus olhos se arregalam ao ler os comentários.

HannibalTemp4Qnd: que loucura. Fonte?

> **LoveLeeLover_316**: *a conta de um outro café de Seattle postou isso antes, encontrei na hashtag #BingsuParaDois*
>
> **X_Rita_X**: *^^ Eu também vi. A conta é @UnionStreet_CafeGong*
>
> > **Eusouocollin**: *eles apagaram*

Meu estômago se revira como se eu tivesse levado um soco. Clico no nome de usuário e vejo a conta do Café Gong que Cece criou recentemente, a mesma que chequei há apenas *alguns dias*, crescendo lenta, mas seguramente em número de seguidores, apesar do restante dos posts ainda ser de baixa qualidade e ter quase zero engajamento. Um

deslizar para as fotos marcadas revela dezenas de prints idênticos, confirmando que eles são a fonte.

A respiração de Kai chama minha atenção. Está rápida. Rápida demais. Caralho, ele está hiperventilando. Um ataque de pânico. Ele não tem um faz algum tempo, pelo menos não que eu saiba. A adrenalina corre pelas minhas veias como uma descarga elétrica.

— Vanna, fica aqui fora, vigia a frente — ordeno.

Conduzo Kai pelos ombros em direção à sala dos fundos. Isabette corre para o outro lado de Kai, protegendo-o dos olhares curiosos dos clientes. Sarang e Dario estão assando algo na cozinha e levantam os olhos quando entramos.

— O que foi? — pergunta Sarang.

Dario larga o batedor e corre até nós. Praticamente me empurra para fora do caminho para agarrar os braços de Kai, curvando-se para olhá-lo nos olhos.

— Kai? Respira.

— Eu... — Kai gagueja enquanto respira fundo. — Eu *estou* respirando, idiota.

Dario o leva até o sofá, colocando-o sentado e se juntando a ele. Segura o rosto de Kai com as mãos e afasta a franja da testa dele. Um brilho de suor cobre o rosto pálido de Kai enquanto seu corpo inteiro treme. Seus olhos se movem rapidamente antes de se fixarem em Dario.

— Eles acham... Todo mundo acha... Eu não sou... Eu nunca faria isso. Nunca. Aquilo...

— Não — Dario o interrompe. Ele esfrega o polegar na bochecha de Kai, que agarra os dois pulsos de Dario. — Não pensa nisso — continua Dario, tentando acalmá-lo. — Vamos falar de outra coisa.

— Tipo o quê?

— Você dormiu o suficiente ontem à noite? Sei que você trabalhou no turno da manhã.

— Claro que não dormi bem.

Um sorriso se forma no rosto de Dario.

— A culpa é sua. Você provavelmente ficou acordado até tarde desenhando mais roupas, não foi?

Kai se move inquieto no sofá. Suas pernas não ficam paradas. Ele bate o pé no chão antes de dobrá-lo sob o corpo, depois o move novamente. Pisca, engolindo em seco, o pomo de adão balançando com o movimento.

— Está quente aqui. Acho que vou desmaiar.

— Não está quente. Se concentra em mim. Você fez algum desenho novo ontem à noite?

— Não. Fui andar de skate.

— Sua cara. Ei, você já descobriu como fazer um *nollie heelflip*? Lembro que era o próximo que você ia aprender.

Os ombros de Kai, antes encolhidos perto das orelhas, começam a relaxar.

— Na verdade, aprendi há algumas semanas.

— Sério?

— Aham.

Dario volta a acariciar o cabelo de Kai, tirando-o do rosto. Ele sorri.

— Que legal.

— Legal? É *irado*.

— Você devia me mostrar um dia desses. Eu tenho saudade de te ver andando de skate no parque.

Eu me afasto um pouco, embora tenha certeza de que eles não me notariam mesmo se eu os chamasse pelo nome. Isabette e Sarang estão perto da ilha da cozinha, sussurrando fervorosamente uma para a outra.

— Foi a Cecelia, como você disse — interrompo. — Ela postou no Instagram do Café Gong e o algoritmo pegou. As pessoas estão marcando eles online.

Isabette assente, os cachos balançando em seu rosto fechado.

— Acho que o Jorge e a Rosalind também ajudaram. Devem ter photoshopado a conta do Kai em alguma conversa falsa que criaram.

— Que bando de ridículos — cuspe Sarang. — É isso que eles estão tentando fazer para sabotar a gente porque estamos tomando a clientela deles? Virando nossos seguidores contra nós?

Pressiono as palmas das mãos contra os olhos com um suspiro longo e pesado. Ai, deus — meus suspiros estão começando a parecer os do meu pai.

— Sim. A nova filial está sofrendo por causa de todo o nosso sucesso, especialmente depois da caça ao tesouro. Mas acho que tem mais do que isso. — Olho para cima. — A Cecelia me pediu para voltar e ser cogerente com ela, assim eu poderia fazer vídeos para o Café Gong como fiz para o Bingsu para Dois. Eu disse que não, e ela não aceitou muito bem. Acho que é pessoal.

Atordoada, Sarang pergunta:

— Foi por isso que você quase pediu demissão e voltou para lá?

Confirmo com a cabeça, franzindo os lábios. Achei que a conversa que tive com Cecelia no The 5 Point Café tivesse colocado um ponto-final nas coisas, mas só estava sendo otimista. Ela nunca desiste.

— Porra, por que ela não foi atrás de mim em vez de mexer com o Kai? — resmungo.

Naquele momento, a cortina da cozinha se move e Vanna entra. Ela vem direto até nós e, pela primeira vez em muito tempo, fala diretamente com Sarang.

— Ei, todo mundo está falando sobre uma parada com o Kai na internet. Eu pesquisei e é ruim. O que cacete nós vamos fazer?

Sarang se vira para mim, esperando minha reação. Confiando em mim para dar o próximo passo.

Pense, River. Você está online há tempo suficiente para ver um monte de influenciadores e celebridades serem cancelados. O que uma equipe de relações públicas cara demais faria nessa situação?

Endireito os ombros.

— Tá. Precisamos abordar isso online e esclarecer as coisas, mas vamos pensar com calma em uma resposta. Agora, vou falar com a Cecelia. O Dario pode cuidar do Kai. Quem vai lidar com os clientes lá na frente e quem vai monitorar nossos canais e desativar os comentários temporariamente?

— Eu e a Betty podemos cuidar dos canais — diz Sarang. — Vanna, que tal você ficar de olho no café?

— Por quê? — responde Vanna secamente. — Isso parece algo que um *gerente* deveria supervisionar. Estou meio cheia de coisas para fazer para assumir esse tipo de responsabilidade. *Ocupada* demais, certo?

Nós três ficamos boquiabertos, mas sou o único que entende o ponto de vista dela. A expressão confusa no rosto de Sarang fica na defensiva.

— Do que você está falando?

Vanna olha para ela com raiva, mas aí seus olhos se fixam em Isabette. Isso suaviza qualquer que fosse sua resposta, porque, em vez de responder, ela murmura algo baixinho e sai da cozinha de volta para o salão. Puta que pariu, isso não é bom, mas não dá tempo de explicar para Sarang, por mais que sua expressão magoada me machuque. *Depois*, digo para mim mesmo. Sarang é a primeira a sair do transe.

— Temos que nos concentrar. O Kai precisa da nossa ajuda — diz ela. Sua voz é firme, estável. — Nós podemos consertar isso.

Algo como admiração me atinge no peito. Ela é tão sensata, tão confiante. É tudo que eu não sou, e saber disso não dói desta vez. É admirável — eu admiro Sarang. Uau, que estranho admitir isso, mesmo em pensamento.

Mas não odeio essa sensação tanto quanto esperava.

Ela percebe que a estou encarando.

— Está esperando um convite?

Balanço a cabeça para sair do transe e me viro para Isabette.

— A Cece ainda está lá? — pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça.

Meu pulso, que já estava acelerado, dispara quando saio correndo do café e desço as ruas de Seattle. O som do meu coração batendo forte nos meus ouvidos aumenta minha raiva; cada batida rápida *tum tum tum* é um golpe contra minha determinação, que se enfraquece rapidamente. O letreiro brilhante do Café Gong queima minha retina.

Abro a porta da frente de supetão. Os poucos clientes dentro do café se assustam, virando a cabeça para me olhar. Não vejo ninguém. Estou cego de raiva.

Até que o homem alto atrás do balcão, que normalmente não está lá, se vira para mim, e minha alma sai do corpo.

— Pai? — digo com a voz rouca, o ar e a confiança saindo dos meus pulmões.

Ele me olha confuso, com uma prancheta em uma das mãos e um saco de grãos de café na outra: dia de inventário. Claro que é. Uma das poucas vezes que meu pai aparece na loja. A compreensão brilha em seus olhos, e a confusão se transforma em ira em um piscar de olhos. Ele coloca a prancheta e os grãos no chão e caminha em minha direção, onde meus pés estão grudados no chão.

Ah, não. Será que finalmente fui descoberto?

— O que você está fazendo aqui? — sussurra meu pai. — Você deveria estar no cursinho.

Tá, não é o que eu esperava, o que é bom, mas ainda assim fico calado. Minha boca se abre e se fecha inutilmente enquanto meu cérebro gira como a ventoinha de um computador velho. Meu pai franze a testa e cruza os braços.

Cecelia aparece dos fundos. Ela faz contato visual comigo e sorri. Minha raiva ao vê-la reinicia o sistema em pane em minha cabeça, e eu me recomponho enquanto ela se aproxima de mim e do meu pai.

Forço minha voz a ficar firme.

— Eu queria ver a Cecelia.

Levantar a sobrancelha e lançar um olhar rápido e significativo para ela faz com que meu pai entenda, felizmente. A raiva se transforma instantaneamente em desconforto. Ele murmura a palavra "ah" e assente com a cabeça.

— Tudo bem. Vou deixar vocês dois a sós. Vou voltar para... — Ele procura uma saída sem jeito e sai sem se preocupar em terminar.

Cecelia se vira para mim, com uma expressão perfeitamente agradável.

— Vamos para os fundos. Você está incomodando os clientes — diz ela alegremente.

Meu olho espasma. Ela dá meia-volta e eu a sigo até os fundos do café. Da sala de descanso, ecoa a risada irritante de Rosalind, e dou uma guinada para evitar ir naquela direção.

Contorno Cecelia e aponto para a porta mais próxima: a câmara fria.

— Pode ir na frente —, digo com um sorriso forçado, abrindo a porta grande e pesada de metal.

Ela entra e eu fecho a porta atrás de nós. Uma onda de ar frio me envolve, fazendo minha pele se arrepiar. Respiro devagar e deliberadamente para me acalmar, olhando para as prateleiras de metal cheias de leite em vez de encarar Cece. Não posso deixar minhas emoções tomarem conta de mim. Irritar Cecelia pode levá-la a me denunciar ou fazer algo pior — e, considerando o que ela fez com Kai, vai saber do que mais é capaz. Fecho os olhos e então encontro seu olhar expectante e presunçoso.

— Me fala o que você está tramando — pergunto.

— Nada demais, no momento. Só sentindo um pouco de frio.

— Como você pôde fazer isso com o Kai? É vingança? Ou você está tentando me intimidar para eu voltar ao Café Gong? Porque, vou te dizer, não é o melhor plano. Mas com certeza é uma ótima maneira de me fazer te odiar.

Cecelia se encolhe. Uma parte doentia de mim se deleita com a satisfação de tê-la magoado, antes de ser imediatamente substituída pelo nojo. Não é assim que eu quero ser. Mas, quanto mais tempo passo com

Cecelia, mais me vejo fazendo isso.

— Não tenho tempo para vingança — responde ela depois de se recompor.

— Mas claramente tinha tempo para chantagem.

— Ainda tenho. — Cecelia sorri maliciosamente. — Seu pai está bem aqui fora. Tem só alguns metros entre mim e o fim do seu mundo.

Parte de mim quer gritar: *Então conta logo essa merda*. Não aguento mais esperar que a bomba exploda a qualquer momento. É inevitável.

Mas Cece não se move em direção à porta. Por alguma razão, ainda não cumpriu sua ameaça.

— Por que você sacrificou o Kai na internet? — questiono, voltando ao motivo pelo qual estou aqui.

Os lábios de Cecelia se esticam, expondo os dentes perfeitos. É uma versão distorcida de um sorriso.

— Pode considerar como um chamado à ação.

— Vai direto à porra do ponto.

— Você beija sua namorada com essa boca?

— *Cecelia*.

— Quando você invadiu o lugar, deve ter notado quantos clientes estavam no salão. Na verdade, quão poucos. Os negócios andam ruins, como você deve ter ouvido dos seus pais. Era para esta filial, a *nossa* filial, ser a mais bem-sucedida, mas estamos indo tão mal que tivemos que reduzir o horário de funcionamento. Tudo porque um certo café coreano ficou famoso na internet, o café coreano que *você* escolheu para a gente levar à falência em poucos meses. Você se lembra disso? O Café Gong está indo mal por *sua* causa.

Eu me endireito. Claro que lembro. Foi uma decisão minha, da qual me arrependo todos os dias.

— Eu já ofereci ajuda para você tentar atrair clientes da mesma forma que fizemos, mas foi você quem disse que não queria minha ajuda.

Cecelia atravessa o espaço entre nós em um passo. Seu hálito quente atinge meu pescoço, um contraste doloroso com o ar gelado da câmara ao nosso redor. Eu recuo, batendo as costas na prateleira atrás de mim.

— Eu disse que não *precisava*, o que é verdade. Vou reconquistar nossos clientes ou *tirar* eles de você, tanto faz. Assim, vou poder provar que administrei *e* salvei este negócio familiar sozinha. É uma história de sucesso bem melhor para colocar nas minhas inscrições para a faculdade,

então obrigada. Acho que você acabou sendo útil nesse sentido.

Pela primeira vez, entendo o que Kai me alertou durante todos aqueles anos em que estive com Cece. O ponto central do nosso relacionamento nunca foi eu e ela; era ela e o que eu era *para* ela. O sucesso do Café Gong e minha falta de sucesso eram apenas pontos úteis na narrativa dela sobre o sucesso conquistado com esforço próprio aos dezessete anos. Somos trampolins para um futuro melhor e mais brilhante para ela na UPenn e além, mas só agora ela finalmente está admitindo isso.

Antes tarde do que nunca.

— O que você quer dizer com "chamado à ação"? — pergunto com cuidado.

— O chamado não é para você.

— Então para quem?

Ela dá de ombros.

— Você vai descobrir. Fica tranquilo.

— Não vou entrar nesse jogo com você.

— A escolha é sua. Vou te dar outra. — Cecelia espera até ter certeza de que estou ouvindo e lhe dando toda a minha atenção. — Você não tem muito tempo para recuperar seu emprego aqui. Se quiser voltar, tem que ser logo. Só para você saber.

Não me dou ao trabalho de responder. Ela sabe qual é minha resposta, não temos mais nada a discutir. Passando por ela em direção à porta, olho por cima do ombro. Cecelia não está mais sorrindo.

Então eu entendo por que ela não contou tudo aos meus pais. Ela não vai contar — ela *gosta* de usar isso contra mim. É a coisa mais próxima do controle que ela tinha sobre mim quando estávamos juntos.

Tento afastá-la da minha cabeça e saio do Café Gong. O frio permanece em todo o meu corpo, exceto onde seu hálito tocou minha pele.

25. TENHO UMA IDEIA! VAMOS PIORAR AINDA MAIS ESTA SITUAÇÃO TERRÍVEL.

É melhor resolver logo o desastre do Kai. Então, naquela noite, depois de fecharmos o café, nós cinco e Isabette nos reunimos no salão para traçar uma estratégia.

Sarang lidera a discussão.

— Por que estamos *tendo* uma discussão? — repete ela pela terceira vez na última meia hora. Reviro os olhos. — Não, não revira os olhos para mim, River. Estou perguntando para *você*. O que tem para planejar? A resposta é simples: sermos sinceros. Falar para os nossos seguidores que o Kai é inocente e nunca assediou ninguém.

— Como eu disse, ninguém vai acreditar em nós se fizermos isso. Vai parecer que estamos mentindo para encobrir, o que só vai fazer Kai parecer pior. Temos que pensar cuidadosamente no que vamos dizer.

— Eu não quero dizer *nada*. — Kai se encolhe na cadeira até que apenas a metade superior de seu rosto fica visível acima da mesa. Ele olha fixamente para a superfície. — Por que se dar ao trabalho de tentar esclarecer isso? É tarde demais. Não importa o que a gente fale, sempre vai ter gente por aí acreditando que sou algum predador sexual ou algo do tipo. Tudo porque alguns *filhos da puta* mentiram sobre mim online por... por qual motivo?

Todos se viram para mim, ansiosos. Eu estremeço.

— Eu bem que queria saber. A Cecelia não ajudou muito, só disse que não era vingança. Só podemos supor que eles estão tentando atingir nossa base de fãs para prejudicar nossos negócios.

Kai faz um muxoxo e se levanta.

— Vou ficar de fora dessa. Vou estar lá atrás.

Todos nós o observamos sair, em silêncio.

Sarang suspira e massageia as têmporas.

— Não podemos *não* tentar consertar isso.

Isabette se contorce.

— E se Kai estiver certo? Talvez falar do assunto só vá piorar as coisas. Devemos deixar isso passar? O que você acha, Vanna?

Encolhida no assento ao lado dela e grudada no celular, Vanna se mexe. Ela inclina a tela para baixo e murmura, distraída, antes de voltar ao que estava fazendo:

— Não sei. Concordo com a Betty.

Sua testa está marcada por rugas de tensão, e uma sensação de peso no estômago me diz que tem algo a ver com a situação familiar que ela mencionou.

— Não — diz Dario com firmeza. — O Kai não é a pessoa que estão dizendo que ele é. Temos que limpar o nome dele.

Nós cinco nos olhamos ao redor da mesa. Eu falo primeiro.

— Concordo. Então vamos descobrir a melhor maneira de fazer isso. Acho que precisamos abordar a questão com naturalidade. Se parecermos muito agressivos ou *com raiva*, só vamos dar mais munição para a internet destruir a gente. Então, nada de vídeos formais. Nada de discussões. Nada de apontar o dedo.

— Quê? — diz Sarang. — Não vamos dizer que foi sua ex quem estava por trás de tudo isso? Nem fodendo.

Levanto as mãos.

— Não é porque eu quero defender a Cecelia, mas, se acusarmos eles, um bando de estranhos que a internet nem conhece, vai virar um disse me disse. — Meus lábios se contraem. — Na internet, você não precisa estar certo; só precisa ser o primeiro a falar.

— Então, o que você acha que a gente deve fazer? — pergunta Isabette.

— Algo informal, tipo uma live no Insta. E não podemos focar a questão do Kai. Isso tem que surgir naturalmente. Se parecer que *nós* não consideramos isso importante, nossos seguidores também não vão considerar. Falando nisso, só um de nós devia estar na live, para deixar mais casual. Então, quem quer fazer?

— Devia ser o Dario — diz Sarang.

Dario vira a cabeça para ela.

— Por que eu?

Ela morde o lábio inferior. Observo-a pensar no que vai dizer.

— Porque as pessoas sabem que vocês terminaram, então não vão achar que você tem motivos para mentir por ele.

Dou risada, mas rapidamente disfarço com uma tosse, abaixando a cabeça. Nossos seguidores não são idiotas; eles veem o amor de Dario e Kai.

É por isso que tanta gente torce por eles e se emociona na seção de comentários toda vez que eles interagem. Sarang cutuca minha panturrilha com o sapato. Olho de soslaio para ela, que levanta as sobrancelhas microscopicamente, olhando de um jeito todo cheio de significado entre Dario e a cozinha, para onde Kai desapareceu.

Ah. Entendi. Isso não é só para os espectadores — é para Kai e Dario também.

Preciso parar de subestimá-la.

— Tudo bem. — Dario assente. — Eu faço.

A preparação para a live parece mais ensaiada do que nunca. Direciono Dario para trás do balcão e peço que ele finja limpar a máquina de café. Sarang, Isabette e Vanna sentam-se nos bancos altos fora do quadro. Kai ainda não saiu da cozinha, mas tudo bem, talvez seja melhor que ele não apareça.

— Aja com naturalidade — digo a Dario. — Não olhe muito para a câmera, não transpareça que é ensaiado. Concentre-se em limpar e parecer ocupado, como se não estivesse nem aí que eu esteja gravando.

— Hum — diz Dario.

— Você vai assustar o garoto com todas essas instruções, Scorsese — grita Sarang.

Mostro o dedo do meio sem me virar.

— Vamos começar com algumas perguntas fora do assunto dos comentários e, aos poucos, levamos a conversa para a situação do Kai. Você pode falar que o Kai não é esse tipo de pessoa e que alguém armou para ele. Mas tenta ser sutil, tá?

Dario faz que sim, sem muita confiança. Dou um passo para trás, aponto a câmera do celular para ele e inicio uma live no Instagram.

INT. "BINGSU PARA DOIS"/BAR — NOITE

Em pé, rígido em frente à máquina de café espresso, está DARIO, limpando o bico de vapor com movimentos mecânicos e espasmódicos. Seu rosto está inexpressivo, mas endurecido, enquanto ele olha para a parede.

SARANG (OFF)
(baixinho)
Ele é horrível. Aff.
Atrás da câmera, RIVER pigarreia, chamando a atenção de Dario.

RIVER (OFF)
(dolorosamente ensaiado)
Ei, Dario. Tem um segundo? Faz tempo que não fazemos uma live no Insta, e os outros estão todos…

DARIO
Sim.

RIVER (OFF)
Sim, você tem um segundo ou…?

DARIO
Desculpa, é, sim. Não, pode falar.

RIVER (OFF)
Legal. O chat está bombando. Deixa eu ver… parece que alguém está falando sobre seus bíceps. Ah, uma galera está. Tem alguma pergunta aqui? Achei. Alguém perguntou se você pratica algum esporte além do basquete.

DARIO
Um pouco de beisebol e futebol, mas só isso. E um pouco de musculação na academia.

RIVER (OFF)
Outra pessoa perguntou se você está animado para as festas de fim de ano que estão chegando.

DARIO
Claro.

RIVER (OFF)
Por quê?
Dario se inclina para trás na borda da bancada, torcendo um pano nas mãos. A tensão desaparece de seus ombros encolhidos quando ele se lembra de algo.

DARIO
Eu gosto dessa época do ano. As luzes de Natal, o frio. É romântico, sei lá.

RIVER (OFF)
(lendo os comentários)
Uau, eles curtiram isso. Alguns espectadores querem que você explique melhor o que tem de romântico.

DARIO
Não.
Fora da tela, SARANG tosse de forma significativa. Dario olha para aquela direção com raiva, antes de se virar e cruzar os braços.

DARIO
Nos últimos dois Natais, eu e o Kai — meu ex, quer dizer — tínhamos o costume de ir até o centro da cidade para tirar fotos das luzes de Natal à meia-noite.

RIVER (OFF)
Lembra para os nossos espectadores. Por quanto tempo você e o Kai namoraram?

DARIO
Essa pergunta é necessária?

RIVER (OFF)
Eles estão curiosos.

DARIO
Três anos.

RIVER (OFF)
Você o conhece bem. Melhor do que eu, provavelmente.
Dario batuca com o pé no chão e faz uma cara que diz "vai direto ao ponto".

RIVER (OFF)
Como você conhece ele há tanto tempo, de repente você… pode…
River para de falar, distraído. Dario franze a testa.

DARIO
Que foi?

RIVER (OFF)
Ah, nada. Só uns comentários.

DARIO
Estende a mão.
Quero ver.
A câmera salta quando River dá um passo para trás.

RIVER (OFF)
(forçando indiferença)
Não, não é nada. Vamos voltar à conversa. Então, você e…

DARIO
Me fala o que eles estão dizendo, River.
Um suspiro abafado. A câmera desce e filma dois pares de sapatos e

azulejos xadrez grudentos quando River abaixa o telefone.

RIVER (OFF)
(sussurrando)
Eles estão falando do Kai.

DARIO (OFF)
Ótimo. Vamos falar sobre isso.
Uma mão atravessa a tela e puxa o celular de volta. Dario recua, com uma expressão firme enquanto olha para a câmera.

DARIO
Vou direto ao ponto. Aquele post é uma palhaçada. Armaram para o Kai. Ele nunca mandou mensagem para ninguém, nunca mandaria esse tipo de mensagem para ninguém. Vocês têm que parar de acreditar em tudo que veem na internet.

RIVER (OFF)
(sussurrando em pânico)
Esqueceu que era para ser casual?!

DARIO
Não posso ser casual quando centenas de milhares de pessoas precisam ser colocadas no lugar delas.
River fica quieto. Quieto demais.

DARIO
O que foi? O que aconteceu?

RIVER (OFF)
Uh.

DARIO
O que eles disseram?

RIVER (OFF)
Eles não acreditam em você.
Sussurros baixos e irritados de duas vozes distintas soam ao fundo.

RIVER (OFF)
É por isso que devíamos ter abordado o assunto naturalmente.

DARIO
Me fala o que estão dizendo. Exatamente.

RIVER (OFF)
(hesitante)
Eles, bom, acham que você está com ciúmes.
O rosto de Dario se contrai de um jeito estranho, com a parte inferior sorrindo, mas a parte superior franzida em um olhar sério. Isso cria uma

imagem inquietante, entre a descrença cômica e a raiva. Uma veia em sua têmpora se projeta.

DARIO
Ciúmes?

RIVER (OFF)
(lendo)
"O cara está bravo porque o ex dele está por aí pedindo nudes para outras pessoas, kkk." "Alguém parece amargurado." "Você bem que queria que fosse pra você, né?"

DARIO
OK. Saquei.

RIVER (OFF)
Foi mal.

DARIO
(tenso)
Não, eu não estou com ciúmes. Estou tentando limpar o nome dele. Todos vocês precisam colocar na sua cabeça dura que o Kai e eu terminamos. Ponto. Não tem mais nada entre nós. Eu não estou apaixonado por ele.

RIVER (OFF)
Alguém pediu para você provar.
A câmera capta a fúria que atravessa os olhos de Dario como um raio.

DARIO
Tudo bem.
Em um movimento rápido, Dario se afasta do balcão, aperta a mão na camisa de River e o puxa para a frente.
O telefone cai no chão com um baque, ainda gravando.

Dario me beija.

Ele esmaga sua boca contra a minha, batendo nossos dentes dolorosamente sob nossos lábios fechados. Parece que levei um soco.

Antes que eu consiga registrar qualquer coisa além do choque, Dario se afasta, com o rosto pálido e os olhos arregalados de horror com suas próprias ações.

Seu olhar se fixa em algo atrás de mim.

Kai está parado na porta da cozinha, com a mão segurando a cortina para o lado.

Meu coração bate forte uma vez ao ver que ele fica boquiaberto. Duas vezes, enquanto ele olha para mim e para Dario.

Então, para de bater completamente quando Kai joga a cabeça para trás

e ri.

— Quer saber? — diz Kai, suas palavras rasgando o terrível ar silencioso do café como tiros. Com os lábios esticados em um sorriso tenso, ele arranca o avental da cabeça e o joga no chão. — Você venceu, Dario: eu me demito.

E então ele vai embora do café.

26. É TUDO UMA BOSTA: O TÍTULO DA MINHA AUTOBIOGRAFIA

Meu coração volta a bater com um sobressalto quando a campainha da porta da frente soa. O silêncio que se segue sufoca a respiração de todos nós, como se Kai tivesse levado todo o oxigênio da loja ao sair.

Vanna é a primeira a se recuperar.

— Que... merda é essa?

Meus olhos se voltam para Dario, que está olhando para os pés. Não, para o chão. Para o meu celular.

Sigo seu olhar e percebo em pânico que a live ainda está aberta. Abaixo e pego meu celular com dedos trêmulos, apertando o botão "Encerrar transmissão" com tanta força que meu polegar se dobra para trás.

O banco alto e instável range quando Sarang pula dele. O vermelho do rosto combinando com as chamas em seus olhos.

— *Dario!* Qual é a porra do seu problema? — grita ela.

Isso tira Dario de seu estupor. A cor toma conta de seu rosto antes pálido.

— Que foi? O Kai e eu *não* estamos juntos!

Vanna balança a cabeça, com uma expressão séria.

— Não se faz de bobo. Você sabe muito bem que o que você fez é errado, estejam juntos ou não. O River é o melhor amigo dele.

Congelo quando todos os olhos se voltam para mim. A humilhação me aquece por dentro, deixando um gosto ruim na boca e uma sensação de que tem insetos rastejando pela minha pele. A expressão de Dario se enche de vergonha antes de ele fechar os olhos e desviar o olhar.

Sarang bate no balcão e se inclina para a frente.

— Não é só por causa do Kai, seu idiota. Você beijou o River sem pedir.

— E o que você tem a ver com isso? — responde Dario imediatamente. — Você gosta dele, por acaso?

Meu coração dispara quando encontro os olhos dela, que estão arregalados. Incerteza. Observo com a respiração presa nos pulmões um rubor se espalhar por sua pele e sua boca gaguejar incoerentemente.

— Isso não importa. O que importa é que você não pode forçar as pessoas, especialmente quando só está usando elas para provar alguma coisa.

Meu estômago se revira.

Eu me afasto do balcão. Dario e Sarang recuam, mas não presto atenção neles. Agora que o choque passou, só o que resta é o desespero.

— Tenho que encontrar o Kai — digo, desamarrando meu avental.

Sarang olha para mim com uma expressão preocupada, mordendo o lábio. Uma onda de emoções que não tenho tempo para analisar agora ameaça tomar conta de mim, então desvio o olhar e saio pela porta.

É noite e está muito frio — talvez realmente venha uma tempestade de neve amanhã. Kai já deve estar longe. Será que ele foi andar de skate?

Saio do beco e paro na calçada quase deserta, iluminada apenas pelos postes e pelas fachadas das lojas. Não, ele provavelmente foi para casa. Eu me viro para correr pela rua...

E imediatamente tropeço em algo no caminho.

Girando rapidamente, vejo no que tropecei: um skate. Kai está sentado no chão em frente ao prédio, com os joelhos encolhidos contra o peito.

Pela primeira vez em onze anos de amizade, não sei o que dizer a ele.

— Olha por onde anda. Você vai acabar quebrando a cara — murmura Kai secamente.

Dou um passo à frente para poder ver sua expressão. Está apagada, exceto pelo branco dos olhos brilhando à luz laranja do poste acima de nós.

— Kai... — começo.

— Não quero conversar — ele me interrompe.

— Me deixa explicar. Não foi... Eu *não* beijei ele. Mal foi um beijo. O Dario só fez isso porque estava tentando provar que não gosta mais de você. Mas ele gosta, e foi por isso que entrou em pânico e...

— Porra, eu disse que não queria conversar com você, River!

Todos os músculos do meu corpo ficam tensos. A voz tensa de Kai ecoa pelas ruas noturnas quietas. O poste acima de nós pisca, zunindo no

silêncio doloroso que se segue. O peito de Kai sobe e desce, ele se recosta e bate a cabeça contra o tijolo.

— *Caralho!* — grita ele para o céu sem estrelas. — Não estou bravo com *você*. Bom, estou. Mas sei que não devia estar. E odeio me sentir assim. E odeio o Dario. Odeio tanto o Dario. — Kai esfrega as palmas das mãos contra os olhos, grunhindo. — Mas me odeio mais por ainda ter sentimentos por aquele idiota, sendo que ele não quer saber de mim. Que coisa mais imbecil.

— Ele gosta de você — digo. — Ele mesmo disse que ainda te ama e que…

Kai se levanta subitamente.

— Minha mãe está me esperando. Eu tenho que ir.

Seguro seu pulso antes que ele possa escapar.

— Você não vai pedir demissão de verdade, vai?

Ele se solta da minha mão. Kai não olha para mim enquanto joga seu skate no chão e sobe nele, desaparecendo de vista.

Não é minha culpa. Tenho certeza de que não é.

Mas por que isso não importa?

Quando volto para dentro, apenas Sarang, Vanna e Isabette estão lá.

— O Dario foi embora — diz Sarang. — Aquele covarde.

— Eu também tenho que ir — fala Vanna. — Desculpa. Eu… eu ajudo a resolver isso mais tarde.

— Deixa eu te levar para casa, está escuro — oferece Isabette.

— Não — responde ela, rápido demais. Vanna se controla e pisca rapidamente, tirando a névoa dos olhos. — Desculpa, Betty, você sabe que eu amaria, mas tenho que fazer uma coisa.

Isabette, Sarang e eu trocamos um olhar preocupado, mas Vanna não liga e só veste o casaco. Ela pega o celular antes mesmo de fechar o zíper, e a mensagem que está respondendo a ocupa tanto que ela nem se despede ao sair. Antes de fechar a porta atrás de si, Vanna cruza o olhar com o meu, mas desvia como se fosse culpada de algo.

Isabette suspira.

— É melhor eu ir também — diz, mas seu tom soa mais como uma pergunta.

Ela estica o braço e aperta minha mão, e eu aperto de volta para que ela saiba que estou bem. Ela nos dá boa-noite e sai em silêncio.

Agora somos só Sarang e eu.

Eu me concentro em um azulejo no chão, fingindo não notar suas botas de plataforma grossas paradas na minha frente. Um dedo cruza meu campo de visão e toca meu esterno.

— Você está bem? — pergunta Sarang.

— O Kai está bravo comigo — digo para o chão.

— Acho que a Vanna também está brava comigo.

Olho para ela. Uma mancha rosa salpica suas bochechas. Ela fica bonita quando não está franzindo a testa, e linda quando franze.

Caralho. Merda. *Caralho*.

Agora não. Este é um momento particularmente *ruim para isso.*

— Acho que a Vanna só está passando por um problema pessoal — eu a tranquilizo. Depois, tranquilizo a mim mesmo. — O Kai também vai se acalmar. Entendo por que ele está chateado.

— Você está?

— Chateado com o Dario? Acho que não. Pelo menos não pelo beijo, mas por me beijar sabendo que o Kai... — Deixo a frase no ar, inseguro. Meu lábio superior lateja quando o toco com a língua, machucado onde meus dentes bateram. Sinto uma acidez queimando meu estômago enquanto o que aconteceu se repete na minha cabeça. — Na verdade, não sei como me sinto.

Ela dá de ombros.

— Tudo bem.

Nunca pensei que ela me apoiaria pela minha indecisão.

— Obrigado. Pelo que você disse ao Dario — digo a ela. — Significou muito para mim.

— Não precisa me agradecer.

— Só aceita minha gratidão. A menos que você queira que eu a mostre de outra forma?

As feições de Sarang se franzem em uma careta familiar que contrasta bem com o rosa que se espalha pelo pescoço e desaparece sob a gola da blusa. Levanto os olhos de volta para o rosto dela — não, droga, para a boca dela. Socorro.

— Você está fazendo de novo. Flertando porque está desconfortável.

— Bom. Só faço isso com você.

— River — repreende ela.

— Estou falando a verdade. Com você, sempre.

O que Dario disse antes ecoa pela minha mente sem que eu perceba.

Você gosta dele?

Minha boca fica seca, de repente estou morto de sede. A irritação de Sarang desaparece enquanto ela examina meu rosto.

— No que está pensando? — pergunta ela.

Em você, é o que eu não deveria responder.

— Em você — respondo.

Ah, cacete.

Sarang arregala os olhos. Eu tropeço na tentativa de corrigir meu deslize.

— No que você disse antes, quero dizer.

Estamos muito próximos. Não sei quem se aproximou, mas seus Doc Martens pretos e meus tênis Converse surrados estão a poucos centímetros de se tocar. De repente, não consigo *parar* de notá-la. Suas pernas cobertas por meias arrastão aparecem através do jeans rasgado, seus dedos tamborilam ansiosamente a lateral da coxa, os delicados colares de corrente pousados em sua clavícula, o tom questionador curvando seus lábios, o preto tão intenso de seus olhos que me faz sentir como se pudesse escrever um poema ruim sobre sua profundidade se não tivesse desistido da carreira de escritor após uma breve tentativa de escrever fanfics.

Balanço a cabeça para clarear os pensamentos. Respiro fundo. *Prometemos ser sinceros um com o outro.*

— Quando o Dario perguntou por que você ligava de ele ter me beijado, você disse que não tinha a ver com isso. Você disse que não tinha importância.

Sarang mantém controle absoluto sobre sua expressão, mas percebo o tremor de suas mãos e a maneira como ela transfere o peso para a outra perna.

— E não tem. O importante é respeitar os limites dos outros.

— Você não negou que tem sentimentos.

— Eu tenho sentimentos por você — diz ela com sarcasmo. — Tipo irritação.

— Não é ódio?

— Não. Para minha surpresa, não mais.

Sua voz assume um tom alarmantemente áspero. A sinceridade dela me deixa tenso. Sarang olha para mim, com os cílios retos escondendo parte da intensidade do seu olhar. O mesmo sentimento que me levou a estender a mão e enxugar suas lágrimas naquela noite no píer me move

agora. Tudo o que preciso fazer é me abaixar e então estou lá, mais perto dela do que nunca, meu rosto a apenas alguns centímetros de distância do dela. Os lábios em forma de coração de Sarang se abrem, depois se fecham em uma inspiração quando coloco seu cabelo atrás da orelha e seguro sua bochecha com o mesmo movimento lento e fluido. O rosto dela é tão pequeno na minha mão que as pontas dos meus dedos roçam sua nuca. Sua pulsação está acelerada, firme sob meu toque, acelerando ainda mais quando acaricio com o polegar o local onde fica a covinha dela. Não tenho certeza do que estou fazendo, mas tenho medo de parar e pensar sobre o assunto. De descobrir o que significa. Pensar nunca foi meu forte, mesmo.

— *Isso* é irritante? — pergunto, tentando soar leve, mas as palavras saem mais ásperas e baixas do que eu gostaria que ela ouvisse.

A expressão de Sarang é aberta, me convidando a mergulhar nela e me perder tentando capturar todos os detalhes. Sua mão se estende e pousa delicadamente sobre a minha.

— Não. Não é. — Quando ela fala, sua respiração roça meus lábios.

Eu poderia beijá-la.

Eu quero *b...*

Meu cérebro para de funcionar com esse pensamento, depois meu coração, que bate acelerado sob minhas costelas, mas não consigo decifrar o que estão tentando dizer. Isso é frio na barriga ou refluxo? Eu odeio Sarang ou...

Será que eu realmente sei?

Ou vou magoá-la enquanto tento descobrir?

Aconteceu coisa demais nas últimas vinte e quatro horas para eu ser racional sobre isso, e Sarang é uma pessoa com quem não quero cometer um erro. Abaixo a cabeça e dou um passo para trás, rompendo o que quer que fosse que nos manteve juntos naqueles poucos momentos.

— Já está tarde — digo. — Melhor eu te deixar ir dormir.

Nada transparece no rosto de Sarang quando olho para ela. Ao sair, com a mão na porta, dou a ela um sorrisinho cauteloso: uma garantia e uma pergunta ao mesmo tempo. Seus olhos se voltam para minha boca tão rápido que nem tenho certeza se aconteceu.

27. POR QUE MINHAS ÚNICAS OPÇÕES SÃO A CRUZ E A ESPADA?

A previsão do tempo estava certa pela primeira vez: nevou durante a noite.

Sentado na cama, ainda grogue, olho pela janela a brancura que cobre as ruas e os telhados lá fora. Deve ter só uns sete centímetros de neve, mas é o suficiente para paralisar a cidade, o que significa nada de escola.

Uma notificação perdida de vinte minutos atrás chama minha atenção. É o chat do nosso grupo de trabalho. Nada de bom pode vir disso agora, penso, estremecendo ao abrir a mensagem.

PARA DE MUDAR O NOME DO GRUPO, KAI

Haneul:

Infelizmente, hoje de manhã Vanna me informou que não vai mais trabalhar com a gente. Ela vai estar fora da escala a partir de agora para se dedicar ao seu novo cargo no Café Gong.

Vanna saiu do grupo.

Leio a mensagem várias vezes, boquiaberto.

Café Gong.

Meu primeiro instinto é ligar para Sarang. Ela saberia o que pensar e, mais do que isso, quero ouvir a voz dela agora, para sua confiança me contagiar. Mas o momento entre nós ontem à noite ainda paira no ar, e não sei se tenho confiança para lhe dar uma resposta ainda; nem a determinação para ouvir uma resposta decepcionante dela.

Além disso, tem outra pessoa com quem preciso falar primeiro.

Ela atende na hora.

— Que porra foi essa? — digo em saudação.

— Então você ficou sabendo — responde Cecelia, alegre. — Está ligando para me parabenizar pela minha nova cogerente?

— Você... — Jogo os lençóis para o lado e me levanto para andar de um lado para o outro no tapete. — Você contratou a Vanna como *cogerente*?

— Eu disse que seu cargo não estaria disponível por muito mais tempo.

O quarto gira. Fecho os olhos e coloco a mão na testa para fazê-lo parar.

— Isso não faz sentido — digo principalmente para mim mesmo. — A Vanna adora o Bingsu para Dois, não iria se demitir.

— Para alguém que odiava o próprio emprego, você superestima o tipo de lealdade que um salário de meio período compra. Por que ela não iria para um lugar que oferece um cargo melhor e mais bem remunerado? Pelo que ela disse, parecia que ela nunca ia ser promovida no Bingsu para Dois.

— Quando vocês conversaram?

— Entrei em contato com ela há pouco tempo, depois de ouvir a Isabette dizer que ela tem mais de um emprego. Depois que você deixou claro que não tinha intenção de voltar, tive que começar a procurar um cogerente em outro lugar. O timing foi perfeito, porque, aparentemente, sua chefe e sua namorada tinham acabado de irritar ela. Isso mais o aumento salarial substancial? Ela aceitou na hora.

O frio do lado de fora da janela penetra nos meus ossos. Não sei o que pensar, mas sinto um aperto entre minhas costelas mesmo assim.

— Você poderia ter contratado qualquer um. Caramba, você consegue gerir o café sozinha. Então, por quê? O que você quer?

Através do telefone, posso ouvi-la sorrindo.

— Quero que você peça demissão e exclua todas as contas do Bingsu para Dois nas redes sociais. Permanentemente.

Pisco. Um som estranho sai dos meus pulmões e sobe pela minha garganta, preso entre uma risada e um soluço. Mas aí uma risada verdadeira explode da minha boca, tão forte que me curvo e apoio a mão nos joelhos. Sinto uma dor na lateral do corpo. Cecelia espera pacientemente que eu consiga me recompor e, por vários longos segundos, minha risada histérica ecoa pela linha e nos envolve.

Eu me levanto rindo, enxugando a umidade dos olhos.

— Eu não vou fazer isso.

— A escolha é sua. Mas, se não fizer isso, a Vanna vai abrir uma live

hoje à tarde para falar da irregularidade no pagamento do salário no Bingsu para Dois.

De repente, não tem mais graça.

— Cecelia, quê? Não teve nenhuma *irregularidade de pagamento*.

— Você está apostando que a internet vai acreditar em você?

Engulo em seco.

— Nós provaríamos aos nossos seguidores que é mentira.

— O estrago já vai ter sido feito. É isso que é engraçado nas redes sociais: quanto mais você tenta consertar um problema, pior fica. Olha como seus seguidores atacaram o Kai ontem. Seu videozinho não ajudou em nada. Imagina como eles vão reagir quando ficarem sabendo *disso*.

A realidade da situação pesa desequilibradamente sobre meus ombros.

— Você não pode estar falando sério. Mesmo que esteja, Vanna não faria isso.

— Ela estava um pouco hesitante, até que eu ofereci um bônus de contratação grande o suficiente para cobrir a caução de um apartamento para ela e a irmã.

Meu silêncio perplexo faz Cecelia rir.

— Quatro horas da tarde de hoje, River. Se essas contas ainda estiverem no ar e você ainda tiver um emprego, Vanna vai ao ar.

O tempo passa lentamente. Minhas exalações e o sangue correndo em meus ouvidos são pesados, lentos. Como se eu estivesse em um sonho.

— Você sabe o que isso vai causar no Bingsu para Dois, certo? Esse é o sustento da família deles. É mais do que isso, esse café é tudo para a família Cho. Se você quer se vingar de mim, essa não é a maneira de fazer isso.

— Nem tudo gira em torno de você.

Cecelia desliga.

Jogo meu celular na parede e caio de volta na cama. Jace bate com o punho do outro lado da parede e grita algo, mas o ignoro.

Estamos fodidos. Qualquer que seja minha escolha, o futuro do Bingsu para Dois está arruinado. Sarang está arruinada.

Uma onda de emoções vertiginosas me invade ao pensar nisso — e não é a pontada de irritação superficial que eu sentia por ela. O que quer que eu sinta por Sarang agora faz meu estômago se contorcer e meu rosto ficar vermelho.

Puta que pariu. Puta merda. Meu deus do céu.

Tenho que falar com ela. Tenho que contar para todo mundo o que está acontecendo. Corro desesperadamente para vestir algumas roupas, mando uma mensagem para o grupo e para Isabette, pedindo que todos me encontrem no café. Fecho meu casaco de inverno e disparo para o corredor, passando pela minha mãe, curvada sobre o laptop na sala de jantar.

— 어디 가?[5] — pergunta ela.

Paro no meio do caminho.

— Só vou sair para encontrar o Kai e a Isabette.

— Nesta neve? 조심해[6] — avisa ela com uma expressão preocupada. — A previsão do tempo diz que a tempestade já está chegando. Podemos ficar sem energia.

Murmuro algo evasivo.

— Cadê o papai?

Umma solta um suspiro sofrido e massageia as têmporas.

— No café. Tem más notícias. Ele está de péssimo humor hoje por causa disso, então, toma cuidado se encontrar com ele.

— O que aconteceu? — pergunto, tentando dar uma olhada nos papéis e planilhas espalhados à sua frente.

— Finanças. Você já sabe como está a nova filial, mas a Cecelia contratou alguém novo sem nos consultar, e isso está causando alguns problemas no orçamento. Eu sei que ela é a gerente e que dissemos especificamente que tem total autoridade para tomar esse tipo de decisão, mas ela devia saber que não era prudente fazer isso agora. — Ela suspira. — 네가이직장에 남아 있었으면 좋겠어.[7]

— O que isso significa? — Odeio perguntar.

Em vez de traduzir, Umma me olha com um sorriso cansado. As bolsas sob seus olhos estão mais pronunciadas do que nunca, e ela de repente parece mais velha. Isso faz meu coração doer — tudo isso. As oportunidades perdidas de criar laços que são intrinsecamente nossos, o fato de que meu rosto só desperta um reconhecimento parcial da família que ela deixou para trás e o tempo que eu perco tentando ser coreano aumentam a distância não apenas entre nós, mas também entre ela e seu lar.

— Desculpa — diz ela, voltando o olhar para as planilhas. — Isso não é mais da sua conta, eu sei. Estou tentando respeitar sua decisão. Vamos ficar bem, querido.

Isso faz a dor do meu peito se espalhar em teias, fluindo pelas minhas veias e pinicando minhas mãos como agulhas de culpa, culpa, culpa.

Com um aceno de cabeça, saio do apartamento, trancando a porta ao passar.

A cidade é um mar de branco. Deixar a segurança do lobby para me aventurar na tempestade é como ser atingido na cara com um saco cheio de farinha — o que Sarang fez comigo na minha terceira semana de trabalho. Tiro os flocos de neve presos nos cílios e fixo os olhos semicerrados nas ruas à minha frente, praticamente irreconhecíveis. Não há muita gente na rua, além das crianças corajosas que enfrentam o frio para fazer bonecos de neve na calçada até os dedos ficarem dormentes. Coloco os meus nos bolsos e sigo para o centro da cidade.

O Bingsu para Dois é uma das poucas lojas com a placa de aberto acesa, o que é inútil, já que ninguém em sã consciência arriscaria a vida por um bingsu neste momento. Abro a porta, sacudindo a neve na entrada. Sarang, Isabette e Dario estão em pé no salão.

— Cadê o Kai? — pergunto.

Dario tem dificuldade em olhar para mim, o que não me incomoda.

— Ele não responde nenhuma das minhas mensagens.

— Caso você tenha esquecido, ele se demitiu — Sarang diz, lançando um olhar severo para Dario.

— É sério que você ainda está com raiva de mim?

Ela não se preocupa em falar nada, mas a resposta está estampada em seu rosto.

Eu realmente havia esquecido que Kai tinha se demitido no meio de toda aquela confusão, e a ferida se abre ao lembrar que um dos meus melhores amigos me odeia neste momento. Ver minha outra amiga aqui, aparecendo mesmo quando não precisava, alivia um pouco a dor.

Até me lembrar da notícia que tenho que dar a ela.

— Tentei entrar em contato com a Vanna a manhã toda — diz Isabette, olhando para a tela do celular. — Achei que ela talvez falasse comigo, me dissesse por que pediu demissão de repente, mas nada. Ela em geral é tão sincera comigo. Achei que confiasse em mim.

Sarang passa o braço ao redor de Isabette, que se inclina para descansar a bochecha na cabeça de Sarang. Meu estômago se revira. Não sei nem por onde começar a explicar, porque também não entendo.

Nada disso faz sentido.

— Você falou com sua ex? — pergunta Dario.

— Infelizmente, sim. Ela, é...

— E aí? Desembucha — diz Sarang. — Por que ela roubou a Vanna de nós?

Por que a Vanna foi embora? pergunta o vermelho de seus olhos inchados. Isabette também olha para cima, ansiosa. Por que sou eu quem tem que partir o coração das duas?

Esfrego os nós dos dedos, olhando para onde o frio rachou minha pele.

— A Cecelia ofereceu um salário melhor, e a Vanna aceitou. O bônus de contratação dela tem um preço: a menos que a gente apague todas as redes sociais do Bingsu para Dois e eu me demita, Vanna vai divulgar alegações falsas de irregularidade no pagamento do salário contra nós. Temos até as quatro da tarde de hoje.

O silêncio paira sobre o salão. Arrisco olhar para cima e me deparo com três expressões de espanto, todas elas pálidas.

— *Retenção de salário?* — fala Sarang ao mesmo tempo que Dario diz:

— Faltam só algumas horas.

— A Vanna não faria isso — murmura Isabette.

Estremecendo, digo:

— Ela vai fazer.

Sarang salta da cadeira e começa a andar de um lado para o outro, puta, com o rosto e o pescoço vermelhos de raiva, vapor praticamente saindo das orelhas.

— Irregularidade no pagamento? Irregularidade no pagamento? Puta merda, você está brincando... ela acha... acredita... meu deus. Depois de tudo que o Appa fez para ajudar ela e a irmã. Depois de tudo... ah, aquela filha da...

Ela se vira e abafa um grito frustrado com as mãos. Isso esvazia tudo dentro dela, e seus ombros caem. A silhueta de suas costas parece menor do que nunca. Eu me aproximo por um lado, hesitante em pressioná-la, mas Sarang não se afasta quando toco seu ombro.

Abafada pelas mãos que cobrem o rosto, ela diz triste, em voz baixa:

— Não acredito que ela fez isso com a gente.

A família sempre sabe como te machucar mais do que ninguém, penso comigo mesmo. E então um segundo pensamento, tudo se esclarece: *família*.

— Era a irmã dela ou este emprego — digo, tentando ajudar.

Evidentemente, só sei fazer o contrário.

Sarang se afasta de mim com um olhar sério.

— Era a irmã dela ou a *minha* família. Tudo bem, eu entendo que ela tenha ido embora. Ela só estava aqui pelo dinheiro, acho. Mas se demitir e depois ameaçar a gente, este café? É tudo que meu pai tem da minha mãe. É tudo que nós temos. — Seus olhos ficam marejados, e ela os esfrega com raiva antes que qualquer lágrima possa escapar. — Não importa qual escolha a gente faça para esse ultimato idiota, as duas têm o mesmo resultado: o Bingsu para Dois sofre.

Ela tem razão. Sem as contas nas redes sociais, o café perde o público que salvou a loja e continua trazendo novos clientes. Mas, se mantivermos as redes sociais, isso não vai importar, porque as acusações de irregularidade no pagamento feitas por Vanna contra nós afetarão muito mais os negócios.

— Meu deus do céu — diz Dario. — Você acha que ela vai mesmo fazer isso?

— Não vale a pena arriscar — respondo.

— Por que não? Talvez as pessoas não acreditem nela.

— Depois do que aconteceu com o Kai, a gente devia saber que a internet não tem capacidade de pensamento crítico — respondo, resmungando.

Isabette sentou-se em uma das mesas. Ela rói distraidamente as unhas curtas e encara um ponto no nada, com uma expressão vazia e vidrada em seus olhos normalmente animados.

— Não acredito que a Vanna faria isso — murmura ela de novo. — Eu nunca esperaria isso. Mesmo que seja pela irmã, mesmo assim, é... cruel. Eu não sabia que ela era assim.

— É, bom — responde Sarang bruscamente —, talvez você não a conhecesse, no fim das contas. Eu com certeza não conhecia. Ela mentiu para todos nós.

Ela está certa, mas estremeço. Isabette, porém, não parece na defensiva. Apenas derrotada.

— Ela mentiu para mim — murmura Isabette.

As duas garotas e Dario ficam em silêncio. Eu fico entre eles, preso em um ciclo de olhar para a expressão abatida e sofrida de Isabette, a fisionomia desconfortável de Dario e Sarang se esforçando para esconder sua própria dor sob uma camada de raiva.

Isso é culpa minha. Eu nos coloquei nessa situação. Se tivesse voltado ao Café Gong como Cece queria, ela não teria oferecido um emprego a Vanna e nos colocado nesta confusão.

O Bingsu para Dois não teria sido tão bem-sucedido se você tivesse *nos deixado mais cedo*, ouço a voz de Sarang argumentar na minha cabeça, embora isso provavelmente seja apenas meu subconsciente tentando fazer com que eu me sinta melhor. A Sarang da vida real anda inquieta de um lado para o outro, com os olhos fechados e o rosto contraído.

A verdade é que fui egoísta. Eu não queria voltar para o Café Gong.

Não queria deixar meus amigos. Eu não queria deixar Sarang.

Agora, não há como voltar atrás.

Eu me viro para olhar a placa com o cardápio, tentando me concentrar e não deixar que os gritos suaves e abafados atrás de mim quebrem a barreira que mantém minhas emoções reprimidas. Pelo menos não agora. Eu nos meti nessa confusão, é justo que eu mantenha a cabeça fria e nos tire dela.

Ah, estamos muito ferrados se tudo depender da *minha* capacidade de tomar a melhor decisão.

Um risinho patético sai da minha garganta. Eu devia saber que não sou mais esperto que a Cece, *especialmente* quando se trata de negócios. Sou mais experiente com a cultura da internet e com o que as pessoas gostam, mas ela está um passo à frente em todo o resto, incluindo como pisar em quem for preciso para chegar ao topo.

Eu me viro para ver como está Sarang. O ponto sensível no meu peito reservado para ela dói ao vê-la tão arrasada. É engraçado. Apenas um ou dois meses atrás, essa visão teria me deixado, no máximo, um pouco desconfortável. Agora, não há distância entre nós.

Cece me conhece *perfeitamente*. Ela sabe o quanto este lugar significa para mim, e como ver meus amigos aqui se voltando uns contra os outros me afetaria. E sim, talvez eu seja egocêntrico, mas sei que isso é para me prejudicar tanto quanto para impulsionar sua história de sucesso com o Café Gong.

Mas eu também conheço cada centímetro quadrado dela, e é por isso que sei que ela acha que sou covarde demais para fazer a única coisa que poderia poupar o Bingsu para Dois — poupar *Sarang* — de tudo isso.

Ela estaria certa. Só que não sabe que só existe uma pessoa capaz de me dar coragem para fazer isso. Eu também não sabia, até muito

recentemente.

Porque se a escolha é entre mim ou Sarang, na verdade não há escolha. É ela.

Sarang está com dor de cabeça, protegendo o rosto com a franja quando chego perto dela. Ao ouvir meus passos, ela vira a cabeça. Seus olhos penetrantes e inabaláveis estão semicerrados e distantes agora. Ela solta uma risada seca, os ombros se encolhendo com o movimento.

— Não sei o que fazer, River — admite.

Como se fosse a primeira vez que diz essas palavras para si mesma ou para qualquer outra pessoa. Tem um milhão de coisas que eu quero dizer e fazer. Nem todas são úteis neste momento, mas todas são verdadeiras. Eu me aproximo e ergo minha mão entre nós, levantando o dedo mindinho.

— Tenho uma ideia — respondo. — Você confia em mim?

Sarang envolve meu dedinho com o dela.

— Confio.

Um sorriso brota nos meus lábios.

— Vai dar tudo certo.

Não consigo evitar: coloco o cabelo dela atrás da orelha como desculpa para me aproximar.

— Aonde você vai? — pergunta ela enquanto eu caminho em direção à saída.

Isabette e Dario ficam confusos.

— Tenho que ir contar a verdade para alguém.

---

[5] Aonde você vai?

[6] Toma cuidado.

[7] Gostaria que você tivesse ficado no emprego.

28. AH, É. FOI POR ISSO QUE MENTI.

A caminhada até meu apartamento é um sonho lúcido, onde o tempo não é real e eu estou cruzando a distância na velocidade da luz ao mesmo tempo em que não me movo. As nuvens de neve começam a manchar o céu com um cinza-escuro e nebuloso, e flocos caem como um ataque sobre a cidade. Tudo está abafado; até mesmo minha respiração ofegante é absorvida pela neve acumulada até a altura dos meus tornozelos. Não quero ir para casa, mas não tenho escolha.

Quando chego ao nosso prédio, subo os degraus e paro com a chave a poucos centímetros da fechadura, e minha mão congela.

Estou com medo.

Sem motivo aparente, o rosto de Sarang aparece em meus pensamentos. Seus lábios cobertos de batom. Seus cabelos macios presos atrás das orelhas. As lágrimas em seus olhos quando ela abriu mão de seu sonho pela irmã; aquelas que enxuguei quando estávamos sentados no cais, na chuva. Como sua mão era quente entre as minhas. O som de sua voz, quer ela estivesse me irritando ou me encorajando. Ela.

Eu quero fazer isso.

No segundo em que giro a chave e abro a porta, gritos vindos da sala me fazem parar no lugar. Jace sai do quarto ao me ouvir e corre para mim, que estou todo ensopado.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— A Umma e o papai estão brigando. Ela está dizendo que eles têm que fechar a nova filial do Café Gong.

Ele parece a criança assustada que era anos atrás, quando corria para o meu quarto para se esconder dos monstros do quarto dele.

Temos que fechar a nova filial? Penso, atordoado. Mais gritos. Dou um tapinha na bochecha de Jace e digo:

— Espera no seu quarto, vai ficar tudo bem. Vou conversar com eles.

— Acho que não é uma boa ideia agora.

Não seria uma boa ideia em *nenhum momento*, mas não tenho escolha. Bagunço o cabelo dele com o que espero ser um sorriso tranquilizador, apesar da inquietação que se espalha pelas minhas entranhas como um derramamento de óleo. Em seguida, vou na ponta dos pés até a sala.

Umma e meu pai estão de pé, frente a frente. Minha mãe está rígida e imóvel, mas meu pai está tremendo inteiro com uma raiva malcontida. Tem uma dúzia de contas e papéis espalhados pelo sofá. O mais próximo de mim diz *Atraso no pagamento — aviso de duas semanas.*

— Não temos escolha, Matthew! — grita Umma. Ela nunca levanta a voz. — Teríamos que fechar uma das nossas filiais mais lucrativas para manter esta funcionando. Se continuarmos expandindo desse jeito tão imprudente, não vamos conseguir manter nenhuma loja aberta, muito menos pagar o aluguel!

— Nós investimos demais na filial nova para simplesmente fechar! — dispara meu pai. — Não cheguei até aqui desistindo, posso te garantir, e não vamos começar agora. O que os futuros investidores vão achar de fecharmos uma filial que *acabou* de abrir, quando estamos tentando expandir para todo o país?

— O que estou dizendo é que não vamos conseguir expandir se não desacelerarmos.

Ele grita frustrado e puxa o cabelo, com as veias do pescoço pulsando.

— Isso é um maldito *desastre*. Estamos *ferrados*. Não acredito nessa merda. — Ele se vira e chuta uma mesinha lateral. — *Caralho!*

— Parem com isso! — interrompo. Os dois viram a cabeça para mim, finalmente percebendo minha presença. Eu me encolho, mas me forço a manter a voz calma antes de dizer as próximas palavras. — Não grita com a Umma, a culpa não é dela. A culpa é minha.

— Do que você está falando? — pergunta meu pai bruscamente.

— River — diz Umma com um suspiro exausto. — *Por favor*. Agora não. Vai para o seu quarto.

— É minha culpa a nova filial do Café Gong não ter clientes. Porque eu... eu comecei a trabalhar para o nosso concorrente, o Bingsu para Dois.

Nenhum dos dois diz nada: estão chocados, paralisados. Aproveito o silêncio deles e deixo tudo o que escondi sair em ondas de frases intermináveis e explicações patéticas. A forma como no dia seguinte à

minha demissão fui até o Bingsu para Dois e implorei por um emprego lá, apesar de ter tido como intenção que a nova filial do Café Gong os levasse à falência. Admito, com os olhos fixos no tapete, que não estava fazendo cursinho para o SAT quatro vezes por semana, mas sim indo trabalhar. Conto tudo para eles: como tive a ideia de usar as redes sociais para construir uma plataforma para o Bingsu para Dois, como tive um papel importante no aumento das vendas para salvá-los da falência e que, a cada dia que passava, mais clientes do Café Gong começavam a atravessar a quadra para vir ao outro estabelecimento. Os ombros da minha mãe se contraem quando conto que Cece me pediu para voltar e fazer o mesmo pelo Café Gong, mas eu recusei. Papai precisa se segurar na estante para se equilibrar quando explico que Cece contratou Vanna hoje de manhã para chantagear meus colegas de trabalho e eu a sabotar o negócio, senão ela entraria ao vivo com falsas alegações de irregularidade no pagamento do salário em uma hora. Quando paro de tagarelar, minhas mãos estão tremendo tão violentamente que preciso apertá-las contra o peito, onde batem no ritmo do meu coração acelerado.

Umma é a primeira a falar. Para minha surpresa, ela se concentra em apenas um detalhe.

— A Cecelia contratou aquela garota só para te chantagear? Ela inventaria uma mentira dessas?

— Inventaria. Por favor, vocês precisam impedir. Ela vai postar no perfil que criou para o Café Gong, que provavelmente foi feito com o e-mail da empresa. Vocês têm acesso. Se desativarem as contas, ela não vai ter onde compartilhar o vídeo da Vanna falando sobre irregularidade no pagamento do salário. Pelo menos, em nenhum lugar que ganhe repercussão.

Ela fica parada por alguns instantes. Então, hesitante, pega o celular no bolso. Desbloqueia-o, toca na tela algumas vezes e diz:

— Você tem razão. A conta foi criada com o e-mail comercial do café.

Crack!

Minha cabeça se vira com o barulho: meu pai, ao lado da estante em que estava se apoiando, com uma das prateleiras de madeira solta em suas mãos trêmulas. Quando levanta seus olhos escuros e os cruza com os meus, percebo tarde demais que ele não estava em silêncio por causa do choque, mas da raiva.

Ele avança na minha direção. Entre lutar ou fugir, eu congelo, mas ele

passa direto por mim e sai da sala. Alguns momentos depois, passos pesados ecoam no corredor. Ele dobra a quina.

Eu nunca, *jamais*, o vi tão irritado. Ele é um emaranhado de ansiedade e frustração não tratadas, com certeza, e isso se manifesta em suspiros excessivos, resmungos e olhares furiosos — mas isto é outra coisa. Seu rosto inteiro está vermelho, as veias em suas têmporas pulsam perigosamente e seus ombros largos tremem com a força da ira que vem se acumulando nele há anos. Eu me encosto na parede, com medo dele pela primeira vez na vida.

Em seu punho cerrado está minha mochila. Ele a arremessa em mim e eu mal consigo pegá-la, tropeçando para trás. O zíper se abre, revelando roupas, minha carteira e um cobertor.

Olho para ele de sobrancelhas franzidas.

— Pai...

— Sai da minha casa.

O ar some dos meus pulmões.

— *Pai*.

— **여보**![8] — grita Umma. Ela sibila uma série de palavras em coreano para ele, rápido demais para que eu entenda, as sibilantes violentas em sua língua. Então, em inglês: — Se acalma. Você está só chateado com o fechamento do café. Não desconta no River.

— É culpa dele! — rebate meu pai. — Você ouviu. Nós sacrificamos milhares de dólares para abrir um café e confiamos nele para fazer dar certo, só para ele decidir que nosso negócio familiar não era bom o suficiente e sair para ajudar outra pessoa a levar a gente à ruína!

— Você abriu aquela filial nova para *você* — digo antes de pensar duas vezes. Uma mistura feia e podre de sentimentos que eu vinha acumulando há algum tempo se derrama livremente de onde eu os havia cuidadosamente engarrafado. — É você que está tão desesperado para transformar o Café Gong em uma franquia nacional. Como pode chamar isso de negócio familiar quando a *família* não importa para você há muito tempo?

Um silêncio assustador toma conta dele.

— O que você disse? — pergunta ele lentamente, como a calmaria antes de um furacão.

Meu pai se aproxima devagar da parede onde estou encostado.

— Todos nós sabemos que vocês não me deram o cargo de gerente

porque *confiam* em mim para ajudar a franquear o negócio. — Eu me viro para Umma nessa parte também. — Vocês estavam me dando uma colher de chá. Eu sei que vocês estão decepcionados comigo. Vocês acham que entrar no negócio com vocês é minha única opção de carreira porque *não existe* nada mais que eu possa fazer, certo? Bom, todo mundo no Bingsu para Dois acredita em mim.

— River — diz Umma e ela agora está chorando. — A gente não pensa nada disso.

— Vocês não precisavam dizer em voz alta para eu perceber. Sei que decepciono vocês dois em tudo: não sei falar coreano, não consigo manter boas notas, não consigo ser um bom filho.

As narinas do meu pai se dilatam.

— Você saiu do seu emprego e começou a conspirar com a concorrência para endividar a gente e esperava que ficássemos *orgulhosos*? Por você ter feito alguns vídeos para eles?

— Esses vídeos roubaram todos os seus clientes e acabaram com a sua oportunidade de franquear, não foi?

Um olhar passa pelo rosto do meu pai: raiva, profunda e intensa, e vejo que não é apenas pelo fato de seu filho ter estragado tudo. São os anos de estresse que administrar um negócio pode causar em um homem que não conhece outro mecanismo de defesa além de trabalhar mais ainda.

Ele me agarra pelo cotovelo e me arrasta em direção à porta da frente.

— Fora. *Sai*. Não consigo olhar para você agora.

Umma começa a gritar. Berro alarmado e acidentalmente derrubo a mesa da entrada na tentativa de fincar os pés no tapete. Jace sai correndo do quarto e vem em nossa direção pelo corredor.

Ele se joga nas costas do meu pai e bate com os punhos nas omoplatas dele.

— Para com isso! Você não pode expulsar o River nessa tempestade por causa de...

Meu pai se vira e sem querer bate com o cotovelo no queixo de Jace, fazendo-o voar para trás. Todos nós congelamos. Jace abre a boca em choque, revelando os dentes pintados de sangue. O rosto do meu pai empalidece.

— Ah, *merda*. Você está bem, Jace? Me desculpa, eu não sabia que você estava... Foi um acidente.

Eu sei que foi um acidente. Eu vi. Mas o sangue escorrendo do lábio

cortado de Jace apaga qualquer raciocínio lógico do meu cérebro.

Eu me lanço para a frente e empurro meu pai com tanta força que ele tropeça e bate na parede.

— Não toca nele, porra! — grito.

Silêncio. Ninguém diz nada. Minha respiração irregular é tão alta quanto um grito. Umma fica boquiaberta me olhando. Jace cobre a boca sangrando, os olhos arregalados alternando entre mim e meu pai. Meu pai pisca. Está processando.

Eu fodi tudo. Fodi tudo completamente. A culpa e a raiva se misturam com o que quer que esteja no meu estômago e ameaçam subir pelo meu esôfago. Pego minha mochila esquecida no chão e a jogo sobre o ombro, indo embora antes que meu pai recupere a razão ou eu recupere a minha. A porta se fecha com tanta força atrás de mim que a moldura chacoalha.

Dizer a verdade não é tão bom quanto eu esperava que fosse.

---

[8] Querido!

29. O EFEITO BOLA DE NEVE, SÓ QUE NÃO É SÓ UMA METÁFORA

Se a vergonha revirando o meu estômago não me matar, a hipotermia mata.

A neve já chega aos meus joelhos, o que é alarmante, considerando que só se passaram algumas horas desde que a tempestade começou. Nuvens cor de carvão cobrem completamente o céu, transformando tudo em uma paisagem escura. Meus jeans estão completamente encharcados. Não consigo sentir as canelas, os ossos ficaram frágeis que nem vidro devido ao frio intenso.

Por que não fiquei no lobby do prédio? Ah, é, porque sou um idiota. Um grande idiota que agora está vagando por uma Seattle deserta, com um metro de neve e um par de All Stars congelados.

Pego meu celular com os dedos dormentes. 15h43. Faltam só alguns minutos para Cece e Vanna transmitirem suas ameaças ao vivo. Enquanto caminho com dificuldade pelas ruas nevadas de Seattle, abro as redes sociais do Café Gong no YouTube, Twitter e Instagram.

Conta não encontrada.

Tenho que parar quando uma onda de gratidão me atinge, me deixando zonzo. Umma desativou as contas. Ela acreditou em mim. Claro, Cece pode tentar enviar o vídeo de uma conta pessoal, mas, sem a credibilidade de postar sob o pseudônimo de um café de Seattle, as pessoas vão questionar e é menos provável que seja impulsionado pelo algoritmo.

Solto uma expiração forte, e minha risada se condensa na frente do rosto. Foi fácil assim. Mais ou menos.

Uma pequena parte de mim se sente mais leve por ter contado tudo, apesar do resultado e da minha situação atual. Sarang tinha razão —

sinceridade *é* a melhor política. Não preciso mais guardar segredos de ninguém agora.

Continuo andando. Andar é bom. Andar mantém o sangue circulando por mais tempo. A neve torna a cidade irreconhecível, transformando todas as ruas em um deserto plano e branco.

Um único ponto à frente chama minha atenção através dos flocos que caem. Uma pessoa. Outro idiota que nem eu a ponto de sair com esse tempo. Mantenho a cabeça baixa enquanto caminho com dificuldade, dando bastante espaço para a pessoa passar.

Então ela chama meu nome.

— River?

Levanto a cabeça rapidamente. A figura corre em minha direção, com os montes de neve a segurando como areia movediça. Sob o halo de um poste de luz, Kai para na minha frente, agasalhado com várias camadas de roupa e um cachecol que o vi costurar no ano passado, com as bochechas coradas.

— Oi... — começa ele, sem jeito. — O que você está fazendo aqui?

Meu corpo inteiro dói com a vontade de contar tudo para ele, como sempre faço, mas nossa conversa da noite anterior ergueu um muro impenetrável entre nós. Engulo a dor ácida e a única coisa que consigo é um sorriso fraco.

— Não importa. O que você está fazendo na rua?

— Saí com pressa ontem à noite e esqueci meu celular. Vim pegar.

Minhas sobrancelhas se franzem.

— Deixou onde?

— No café.

— Então o que você está fazendo aqui?

Kai me olha com uma expressão confusa.

— Como assim? — pergunta ele, apontando com o polegar para a esquerda.

Sigo seu olhar e olho para o beco ao nosso lado. Um beco familiar.

Meus pés me levaram ao Bingsu para Dois sem que eu percebesse.

Uma rajada de vento particularmente gelada passa por nós, soprando uma torrente de flocos de neve secos em meu rosto, que machucam como picadas de agulha. Estou tremendo tanto que meus dentes batem e fazem meu crânio latejar.

— Porra, que *frio* — pragueja Kai. — Melhor a gente entrar. Não sei se

podemos ficar aqui fora por muito mais tempo, nem voltar para casa assim.

— Você não viu nenhuma das nossas mensagens, viu? — interrompo.

— Não, eu não estava com meu celular, por quê?

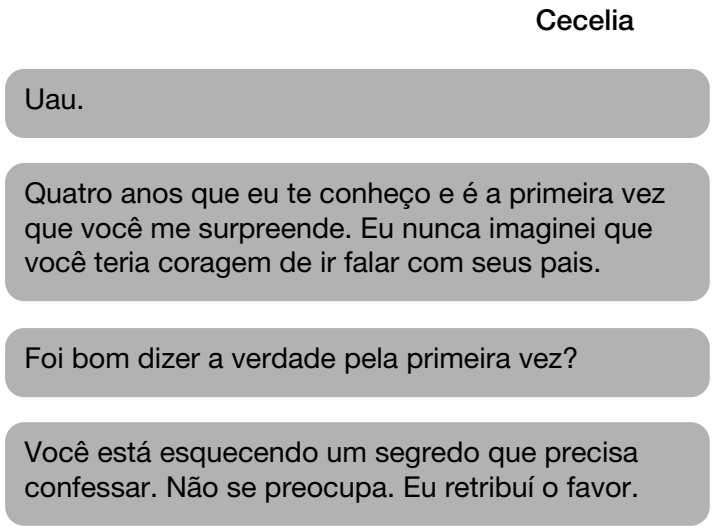
Ele não sabe. Balanço a cabeça.

— Eu explico lá dentro. Só… se prepare.

— Seja o que for, não pode ser pior do que morrer congelado. Vamos.

Kai se vira e caminha com dificuldade em direção ao beco e eu o sigo.

No meio da rua, meu celular vibra. Eu paro e o pego, esperando que seja a Umma ou meu pai implorando para o filho mais velho voltar para casa antes que vire um picolé humano, mas não são eles.



Kai esmaga a neve sob os pés quando volta para o meu lado.

— O que foi?

Olho perplexo para a mensagem.

— Eu… eu não sei.

Não tenho certeza do que ela está falando.

As portas do café ainda estão destrancadas quando entramos. Isabette, Dario e Sarang estão amontoados no balcão. Eles se viram ao ouvir o tilintar da campainha. Estremeço, antecipando um reencontro constrangedor ao ver Kai de volta, mas não. Eles mal notam sua presença. Estão todos olhando para mim.

Isabette está me encarando com raiva — nunca a vi assim antes. Dario parece mais horrorizado do que quando me beijou. E Sarang… Sarang está chorando.

De repente, fico hiperconsciente de tudo: meus membros congelados, o zumbido nos ouvidos, o medo se solidificando como um bloco de cimento em meu estômago.

— O que aconteceu? — pergunto, com a voz rouca.

Sarang pega o celular de Isabette e o segura. Há uma longa mensagem na tela e, pior ainda, prints. No topo da tela está o contato de Cecelia.

— É verdade? — pergunta ela, com a voz embargada. — Você escolheu propositalmente o novo local do Café Gong para tentar fechar o Bingsu para Dois? Você planejou nossa falência?

Acho que uma das minhas costelas deve ter perfurado meu pulmão. *Eu* fiz Sarang chorar. O ar sai de repente do meu peito. Não consigo falar. Não consigo me mover. Não consigo me explicar, porque a única coisa em que consigo me concentrar são as lágrimas se acumulando nos cantos dos olhos dela.

Kai se vira lentamente para mim. Ele está me estudando como se eu fosse um estranho, como se não nos conhecêssemos há mais de metade da nossa vida.

— O que está acontecendo? Isso é só mais uma das artimanhas da Cece… né?

Fala, imploro a mim mesmo.

A expressão de Dario está rígida e vazia.

— Você conspirou com sua ex-namorada para postar aquela mentira sobre o Kai também?

Meu coração fica preso na garganta. Não consigo falar. Ele ameaça me engasgar.

O silêncio sufoca a sala. Um momento depois, com um clique surdo e abafado, o relógio bate quatro horas.

Tardiamente, tudo vem à tona como vômito.

— Eu posso explicar — digo sem fôlego. — Não é o que parece. Quando nós éramos gerentes, coube a mim escolher o local da nossa nova filial e essa era a melhor opção porque… Olha, não foi nada *pessoal*. O Bingsu para Dois não tinha clientes, parecia que ia fechar a qualquer momento, então, sim, achei que seria inteligente para o Café Gong abrir aqui perto. Isso me destruiu depois que comecei a trabalhar aqui, sério, foi por isso que me esforcei tanto com nossos vídeos para compensar. Eu não sabia… Kai, eu não sabia que você trabalhava aqui, juro. Você *nunca* mencionou o nome, lembra? E eu não tive nada a ver com o que a Cece postou sobre

você online nem com qualquer outra coisa. Eu só fui contar tudo aos meus pais para eles impedirem a Cece de fazer a live com as acusações da Vanna sobre irregularidade no pagamento. Eu... eu admito, eu *tentei* fazer o Bingsu para Dois fechar as portas naquela época, mas agora — digo e procuro especificamente os olhos de Sarang — meu coração está aqui. Por favor, acredita em mim.

Sarang funga.

— Eu entendo — diz ela, com a voz se partindo como um copo de vidro caído no chão.

Olhar para sua expressão devastada é como andar descalço sobre os cacos.

— Entende?

Enquanto me ignora, Sarang desbloqueia o celular e começa a digitar. Eu a observo abrir o YouTube, entrar na conta do café e clicar no ícone da câmera que diz *Iniciar transmissão*.

Ela esfrega os olhos ao começar a transmitir para nossos milhares e milhares de seguidores.

— Olá — começa ela. — Desculpem por contar assim. Sei que muitos de vocês vão ficar decepcionados, mas isso precisa ser dito.

O som da voz dela anula todo o resto do barulho em meu cérebro. Só o que importa é ela.

— Nosso café anda enfrentando muitas polêmicas nos últimos dias, então eu só quero esclarecer uma coisa que é cem por cento verdade: River mentiu. Para todos vocês, para nós e para mim. É por isso que estou terminando com ele. Vocês não vão mais ver ele no café.

Ela se vira para mim em vez de para a tela. Com os olhos molhados fixos nos meus, arregalados e sem piscar, Sarang diz:

— Ele não é quem eu esperava que fosse.

30. A HIPOTERMIA TRAZ À TONA O PIOR DE NÓS, MAS PELO MENOS NÃO RECORREMOS AO CANIBALISMO OU ALGO DO TIPO

Então é assim que a gente se sente quando leva um pé na bunda.

Só que não foi exatamente isso, já que não estávamos juntos de verdade. Nunca estivemos — então por que dói tanto? Uma pontada de tristeza perfura meu estômago, e tenho que me lembrar de que não tinha nada a perder, então, não deveria lamentar a perda. Tudo isso era falso. Não deveria significar nada.

Mas significa. Significa muito. *Ela* significa muito para mim.

O tempo passa. Deve estar passando, porque agora o relógio marca 16h02. Só se passaram alguns minutos, mas tudo mudou. Isabette, Kai e Dario me encaram de forma diferente. Sarang sequer olha para mim. Minha cabeça parece uma bola de basquete esvaziando, virando o mundo de cabeça para baixo. *Você realmente quer terminar?*, quero dizer.

Uma vozinha insegura na minha cabeça responde: *Terminar o quê?*

— Sarang...

— Não quero ouvir. Você já não fez o suficiente? Nós... *isto* acabou.

A fraqueza que ameaça me partir ao meio é tão paralisante que minha mente se lança para o extremo oposto do espectro emocional: raiva. Ela flui pelas fendas vazias da minha alma, unindo os pedaços fragmentados. Raiva de Cecelia e Vanna por se unirem para nos colocar nesta confusão. Raiva de Dario por foder com as coisas com meu melhor amigo e me envolver no drama deles. Raiva de Sarang por não perceber tudo o que tentei fazer para compensar meu erro. Raiva dos meus pais por não entenderem por que me sinto da forma como me sinto em relação ao Café

Gong. Raiva de mim mesmo por *estar* com raiva e por ser a causa de tudo isso.

— Vou embora — é tudo o que digo.

É aí que as luzes piscam uma vez. Duas vezes. Em seguida, nos mergulham na escuridão total quando a energia acaba. O vento uiva como um animal, sacudindo as janelas de vidro.

— Ah, nem a pau — diz Kai, com a voz fraca.

Algo mais afiado bate nas janelas, e todos gritamos quando a porta da frente se abre.

— Sou só eu! — alguém responde, igualmente alarmado.

Vanna.

— É a...?

— Por favor — implora ela. Não consigo ver na penumbra, mas o chão se mexe com seus passos hesitantes. Ela acaba entre mim e Isabette quando finalmente para. — Eu estava presa lá fora. Por favor, me deixem ficar. Não tenho para onde ir.

— O Café Gong fica a dois quarteirões daqui, mas você não precisa que eu te lembre — responde Sarang, sarcástica.

— Foi de lá que eu vim. Fui demitida.

— Quê? — pergunto.

— Nós duas fomos demitidas: eu *e* a Cecelia.

Fico boquiaberto.

Sarang solta uma risada curta e seca.

— Uau. Você foi demitida do lugar que te contratou por vingança mesquinha? Quem diria. É muita cara de pau sua aparecer aqui depois do que planejou fazer. Sai daqui.

Piscando, vejo Sarang começando a se aproximar até Isabette segurá-la.

— Ela vai congelar se você a mandar embora. Por favor, deixa os dois ficarem, é muito perigoso.

Um silêncio rígido e constrangedor preenche o espaço. Em seguida, um suspiro de sofrimento.

— Puta que... Tá bom — diz Sarang. — Vou pegar umas velas.

— Eu vou com você — oferece Dario.

Ela não responde.

— Não acredito que você ainda está puta comigo.

— Cala a porra dessa sua boca. Eu posso ficar puta com quem eu quiser, especialmente se a pessoa merecer. Alguém que não seja o Dario, o River

ou a Vanna, vem comigo lá em cima pegar as velas e os cobertores. A Haneul e o meu pai estão no médico, então, estamos sozinhos.

— Eu vou — diz Isabette.

Passos ecoam ao longe. À medida que meus olhos se acostumam à escuridão, consigo distinguir as silhuetas de Kai, Dario e Vanna a alguns metros de distância. Do lado de fora das janelas, o luar se reflete na neve do beco, proporcionando um brilho frio e tênue. O silêncio paira sobre nós.

Kai suspira.

— Talvez...

— Eu não tive nada a ver com o que a Cecelia postou sobre você — interrompo. — Só para ficar claro.

— Mas teve tudo a ver com a tentativa de fechar este lugar — diz Dario, aproximando-se.

— Isso foi antes de eu trabalhar aqui ou conhecer vocês.

— Como se isso melhorasse as coisas.

— Você realmente queria que o Café Gong falisse a gente? — pergunta Kai baixinho.

Eu faço uma pausa.

— Queria.

— Por quê?

— Pelo mesmo motivo que eu — diz Vanna, surpreendendo a todos nós. — Interesses pessoais.

— O que você fez *não* é a mesma coisa — retruco. A frustração percorre meu corpo todo. — Você estava disposta a mentir e destruir a vida do sr. Cho e tudo pelo que trabalhamos tão duro para salvar, e a troco de quê? Um aumento? Você sabe o quanto magoou a Sarang? Ela pensava que você era amiga dela.

Ela fica em silêncio. E então:

— Ela provavelmente pensava que você também era amigo dela.

Solto um gemido entre as mãos. *Caraaaaaalhoooo*.

— Deixa ela em paz — diz Dario. — Vocês *dois* são egoístas.

— Quem é você para falar de egoísmo depois de beijar o melhor amigo do seu ex só para provar um ponto? — respondo com raiva.

Eu me preparo para levar um soco na cara. A esta altura, seria quase bem-vindo. Mas, em vez disso, a silhueta de Dario se encolhe.

— Eu... — Dario hesita, e começa de novo. — Me desculpa.

Por que isso faz com que eu me sinta pior?

Esfrego as têmporas.

— Beleza, cara. Foi só um beijo.

— Não é só por isso — continua ele. — Mas por isso também. Eu forcei você... A Sarang tinha razão, eu estraguei tudo, e ela tem razão de ficar brava comigo por isso. Mas também sinto muito por ter acabado com seu relacionamento ao fazer isso, em vez de só com o meu.

Ouço Kai inspirar profundamente, soltando o ar de uma só vez.

— Que relacionamento? Nós terminamos, como você já disse tantas vezes.

Passos pesados vêm da cozinha, poupando Dario de responder, e duas sombras surgem na sala de estar.

Sarang e Isabette se dirigem ao sofá surrado no canto. Nós quatro nos aproximamos relutantemente. Sarang pega um fósforo, acende várias velas e as coloca nas mesas ao redor. É pior, nos vermos na luz fraca e bruxuleante. Quero me esgueirar para trás e me esconder nas sombras, mas o frio já está penetrando no café, e ficarmos juntos é nossa melhor aposta para não congelarmos durante a noite.

Não tem cobertores suficientes. Isso significa que temos que nos sentar no chão, amontoados, jogando três cobertores em cima dos nossos seis pares de ombros apertados. Estou preso entre Dario e Vanna, que é o pior que poderia acontecer nesta situação.

Ninguém fala. O tempo se arrasta dolorosamente devagar. Cada segundo que passa, com todo mundo se contorcendo e reclamando do frio, me leva mais perto do meu limite. Depois de mais ou menos uma hora, estou tão à flor da pele que me sinto pronto para voltar para a tempestade. Estaria fazendo um favor para muita gente.

Percebo então que todo mundo neste círculo está irritado comigo, por uma razão ou outra. Uma risada curta escapa antes que eu consiga segurá-la.

— Do que você está rindo? — pergunta Sarang bruscamente.

Estou cansado demais para brigar com ela.

— Disto — digo. — Isto é uma *bosta*. Tudo é uma bosta.

— O quê, ter que enfrentar as consequências de suas próprias ações? — Vanna diz no meu ouvido. Arrepios se levantam na minha bochecha.

— Eu poderia te perguntar a mesma coisa.

— Eu fiz o que tinha que fazer.

— Você está dizendo que teve que trair a confiança de todos os seus amigos? — Isabette, logo ela, intervém. — É esse tipo de pessoa que você realmente é?

Vanna fica rígida.

— Talvez.

— Se é assim que você trata seus amigos de *anos*, só posso imaginar como você me trataria. — Ela ri baixinho de si mesma. — Ainda bem que não vou ficar para descobrir.

A luz das velas projeta sombras duras no rosto contorcido de Vanna.

— Meu bem…

— Se não for um pedido de desculpas, dá para calar a boca? — retruca Sarang.

— Você é a última pessoa a quem devo desculpas. Você *e* sua irmã — dispara Vanna com tanto veneno que todos nós nos sobressaltamos em resposta. — Eu não tive escolha a não ser aceitar a oferta da Loirinha no Café Gong. Vocês duas foram as únicas pessoas para quem contei que minha irmã seria entregue para adoção em breve; vocês sabiam que eu precisava do dinheiro. Mas aparentemente isso não importa, porque estou ocupada demais para ser gerente enquanto tento salvar minha família e luto na justiça, não é mesmo? O que é preciso para administrar este lugar não é nada comparado às minhas responsabilidades em casa todos os dias.

Eu estremeço, e os olhos de Sarang se arregalam, vidrados e atônitos. Vanna bufa.

— Não fique tão chocada. Eu ouvi você e a Haneul falando disso quando estavam decidindo quem ia ser o próximo chefe. — Ela começa a rir de nervoso. — Vão se foder vocês duas por acharem que um salário de meio período compra minha lealdade, sendo que vocês nunca me apoiaram.

Sarang se inclina para a frente, com o olhar lacrimejante, mas ainda cortante.

— Nós *nunca* te apoiamos? E quando meu pai te deu um emprego para te salvar das ruas? E os *meses* que você dormiu no meu quarto quando não tinha onde ficar? Estávamos só te comprando com um salário, é? Achei que nós fôssemos *amigas*, mas amigas não tentam tirar o teto da cabeça da sua família.

— Era *sua* família ou a *minha*, tá? — Vanna praticamente grita. Eu me assusto tanto que bato em Dario, de tão perto que estamos sentados. Ela

abaixa o tom, com a voz trêmula. — Eu não queria fazer isso com vocês. Lógico que não. Mas minha irmã *não tem* um teto há muito tempo. Era minha última oportunidade. Se ela for para um lar temporário, eu posso perdê-la para sempre. — Virando-se para olhar nos olhos de Isabette, ela diz: — *Esse* é o tipo de pessoa que eu realmente sou. O tipo que nunca teve o luxo de tomar decisões fáceis.

A ausência de som suga o ar da sala. Kai se mexe inquieto, tremendo ao lado de Isabette.

— Gente...

Sarang solta um sonzinho estrangulado. Ela enterra o rosto nas mãos. Nós esperamos. Observo a sombra de sua figura em busca de qualquer movimento, meu próprio corpo tenso.

— Eu gostaria de não entender seus motivos — diz ela, finalmente. — Mas eu entendo. E ainda estou irritada, e dói pra caramba que você fosse fazer algo assim conosco, mas... Me desculpa por termos te descartado tão rápido para o cargo de gerente.

Vanna a avalia por mais um momento.

— Para ser sincera, não foi realmente uma questão da *minha* família ou da *sua*. Foi só o que eu disse a mim mesma para ser mais fácil. Você também é minha família. Desculpa. Queria que não tivesse chegado a esse ponto.

— Eu também.

— Eu não sabia que sua irmã estava prestes a ser levada para um lar temporário — diz Kai, em tom solidário. — Não consigo imaginar como você se sentiu.

— Impotente — responde Vanna. — Até que uma solução caiu no meu colo.

— Eu provavelmente teria feito o mesmo se fosse um dos meus irmãos — comenta Dario, melancólico.

Eu também teria feito o mesmo se fosse pelo Jace, percebo.

Vanna se vira para me olhar nos olhos, quase batendo o nariz no meu.

— Se você não tivesse impedido a Loirinha e eu, seria difícil me perdoar. Obrigada.

O embrulho no meu estômago se desfaz um pouco. Minha raiva injusta por ela se dissipa.

— Você estava cuidando da sua irmã.

Isabette começa a fungar.

Vanna ri e passa um braço pelos ombros dela, puxando-a para o seu lado.

— A gente não tem lenço, Betty. Se você chorar, as lágrimas vão congelar no seu rosto.

— D-d-desculpa.

Isso vem com mais peso do que uma simples palavra, mas Vanna deve ter entendido, porque só a abraça com mais força e enxuga suas bochechas com a manga da blusa.

— É uma conversa e tanto para se ter sóbrio — murmura Kai.

— Você não bebe — fala Dario.

— Talvez eu beba agora. Você não me conhece.

— Eu nunca conseguiria te esquecer.

Ele não poderia ter soado mais carinhoso nem se tentasse. Até *minhas* orelhas ficam quentes. Kai se endireita como se tivesse levado um choque, o cobertor escorregando de seus ombros.

— Vai se foder — rosna Kai. — Você sempre faz isso. Eu odeio.

— Eu sei — diz Dario, arrependido. — Desculpa. Por ontem e pelos últimos dois meses. Não tenho sido um bom ex.

— Ninguém te pediu para ser meu ex, para começar.

— É melhor assim. Pensa em setembro do ano que vem. Na Flórida. Eu… não consigo lidar com o fato de você estar a quatro mil e quinhentos quilômetros de mim pelos próximos quatro anos. Dói demais. É melhor um adeus limpo. Terminar era a opção mais fácil.

— Era mesmo? — Kai zomba. — Isso aqui foi mais fácil?

O vento assobia do lado de fora do café.

— Nem um pouco — admite Dario. — Eu estava errado.

Uma quietude se instala ao nosso redor na corrente de ar frio. Ela se prolonga por tanto tempo que temo que se esgote e se dissipe e eu perca minha oportunidade. A pressão aumenta cada vez mais. Até que, finalmente, quebro o silêncio naquela que pode ser minha última chance.

— E você, Sarang?

Ela levanta a cabeça rapidamente.

— O que tem eu?

— Sei que está pensando alguma coisa. Eu quero ouvir.

Ela pisca, ficando em silêncio por tanto tempo que temo que não vá responder. Mas ela responde.

— Sabe no que estou pensando? — Sua voz ganha força enquanto ela

fala. — Estou pensando que odeio quem finge ser algo que não é. Quem mente, guarda segredos e te faz confiar contando histórias tristes sobre uma ex com quem conspirou o tempo todo. E depois te confunde sendo egoísta e idiota numa hora, mas também... também tentando compensar os seus erros, ficando do seu lado enquanto você chora e fazendo tudo o que pode para salvar o café da sua família depois de ter tentado sabotar. Estou pensando que, de todo mundo que está falando aqui, quem mais precisa não está *se explicando*, e odeio ele por isso.

Algo dentro de mim se agita.

— Você odeia alguém que vai tentar?

Sarang cruza os braços.

— Vai lá.

Então eu tento. E, pela primeira vez, sou completamente sincero. Sem segredos. Sem mentiras. Conto tudo para eles. Desde quando Cecelia e eu fomos nomeados cogerentes e eu fiquei responsável por escolher o local da nossa nova filial só para fazer *algo* certo aos olhos dela e dos meus pais. E ainda fui além: contei sobre a época em que o café da minha família era igual a esse em que estamos agora, quando eu ainda era um filho com potencial, em vez de um funcionário que decepcionava todo mundo. Como me senti mal quando percebi que a minha decisão quase destruiu o Bingsu para Dois — o único lugar que me lembrava do lar que eu tivera — e que tudo o que fiz pelo café depois disso foi para tentar conseguir perdão. Até que deixou de ser assim; se transformou em uma paixão por este lugar e pela família que eu desejava ter há anos.

Tento me concentrar no que estou dizendo, em vez de nas reações deles. Ignoro suas expressões atônitas quando explico que o objetivo de Cecelia era transformar o desastre do Bingsu para Dois na sua própria história de sucesso. Eu me forço a não me contorcer sob os olhares intensos e compassivos quando conto que a única maneira de impedi-la era confessando tudo aos meus pais, cada detalhe de como eu, sozinho, arruinei os sonhos deles e desperdicei o sacrifício deles, e paguei o preço quando fui expulso de casa há uma hora e meia. Como valeu a pena e como eu faria tudo de novo só para provar o quanto este lugar e as pessoas aqui são importantes para mim.

Durante tudo isso, Sarang ouve com uma expressão perfeitamente impassível. Não demonstra nenhuma emoção e nunca desvia o olhar.

Quando enfim termino, parando ao chegar à parte em que Cecelia

conta meu segredo, estou suando. De repente, não parece mais que estamos presos em uma sala que é quase uma câmara fria, sem aquecimento ou eletricidade. Esqueço a tempestade. Esqueço todos os outros.

Espero por Sarang.

Ela me olha de cima a baixo. Então estende o dedo mindinho e, com uma voz calma, me pergunta:

— Por que você fez tudo isso, River?

Eu pisco. Depois pisco de novo. Tenho que dizer a verdade.

Entrelaço meu dedo no dela.

— Por você — respondo.

É a resposta errada.

Sarang se levanta sem dizer nada e sai do café, entrando na noite.

31. NÃO ACREDITO QUE NÃO FIZ ISSO UM TEMPÃO ATRÁS

Fico paralisado até que Vanna bate no meu ombro.

— Não sei se você sabe, mas é agora que você corre atrás dela — ela me diz.

E então eu corro.

No instante em que abro a porta, uma rajada de vento embaça meus óculos e me cega, mas corro para o frio mesmo assim, confiando na memória para me guiar. A neve cobre o chão, acumulada em uma camada tão alta que afundo até as coxas. Não tem como Sarang ter ido muito longe desse jeito.

Como era de se esperar, quando chego à entrada do beco, vejo-a parada no meio da rua. A energia caiu em todo o quarteirão, e as nuvens de tempestade obscurecem o céu noturno e as estrelas, mas a neve tem um brilho surreal que me permite vê-la, um tom fraco que quase engole a sombra imóvel de suas costas.

Não chamo seu nome ao me aproximar, mas ela deve ouvir o barulho abafado dos meus passos. Ela não se vira nem corre. Chego ao lado dela e olho para baixo. O pânico pulsa nas pontas dos meus dedos.

— Você está chorando? — pergunto, alarmado.

Ela pressiona as costas das mãos nos olhos, surpresa com a umidade que se acumula ali.

— É só o frio.

— Desculpa. Eu nunca quis te magoar.

Ela se vira para me encarar, o movimento dispersa alguns flocos de neve espalhados pelos cabelos, que flutuam com a brisa. Suas bochechas estão vermelhas e brilhantes. Ela está dolorosamente linda. Queria que as luzes da rua estivessem acesas para que eu pudesse vê-la de verdade, mas assim também está bom. Assim, ela parece saída de um sonho.

Eu me pergunto quando comecei a compará-la a sonhos em vez de pesadelos.

— Você precisa parar de fazer isso — diz ela.

— Fazer o quê?

— Dizer o que acha que as pessoas querem ouvir. Aquilo lá? Quando eu perguntei por que você fez tudo isso?

— Mas e se eu realmente fiz isso por você?

— E se — repete ela, sem entusiasmo. — Parece que tudo o que você já fez foi pelos outros. O que eles esperam, o que eles pensam de você. River, você deveria tomar decisões por *você*. A vida é *sua*. — Sarang enfatiza seu argumento com um cutucão no meu peito. — Não se preocupa comigo; eu estou bem. Eu sei o que quero. — Ela abre os dedos e pressiona a palma da mão sobre o meu coração. Ele bate rápido sob o toque dela. — Você sabe?

— Eu... — Quando ela me olha assim, meu cérebro enlouquece. Tento de novo. — Não tenho certeza. Nunca me perguntaram isso antes.

Sua expressão se altera, escurecendo sob o céu sem lua. Seus dedos se curvam e se afastam. Agarro sua mão antes que ela possa me soltar e entrelaço nossos dedos mindinhos.

— Você quer a verdade? — pergunto. — Quer saber como me sinto de verdade? O que eu realmente quero?

— Sim — sussurra Sarang.

Solto uma risada, entrelaçando o restante dos meus dedos nos dela.

— A verdade é que eu não sei. Eu nunca soube: sempre foi decidido por mim, eu nunca tive que pensar nisso. Fiquei preso num caminho por tanto tempo que não percebi que era possível seguir outro. Então, menti e fingi que estava feliz com quem eu era e com o rumo da minha vida. Mas isso só causou mais problemas para todo mundo no final. Era mais fácil fazer o que todos queriam que eu fizesse, mas, depois que te conheci, deixou de ser. Cansei de mentir para mim mesmo.

Os lábios de Sarang se contraem, como se ela não soubesse como reagir nem aonde eu quero chegar com isso. Mas ela não solta minha mão, o que é um bom sinal. Com ela na minha frente, finalmente entendo. Algo se encaixa. Estendo a mão e seguro seu rosto, passando o polegar por sua bochecha. Ela inclina a cabeça contra a minha mão.

— E talvez não tenha problema ainda estar descobrindo quem eu sou ou o que vou fazer — digo, mais baixo. O momento parece nos envolver, nos separando do resto da rua e da noite. — Talvez não tenha problema

em não ter respostas para tudo o tempo todo. Tenho só dezessete anos. Quem é que sabe alguma coisa aos dezessete anos?

Sarang sorri maliciosamente, com os olhos brilhando.

— Fale por você.

Sua voz fica suave como mel quando ela está feliz. Como eu nunca percebi isso antes? Saboreio essa sensação agora, sua doçura pegajosa. Ergo a outra mão para acariciar seu rosto. O sorriso malicioso de Sarang se suaviza, os cantos de sua boca transformaram-se. Paciente. Ela segura meus pulsos. Desta vez, não quero me afastar.

— Sempre foi difícil decifrar meus próprios sentimentos. Mas nunca perto de você — confesso. A vulnerabilidade tira o fôlego dos meus pulmões; ou será que é ela? Meus joelhos tremem, não apenas de frio. — Eu soube exatamente o que senti quando a gente se conheceu, quando você jogou café na minha cabeça.

— Me fala o que você estava pensando.

— Eu pensei: "Meu Deus, como eu odeio essa garota de cabelo verde. E ainda bem que o café não está quente."

— Você mereceu. Além do mais, você jogou um saco de *grãos de café* no meu sutiã.

— É exatamente disso que estou falando. Eu nunca teria feito isso antes de te conhecer. Você traz à tona o meu lado mais ousado e impulsivo, que eu nem sabia que existia. Mas a sua coragem e sinceridade também são contagiosas; elas me fazem querer ser verdadeiro. Foi por sua causa que tive coragem de finalmente sair do Café Gong, enfrentar minha ex e confrontar meus pais hoje à noite. É por causa de você… *por* você que finalmente consegui fazer e dizer as coisas que sempre quis. No começo foi difícil encontrar um nome para esse sentimento que tenho sempre que penso em você. É como ser engolido por ele. Apesar de que, eu acho que sempre soube o que era, só não tinha coragem de reconhecer. Agora sei. Eu sei o que sinto.

Os dedos de Sarang dançam sobre a pele fina dos meus pulsos. Tenho certeza de que ela consegue sentir meu coração acelerado contra seu toque. Mais baixinho e mais insegura do que antes, Sarang repete:

— Me fala.

— Eu gosto de você, Sarang.

Nada jamais soou tão certo saindo da minha boca.

— Tem certeza? — ela ainda pergunta.

E eu fico feliz que ela pergunte, porque finalmente posso revelar o que mantive em segredo dela e de mim mesmo esse tempo todo. Para alguém que sempre teve dificuldade de encontrar as palavras certas, uma enxurrada delas me vem nesse momento.

— Nunca tive tanta certeza sobre nada na minha vida. Gosto tanto de você que não consigo acreditar que seja possível alguém *sentir* tanto de *alguma coisa*. Você me faz pensar coisas idiotas, tipo que ninguém nunca experimentou isso antes ou, se experimentou, estava errado porque não era por *você*. Sou obcecado por suas covinhas, chega a ser constrangedor. Toda vez que vejo a cor verde, você surge na minha mente. Café era meu aroma favorito até eu ficar perto o suficiente para sentir seu perfume pela primeira vez. A voz da razão na minha cabeça soa exatamente como a sua, e é em você que penso quando desejo ser alguém melhor, alguém honesto, alguém *bom*. E, sim, você tem um temperamento explosivo, é impaciente e um pouco teimosa, mas eu gosto desse seu lado tanto quanto gosto da sua gentileza, da sua confiança, da sua generosidade e do seu rosto, que é o mais bonito que já vi, por si...

— Tá bom, para! — diz Sarang, começando a rir.

Ela abaixa a cabeça, batendo os dedos no meu antebraço. Eu me inclino. Quando ela olha para cima, seus lábios estão abertos em um sorriso tímido, e seu rosto está corado.

— Finalmente a gente concorda com alguma coisa.

Meu peito se enche de alegria.

— Concorda? — provoco.

— Você vai mesmo me fazer dizer?

— Dizer *o quê*?

Ela murmura sua resposta na palma da minha mão:

— Eu também gosto de você, babaca.

Ela olha para cima. Seus olhos param na minha boca.

— Você vai esperar a tempestade passar para me beijar? — pergunta Sarang sem fôlego.

Eu me abaixo e seguro sua cintura, puxando-a para mim enquanto ela joga os braços ao redor do meu pescoço. Ergo seu queixo para juntar nossos lábios e, quando eles se encontram, Sarang suspira em minha boca. Meus olhos se fecham. Seus lábios são macios e quentes contra os meus, apesar do ar gelado que esfria todo o meu corpo, exceto onde ela está encostando. Os movimentos de Sarang são lentos, tímidos. Então ela

começa a seguir meu ritmo, e é um gesto tão silencioso e íntimo de confiança que faz meu peito apertar em torno do buraco macio e dolorido que é meu coração.

Não explodem fogos de artifício atrás dos meus olhos e não toca uma música orquestral brega nos meus ouvidos — é melhor do que isso. Porque eu estou finalmente, *finalmente*, beijando Sarang. É mais do que eu jamais esperei, porque é ela. São as mãos de Sarang passando pelos meus cabelos. Seus lábios presos entre os meus. O gosto dela quando abre os lábios para mim. Sempre foi ela, mesmo antes de eu saber.

A cócega suave de sua respiração sob meu nariz me faz sorrir, o que a faz sorrir de volta no beijo, e nossos dentes se tocam desajeitadamente. Sarang vira o rosto para rir no meu pescoço. Acaricio a nuca dela para mantê-la ali, enquanto seguro minha própria risada. Quando ela se afasta, pressiona os dedos nos lábios, escondendo o sorriso que se forma atrás da mão.

— Então — diz ela com atrevimento. — Você tem um crush em mim?

— Minha língua estava literalmente dentro da sua boca *nesse segundo* — rebato.

— Own, você está constrangido.

— Você vai ser uma merdinha a noite toda? Ou posso te beijar de novo?

Ela aperta as mãos na gola da minha blusa, já se inclinando para cima.

— Eu consigo fazer várias coisas ao mesmo tempo.

Reviro os olhos, ainda sorrindo que nem um idiota. Então eu a puxo para perto de mim e a beijo de novo. E de novo. E talvez mais uma vez, por precaução.

32. ESPERO QUE ISSO NÃO SE VIRE CONTRA MIM

Quando os lábios de Sarang estão vermelhos de tanto morder e meus pulmões parecem que vão explodir, percebemos que está nevando novamente. Eu me afasto e olho para cima, e uma gota cai no meu olho. Não, está *chovendo*.

Fico grato pela escuridão total do café quando entramos, assim ninguém pode ver o rubor nem o sorriso idiota estampado no meu rosto. Não que alguém fosse notar, já que não tem ninguém lá dentro.

— Pessoal? — chama Sarang.

— Oi. — A voz surpresa de Isabette ressoa de uma das mesas do salão. Ela levanta a mão, sua sombra acenando para nós. — Estamos aqui.

Nós nos aproximamos, parando diante dela e Vanna em um dos assentos de canto ao lado da janela. Elas estão sentadas muito próximas, e Vanna está com o corpo inteiro apoiado em Isabette.

— Se divertindo de conversinha aí? — pergunta Sarang com sarcasmo.

— Se divertiram dando uns amassos lá fora? — rebate Vanna.

— *Ok* — digo, mudando de assunto. — Cadê o Dario e o Kai?

Algo na cozinha faz barulho como se fosse uma panela caindo. Alguns momentos depois, duas silhuetas sombrias emergem. Acho que suas mãos estão entrelaçadas, mas, quando eles se juntam a nós no canto, não estão se tocando, então pode ter sido só um truque da luz. Pelo sorriso que vejo no rosto de Dario, provavelmente não foi.

— Ei, o que perdemos? — pergunta Kai, a voz mais aguda do que o normal.

— Vanna e eu estávamos conversando sobre as páginas do café nas redes sociais — diz Isabette.

— Entre outras coisas.

— Sim, *obrigada*. Enfim, precisamos fazer algo para salvar nossa

reputação depois de tudo isso. Então, pensamos em algumas estratégias para...

— Desculpa — interrompo. Todos me olham. — Não quero interromper, mas também pensei nisso. — Umedeço os lábios com a língua, subitamente nervoso. — Acho que precisamos só contar a verdade.

— Sobre o quê? — pergunta Dario.

— Tudo. Desde o início, tudo. Que a Sarang e eu estávamos apenas fingindo namorar, que usamos a fama na internet para salvar a loja e também explicar a situação de chantagem com o Kai.

— Quê? — grita Kai. — Por que faríamos isso? Podemos perder nossos inscritos!

Coço o pescoço, fazendo uma careta.

— Sinceramente? Eu... acho que devíamos encerrar o canal.

Ele faz um som no fundo da garganta, como se estivesse se engasgando.

— Você quer fazer exatamente o que a Cecelia chantageou a gente para fazer? — pergunta Isabette.

— Isso vai contra... bom, tudo o que passamos esta noite — diz Dario. — É o que sua ex queria.

— Por quê? — pergunta Sarang, mais calma do que eu esperava.

Um calor invade meu peito com a paciência dela. Ela confia em mim o suficiente para me ouvir, mesmo sobre algo tão importante para ela quanto este café.

Sem me importar com os outros, seguro a mão dela e a encaro.

— Não estou falando para excluir os canais, só parar de fazer vídeos. Neste momento, isso está trazendo mais prejuízos do que benefícios. A fama na internet mudou a gente. — Abaixo a cabeça, esfregando os nós dos dedos dela com o meu polegar. — Isso não significa que algumas mudanças não tenham sido boas, mas você mesma disse: estamos atuando. E, no fim, a internet vai se cansar do show que estamos fazendo. Melhor sermos sinceros. Acho que devíamos fazer um último vídeo explicando tudo como uma conclusão para o canal. Vi alguém passar por uma situação semelhante e foi assim que a pessoa conseguiu sair.

— Quem? — pergunta Vanna.

Isabette geme.

— Não me diga...

Dou um sorriso tímido.

— O personagem principal de *Filho do pecado*.

— Ai, céus — diz Kai.

— Ele não estava sendo atacado pela *internet* em si, mas todas as suas mentiras o colocaram em apuros, e a única maneira de consertar tudo era finalmente encarar a verdade. Viu? É por isso que vocês deveriam ter lido os livros.

— Mas e os negócios? — pergunta Vanna, voltando à conversa. — Este lugar estava indo à falência antes de a gente viralizar. E se isso acontecer de novo?

Franzo os lábios.

— É um risco real que temos que correr, mas não vamos excluir os canais; nossos seguidores e nosso engajamento não vão desaparecer imediatamente. Além disso, trabalhamos duro para construir uma comunidade com clientes na região, isso tem que valer alguma coisa.

— Então é isso? Não vamos mais fingir para a câmera? — pergunta Sarang.

Todos olham para mim, esperando uma decisão final, mas não recuo diante dos olhares deles. Desta vez, me sinto confiante de que estou fazendo a melhor escolha para nós.

— Chega de mentiras — falo, com um aceno de cabeça. — Vocês concordam?

As chamas das velas tremulam em cada um dos rostos incertos e sérios. A chuva continua a cair lá fora, batendo nas janelas e derretendo a neve num lamaçal com o qual a cidade está mais familiarizada.

Então:

— Estou dentro — diz Kai.

— Eu também — concorda Dario.

Vanna coloca os pés na mesa.

— Se o River acha que é isso que a gente deve fazer, eu confio nele.

Sentindo-me leve, eu me viro para Sarang ao meu lado. Ela já está olhando para mim com uma expressão estranha.

— O que foi? — pergunto, apertando nervosamente sua mão ainda entrelaçada na minha.

Ela balança a cabeça com um sorrisinho.

— Estava pensando que você *acabou* mesmo se tornando um social media melhor do que barista, afinal. — Ela levanta o dedo mindinho. — Estou dentro. Chega de mentiras.

Radiante, entrelaço meu dedo mindinho no dela.

— Nosso último vídeo — murmuro.

Parece mais um adeus do que qualquer outra coisa, e é um adeus agridoce. Mas é para o bem de todos.

Enquanto arrumamos as velas perto do sofá, nos preparando para filmar, a energia volta. As luzes fluorescentes são um choque no sistema, como um balde de água fria. Um momento depois, o aquecedor liga com um zumbido metálico.

— Graças a Deus — diz Kai. — *Wi-Fi*.

Procuro por Sarang, imaginando se essa descoberta entre nós vai ser diferente sem o disfarce e o segredo da escuridão. É diferente — parece mais real, o que torna tudo ainda melhor. Ela percebe que estou olhando e mostra a língua. Um sorriso se espalha pelos meus lábios.

A maquiagem dela está toda borrada por causa dos nossos beijos e da neve, e o cabelo está uma bagunça de frizz. Ela está ridícula, e eu gosto muito, *muito* dela. Mal posso esperar para borrar mais aquele batom.

— Estão prontos? — pergunta Isabette enquanto mexe no celular.

Kai e Vanna sentam-se em cada um dos braços do sofá. Dario senta-se ao lado de Kai, passando o braço pela cintura dele de forma não muito sutil. Sarang senta-se ao lado de Vanna, o que me deixa no meio.

Isabette nos mostra três dedos. Dois. Um. *Vai*, ela diz sem som.

INT. "BINGSU PARA DOIS"/SALÃO — NOITE

Apertados no sofá, KAI, DARIO, RIVER, SARANG e VANNA trocam olhares silenciosos e sem expressão entre si. O letreiro BLÁ! meio apagado zumbe ruidosamente acima da cabeça deles, iluminando-os em luzes piscantes. Sarang cutuca River com o cotovelo.

RIVER

Eu começo? Hm. Oi, pessoal. Não liguem para todas as velas espalhadas. Provavelmente parece que estávamos fazendo uma sessão espírita, mas não estávamos. Não fazemos coisas ocultas aqui. Fazemos em outro lugar. Rá, só… só brincando. Não, é que a energia caiu e…

SARANG

Dá para parar de enrolar?

RIVER

(apressado)
Este é nosso último vídeo. Vamos encerrar o canal.

KAI

(dramaticamente)
O queeeeeeê?

RIVER

Obrigado por isso, Kai. Sim. A gente vai se afastar das redes sociais. Nós, é…

(sem encontrar as palavras)

SARANG

Não temos sido sinceros por aqui. Isto não somos nós, não é o Bingsu para Dois, e a atuação começou a afetar todos os envolvidos. Alguns de nós foram alvos de ataques. Tivemos que fazer escolhas difíceis.

Ela olha para River.

Também tivemos que mentir — para nós mesmos e para todos vocês.

Um momento de silêncio pesado toma conta do salão. River e Sarang trocam olhares constrangidos. River faz uma cara do tipo "você vai contar ou conto eu?", o que é impressionante já que ele só ergue as sobrancelhas.

SARANG

Eu e o River só fingimos ser um casal para viralizar. Eu odiava mentir, mas… era pelo negócio. Era o que eu ficava dizendo para mim mesma.

(mais baixo, olhando para o colo)

Mentir ficou mais fácil. Para mim e para todos vocês. Nós nunca namoramos, e nosso término também não foi real.

RIVER

Todos queriam que ficássemos juntos, então entramos na onda para salvar o café. Eu sinto muito por termos mentido, mas…

Hesitante, ele olha para Sarang, que já o observa com os olhos arregalados e curiosos.

RIVER

Não me arrependo.

A câmera não captura a reação de Sarang — ela surge e desaparece, um flash de algo que apenas River parece ver. Isso o faz sorrir.

Dario pigarreia.

DARIO

Outra razão pela qual a gente vai se livrar das redes sociais é por segurança. Não íamos falar disso, mas é uma merda e merece ser denunciado. Alguém atacou o Kai e incriminou ele online, depois tentou colocar todos nós uns contra os outros.

Ele olha para River.

Você quer…?

RIVER

(pensativo)

Na verdade, não. Não vou revelar quem ameaçou a gente. Não quero jogar lenha na fogueira que eles acenderam. Só quero seguir em frente e esquecer. Ela — *eles* — não significam mais nada para mim. Tudo bem, Kai? Você decide se quer denunciar. Foi você que eles atacaram.

KAI

Quer saber? Acho que vou tentar esse negócio de "ser mais maduro". Não

dou a mínima para o que eles têm a dizer sobre mim ou para o que a internet acredita que eu fiz. Eu sei que não fiz nada. Isso é suficiente.

(pausa)

Uau, que estranho.

SARANG

É bem estranho, mesmo. Normalmente, ninguém guarda rancor melhor do que você.

DARIO

(resmungando)

Verdade.

RIVER

É em parte por isso que estamos encerrando o canal. Mas queremos agradecer a todos vocês que assistiram e nos apoiaram durante todo esse tempo. Nunca pensamos que teríamos tanto sucesso na internet…

ISABETTE (OFF)

Você não pretendia que aquele vídeo original viralizasse, né?

RIVER

(desajeitado)

É, foi sem querer.

VANNA

Ah, sim, você postou na sua conta de fandom, não foi?

RIVER

Não estamos fugindo do assunto?

SARANG

Acho que suas tendências de fanboy sempre deviam ser o assunto. Especialmente quando elas te deixam com vergonha.

KAI

(sinceramente)

Espera, gente, quero dizer uma coisa séria. O Bingsu para Dois só continua existindo por causa dos seguidores e de todos vocês que assistem. Este café é tipo uma segunda casa para mim, especialmente porque minha família nem sempre está por perto. Então, obrigado por mantê-lo vivo.

Dario levanta a cabeça, seus olhos vagando por todo o rosto de Kai. Um sorrisinho se forma em sua boca, e ele morde os lábios para segurar.

DARIO

Trabalhar aqui também significa muito para mim. Não sei o que eu faria se fechássemos.

VANNA

Eu estaria perdida se este lugar não existisse. Eu *estava* perdida, até que o sr. Cho me deu um emprego.

(fazendo uma careta)

Fico feliz que alguns estranhos na internet tenham nos achado divertidos o suficiente para nos manter de portas abertas. Obrigada. Todos que trabalham aqui são minha família.

Sobrando apenas River e Sarang, eles se viram um para o outro ao mesmo tempo. Sarang pisca, com uma expressão tensa, como se não soubesse o que dizer ou como.

SARANG

No começo, eu era contra tudo isso. Essa coisa da internet. Parecia falso. Mas o apoio que todos vocês demonstraram pelo Bingsu para Dois — isso era real. Eu sentia todos os dias, a cada novo cliente que entrava. Obrigada. Este café é tudo para mim.

River está paralisado. Assim que Sarang termina de falar, ela abaixa a cabeça e fica olhando para os joelhos, e River continua observando-a. Seus ombros ficam tensos. Então, ainda olhando para o rosto escondido dela, ele fala.

RIVER

(melancólico)

É a primeira vez que sinto que pertenço a algum lugar. Que quero *estar* em algum lugar. Eu estava em uma situação estranha antes de vir para cá e nunca imaginei que me sentiria… tão completo. Eu tive aqui o propósito que estava procurando em outros lugares e nunca encontrei. E foi por causa de vocês seguidores.

Ele se vira para olhar para Vanna, Dario e Kai.

E de vocês também.

KAI

Oooown.

VANNA

Meu coração congelado está derretendo um pouco.

RIVER

Estou falando sério. Obrigado. Não sei onde estaria ou quem seria se nunca tivesse vindo trabalhar aqui.

Finalmente, Sarang levanta a cabeça e encontra o olhar intenso de River. Ele sorri, e seus olhos se suavizam. A expressão dela se transforma em algo tranquilo, uma percepção íntima. Ela se vira para a câmera, dando um sorriso sincero para a internet pela primeira vez.

SARANG

É isso. Nosso último vídeo. Sabemos que postar vai ser um risco. Não tenho certeza do que vai causar nos negócios do Bingsu para Dois. Então, por favor, venham visitar a gente no café. Nós… *eu* adoraria conhecer todos que nos apoiaram, para poder agradecer pessoalmente.

Isabette corta. Alguém diz algo sobre editar e publicar o vídeo, mas não estou prestando atenção. Estou focado apenas em Sarang. Ela percebe meu olhar. Sem dizer nada, se aproxima e segura minha mão, apertando-a com força.

Ela confiou em mim para tomar essa decisão. Ela sempre confiou em mim.

Espero sinceramente não a decepcionar.

33. VOCÊ ESTÁ ME DIZENDO QUE MINHAS AÇÕES TÊM [CHECA A ANOTAÇÃO NA MÃO] CONSEQUÊNCIAS?

Acordo com a chuva batendo na janela e uma vontade louca de mijar. É difícil abrir os olhos. Levanto a mão para protegê-los dos raios ofuscantes do sol, antes de perceber que não é o sol. É uma luz fluorescente no teto. Onde é que eu estou?

Os acontecimentos da noite passada vêm à minha mente. Não me lembro de ter adormecido. Depois de gravarmos e postarmos o vídeo, eu estava em um estado de adrenalina tão intenso que o restante da noite foi um borrão, mas me lembro vagamente de ter deslizado para me sentar no chão e alguém se juntar a mim.

Aí, um peso espalhado sobre minhas pernas se move. Olho para baixo e vejo Sarang dormindo profundamente, com a cabeça apoiada no meu colo e os cabelos verdes espalhados feito uma auréola desgrenhada sobre minhas coxas. Seu nariz se contrai e ela resmunga durante o sono antes de se aconchegar e acariciar minha barriga. *Puta merda*. Que coisa adorável.

Meu deus, eu preciso muito fazer xixi.

Outro barulho se junta ao som da chuva batendo no telhado. Meu cérebro ainda confuso de sono não percebe o que é até que a campainha da porta da frente toca e Haneul e o sr. Cho entram, encharcados pela chuva. Eles congelam assim que avistam nós seis dormindo profundamente no chão.

Dou um pulo, assustando Sarang sem querer.

— Para com isso — resmunga ela no meu colo.

Haneul atravessa o salão e para na nossa frente com um bufo. Quero *morrer*.

— Isso é nojento de tão fofo — diz ela com sarcasmo. — Agora vocês vão

levantar essa bunda preguiçosa e abrir o café?

Os olhos de Sarang se abrem rapidamente. Ela se senta tão rápido que quase bate com a cabeça no meu queixo. O sr. Cho se junta a nós, sorrindo para nós seis com diversão. Não consigo encará-lo.

— Que bom que você não ficou presa na tempestade sozinha, Sarang — é tudo o que ele diz, ainda bem.

Os outros acordam, se mexendo e gemendo em seus lugares rígidos no chão. Kai e Dario se desentrelaçam, tendo de alguma forma migrado para debaixo de uma das mesas no meio da noite. Isabette se senta no sofá atrás de mim. Vanna, escondida atrás dela, se espreguiça e solta um bocejo inapropriadamente alto.

Haneul chuta a panturrilha de Sarang, depois a minha.

— São quase seis horas. Anda, senão não vão conseguir abrir a tempo para os clientes.

— Não vamos ter clientes — resmunga Kai. Ele desistiu de tentar se levantar e caiu de cara no chão. — Não depois daquele vídeo que postamos.

— Eu vi o vídeo — diz o sr. Cho. — Achei muito bom. E claramente os clientes lá fora também acharam.

Dario se senta subitamente e bate a cabeça na mesa.

— *Ai!* Clientes?

Qualquer traço de sono desapareceu da voz de Sarang.

— Que clientes?

O sr. Cho caminha até a janela e abre um canto das cortinas que fechamos ontem à noite para conservar o calor. Tem pessoas lá fora. E *muitas*, mesmo com a chuva forte e a neve derretida. Uma garota de cabelos ondulados tingidos de vermelho nos nota e acena alegremente. O sr. Cho acena de volta antes de fechar a cortina.

— Puta merda — diz Vanna, pulando por cima de Isabette e do braço do sofá. — Espera, como que ainda temos clientes? Achei que eles iam boicotar a gente.

— Temos certeza de que não é uma multidão enfurecida? — pergunta Kai.

Isabette dá um tapinha no meu ombro.

Sentado no chão, inclino a cabeça para trás no sofá para olhar para ela. Seu rosto de cabeça para baixo tem um sorriso orgulhoso.

— Você tinha razão. Funcionou.

Algo brilhante floresce em meu íntimo. Olho para Sarang, que está me observando com um carinho que eu nunca imaginei que pudesse ser dirigido a mim, e o brilho se transforma em alegria atrás dos meus pulmões.

Sorrindo, inclino-me em sua direção.

— Não precisa ficar tão surpresa.

— Arrogância não fica bem em você.

— Aham, meu bem.

Lá fora, alguém bate na janela coberta e diz:

— São seis horas! — Seguido por sons abafados de barulho.

Empurrando meu ombro para se levantar, Sarang fica de pé.

— Estamos *atrasados*. Nunca nos atrasamos, só naquela vez que o Dario dormiu e perdeu o turno da manhã.

— Supera isso, eu tive um jogo até tarde na noite anterior — murmura ele.

Ela já se foi, correndo em direção ao balcão para iniciar o ciclo de limpeza da máquina de espresso.

— Por que vocês ainda estão conversando e não trabalhando? Vão! Dario e Kai, limpem o chão. Vanna, reabasteça as geladeiras. River, termine de arrumar a frente enquanto eu coloco os doces no forno.

Isabette levanta a mão.

— Posso ajudar?

Vanna oferece a mão a Isabette, que aceita e se levanta.

— Normalmente, eu diria para você não preocupar sua cabecinha linda, mas você pode ser linda *e* me ajudar, certo?

Enquanto os outros correm para suas tarefas e Haneul ajuda o sr. Cho no andar de cima, eu vou rapidamente para o banheiro e depois me junto a Sarang, exausta, atrás do balcão.

— Ei — digo, segurando seu queixo com a palma da mão para incliná-la na minha direção. Passo o polegar por um ponto que não tem nada no canto dos lábios dela, deixando meus dedos se demorarem. — Você está com baba por todo o rosto, bebezona.

— Quê? Eu não *babo*.

Ela esfrega a boca furiosamente.

— Baba sim. Muito. Babou minha calça toda. Você devia consultar um médico, isso não pode ser saudável.

— Cala a boca, seu babaca. Vai você ver um médico pra esses seus

joelhos ossudos, eles ficaram cutucando minha barriga a noite toda.

Com um empurrão que nem faz com que eu me mova, Sarang vai para a cozinha com raiva. Sorrio, observando-a desaparecer atrás das cortinas. Estou feliz que ela ainda seja *Sarang* depois de tudo.

Abrimos em velocidade recorde. Normalmente, levo meia hora para fazer isso sozinho, mas, com a ajuda de todos, estamos prontos dez minutos depois.

Nós seis ficamos num silêncio coletivo em frente à porta. Coloquei meu avental e lavei o rosto, mas ainda me sinto todo desgrenhado. O delineador da noite passada está borrado em uma sombra escura sob os olhos de Sarang, mas fica sexy, então, ela pode se safar com isso. Ela passa as mãos pelo cabelo e alisa o avental, inquieta.

Dario esfrega o braço.

— Não sei o que esperar.

— Estou nervoso — murmura Kai.

Vanna dá um tapinha nas costas dos dois, inclinando-se para a frente e colocando-se entre eles.

— Qual a pior coisa que pode acontecer?

Kai conta nos dedos.

— Eles invadem o lugar, ateiam fogo, roubam a gente, dão um soco na cara do Dario, quebram a máquina espresso, apontam uma arma para nos obrigar a reativar a conta do YouTube...

— Tá, beleza, muitas coisas ruins podem acontecer. Você me convenceu.

Sarang solta um suspiro trêmulo ao meu lado. Olho para ela, surpreso com a palidez nervosa de seu rosto. Com um rápido olhar para ter certeza de que os outros não estão olhando para a gente, passo um braço ao redor de seus ombros para virá-la em minha direção e dou um beijo em sua testa. Seus olhos arregalados se fixam nos meus.

— Não se preocupa — digo baixinho, sorrindo. — Aconteça o que acontecer, você não vai precisar lidar com nada sozinha.

Ela pisca. Então, rápida como um raio, fica na ponta dos pés e me puxa para um beijo, encostando os lábios nos meus. Antes que eu consiga registrar qualquer coisa além de *caramba, ela está me beijando, que ótimo* e Vanna assobiando, Sarang se afasta. Seu rosto está corado e cheio de vida novamente, e seu sorriso está firme desta vez.

— Tudo bem. Vamos acabar com isso logo.

Sarang se afasta, vira a placa de “Fechado” e empurra a porta para abrir. Eu me preparo…

Só para ser recebido por aplausos.

Ela congela na porta, boquiaberta diante da fila de clientes. Kai corre até o salão e abre as cortinas, revelando o beco lotado de gente levantando os punhos e gritando como se estivesse na fila para um show, e não para um café com leite.

— Que merda é essa? — pergunta Vanna.

As primeiras dezenas de pessoas se aglomeram no saguão, fazendo fila no caixa. Corro para trás do balcão para anotar os pedidos dos três primeiros adolescentes.

— Bom dia — diz uma garota de cabelo tingido de vermelho e olhos castanhos escuros e gentis, me cumprimentando alegremente. — Sem ofensa, mas vocês estão todos com uma aparência péssima. Vocês estão bem?

— *Anahita*, você não pode dizer “sem ofensa” e depois ofender alguém — repreende seu amigo alto. Ele se vira para mim com um sorriso de desculpas. — Pode ignorar ela.

— Desculpa! Eu não quis dizer *péssima* no sentido de ruim, só que eles parecem que não dormem há dez anos.

— Você está tentando fazer com que eles cuspam no nosso café?

Kai se inclina ao meu redor.

— Nós cuspimos em todos os nossos cafés, independentemente disso. É política da loja.

O terceiro amigo deles fala:

— Nós vimos o vídeo de vocês ontem à noite. Vocês não vão encerrar o canal de verdade, vão?

— Vamos, sim — digo com um meio-sorriso.

Eles se inclinam para trás, torcendo o rosto.

— Que pena. A gente acompanha vocês desde o início, quando o primeiro vídeo viralizou. Somos superfãs. Os vídeos são hilários.

Tento me desculpar, mas o amigo alto me interrompe.

— Não é nada demais; o café não vai fechar nem nada.

Vanna se aproxima de mim.

— Isso mesmo. Então, por favor, apareçam quando quiserem. Só não se esqueçam de *pedir alguma coisa*.

A garota, Anahita, ri timidamente.

— Vamos querer um bingsu de frutas para dividir e três lattes, por favor.

A conversa com o restante dos clientes é semelhante: todos estão decepcionados porque os vídeos acabaram, mas dizem que passaram a adorar o café por causa deles e que vão continuar vindo. Os únicos que fogem à regra são os poucos clientes regulares que trabalham nas proximidades e só querem seus lattes e um dos doces da Sarang antes de irem para o trabalho e não fazem ideia de por quê está tão cheio hoje. Talvez seja porque estou cansado e as últimas vinte e quatro horas foram uma montanha-russa emocional, mas, quando chega o décimo quinto cliente que sorri e me diz o quanto gostou de assistir ao nosso conteúdo, tenho que piscar com mais força para conter as lágrimas.

A fila não acaba, mas isso não me dá vontade de morrer hoje. Nunca gostei tanto de um turno no trabalho. Vanna leva os pedidos com Isabette, enquanto o resto de nós se aglomera atrás do balcão, esbarrando uns nos outros enquanto tentamos atender todos os pedidos. Ocasionalmente, Sarang passa por mim ou seu sapato toca o meu — tão rápido que tenho certeza de que é sem querer. Mas aí encontro seus olhos e vejo o brilho neles enquanto ela sorri com falsa inocência, e meu coração dispara.

— Você está meio vermelho, River — diz ela enquanto começa a preparar um mocha de hortelã. — Tem alguma coisa te deixando agitado?

— *Alguma coisa* está ficando bem agitada, sim — respondo sem pensar.

Dario e Kai congelam no meio do que estavam fazendo e se viram com expressões idênticas de nojo. O bico vaporizador grita ao ser esquecido em uma jarra de leite.

— São onze da manhã — diz Dario.

— Piadas de pau só são engraçadas depois das três — concorda Kai. — Tenha um pouco de autorrespeito.

— Não foi *isso* que eu quis dizer!

Sarang passa a mão pelo rosto em chamas, vermelho como um tomate.

— Você sempre vai ser assim?

Engancho meu dedo em seu delicado colar de corrente e puxo gentilmente para trazê-la para mim. Eu me inclino e cochicho em seu ouvido:

— Com você, sempre.

Ela empurra meu rosto e eu caio na gargalhada contra sua palma.

O próximo cliente a entrar pela porta exibe uma bagunça de cabelos

castanhos desgrenhados familiar e um lábio cortado que faz meu coração ficar pesado. Jace olha em volta, depois se ilumina ao me avistar.

— River!

Mal tenho tempo de sair de trás do balcão e perguntar o que ele está fazendo aqui antes que ele se lance em mim em uma avalanche de braços e pernas. Levo um momento para processar que Jace está me abraçando, com a bochecha esmagada contra meu avental e os braços tão apertados em volta do meu tronco que chega a doer.

— Jace — começo, com as mãos pairando incertas acima de suas costas. Ele não me abraça desde que era criança, e isso faz um alarme soar em minha mente. — O quê...

— Achei que você estivesse morto — murmura ele baixinho em meu peito.

Eu pisco. Então o abraço com mais força, sem me importar com mais ninguém no café.

Nem um segundo depois, Jace se afasta e me dá um soco no abdome, me fazendo ofegar.

— Você não atendeu o telefone a noite toda! A Umma achou que você tivesse morrido congelado na neve! Estávamos todos preocupados!

— River...!

Passando pela porta estão Umma e, logo atrás dela, meu pai. O rosto contorcido dos dois relaxa no instante em que me veem. Umma corre e me puxa para perto, aconchegando minha cabeça em seu ombro.

— 다행이야[9]— diz ela aliviada, passando a mão pelo meu cabelo. — Graças a Deus. Por que... Nós não sabíamos para onde você tinha ido depois que saiu correndo. Estava tão frio. Ligamos para todos os seus amigos... até para a Cecelia. Ela não tinha ideia de onde você estava. Não parava de chorar. Eu pensei...

Eles ligaram para Cecelia?

— Meu celular descarregou ontem à noite, e depois aconteceram tantas coisas hoje de manhã e eu fiquei ocupado com...

Os sapatos do meu pai aparecem no meu campo de visão, atrás da minha mãe. Olho para ele, com um medo terrível percorrendo meu corpo. As linhas de arrependimento que marcam sua testa são estranhas, e quase não percebo seus lábios apertados, escondidos sob a barba.

— River — começa ele.

Eu me preparo.

— Desculpa.

Espera… como é?

Meu pai continua, esfregando o cavanhaque e tendo dificuldades em olhar nos meus olhos.

— O estresse de abrir uma filial nova tem me afetado há meses e… agora consigo ver que descontei isso em você e na nossa família. Não foi justo com você. Não importa o quanto eu estivesse bravo por você ter mentido e trabalhado aqui, te expulsar foi errado, especialmente no meio de uma nevasca.

Não sei o que dizer. Um nó se forma na minha garganta.

— Fico triste que você tenha escondido seus sentimentos sobre o Café Gong por tanto tempo — diz Umma —, mas vejo que não tornamos exatamente fácil que você nos procurasse para falar sobre isso. Devíamos ter *perguntado* se você queria ser gerente, em vez de te forçar a ser.

— Sim — concorda meu pai. Ele faz uma careta e uma pausa antes de reunir forças para dizer: — Eu admito que doeu quando você pediu demissão. Doeu ainda mais quando você foi trabalhar para outra família, como se o que tivéssemos te dado não fosse bom o suficiente. Parecia que você estava se afastando da gente.

Minha garganta se aperta. Eu *realmente* gostaria que não estivéssemos fazendo isso na frente de uma multidão, mas talvez seja nossa única oportunidade. Não somos exatamente uma família comunicativa.

— Eu sei, me desculpa por isso. Eu fiquei com medo de decepcionar vocês ou fazer vocês pensarem que eu sou inútil e ingrato por tudo que fizeram. Mas não aguentava mais estar em um lugar que não parecia mais o negócio da nossa família. Conseguir o cargo de gerente porque vocês sabiam que eu não tinha chance em outro lugar foi a gota d'água. Eu sabia disso, todo mundo no Café Gong sabia disso…

— River — interrompe Umma. — Não foi por isso que te colocamos como gerente.

— Ah, fala sério.

Há uma ruga entre as sobrancelhas grossas do meu pai.

— Não foi mesmo. Poderíamos ter contratado alguém mais velho e com mais experiência se quiséssemos, mas queríamos *você* porque era especial. O café é o resultado de tudo pelo que sua mãe e eu trabalhamos, mas você e o Jace são o coração de tudo. O Café Gong significa tudo para nós. É por isso que queríamos te dar a posição. Não porque achamos que você

precisava da nossa ajuda, mas porque... — Ele se esforça para acessar uma fonte quase seca de vulnerabilidade emocional. — Era a melhor maneira de dizer que te amamos, que temos orgulho de você e que confiamos em você.

Só quando meus dedos começam a ter cãibras é que percebo que estava segurando o tecido do meu avental com tanta força que os ossos da minha mão estão rígidos quando solto. Meu rosto está quente. A sensação de aperto no peito faz com que eu me pergunte se Jace ainda está me abraçando, mas não, não é ele que está comprimindo meu peito.

— Eu... — Preciso parar, pigarrear. — Eu nunca soube disso. Sempre achei que estava decepcionando vocês.

— Nunca — diz Umma. — Claro, talvez nem sempre a gente entenda suas intenções de cara, mas tem tanta coisa em você que nos deixa orgulhosos. Olha ao seu redor.

Ela vira a cabeça, observando a muralha de clientes lá fora e a multidão que ocupa cada centímetro do café. Meu sorriso se torna lacrimoso.

Papai se aproxima e aperta meu ombro.

— Só pra você saber, mesmo depois de tudo isso, sempre vai ter um lugar pra você no Café Gong. Se você quiser.

Eu me endireito, rolando os ombros para trás. Apesar de todos os olhos estarem voltados para mim, os únicos que consigo sentir na minha pele são os de Sarang. Mastigo as palavras que levei muito tempo para formular — e ainda mais tempo para aceitar.

— Obrigado, pai, mas estou feliz aqui. Não é culpa de ninguém, mas, no Café Gong, nada parecia certo. Eu fazia tudo o que era esperado de mim e mesmo assim não era suficiente. Tentar me convencer de que era isso que eu queria foi terrível. Mas aqui... — Faço um gesto ao redor. — Aqui eu me sinto bem. Sinto que é algo que quero continuar fazendo.

— Que bom, porque seria uma pena se a gente te perdesse.

Meu corpo se vira com a voz inesperada. O sr. Cho sai da cozinha, seguido por Haneul, segurando as cortinas para o lado. Ele vai direto para meus pais e, no caminho, sorri para mim, com os olhos se enrugando da mesma forma que os de Sarang. Ele oferece a mão para meu pai e minha mãe apertarem e então se curva.

— 만나서 반갑습니다.[10] Graças ao seu filho, o café que minha esposa e eu começamos pode continuar seu curso. Como outro proprietário de uma empresa familiar e pai, obrigado. River é uma das pessoas mais dedicadas

que já conheci e sou grato por ele ter decidido que este é um lugar digno de sua paixão e habilidades.

Haneul me examina de cima a baixo com uma expressão divertida.

— Ele veio e *implorou* para trabalhar aqui, e nunca parou de se esforçar para provar seu valor.

— O River fez muito por nós — acrescenta Kai, inclinando-se sobre o balcão. — Estávamos em uma situação difícil antes de ele chegar, estávamos prestes a fechar as portas. Ele ajudou a salvar o negócio.

Dario puxa Kai do balcão e o coloca de pé. Ele pigarreia.

— Foi ideia dele fazer vídeos para o café. Ele entrou em cena e mudou tudo.

Ao lado dele, Vanna concorda com a cabeça, piscando para mim.

Minha garganta se aperta. *Não me traia agora, corpo*. Sarang contorna o balcão para ficar ao lado do pai, olhando de meus pais para mim.

— O River se importa muito com a nossa loja. 심성이 좋나요[11] — diz ela, me olhando nos olhos, e sorri como se fosse um segredo, só para mim. — Eu achava que ele não era a pessoa certa, mas ele provou que eu estava errada várias vezes. Ele faz o Bingsu para Dois parecer um lar.

Meu corpo *de fato* me trai e eu praguejo por dentro quando sinto um calor nos olhos. Tenho que cerrar os punhos e curvar os dedos dos pés para me manter firme no lugar, para não cruzar a distância entre nós e fazer algo constrangedor na frente de todos.

Não acredito que houve um momento em que eu a odiava. Que achava que ela não tinha nada além de uma casca grossa e palavras afiadas lançadas pelos lábios pintados de preto. Eu não a via naquela época. Não sabia quem ela era e não me dei ao trabalho de descobrir. Agora eu sei.

Se eu faço o Bingsu para Dois parecer um lar para ela, Sarang faz com que seja um para o qual vale a pena voltar todos os dias.

Ah, caralho. Eu já estou tão envolvido assim?

Estranhamente, o pensamento não me assusta.

Papai pigarreia. Uma mistura de emoções se espalha por seu rosto, de surpresa a confusão.

— É um elogio enorme. — Ele faz uma reverência desajeitada de gente branca ao sr. Cho. — Obrigado por cuidar dele.

— O prazer é nosso — responde o sr. Cho. Em seguida, ele volta sua atenção para mim e coloca a mão suavemente no meu ombro enquanto fala: — É graças a você e ao seu esforço que o sonho da minha esposa foi

salvo. Obrigado, River. Não parece que foi há muito tempo, mas você mudou bastante desde que veio até mim pedindo para ser gerente. O que aconteceu?

Com culpa, meus olhos se voltam para Sarang, depois se desviam. O sr. Cho percebe. Ele se vira para Umma e fala em coreano com um sorriso, algo sobre crianças. Umma ri e responde:

— **네, 아이들은 빨리 자라니까.**[12]

O sr. Cho aperta meu ombro, redirecionando minha atenção.

— Dá para ver que você ama este lugar, como se fosse sua família. Você falou sério quando disse que é algo que você quer continuar fazendo?

Faço que sim com a cabeça com tanta força que meus óculos escorregam.

— Sim.

— O que você acha de uma promoção, então?

Fico sem ar como se Jace tivesse me dado outro soco.

— É sério?

— O cargo de gerência é seu. Desde que minha filha não se importe de eu o passar para você, é claro.

Primeiro, meus olhos se voltam para Vanna enquanto prendo a respiração. Mas ela só assente com a cabeça e sorri com confiança. O nervosismo no meu estômago diminui e eu sorrio de volta para ela.

Então olho para Sarang, que está imóvel como um busto de mármore. Lentamente, a compreensão relaxa suas feições rígidas de choque, animando-as e fazendo seus olhos brilharem. Ela ri. O som me contagia arrancando uma risada dos meus pulmões. E aí ela está na minha frente, radiante e apertando minha mão na sua.

— Tem certeza de que vai dar conta? — pergunta ela com um tom provocador, mas um traço de honestidade colore o ônix escuro de seus olhos.

É uma pergunta genuína. Não há uma resposta certa; ela não está esperando que eu diga o que ela quer ouvir.

Você deveria tomar decisões por você. A vida é sua.

Aperto sua mão. Ela não precisa se preocupar. Isso é tanto para mim quanto para ela.

— Que foi, você por acaso acha que é difícil? Considerando o exemplo da gerente anterior, acho que vou me sair bem.

— Estou te ouvindo, pirralho — diz Haneul, sem inflexão.

Alguém bate nas minhas costas. Eu me viro. Meu pai está sorrindo mais genuinamente do que nunca. Faz tempo que não o vejo assim — total e inquestionavelmente orgulhoso, e não apenas parcialmente.

— Você vai se sair bem — ele me diz. — Você foi um ótimo gerente no Café Gong. Vai ser um melhor ainda aqui.

Sarang solta uma risada, alegre e incrédula. Ela prende as mãos na gola da minha blusa e me puxa para baixo. Tão perto que fico vesgo, mas vale a pena ver o sorriso dela.

— Gerente — diz Sarang baixinho.

Seguro sua cintura, sorrindo de volta.

— Johns Hopkins.

Seus olhos brilham. Seu sorriso vacila. Ela joga os braços em volta do meu pescoço, e eu a abraço com força.

Como os idiotas encorajadores que são, Jace e Kai começam a gritar e bater palmas de forma irritante, o que, claro, inspira os clientes dentro da loja a fazerem o mesmo. Acho que ficaria morto de vergonha em qualquer outra situação, mas Sarang é uma boa distração. É difícil pensar em outra coisa quando ela está por perto.

Sempre foi assim, não foi? Mesmo quando eu a desprezava profundamente, não conseguia tirá-la da cabeça. Sempre me inclinei para ela em vez de para o sol.

Duvido que isso mude quando ela for embora. Mas isso é uma reflexão para outra hora. Por enquanto, eu me concentro na sensação do corpo dela sob minhas mãos, na maneira como suas risadas suaves roçam a curva da minha orelha e em como o calor que ela desperta em mim agora está tão, tão longe do cold brew de ódio que costumava ser.

---

[9] Graças a Deus.

[10] Prazer em conhecê-los.

[11] Ele tem um bom coração.

[12] Sim, elas crescem rápido.

34. UM ANO, SEIS MESES E CINCO DIAS DEPOIS. SIM, EU CONTEI, MAS NÃO FALA PARA ELA.

— Ei, Kai! Cuidado, cara, você me fez errar.

O sol de fim de tarde de verão entra pelas janelas do café, iluminando o salão vazio como fogo. Fechamos mais cedo hoje, então, os únicos sons que preenchem o lugar são os pratos batendo uns nos outros enquanto Kai, Vanna e Isabette fecham tudo ao meu redor. Eu ajudaria, mas estou ocupado trabalhando no quadro do cardápio no canto do café. Além disso, não estou a fim.

Em vez de voltar ao trabalho, Kai espia por cima do meu ombro.

— O que você está fazendo?

— Algumas alterações no cardápio.

— Táaa... por quê?

Sorrindo, eu digo:

— Porque a Sarang vai *surtar* quando vir. É um gesto carinhoso de boas-vindas, tá?

Kai balança a cabeça.

— E dizem que o romance morreu — murmura ele enquanto volta a varrer.

— Ei! — grita Vanna do balcão. — Você vai ficar sentado aí com sua bunda preguiçosa enquanto o restante de nós trabalha?

— Sim, basicamente. Privilégios de gerente, lembra?

— Cogerente — corrige ela.

Isabette sai da cozinha, limpando as mãos no avental preto enquanto pega mais pratos sujos.

— Você também devia aproveitar que é gerente — diz ela para Vanna, alto o suficiente para que eu possa ouvir. — Tipo... pedindo para o River te

substituir amanhã enquanto você, eu e sua irmã finalmente conhecemos aquela nova sorveteria em Alki Beach.

Vanna se vira para puxar Isabette para baixo e dar um beijo molhado em sua bochecha. É *irritantemente* alto, e eu sei que elas estão fazendo de propósito.

— Tenho tanta sorte de você ser minha namorada.

— Nós *já entendemos*. Vocês estão apaixonadas — diz Kai.

Eu me sento, ignorando-as, e admiro a lousa. Mal posso esperar para ver a cara da Sarang quando ela vir isso.

BEM-VINDOS AO CHUCK E. CHEESE!

A CASA DO CHUCK E DO CHEESE!

ESPRESSO

- AFFOGATO, MAS SEM A DOSE DE CAFÉ $13,25
- AMERICANO $8,00
- LATTE COM DOSE DE CAFÉ OXIDADO $14,75
- SÓ LEITE $12,99
- NÃO VENDEMOS CAFÉ AQUI

OUTRAS BEBIDAS

- TAPA DE DESPERTAR MATINAL $23,95
- UM COPO CHEIO DE ÁGUA DE PIA SUJA $2,75
- 3 MINUTOS OLHANDO NOS OLHOS ENCANTADORES DO KAI $9,99
- LITERALMENTE TODO O DINHEIRO DO NOSSO CAIXA $0,99

RASPADINHAS

- TARO 과일 $8,00
- FRUTA 오레오 $10,00
- OREO 타로 $10,00
- GELO PURO $10,00

• CONE PURO, SEM GELO $2,25

TAIYAKI

• SIMPLES, MAS A VANNA VAI CUSPIR NELE $1,25

• VOCÊ NÃO VAI QUERER SABER $1,25

• SALMÃO $3,45

• O QUE TIVER SOBRADO NO BATEDOR DE BORRA $1,25

BRUNCH/SOBREMESA

• NADA. PASSE FOME.

PRATOS PRINCIPAIS

• UM POLVO VIVO INTEIRO $9,95

• UM HOMEM VIVO INTEIRO $7,50

• UM BAGEL COM TUDO, MAS SEM BAGEL $6,50

Então reparo no relógio. O pânico toma conta de mim.

— *Merda*. Já são cinco! Por que nenhum de vocês disse nada?

— O quê? São cinco?! — grita Kai. Ele derruba as caixas de leite que estava repondo na geladeira e joga o avental pelo salão. — Vamos nos atrasar, os voos deles chegam às cinco e vinte! Tenho que pegar meu cartaz.

Corremos para fechar, sem nos importarmos com os pratos fora do lugar e com a enorme poça de calda de caramelo no chão. Então partimos todos para o apartamento da minha família, onde meu carro está estacionado.

No caminho, inevitavelmente passamos pela movimentada fachada do Café Gong. Bem, pelo menos o que costumava ser o Café Gong. Depois que essa filial fechou, a *outra* rede de cafeterias gigantes de Seattle assumiu a loja. Acho que foi isso que mais magoou meu pai em toda a situação, mas ele e minha mãe têm planos de abrir outra filial no ano que vem, então espero que ele supere isso até lá.

Olho pela janela e pisco, surpreso ao ver Cecelia do outro lado, limpando uma mesa. Ela ergue as sobrancelhas, dá um sorriso

desconfortável e acena hesitante. Aceno de volta educadamente, escondendo minha própria careta.

Não mantivemos contato — na verdade, a última vez que ouvi algo sobre ela foi de Umma, que mencionou que ela conseguiu um emprego de meio período aqui para pagar a mensalidade da UW Bothell depois de ser rejeitada pela UPenn e perder sua bolsa de estudos. Alguém a denunciou ao conselho da faculdade por estar por trás do escândalo online com o Kai, ao que parece. Não fui eu, mas, francamente, não me importa quem foi. Já superei tudo isso.

Mas é sempre estranho encontrar uma ex.

Nós nos amontoamos em volta do meu carro velho no estacionamento. Kai se senta no banco do carona, Vanna e Isabette se acomodam no banco de trás e eu assumo o volante. Nervoso pela expectativa e por ter que dirigir no trânsito da hora do rush, sigo em direção ao Aeroporto SeaTac.

Enquanto pegamos a rodovia, Kai me pergunta:

— Ah, sim. A Sarang perdeu a aposta de vocês?

Eu sorrio, apertando os dedos no volante.

— Obviamente.

— Imaginei. Você acha que ela vai usar a camiseta?

— Acho bom usar, se quiser uma carona para casa.

Isabette enfia a cabeça entre nossos bancos.

— Que aposta?

— Quando ela viajou para o início do ano letivo, apostei que ela não conseguiria passar uma semana sem perguntar como estava o café, e ela apostou que eu não conseguiria passar uma semana sem mencionar *Filho do pecado*. Se eu perdesse, teria que dar uma atualização por hora sobre a loja durante duas semanas, e, se ela perdesse, teria que usar uma das minhas camisetas de fandom horrorosas hoje.

Vanna bufa.

— Quanto tempo ela aguentou?

— Dois dias e então foi tentar descobrir através da Haneul se já tínhamos incendiado o café.

— Mas a Haneul tá na Califórnia.

— Eu sei. Ela estava desesperada.

A saída está chegando. Começo o processo exaustivo de atravessar cinco faixas.

— Espera aí — diz Isabette. — Como a Sarang teria sua camiseta?

Desvio por pouco de uma minivan que tentava entrar na minha faixa. Opa.

— Hm — arrasto, pegando a saída. — Eu acidentalmente deixei uma no dormitório dela quando fui visitar nas férias de primavera.

Vanna apoia o queixo no meu banco. Minha nuca começa a suar.

— Ah, sim, aquela viagem que você fez para visitar ela. Sozinho. Aquela sobre a qual você se recusa a nos contar *qualquer coisa*. Que interessante.

Umedeço os lábios, tentando me concentrar em não bater ou em não pensar naquela semana com Sarang.

— É. Bons tempos. Enfim, uau, olha só, já chegamos.

São 17h43 quando passamos pelo terminal, encontramos o estacionamento e entramos correndo. Os portões de Dario e Sarang ficam próximos um do outro, convenientemente. Nós quatro chegamos à área de retirada de bagagem bem na hora em que uma multidão carregando malas de mão e parecendo à beira da morte desce as escadas rolantes.

Kai fica na ponta dos pés para tentar ver por cima da multidão que se aproxima.

— Pode ser o avião de qualquer um dos dois. Ah, droga, meu cartaz.

Ele o ergue. Escrito com giz de cera em uma caixa de papelão achada no lixo do beco do café, diz:

DESCULPA POR TER FUGIDO PARA ME CASAR

COM SEU EX-TREINADOR.

BEM-VINDO DE VOLTA, ~~DAVID~~ DARIO!

Vanna acena com a cabeça em aprovação.

— Boa, o treinador Sampson. Escolheu bem.

— Obrigado. Eu estava decidindo entre ele e a professora de educação física, a sra. Newman.

Uma voz grave fala atrás de nós.

— A sra. Newman já teve quatro ex-maridos. Você realmente acha que está no mesmo nível dela?

Kai dá de ombros.

— Todos eram carecas. Ela pode preferir alguém jovem e com uma cabeça cheia de…

Ele se vira rapidamente, e o cartaz bate na cabeça de um coitado desconhecido. Lá está Dario, mais alto e mais musculoso do que quando foi, com o cabelo mais comprido e um sorriso malicioso. Seus olhos se voltam para o cartaz.

— Sério? O treinador Sampson? — zomba ele. — O cara está a uns cinco anos de se aposentar... *uuff*.

Kai se joga em cima de Dario, que o segura com um braço enquanto ainda segura sua bolsa. O som da risada alta e estrondosa de Dario corta a conversa no terminal e das pessoas ao nosso redor. Ele larga a mala para abraçar Kai com força, levantando-o do chão.

Entre gargalhadas, Kai diz:

— Na verdade, eu não fugi com seu ex-treinador de basquete.

— Chega de falar desse velho. Estava com saudade — revela Dario, se apressando para puxar Kai de volta e beijá-lo.

Desvio o olhar para o teto.

— Qual é, língua demais — reclamo.

Vanna levanta a mão para cobrir os olhos de Isabette.

— Não na frente da bebê.

— Acho que eles são fofos — diz Isabette.

Olho para trás — não, eles ainda não terminaram. *Beleza*. Eu me viro para procurar na multidão e meu coração dispara quando vejo uma coroa familiar de cabelos verdes.

Meus pés se movem sozinhos, esquecendo meus amigos e todos ao meu redor. Estou quente de ansiedade; esperei uma eternidade por este momento. Será que ela vai reclamar das minhas mãos suadas? Provavelmente, mas isso não significa que não vai segurá-las.

O grupo de turistas com suas malas enormes à minha frente se move, e vejo novamente aquele verde brilhante e chocante. Empurro duas pessoas para fora do caminho, tropeçando nos meus próprios pés.

E lá está ela.

Faz só três meses que a visitei na faculdade e, pelo amor de Deus, falei com ela ontem à noite pelo FaceTime, mas vê-la agora é como vê-la pela primeira vez. Suas bochechas redondas e rosadas, com covinhas amassadas porque ela está dando um sorriso enorme. Seus olhos estreitos e brilhantes me prendem no lugar, com manchas de sombra escura nos cantos. Seu cabelo — agora na altura dos ombros — com a raíz preta que ela me fez prometer que a ajudaria a descolorir hoje à noite. Ela.

Sarang está tentando, sem sucesso, conter o sorriso. Ela se aproxima, cambaleando, carregando uma mochila enorme e uma bolsa lotada.

— Isso é constrangedor. Todo mundo estava me olhando por causa dessa camiseta!

Pego sua mão, entrelaço nossos dedos e os seguro contra meu peito. Perto de Sarang, meus pulmões precisam fazer hora extra.

— Você a vestiu — digo, olhando-a de cima a baixo.

A camiseta tem pelo menos dez anos, um souvenir que comprei na estreia do primeiro filme de *Filho do pecado*. Eu a usava religiosamente, e isso é evidente pelas dezenas de buracos de traça, pela bainha desgastada e o desenho tão desbotado que parece uma mancha de comida difícil de tirar. De alguma forma, ela ainda consegue ficar bonita, o que seria irritante se não me deixasse tão tonto. Passo minha outra mão pela cintura dela para puxá-la para perto. Sarang suspira, piscando rápido antes de me lançar outro olhar fulminante.

— O que é justo é justo — resmunga ela e estica a mão livre para segurar a nuca. Seu olhar severo se suaviza quando ela passa os dedos pelo meu cabelo. — Está mais comprido agora.

— Quer que eu corte?

— Não. — Ela sorri, puxando os fios com força. — Gosto assim. Dá para segurar.

Meu deus.

— Você está insuportável como sempre — digo entre dentes.

— Pode fingir o quanto quiser. Você me ama.

— Eu amo. Eu te amo.

A surpresa ainda passa por sua expressão, não importa quantas vezes eu diga — e digo *muitas vezes*. Saboreio o rubor que se espalha por sua pele, o jeito que ela franze o nariz, como tenta suprimir o sorriso que se forma em seus lábios. Sarang solta minha mão para entrelaçar as dela atrás do meu pescoço. Eu me abaixo quando ela me puxa. Como um ímã. Um planeta orbitando em busca do seu sol.

Quando meus lábios roçam os seus, ela faz uma pausa.

Tão baixinho que sinto mais do que ouço, Sarang sussurra:

— Eu também te amo, River.

Capto suas palavras entre meus lábios antes que elas possam escapar para muito longe dos dela.

A boca de Sarang se abre sob a minha. O movimento fácil é como um

reflexo, como se tivéssemos sido feitos para nos fundir um com o outro, em vez de ao redor um do outro. Seus dentes mordiscam meu lábio inferior enquanto ela segura meu rosto, passando o polegar pela minha orelha, e eu suspiro no beijo. Senti tanto a falta dela.

— Eu te amo — murmuro contra sua boca.

— Você já disse isso.

— Quer que eu pare?

— Óbvio que não.

Um pensamento ocioso e fugaz passa pela minha mente, com o toque de Sarang como prenúncio. Finalmente eu *sei*. Sei como me sinto, o que quero e quem sou. O amor dela me tornou corajoso o suficiente para fazer a pergunta, e a resposta era ela, o tempo todo. Essa percepção me causa um desejo ardente, tranquilo e intenso ao mesmo tempo.

Ela faz com que eu me sinta real.

FIM

AGRADECIMENTOS

Escrevi este livro quando tinha 19 anos, estava na faculdade e precisava desesperadamente de um descanso das aulas, dos estágios e dos horrores crescentes da vida adulta. Por isso, gostaria de agradecer a esta história por ter sido o meu refúgio feliz da universidade. *Bingsu para Dois* foi escrito para mim, mas só no início.

Em segundo lugar, e mais importante, obrigada a todos que escolheram este livro. Nunca pensei que ele sairia da tela do meu laptop, mas agora ele existe na cabeça de outras pessoas além da minha, então, do fundo do meu coração, obrigada. Vocês realizaram meu maior sonho. Espero que a história de River e Sarang tenha trazido alegria a vocês.

Obrigada, mãe e pai, por tudo, mas especialmente por me apoiarem enquanto eu ia atrás do meu sonho de me tornar escritora. Meu amor por histórias é graças à minha mãe, que leu para mim desde pequena em uma língua que não era a dela (e com vozes engraçadas, ainda por cima), e ao meu pai, que incentivou esse hobby e foi meu primeiro leitor. 사랑해요: Amo muito vocês dois.

Obrigada à minha maravilhosa agente, Maeve MacLysaght, que apostou em mim com esta historinha boba e ajudou a transformá-la em algo digno de ser lido. Você é a razão pela qual este livro está aqui hoje e pela qual posso fazer o que amo. Obrigada por todas as sugestões perfeitas, sessões de brainstorming, e-mails tranquilizadores e por atender minhas ligações em pânico nos fins de semana.

Um milhão de mãos precisam tocar um livro antes que um leitor possa pegá-lo, e sou grata a cada pessoa que ajudou ao longo do caminho. Minha primeira editora, Laura Schreiber, cujo entusiasmo por esta história me encorajou durante todo o processo — ganhei na loteria dos autores ao trabalhar com você. Minha outra editora, Stefanie Chin, que é um anjo

enviado por e-mail. Obrigada a ambas pelo trabalho incansável e por fazerem com que eu me sentisse ouvida em cada etapa do caminho. Marcie Lawrence e Jen Keenan pelo belo trabalho no texto e na capa. Todos os preparadores e revisores graças aos quais agora sei que *shithole* é uma palavra dicionarizada no Merriam-Webster. Obrigada a todo o departamento de marketing e publicidade, que defende este livro mais do que eu possa imaginar. Toda a equipe da Union Square & Co. terá para sempre a minha gratidão.

Tenho as melhores amigas do mundo, e isso é apenas uma verdade objetiva. Kylina Nhem-Lim, cuja infinita gentileza, humor e amizade me ajudaram a superar o processo exaustivo do ensino fundamental e médio, a vida e tudo mais. Keyona Pine, que não é apenas uma das melhores pessoas que conheço e uma das minhas amigas mais próximas, mas também minha colega de quarto da faculdade. Escrevi a maior parte deste livro tarde da noite no dormitório, então, obrigada por aturar o barulho das minhas teclas (e de mim) por quase quatro anos. Amo vocês duas e me considero sortuda todos os dias por as ter em minha vida.

Ben Frizzell. Eu não seria uma autora de romances se não tivesse te conhecido. Só sei escrever sobre amor porque você me mostrou como é. Você esteve aqui comigo em cada marco deste livro, e não consigo imaginar fazer isso (ou qualquer outra coisa) sem você ao meu lado. Obrigada por ser meu melhor amigo, minha pessoa favorita e por me acalmar depois de cada crise relacionada ao livro. Ninguém estava mais animado com essa história do que você. Não há palavras para descrever o quanto você significa para mim, o que é uma pena, porque eu deveria ser boa com palavras, mas você já sabe disso. Cada fio de amor que teci nesta história foi emprestado de você.

Um milhão de agradecimentos à minha melhor amiga de escrita, Anahita Karthik, por me manter sã durante minha jornada editorial. Você me inspira todos os dias com seu talento, incentivo e paixão, e sempre torcerei por você.

A Bella Zulueta, Kimmy Nguyen e inúmeros outros amigos por serem presenças constantes na minha vida. Às dezenas de pessoas da comunidade literária que me ajudaram de maneiras que elas nem imaginam: Nancy, Nelita, Emma, Briana, Helen, Chloe, Steph, Ry, Sydney, Anna, Ashley, Amanda, Elise. Ao grupo Debut 2024. Meus incríveis irmãos de agente. E toda a turma que divulgou o *Bingsu*, cujo

entusiasmo por esta história me lembrou de por que amo fazer isso.

Por fim, obrigada aos péssimos empregos de atendimento ao cliente que tive na adolescência. Vocês eram horríveis, mas, cara, me deram um ótimo material para este livro.

Nunca mais, porém.

Título original
BINGSU FOR TWO

Originalmente publicado em 2025 nos Estados Unidos por Sterling Publishing Co.

Copyright do texto © 2025 *by* Sujin Witherspoon
Copyright ilustração capa © 2025 *by* Union Square & Co., LLC.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada em sistema, ou transmitida, sob qualquer forma ou meio, sem a autorização prévia, por escrito, do editor, não podendo, de outro modo, circular em qualquer formato de impressão ou capa diferente daquela que foi publicada, tampouco pode ser utilizada ou reproduzida de qualquer forma para o treinamento, desenvolvimento ou operação de tecnologias ou sistemas de inteligência artificial (IA), incluindo tecnologias de IA generativa; sem as condições similares, que, inclusive, deverão ser impostas ao comprador subsequente.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a Union Square & Co., LLC, uma subsidiária da Sterling Publishing Co., Inc., 33 East 17th Street, New York, NY, EUA, 10003, e negociada através da Ute Körner Literary Agent – www.uklitag.com.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Design de capa e interior: Marcie Lawrence
Ilustração da capa: Jen Keenan

Preparação de originais
EMANOELLE VELOSO

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Edição digital: maio, 2026.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, acontecimentos e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos é mera coincidência.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W779b
Witherspoon, Sujin
Bingsu para dois [recurso eletrônico] / Sujin Witherspoon ; tradução Laura Folgueira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2026.
recurso digital

Tradução de: Bingsu for two
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5595-485-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção coreana (Sul). 2. Livros eletrônicos. I. Folgueira, Laura. II. Título.

26-104231.0 CDD: 895.73

CDU: 82-3(519.5)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439
26/03/2026 27/03/2026

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

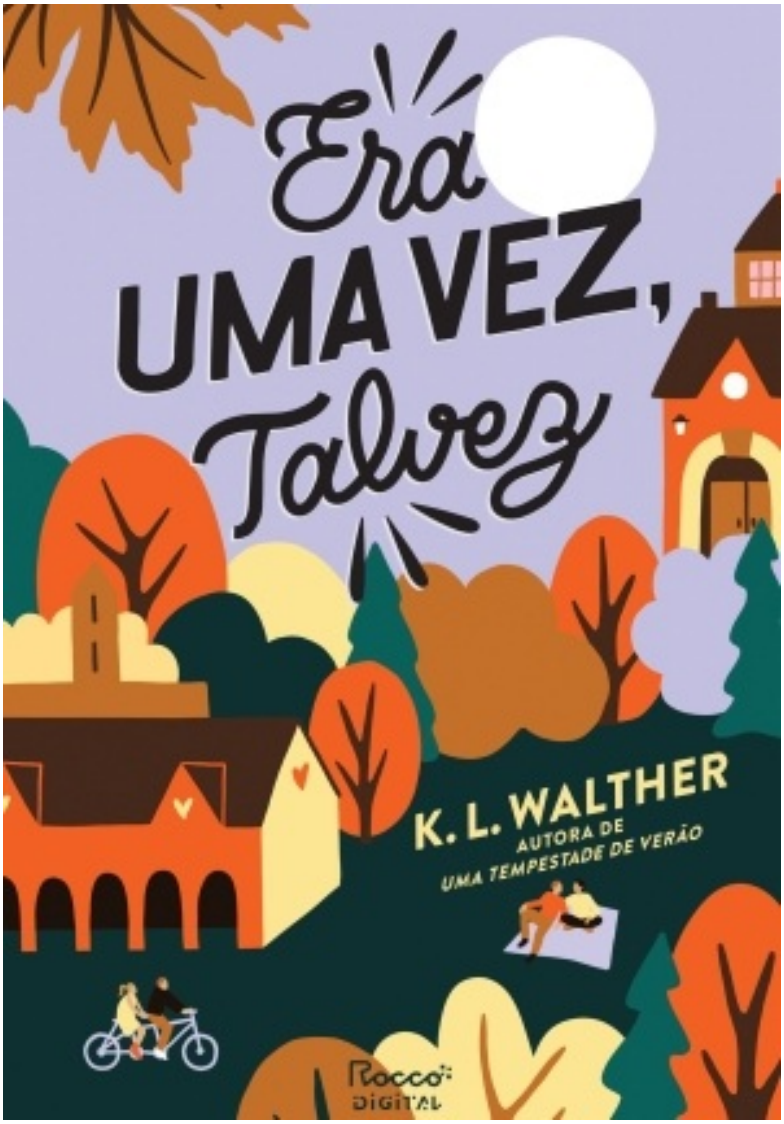
A AUTORA

SUJIN WITHERSPOON é escritora, artista e apaixonada por palavras coreano-americanas difíceis de pronunciar. Ela tem interesse por histórias que ou a assombram em seus pesadelos ou a fazem rir até a barriga doer — sem meio-termo. Formou-se em Inglês pela Universidade de Washington e agora dedica seu tempo à arte de escrever e pensar sobre escrita, e a explorar Seattle nas horas vagas. Você pode encontrá-la em sujinwitherspoon.com.

Índice

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
1. Uma série de decisões ruins me trouxeram a este momento, mas, em minha defesa, elas foram tomadas bem rápido
2. Piora a partir daqui
3. A entrevista mais lamentável da história da humanidade
4. Só mais uma mentira — de brinde
5. Por que fazer um latte se posso fazer da sua vida um inferno?
6. O suplício humilhante de ser conhecido (e seus colegas de trabalho descobrirem sua conta de fandom secreta)
7. Não diga na internet que você come sucrilhos de escrota, fala sério
8. Comprando almofadas e uma viagem no tempo patrocinada pela Cinnabon
9. Puta merda, será que um dia eu vou falar a coisa certa?
10. Por que centenas de pessoas querem ficar literalmente assistindo à tinta secar?
11. Hackeando o celular da minha ex-namorada, mas não de um jeito tóxico de stalker, juro
12. É isso que eu ganho por não faltar no trabalho
13. Abusando do meu privilégio de irmão mais velho
14. Morte por leite condensado e piadas sobre sexo
15. O gosto de batom é agridoce
16. A primeira vez que alguém foi voluntariamente trabalhar no seu dia de folga
17. Só tem uma cama... brincadeirinha. Na verdade não tem cama nenhuma. Provavelmente vamos dormir no chão.
18. A intimidade inerente à sala de música da escola
19. Lição número 10.422: Não coloque Kai na TV ao vivo
20. Meu pedido formal de desculpas por mandar pessoas para o inferno que é a primeira Starbucks em Pike Place
21. Tive sonhos sobre essas duas se encontrando. Pesadelos, na

verdade. Não tipo... esquece.
22. Sou tipo o rei Midas, só que tudo que eu toco se transforma em merda em vez de ouro
23. É um ataque do coração ou coração partido? Espero que o primeiro. O segundo é muito humilhante.
24. Na internet, você não precisa estar certo; só precisa ser o primeiro
25. Tenho uma ideia! Vamos piorar ainda mais esta situação terrível.
26. É tudo uma bosta: O título da minha autobiografia
27. Por que minhas únicas opções são a cruz e a espada?
28. Ah, é. Foi por isso que menti.
29. O efeito bola de neve, só que não é só uma metáfora
30. A hipotermia traz à tona o pior de nós, mas pelo menos não recorremos ao canibalismo ou algo do tipo
31. Não acredito que não fiz isso um tempão atrás
32. Espero que isso não se vire contra mim
33. Você está me dizendo que minhas ações têm [checa a anotação na mão] consequências?
34. Um ano, seis meses e cinco dias depois. Sim, eu contei, mas não fala para ela.
Agradecimentos
Créditos
A Autora



Era uma vez, talvez

Walther, K. L.
9786555953244
352

Compre agora e leia (Publicidade)

Se Charlie e Sage foram feitos um para o outro, por que Sage não consegue ficar longe do irmão dele? Por que Charlie não para de

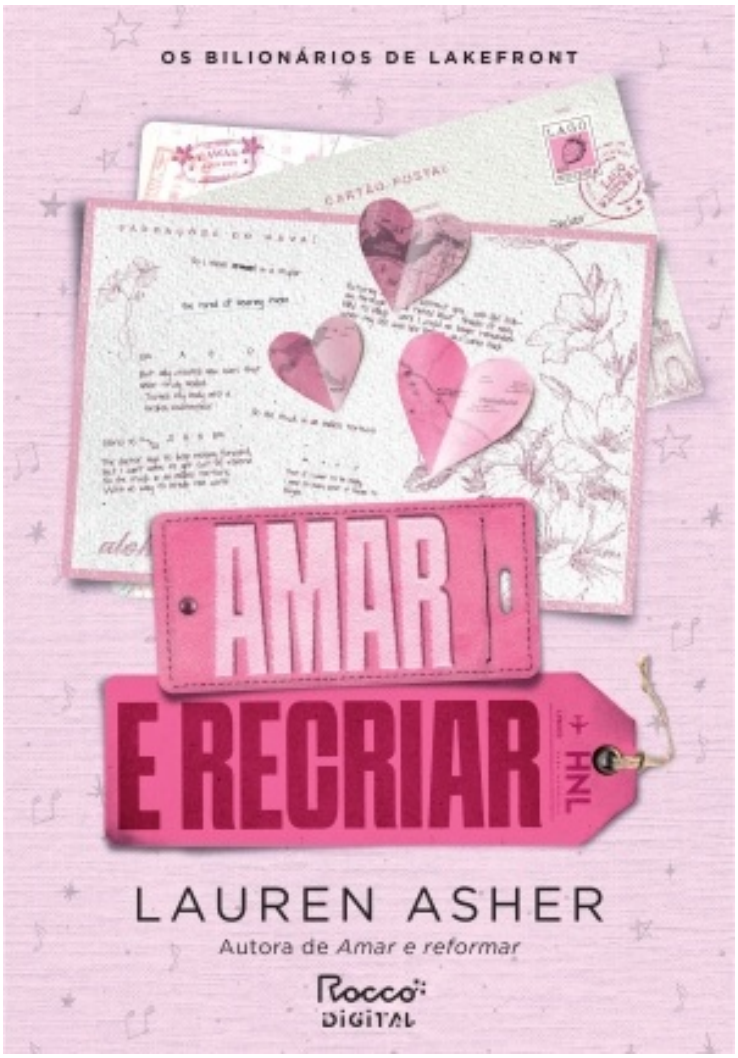
pensar no misterioso aluno novo?

A Escola Bexley inteira acredita que os melhores amigos Sage Morgan e Charlie Carmichael foram feitos um para o outro. Embora Charlie apareça com uma nova namorada a cada mês e Sage nunca tenha engatado um relacionamento de verdade, seus amigos e parentes têm certeza de que é só uma questão de tempo para os dois aceitarem o que sentem.

Quando Luke Morrissey surge no campus, ele abala as estruturas da escola — todos querem saber quem é o menino novo e de onde veio. Desde o momento em que se conhecem, Luke e Charlie se tornam inseparáveis, e Sage aproveita essa deixa para passar um tempo com Nick, o irmão gêmeo do amigo.

Sem saber o que as pessoas vão pensar quando descobrirem seus verdadeiros sentimentos por Luke, Charlie fica dividido entre assumir seu amor e continuar sendo o cara que todos desejam que ele seja. Já Sage tem de decidir se as coisas entre ela e Nick podem ficar mais sérias... e se isso não vai colocar em risco muito mais do que o seu felizes para sempre. Os dois melhores amigos precisam se unir mais do que nunca para descobrir uma maneira de não perderem os meninos que amam — e nem sua amizade.

Compre agora e leia (Publicidade)



Amar e recriar

Asher, Lauren
9786555954838
464

Compre agora e leia (Publicidade)

Rafael Lopez é um bilionário *workaholic* que, depois de um divórcio traumático, decidiu nunca mais baixar a guarda para ninguém. Sua prioridade absoluta é o filho, Nico, que enfrenta uma grave doença degenerativa. O preço do amor é o único que Rafael não está disposto a

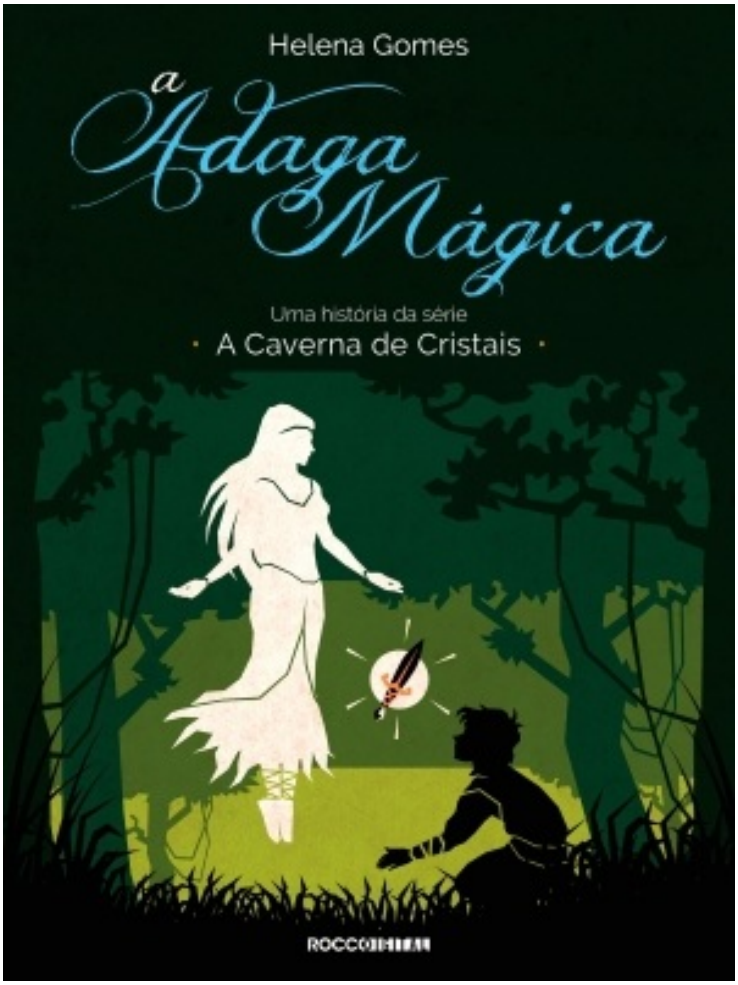
pagar — especialmente quando se trata da babá de Nico, Ellie.

Ellie Sinclair é uma compositora talentosa que resolve retornar à sua cidade natal, Lago Wisteria, após ser traída por uma amiga de infância. Em busca de um recomeço, ela aceita cuidar do pequeno Nico e ser sua professora de música. O problema? Rafael é um antigo crush não correspondido, e ela não sabe por quanto tempo será capaz de resistir a esse sentimento.

Durante meses, ambos mantêm uma distância profissional. No entanto, tudo muda quando embarcam numa viagem dos sonhos. Entre praias desertas e momentos de afeto com Nico, a tensão entre Rafael e Ellie torna-se impossível de ignorar.

CONTEÚDO ADULTO.

Compre agora e leia (Publicidade)



A adaga mágica

Gomes, Helena
9788581225265
42

Compre agora e leia (Publicidade)

Depois de passar seis anos trancafiado no mundo dos elfos, Razeel ganha o melhor presente de aniversário de Lyriel: a liberdade, mesmo que temporária. Porém, sua aventura se torna bem mais complexa e reveladora do que ele podia imaginar. Ele é levado ao passado para salvar a vida de Drake, mas acaba diante de uma antiga paixão que

poderá tirá-lo novamente dos eixos. *A adaga mágica,* sequência de *O primeiro guerreiro,* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de trinta obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)



O mensageiro do mal

Miro, J. M.
9786555954821
544

Compre agora e leia (Publicidade)

1883, Agrigento, Sicília. Após a destruição do *orsine* e de Cairndale, Marlowe desapareceu. A única esperança de resgate do jovem talento é um lendário segundo *orsine*, há muito escondido, considerado perdido… e que talvez nem exista.

Mas quando um corpo é descoberto nas ruínas de Cairndale, envolto no pó corrompido da *drughr*, Charlie e os outros talentos percebem que há ainda mais em jogo do que temiam. Uma nova *drughr* surgiu, feroz e aparentemente capaz de se mover à vontade no mundo dos vivos… e ela não está sozinha. Uma figura malévola, conhecida apenas como a Abadessa, deseja o poder do pó para seus próprios fins. E, nas profundezas, um mal terrível se agita — um que o pó corrompido pode ou trazer de volta, ou destruir para sempre.

Assim, a jornada sombria iniciada em, *Monstros triviais* avança, do sinistro submundo dos exilados londrinos aos mistérios de uma vila ensolarada na Sicília do século XIX, até as catacumbas de Paris. Os talentos precisarão superar seus medos e trabalhar juntos se desejam salvar Marlowe e vencer as forças do mal.

"Miro tem o talento de criar reviravoltas impressionantes e personagens encantadores. Perfeito para leitores de fantasias épicas e sombrias." — **Booklist**

Compre agora e leia (Publicidade)



A herança da bruxa

Gomes, Helena
9788581224022
20

Compre agora e leia (Publicidade)

Décadas antes do nascimento do arqueiro Thomas, a jovem e inexperiente bruxa Couchet luta para sobreviver em Britanya, um reino dominado pelo preconceito e pela ignorância. Com a ajuda do elfo Razeel, a última bruxa da Ilha Média terá de se tornar a mestra de um poderoso guerreiro, peça-chave na luta desesperada que os aguarda no

futuro contra os temidos nergals. *A herança da bruxa* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)
